JOHN MACARTHUR, JR.

Sociedade sem pecado

A igreja aceita o popular evangelho da auto-estima ou reconhece a terrível realidade do pecado segundo a Bíblia?

1ª edição, 2002 - 3.000

Tradução
Roselene Domingues Sant Anna da Silva

Revisão
Claudete Água de Melho

Editoração
Lela Design

Capa
Magno Paganelli

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para Al Sanders

Com gratidão, por meio século de lealdade ao serviço do Salvador e por tantos anos como amigo sábio e generoso.

Índice

Prefácio

Vivemos numa cultura que elevou o orgulho ao *status* de uma virtude. A sociedade atual nos incentiva a buscar auto-estima, sentimentos positivos e dignidade pessoal. Ao mesmo tempo, a responsabilidade moral está sendo substituída pelo vitimismo, que ensina as pessoas a culparem outros pelos seus fracassos e iniqüidades pessoais. Na verdade, os ensinos bíblicos sobre a corrupção humana, o pecado, a culpa, o arrependimento e a humildade não são compatíveis com quaisquer dessas idéias.

A igreja tem sido por demais propensa a aceitar os modismos da opinião secular — especificamente no que se refere à psicologia e à auto-estima. Os cristãos meramente repercutem o pensamento do mundo quanto à psicologia da culpa e à importância de sentir-se bem a respeito de si mesmo. O efeito prejudicial disso na vida da igreja dificilmente pode ser subestimado.

Em nenhuma outra área houve mais prejuízos do que no modo com que os cristãos professos lidam com o próprio pecado. Há duas décadas, no mínimo, pregando aos cristãos pelo país, observei o desenvolvimento dessa tendência desanimadora. A igreja como um todo está se tornando cada vez menos preocupada com o pecado, e mais obcecada com a auto-isenção e a auto-estima. Rapidamente os cristãos estão perdendo a visão do pecado como a raiz de todos os males. Explicitamente, muitos cristãos estão negando que seu próprio pecado seja a causa de suas angústias. Cada vez mais estão tentando explicar o dilema humano em termos totalmente não-bíblicos: temperamento, vícios, famílias desestruturadas, a criança interior, co-dependência e uma grande quantidade de outros mecanismos irresponsáveis de fuga promovidos pela psicologia secular.

O impacto potencial de tal tendência é estarrecedor. Afaste a realidade do pecado e você eliminará a possibilidade de arrependimento. Anule a doutrina da corrupção humana e você invalidará o plano da salvação. Apague a noção da culpa pessoal e você eliminará a necessidade de um Salvador. Destrua a consciência humana, e você levantará uma geração imoral e irredimível. A igreja não pode se juntar ao mundo nesse empreendimento completamente satânico. Agir assim é destruir o verdadeiro evangelho que fomos chamados a proclamar.

Este livro não é meramente um lamento a respeito do estado moral deplorável em que a sociedade se encontra, ou sobre os danos causados pelo pecado que vemos ao nosso redor. Nem mesmo é uma tentativa de estimular os cristãos a abraçarem a tarefa impossível da reconstrução da sociedade. Minha única preocupação é acordar a *igreja* para a terrível realidade do pecado. Apenas isso já causaria um efeito positivo no mundo.

Seria a reconstrução social uma maneira apropriada de os cristãos gastarem suas energias? Recentemente, comentei com um amigo que eu estava trabalhando num livro que falava sobre o pecado e sobre o clima de declínio moral da nossa cultura. Prontamente ele respondeu: "É claro que você vai incentivar os cristãos a se envolverem ativamente na recuperação da sociedade. O problema principal é que os cristãos não influenciaram suficientemente a arte, a política e a indústria da diversão para provocar uma mudança para melhor na situação". Reconheço que esse é um ponto de vista comum à maioria dos cristãos. Mas eu não concordo. A fraqueza da igreja não está na falta de envolvimento dos crentes com a política ou com a administração da nossa sociedade, mas sim na excessiva facilidade com que ela absorve os falsos valores de um mundo incrédulo. O problema não é a ausência acentuada do ativismo, mas o excesso da assimilação. Como observei recentemente num livro: a igreja está tomando a forma do mundo em diversos aspectos e de uma maneira muito rápida. Em geral, os mais ativos na esfera social e política são os *primeiros* a absorverem os valores seculares. Os ativistas políticos e sociais não podem produzir nenhum impacto significativo se a própria consciência deles não for pura e forte.

"Recuperar" a sociedade é um exercício sem sentido e fútil. Estou convencido de que estamos vivendo numa sociedade pós-cristã — uma civilização que existe sob o julgamento de Deus. Logo nos primeiros capítulos deste livro observaremos que há muitas evidências que sugerem que Deus abandonou esta cultura à sua própria depravação. Com certeza ele não está interessado em uma reforma moral superficial numa sociedade não-regenerada. O propósito de Deus para este mundo — e a única comissão legítima da igreja — é a proclamação da mensagem do pecado e da salvação ao indivíduo, a quem Deus redime e retira do mundo. O propósito de Deus para o mundo é salvar aqueles que se arrependerem dos pecados e crerem no evangelho — e não trabalhar com correções de fachada numa cultura moralmente falida.

Se isso lhe soa um pouco pessimista ou cínico, realmente não é. As Escrituras profetizam tempos exatamente como estes:

> Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder... Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados (2Tm 3. 1-5,13).

O propósito de Deus *está* se cumprindo, não importa o quanto as pessoas lutem inutilmente contra ele. Tito 2.11,12 afirma que a graça de Deus se manifesta salvadora em meio à mais baixa depravação humana, ensinando-nos a viver "sensata, justa e piedosamente no presente século".

Há uma grande esperança, até mesmo no meio de uma geração iníqua e perversa, para aqueles que amam a Deus. Lembre-se, ele edificará a sua igreja e "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.18). Ele também pode fazer com que todas as coisas cooperem para o bem dos seus eleitos (Rm 8.28). O próprio Cristo intercede pelos seus escolhidos, pessoas que não são deste mundo, como ele não era (Jo 17.14). Qual é a oração dele? "Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal ... Santifica-os na verdade; a sua palavra é a verdade" (vs. 15,17).

Quanto ao pecado, como cristãos, nosso dever não é tentar purificar a sociedade de todo o seu mal, porém nos dedicar diligentemente ao trabalho em favor da nossa própria santificação. O pecado com que mais precisamos nos preocupar é com o da nossa vida. Somente quando a igreja tornar-se santa, poderá causar um efeito verdadeiro e poderoso no mundo — não será apenas um efeito de fachada, mas uma mudança de coração. Este é o foco deste livro — esta é a mensagem para os crentes — cristãos que são forasteiros e estrangeiros num mundo hostil (1Pe 2.11). É um apelo de submissão ao pensamento *bíblico*, para termos a mesma visão de Deus sobre nós mesmos e lidarmos com o nosso próprio pecado com honestidade.

Para entendermos como lidar com o nosso pecado de uma maneira honesta, primeiramente temos que compreender totalmente o problema. A parte I deste livro descreve o estado decadente da sociedade contemporânea, como o pecado tem sido tratado e, conseqüentemente, como a consciência foi afetada. A parte II examina a natureza do pecado. E a parte III nos dá soluções práticas a fim de obtermos vitória sobre o pecado. Os três apêndices dão um tratamento adicional aos tópicos centrais deste livro. O apêndice 1 nos lembra as instruções do apóstolo Paulo sobre como obter vitória sobre

o pecado, conforme esboçado em Romanos 6. Os apêndices 2 e 3 trazem versões modernas dos sermões de Richard Sibbes, do século 17, e de Jonathan Edwards, do século 18. O sermão de Sibbes examina 1 Pedro 3.21, especificamente na frase: "... mas a indagação de uma boa consciência ...". Ele destaca também as vantagens de uma consciência pura. O sermão de Edwards examina o porquê de podermos viver no pecado sem conhecê-lo, e sugere maneiras de examinar a nossa consciência a fim de identificarmos e determos o pecado. Os dois sermões foram incluídos por dois motivos. Primeiro, eles oferecem um conselho proveitoso aos crentes que desejam trabalhar seriamente com seus pecados e lapidarem a consciência. Segundo, eles mostram graficamente como no passado a igreja considerava o pecado de um modo tão diferente – e até que ponto a cristandade contemporânea caiu. A igreja precisa recuperar, com urgência, alguns dos seus antigos e santos medos do pecado — ou então entraremos no século 21 totalmente mutilados.

Minha oração é que este livro motive os evangélicos a se voltarem novamente, e com uma nova apreciação, para as doutrinas bíblicas da depravação humana, do pecado e do papel da consciência, que orientam no sentido da santidade pessoal. Também oro para que este livro o ajude a lutar contra a maré da apatia espiritual, da indiferença, do cinismo e do egocentrismo provocados pelo pensamento secular que começou a se propagar entre os cristãos. Minha oração mais sincera é que cada crente que ler este livro seja encorajado a rejeitar tais valores mundanos, e em vez disso cultive "... o amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia" (1Tm 1.5).

Parte I

Uma Sociedade Pecadora

A sociedade moderna está cheia de pecados, decadência e perante uma catástrofe espiritual assoladora. Isso pode ser visto a cada ocasião. A primeira parte deste livro isola suas causas num mundo corrompido, no qual a consciência foi silenciada pelo pecado.

O capítulo 1, "O que aconteceu com o pecado?", ressalta as noções tolerantes da nossa sociedade em relação à culpa e ao pecado. Ele apresenta diversos exemplos de como sociedade tem tratado as falhas humanas como uma espécie de doença e como criou um tipo de terapia para tratar do pecado como se fosse doença, o que só faz aumentar o problema. Isso mostra como a vitimização tomou o lugar da moralidade tradicional, até mesmo na igreja.

O capítulo 2, "O sistema de alarme automático da alma", introduz o conceito-chave do livro do desaparecimento da consciência, que alerta nossa alma sobre a presença do pecado. Ele discute como a consciência pode ser purificada e fortalecida.

O capítulo 3, "Como o pecado silencia a consciência", examina a espiral descendente da sociedade em direção ao pecado por causa do secularismo, da falta de bom senso, da religião corrupta, da sensualidade incontrolável e da perversão sexual. Ele faz um paralelo entre a decadência de Roma e o declínio moral atual, além de ressaltar a urgente necessidade de um reavivamento.

Capítulo 1

O que Aconteceu Com o Pecado?

Em todos os lamentos e acusações feitos pelos nossos videntes e profetas, não ouvimos nenhuma menção ao "pecado", uma palavra que era uma autêntica senha dos profetas. Trata-se de uma palavra que sempre esteve presente na mente das pessoa, mas, agora, raramente é sequer ouvida. Isso significa que não existe nenhum pecado envolvido em nossos problemas? Não há pecado em que o "eu" esteja envolvido? Não há mais ninguém culpado de coisa alguma? Culpado talvez de algum pecado do qual pudesse arrepender-se, corrigir-se ou expiar? Essa pessoa seria considerada estúpida, desequilibrada, criminosa — ou entorpecida? Sabemos que erros estão sendo cometidos; o joio está sendo semeado no meio do trigo durante a noite. Mas ninguém é responsável, ninguém responde por esses atos? Reconhecemos a ansiedade e a depressão, e até mesmo vagos sentimentos de culpa. Mas será que ninguém cometeu pecado algum?

Na verdade, para onde foi o pecado? O que aconteceu com ele?

Dr. Karl Menninger[1]

Katherine Power viveu como fugitiva por mais de 23 anos. Em 1970, no auge do radicalismo estudantil, ela participou de um assalto a um banco de Boston, ocasião em que um policial da cidade, pai de nove crianças, foi morto com um tiro nas costas. Perseguida pela Polícia Federal como assassina, passou a esconder-se. Por mais de catorze anos, foi uma dos dez criminosos mais procurados pelo FBI. No final de 1993, rendeu-se às autoridades.

Em uma declaração que leu à imprensa, Katherine Power caracterizou suas ações no assalto ao banco como "ingênuas e impensadas". O que teria motivado sua rendição? "Sei que devo responder a essas acusações do passado para poder viver com total autenticidade no presente."

O marido de Katherine explicou com mais profundidade: "Ela não voltou por causa *da culpa*. Ela queria sua vida de volta. Ela quer ser íntegra".

Em um artigo sobre a rendição de Katherine Power, o comentarista Charles Krauthammer escreveu:

> Sua rendição – por causa da "total autenticidade" – foi uma forma de terapia; na verdade, o passo terapêutico decisivo no sentido de recu-perar seu senso do Eu.
>
> Allan Bloom uma vez descreveu um homem que tinha acabado de sair da prisão, onde tinha feito "terapia". "Ele disse que havia encon-trado sua identidade e aprendido a se amar", escreve Bloom. "Na gera-ção anterior ele teria se encontrado com Deus e aprendido a desprezar-se como um pecador."
>
> Numa época em que a palavra pecado tornou-se exótica — reservada apenas para ofensas contra a higiene como o fumo e a bebida (os quais são pesadamente taxados) – render-se às autoridades por roubo à mão armada e homicídio culposo não é interpretado como um ato de arrependimento, mas sim de crescimento pessoal. Jane Alpert, outra radical dos anos 60, que cumpriu pena (por sua participação numa série de atentados a bomba que feriram 21 pessoas) explica: "Em última análise, passei muitos anos fazendo terapia, aprendendo a entender, a tolerar e a perdoar tanto os outros como a mim mesma".
>
> Aprender a perdoar a si mesmo: algo muito importante hoje em dia para revolucionários com tendência ao crime.[2]

Na verdade, atualmente não é nada incomum ouvir todo tipo de pessoas falando em aprender a perdoar a si mesma. Mas a terminologia é ilusória. "Perdão" pressupõe um reconhecimento de culpa. Hoje em dia a

maioria das pessoas que falam explicitamente sobre perdoar a si mesmos repudia a noção da culpa pessoal. Katherine Power é um exemplo típico. Seu marido negou que a culpa tivesse sido um fator na sua rendição. Ela somente queria sentir-se bem com ela mesma para "responder a [uma] acusação do passado" – para ser íntegra.

Hoje, a admissão da culpa é claramente considerada incompatível com a noção popular de "integridade" e com a necessidade de proteger a fantasia do bom ego.

A guerra contra a culpa

Nossa cultura declarou guerra contra a culpa. O próprio conceito é considerado medieval, obsoleto e inócuo. Geralmente, aqueles que têm problemas com sentimento de culpa recorrem a um terapeuta, cuja tarefa é melhorar a auto-imagem do paciente. Ninguém, afinal de contas, deve sentir-se culpado. A culpa não conduz à dignidade e nem à auto-estima. A sociedade encoraja o pecado, mas não tolera a culpa produzida por ele.

O Dr. Wayne Dyer, autor do mega*best-seller, Your Erroneous Zones*, parece ter sido uma das primeiras vezes influentes a desacreditar completamente a culpa. Ele denominou a culpa de o "mais inútil de todos os comportamentos da zona de erro". De acordo com o Dr. Dyer, a culpa não é nada além de uma neurose. "A zona da culpa", ele escreveu, "deve ser banida, varrida e esterilizada para sempre."[3]

Como vamos limpar e esterilizar nossas zonas de culpa? Rejeitando o comportamento pecaminoso que faz com que nos sintamos culpados? Arrependendo-nos e buscando o perdão? Conforme o Dr. Dyer, não. De fato, sua solução para a culpa está muito longe do conceito bíblico de arrependimento. Seu conselho aos leitores que se sentem culpados é o seguinte: "Faça algo que você sabe que, com certeza, resultará em sentimento de culpa....Isole-se por uma semana, se você sempre quis fazer algo parecido — apesar dos protestos causadores de culpa dos outros membros da família. Este tipo de comportamento o ajudará a lidar com a culpa onipresente".[4] Em outras palavras, afronte sua culpa. Se necessário, rejeite sua própria esposa e seus filhos. Ataque de frente o senso de auto-reprovação. Faça algo que com certeza o fará sentir-se culpado, e então rejeite a culpa, não atente aos gritos da consciência, aos deveres da responsabilidade familiar, ou até mesmo aos apelos dos seus queridos. Você deve isso a si mesmo.

Raramente a culpa é tratada com seriedade. Normalmente é retratada como um mero desgosto, um aborrecimento, um pequeno contratempo da vida. Recentemente, no nosso jornal local havia um artigo característico sobre a culpa. Era um texto leve, que tratava, na sua maioria, de pequenas indulgências como comidas caras, batatas fritas, dormir tarde e de outros "prazeres que nos fazem sentir culpados", como o artigo as chamava. Ele citava muitos psiquiatras e outros especialistas em mente. Todos caracterizavam a culpa como uma emoção infundada, que tem o potencial de tirar toda a alegria da vida.

Um catálogo de artigos da biblioteca relaciona artigos de revistas recentes com o título de *Culpa:* "Como não ser tão severo consigo mesmo", "A culpa pode levá-lo à loucura", "A negociação da culpa", "Livrando-se das culpas", "Pare de se desculpar", "Culpa: livre-se dela", "Não alimente o monstro da culpa" — e muitos outros títulos semelhantes.

Uma manchete da coluna de conselhos de um jornal chamou a minha atenção. Ela resumia a opinião universal da nossa geração: "NÃO É SUA CULPA". Uma mulher escreveu ao colunista para dizer que já havia tentado todos os tipos de terapia que conhecia, mas ainda não tinha conseguido se livrar de um hábito autodestrutivo.

A colunista respondeu: "O primeiro passo que você deve dar é parar de se culpar. Você *não* é culpada pelo seu comportamento compulsivo; recuse-se a aceitar a culpa — e acima de tudo, não se culpe — pelo que foge ao seu controle. Acumular culpa apenas aumenta o estresse, a baixa auto-estima, a preocupação, a depressão, o sentimento de imperfeição e a dependência dos outros.... Livre-se de seus sentimentos de culpa".

Atualmente, você pode libertar-se de quase todo tipo de culpa. Vivemos numa sociedade "sem falhas". Até Ann Landers escreveu:

> Um dos exercícios mais dolorosos, automutiladores, que consomem mais tempo e energia na experiência humana é a culpa....Ela pode arruinar o seu dia, sua semana ou sua vida, se você permitir. É como trazer à tona o azar quando você fez alguma coisa desonesta, prejudicial, descuidada, egoísta ou corrupta....Não importa se isso foi resultado de ignorância, estupidez, preguiça, negligência, fraqueza da carne ou covardia. Você fez algo errado e a culpa está lhe matando. Que pena! Mas esteja certo de que a agonia que você sente é muito natural....Lembre-se de que a culpa é um poluente e não precisamos mais disso no mundo.[5]

Em outras palavras, você não deveria permitir a si mesmo sentir-se mal "quando faz algo desonesto, prejudicial, descuidado, egoísta ou corrupto". Pense em si mesmo como sendo bom. Talvez ignorante, obtuso, preguiçoso, negligente ou fraco — porém *bom*. Não polua sua mente com o pensamento debilitante de que talvez você seja culpado de alguma coisa.

Sem culpa, sem pecado

Esse tipo de pensamento tirou do discurso público palavras como *pecado, arrependimento, contrição, expiação, restauração, redenção*. Se se presume que ninguém sente culpa, como alguém poderia ser um pecador? A cultura moderna nos responde: as pessoas são *vítimas*. Vítimas não são responsáveis pelo que fazem, elas são conseqüência do que lhes acontece. Sendo assim, toda falha humana deve ser descrita nos termos de como o criminoso foi vitimado. Todos deveríamos ser suficientemente "sensíveis" e "compassivos" para perceber que os próprios comportamentos que eram rotulados de "pecado" são na verdade evidências da vitimização.

No que concerne à sociedade, a vitimização adquiriu tanta influência que praticamente não existe mais esta coisa de pecado. Qualquer um pode esquivar-se da responsabilidade de seu erro, bastando para isso colocar-se na posição de vítima. Isso mudou radicalmente a maneira da nossa sociedade considerar o comportamento humano.

Em Nova York, durante um assalto, um ladrão foi baleado pelo proprietário da loja que estava assaltando e ficou paralítico. Mais tarde ele processou o proprietário da loja que havia atirado nele. Seu advogado argumentou que, antes de mais nada, o ladrão deveria ser visto como uma vítima da sociedade, levado ao crime pelas suas desvantagens econômicas. Agora, disse o advogado, ele foi vítima da insensibilidade do proprietário que havia atirado nele. Por causa da insensibilidade daquele homem, que aproveitou-se de uma situação de descuido do ladrão, que era uma vítima, o pobre criminoso estará confinado a uma cadeira de rodas pelo resto da vida. Ele merece alguma compensação. O júri concordou. O dono da loja pagou uma grande soma de dinheiro. Meses depois, o mesmo homem, ainda na cadeira de rodas, foi preso quando cometia outro roubo à mão armada.

Bernard McCummin explorou semelhante vitimização até se tornar um homem rico. Depois de assaltar e golpear um idoso no metrô, McCummin levou um tiro enquanto fugia do local do crime. Paralítico para sempre, processou as autoridades de Nova York e ganhou a causa, tendo recebido

quatro milhões e oitocentos mil dólares. O homem que foi roubado — um canceroso — ainda paga as contas do médico. McCummim, o assaltante que o tribunal considerou como a maior vítima, é hoje um multimilionário.[6]

Na Inglaterra, em dois casos distintos, uma garçonete que esfaqueou uma mulher até a morte durante uma briga de bar, e outra mulher furiosa que jogou seu carro contra seu amante, foram absolvidas de assassinato depois que alegaram que estavam com a mente aturdida por causa da tensão pré-menstrual (TPM), o que as havia levado a agir de modo descontrolado. As duas, em vez de receberem uma punição, estão fazendo terapia.[7]

Um inspetor da cidade de San Francisco alegou que assassinou seu colega de trabalho, o inspetor e Prefeito George Mascone, porque o excesso de caloria na comida — especialmente Hostess Twinkies [tipo de bolo recheado de baunilha e muito doce (N.T.)] o fez agir irracionalmente. Assim nasceu a famosa defesa "Twinkie". "Um júri indulgente aceitou a argumentação e deu o veredito de homicídio culposo em vez de assassinato."[8] O júri decidiu que o excesso de caloria na comida resultou na "diminuição da capacidade mental", o que abrandou a culpa do assassino. Ele saiu da prisão antes que o mandato do prefeito seguinte terminasse.

Integrantes de uma gangue de desordeiros em Los Angeles surraram Reginald Denny quase até a morte diante das câmeras da TV. O júri os condenou à pena mínima depois de decidir que eles foram levados pelo calor do momento e, portanto, não eram responsáveis pelos seus atos.

Atualmente, nos Estados Unidos, teoricamente, é possível cometer o crime mais monstruoso e safar-se sem problemas; basta alegar um distúrbio emocional ou mental, ou então inventar uma angústia qualquer para explicar porque você não é responsável por aquilo que fez.

Um traficante e viciado em cocaína de Bronx atirou diretamente na cabeça de oito crianças e duas mulheres, porém foi inocentado do homicídio. Em Nova York, o seu crime foi considerado o maior crime em massa desde 1994. Mas os jurados entenderam que as "drogas e o estresse explicavam razoavelmente o seu ato". Disseram que "ele havia agido sob extremo estresse emocional e influência das drogas" — assim, consideraram-no culpado num grau menor, o que levou a uma sentença leve.[9]

Os criminosos não são os únicos que usam desculpas para livrarem-se das conseqüências dos seus erros. Milhões de pessoas, de todas as camadas sociais, estão usando táticas semelhantes para se desculparem por seus atos ruins.

Michael Deaver, subchefe dos auxiliares de Ronald Regan, não reconheceu sua culpa por juramento falso, alegando que o álcool e as drogas haviam debilitado sua memória. Ele admitiu que "estava bebendo secretamente um quarto de garrafa de uísque por dia" enquanto trabalhava na Casa Branca.[10] O juiz, pelo menos em parte influenciado pelo argumento, deu a Deaver apenas uma suspensão.[11]

Richard Berendzen, presidente da Universidade Americana em Washington, D.C., foi pego dando telefonemas obscenos para mulheres. Alegando-se vítima, por ter sofrido abusos sexuais na infância, Berendzen foi apenas suspenso, mas depois negociou uma indenização de um milhão de dólares com a universidade. Escreveu um livro sobre sua provação e explicou que os telefonemas obscenos eram seu método de "coletar informações". O livro recebeu elogios exagerados no *Washington Post* e no *USA Today*.[12]

O pecado considerado como doença

Talvez a justificativa mais comum para escaparmos do sentimento de culpa seja a de classificar cada falha humana como uma espécie de doença. Alcoólatras e viciados em drogas recebem tratamentos clínicos por causa de sua "dependência química". Crianças que geralmente afrontam as autoridades podem livrar-se da reprovação sendo rotuladas de "hiperativas", ou por sofrerem de um desvio de atenção. Os glutões nunca são considerados culpados, pois sofrem de "desequilíbrio alimentar". Até mesmo um homem que abandona a vida em família e gasta seu dinheiro com prostitutas deveria ser olhado com compaixão, pois é um "viciado em sexo".

Um agente do FBI foi demitido após desviar dois mil dólares e gastá-los no cassino numa única tarde. Algum tempo depois, ele processou o FBI sob a alegação de que seu vício deveria ser entendido como uma incapacidade. Sendo assim, a demissão foi uma discriminação, um ato ilegal. Ganhou a causa! Além disso, seu seguro saúde teve que pagar sua terapia pelo fato de ser um viciado. É como se sofresse de uma apendicite ou unha encravada.[13]

Atualmente, qualquer tipo de delito que o ser humano comete pode provavelmente ser explicado como uma enfermidade. O que antigamente denominávamos pecado é mais facilmente diagnosticado como um conjunto de incapacidades. Todo tipo de imoralidade e de conduta maldosa são agora identificados como sintomas desta ou daquela doença psicológica. O comportamento do criminoso, todo tipo de paixão imprópria e qualquer vício imaginável são passíveis de desculpas se receberem o rótulo de desequilíbrio

emocional. Até mesmo os problemas mais corriqueiros como a depressão, a fraqueza emocional e a ansiedade também são universalmente definidos — quase que no mesmo nível — como desequilíbrios emocionais que necessitam de cuidados médicos, e não classificados como doenças espirituais.

A Associação Americana de Psiquiatras publicou um livro para ajudar os terapeutas no diagnóstico dessas novas doenças. *The Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* [O manual de diagnóstico e estatística de distúrbios mentais] (3ª edição, revista) — ou DSM-III-R, como popularmente entitulado — lista os seguintes "distúrbios":

- *Distúrbio de Conduta* — "um padrão de conduta persistente no qual os direitos básicos dos outros e as normas ou regras da sociedade concernentes às faixas etárias são violados".
- *Distúrbio Oposicional Desafiante* — "um padrão de comportamento negativista, hostil e desafiante".
- *Distúrbio Histriônico de Personalidade* — "um padrão difuso de emocionalidade excessiva e busca de atenção".
- *Distúrbio Anti-Social de Personalidade* — "um padrão de comportamento irresponsável e anti-social, que começa na infância ou no início da adolescência e continua na idade adulta".

E há muitos outros distúrbios semelhantes. Muitos pais, influenciados por tais diagnósticos, recusam-se a punir seus filhos pelo mau comportamento. Em vez disso procuram terapia para DOD, ou DHP, ou para qualquer novo diagnóstico que se encaixe no comportamento rebelde da criança.

Segundo um escritor, a abordagem em termos de doença do comportamento humano nos oprimiu tanto, como sociedade, que nos deixou malucos. Queremos fazer leis que inocentem jogadores compulsivos quando estes desviam dinheiro, e que forcem as companhias de seguros a pagarem pelo tratamento deles. Queremos tratar pessoas que não conseguem encontrar o amor, e que em lugar disso (se mulheres) vão atrás de homens superficiais e apáticos, ou (se homens) vivem infindáveis casos sexuais, sem encontrarem a verdadeira felicidade. E queremos chamar todas essas coisas — e muitas, muitas outras — de vícios.

> O que esta nova indústria do vício deseja alcançar? Mais e mais vícios estão sendo descobertos, e novos viciados identificados, até que

> todos nós estejamos aprisionados em nossos pequenos mundos com outros viciados como nós, catalogados pelos interesses especiais da nossa neurose. Que mundo repugnante e desesperançoso de se imaginar! Enquanto isso, *todos os vícios que definirmos aumentarão*.[14]

Pior do que isso é que o rápido aumento do número de pessoas que sofrem desses tais novos "desequilíbrios" aumenta de modo mais rápido ainda. A indústria da terapia claramente *não* está solucionando o problema que as Escrituras chamam de pecado. Em vez disso, simplesmente convencem as multidões de que estão desesperadamente desequilibradas, e portanto, não têm nenhuma responsabilidade pelo seu mau comportamento. Isso lhes dá permissão para entenderem que são pacientes e não malfeitores. Isso também as encoraja a se submeterem a um tratamento intenso — e caro — que dura anos a fio, ou melhor, a vida toda. Parece que esses novos desequilíbrios são enfermidades que ninguém espera superar completamente.

O pecado tratado como doença provocou um crescimento enorme da multibilionária indústria do aconselhamento e o recurso da terapia de longo prazo, ou até mesmo permanente, promete um brilhante futuro econômico aos profissionais da área. Um psicólogo analisou essa tendência e sugeriu que existe uma estratégia definida na maneira de o terapeuta comercializar seus serviços:

> 1. Continuar a psicologização da vida;
> 2. Das dificuldades fazer problemas e espalhar o alarme;
> 3. Tornar aceitável o fato de ter problemas e ser incapaz de resolvê-los sozinhos;
> 4. Oferecer salvação [psicológica, não espiritual].[15]

Ele observa que muitos terapeutas propositadamente estendem o tratamento por anos, até mesmo depois que o problema que provocou a procura do profissional tiver sido resolvido ou esquecido. "Eles demoram tanto na terapia que o paciente torna-se muito dependente do terapeuta; e um período especial de tempo — às vezes seis meses ou mais — se torna necessário para que o paciente fique pronto para deixar terapia.[16]

"Recuperação," a senha dos programas que seguem o padrão dos Alcoólicos Anônimos, é claramente definida como um programa para a vida toda. Crescemos acostumados com a imagem de uma pessoa que já é sóbria há quarenta anos, mas que, ao se levantar numa reunião do AA, diz: "Meu

nome é Bill e sou um alcoólico". Agora, todos os viciados estão usando a mesma abordagem — incluindo viciados em sexo, em jogo, em fumo, pessoas que cedem facilmente à raiva, em espancamento de mulheres, em violentar crianças, em dívidas, em auto-abuso, em inveja, em comida ou em qualquer coisa que seja. Pessoas que sofrem de tais males são ensinadas a falarem de si mesmas como em "recuperação", nunca como "recuperadas". Aqueles que ousam pensar sobre si mesmos como já estando livres de seus desequilíbrios ouvem que estão negando seu problema.

A prescrição errada

Portanto, a terapia proposta para tratar o pecado, alimenta o problema específico que ela pressupõe tratar. Isso alivia qualquer sentimento de culpa, mas durante o processo leva as pessoas a sentirem-se vítimas, sem um pingo de esperança na vida em relação ao seu desequilíbrio. É de admirar que tal diagnóstico se torne muitas vezes uma profecia auto-realizada?

Diagnósticos errados implicam que *qualquer* tratamento prescrito será totalmente inútil. O tratamento indicado para casos rotulados como patológicos geralmente envolve uma terapia longa, auto-aceitação, programa de recuperação ou tudo isso junto — e, talvez, até mesmo com o auxílio de outro recurso psicológico como a auto-hipnose para completar a dose. "A sociedade terapêutica substituiu o pecado pela doença; em vez de conseqüências, estimula a terapia e a compreensão; em vez de responsabilidade, uma personalidade compulsiva. A desculpa da doença tornou-se quase uma rotina nos casos de conduta imoral pública."[17]

Mas, por um momento assuma que o problema *é* o pecado, e não um desequilíbrio. O verdadeiro e único remédio envolve genuíno arrependimento, confissão (reconhecimento de que você merece a disciplina de Deus, porque apenas você é o responsável pelo seu pecado) — então a restauração e o crescimento por meio de uma disciplina espiritual: oração, estudo da Bíblia, comunhão com Deus e com os irmãos e a dependência de Cristo. Em outras palavras, se o problema for espiritual, rotulá-lo como clínico somente vai aumentar o problema e não libertar o homem do pecado. Isso é exatamente o que vemos acontecendo em todo lugar.

A triste verdade é que o tratamento do pecado como doença é desastrosamente contraproducente. Fazendo o papel de vítima, o pecador ignora ou minimiza a culpa inerente ao comportamento rebelde. É muito mais fácil dizer "estou doente" do que "eu pequei". Mas isso não muda o

fato de que a transgressão é uma ofensa muito séria contra um Deus santo, onisciente e onipresente. A culpa se refere àquela motivação mais íntima, genuína, que deve ser confrontada quando trabalhamos com o pecado. Entretanto, o tratamento do pecado como doença não pode apontar o problema da culpa sem invalidá-la. E ao fazer isso, esse tipo de terapia violenta a consciência humana. Trata-se, portanto, não é um remédio, mas sim de uma desastrosa receita para o aumento da maldade e da condenação eterna.

A vitimização da sociedade

A óbvia ineficácia do tratamento do pecado como doença não é um obstáculo para que a sociedade a aceite. Afinal de contas, as pessoas querem pecar, mas sem culpa; e essa filosofia promete exatamente isso. Essa tendência resultou no que o autor Charles J. Sykes chama de "Uma Nação de Vítimas". Sykes está preocupado com a rapidez com que a vitimização foi incorporada pela sociedade o que, segundo ele, está corroendo o caráter moral da sociedade, americana. A "política da vitimização tomou o lugar das expressões mais tradicionais de moralidade e justiça", escreveu Sykes.[18]

O vitimismo está de tal maneira infiltrado em nossa cultura, que até mesmo poderíamos dizer que a vítima tornou-se o símbolo — o mascote — da sociedade moderna. Sykes observa:

> Qualquer que seja o futuro da mentalidade americana — e os prognósticos não são nada animadores — o destino do caráter americano é talvez ainda mais alarmante....
>
> O lamento tornou-se o Hino Nacional.
>
> Cada vez mais os americanos agem como se tivessem recebido uma indenização eterna pelo azar e uma isenção contratual das suas responsabilidades. O jornal britânico *Economist* comentou com preocupação que nos Estados Unidos, "se você perder o emprego, é possível processar o empregador pelo esgotamento mental que a demissão lhe provocou. Se o seu banco quebrar, o governo vai garantir o seu depósito....Se você estiver bêbado e bater seu carro, você pode processar alguém por não tê-lo advertido a parar de beber. *Há sempre alguém a quem culpar* [ênfase acrescentada].
>
> Infelizmente, esta é a fórmula para uma pane social: a incansável procura por alguém ou alguma coisa para culpar, colidindo com a inflexível relutância em aceitar a responsabilidade. Agora cultuado na lei e na jurisprudência, o vitimismo está reformando a

> estrutura social, incluindo as políticas de emprego, a justiça criminal, a educação, a política urbana, bem como uma ênfase orweliana crescente na suscetibilidade da linguagem. Uma comunidade de cidadãos interdependentes foi substituída por uma sociedade composta de pessoas ressentidas, rivais e egoístas, que vestiram suas mágoas particulares com as roupas do vitimismo.[19]

Aqueles que se autodefinem como vítimas reivindicam seus direitos e fogem da responsabilidade. Rejeitam qualquer possível obrigação que tenham para com a sociedade como um todo e com os outros. Há muito tempo, quando a sociedade declarou formalmente o conceito da responsabilidade pessoal, a contribuição de cada cidadão à sociedade era esperada. Eram encorajados a não perguntarem o que o seu país poderia fazer por eles, mas sim, o que eles poderiam fazer pelo seu país. Agora, quando todos são vítimas, as pessoas acham que têm o direito de exigir o favor da sociedade sem dar nada em troca.

Além do mais, se cada um é uma vítima, ninguém precisa aceitar a responsabilidade pelo mau comportamento ou pelas atitudes ditadas pelas drogas. Além disso, as vítimas têm direito à autocomiseração; não deveriam ficar mais tristes ainda pelo sentimento de culpa. Assim, a vitimização anula a consciência.

Se ninguém assume a culpa pelas doenças da sociedade, *quem* será o culpado? Deus? Essa seria a implicação – se pelo menos nossa cultura reconhecesse a existência de Deus. Mas numa sociedade de vítimas não há espaço para o conceito de um Deus benevolente e santo.

O tratamento do pecado como doença invade a igreja

Alguém poderia pensar que a vitimização e o tratamento do pecado como doença são obviamente contrários à verdade bíblica e que os cristãos bíblicos se levantariam em massa e exporiam o erro de tal pensamento. Mas, tragicamente, esse não é o caso. A vitimização tornou-se tão influente na igreja quanto no mundo incrédulo, graças à teologia da auto-estima e à fascinação da igreja pela psicologia secular.

Ultimamente, quando pecadores procuram ajuda nas igrejas e em outras instituições cristãs, provavelmente ouvirão que seu problema é alguma disfunção emocional ou uma síndrome psicológica. Serão motivados a se

perdoarem, a terem mais amor próprio e auto-estima. Provavelmente não ouvirão que devem arrepender-se e humildemente procurar o perdão de Deus em Cristo. A igreja sofreu um redirecionamento tão extraordinário que até mesmo os incrédulos notaram.

Wendy Kaminer, por exemplo, não pretende ser identificada como cristã. Ao contrário, ela parece ser, no mínimo, hostil à igreja. Ela se autodescreve como "uma advogada intelectual, feminista, judia, humanista secular e cética".[20] Porém, ela tem observado a mudança de direção dentro da comunidade evangélica e a descreve com uma precisão fantástica. Observa que, sempre, a religião e a psicologia foram consideradas como sendo mais ou menos incompatíveis. O que ela vê agora "não é somente uma trégua, mas uma notável acomodação".[21] Até mesmo da sua perspectiva secular, é possível visualizar que essa acomodação significa uma alteração total da mensagem essencial do pecado e da salvação. Ela escreve:

> Os livros cristãos sobre co-dependência, como aqueles da clínica Minirth-Meier, no Texas, são praticamente indistinguíveis dos livros sobre co-dependência publicados por autores seculares... Autores religiosos justificam sua confiança na psicologia elogiando sua capacidade de criticar algumas "verdades eternas", mas por outro lado, eles também encontraram um jeito de tornar agradáveis as verdades profanas da psicologia. No passado, os líderes religiosos condenaram a psicanálise devido à sua neutralidade moral... Agora a literatura religiosa popular equipara a enfermidade ao pecado.[22]

Algumas das críticas de Kaminer contra os evangélicos são injustificadas ou mal orientadas, mas a esse respeito ela acerta em cheio: o resultado inevitável do envolvimento dos cristãos com a psicologia secular foi o abandono de qualquer conceito coerente de pecado. E isso, inevitavelmente, nublou a mensagem que proclamamos.

Sobre o espírito predominante da nossa época, Kaminer escreve: "Não importa quão narcisista você foi nos anos 70, e quão ganancioso nos anos 80, não importa o quanto de drogas ingeriu, o quanto sexo você fez, ou quanta impureza desfrutou; você ainda é, em essência, inocente: a criança divina dentro do seu interior nunca pode ser atingida pelo horror do pecado".[23] Em outro lugar ela diz:

> A criança que existe dentro de cada um de nós é sempre boa — inocente e pura — como os personagens mais sentimentais de

> Dickens, o que significa que as pessoas são essencialmente boas.... Até mesmo Ted Bundy tinha uma criança dentro dele. O mal é meramente uma máscara — uma disfunção.
>
> A visão do terapeuta a respeito do mal como uma doença e não como um pecado, é um ponto forte na teoria da co-dependência — não é uma teologia de fogo e de enxofre. "Envergonhar" a criança, chamá-la de má, é considerado uma forma primária de maltrato. Tanto a culpa como a vergonha "não são úteis como um estilo de vida", Melody Beattie escreve com sinceridade em *Codependent No More*. "A culpa torna *tudo* pior.... Precisamos nos perdoar" (Nova York: Harper & Row, 1989, pp. 114-115). Alguém deveria lembrar Beattie de que existe um nome para aqueles que não sentem culpa ou vergonha: sociopatas. Devemos ser gratos se a culpa torna coisas como o assassinato e a corrupção moral "piores".[24]

Kaminer sugere que a nova teologia da psicologia e da antropologia infiltrou-se na comunidade evangélica, e que ela é contrária ao que deveríamos crer e ensinar sobre o pecado. Em relação a isso, certamente, Kaminer entende mais do que uma multidão de escritores evangélicos que ainda continuam a repercutir temas do secular culto à auto-estima.

Esta é uma questão muito séria. Se você nega o pecado de uma maneira pública, aberta e total, ou então o nega sublimando-o, ou por implicação, saiba que qualquer falsificação do conceito bíblico de pecado transforma a fé cristã num caos.

Esses programas de aconselhamento por telefone presentes em todas as rádios cristãs podem nos dar uma das melhores medidas das tendências cristãs populares. Quando foi a última vez que você ouviu um conselheiro dizer, no ar, para alguém que está sofrendo de dor na consciência: "A sua culpa é válida, você está em pecado e deve procurar um total arrependimento diante de Deus"?

Recentemente ouvi um programa de entrevistas de uma estação religiosa local. Esse programa diário tem como atração principal um homem que se autodenomina psicólogo cristão. No dia em que o ouvi, ele falava a respeito da importância de superarmos nosso senso de culpa. A auto-acusação — dizia para sua audiência — normalmente é irracional, e portanto, potencialmente muito prejudicial. Fez um longo discurso sobre a importância do autoperdão. Toda a mensagem era um eco da sabedoria secular: a culpa é uma falha mental virtual. Não permita que ela destrua a sua auto-imagem, etc, etc... Nem por uma única vez ele mencionou o arrependimento e a

restauração como pré-requisitos para perdoar-se a si mesmo, e não citou uma única passagem da Bíblia.

Esse tipo de conselho é tão fatal quanto antibíblico. Nem sempre a culpa é racional, mas quase sempre é um sinal confiável que mostra que alguma coisa está errada em algum lugar. Portanto, deveríamos atacar essa coisa e consertá-la. A culpa funciona na esfera espiritual como a dor na esfera física. A dor nos diz que há um problema físico que tem que ser tratado ou que está fazendo o corpo sofrer. A culpa é a dor espiritual na alma que nos avisa que algo está mal, e precisa ser confrontado e purificado.

Negar a culpa é sacrificar a alma em favor do ego. Além disso, como bem sabemos intuitivamente, a negação não trata a culpa. Além de nos afastar dos resultados benéficos, ela destrói a consciência, e assim, enfraquece a capacidade da pessoa para evitar o pecado. Além disso, a negação da culpa apresenta uma auto-imagem saudável que é totalmente inatingível. "Como podemos nos respeitar se não somos responsáveis por nós mesmos?"[25] Mais importante ainda é, como poderemos verdadeiramente nos respeitar se não tivermos a aprovação interior de uma consciência saudável?

A futilidade de negar nossa culpa

Há vinte anos o psiquiatra Karl Menninger escreveu um livro que se tornou ponto de referência: *Whatever Became of Sin?*[26] [O que aconteceu com o pecado?]. Menninger, apesar de não ser evangélico, percebeu a loucura de ser tratar os problemas comportamentais e sociais como se suas causas fossem totalmente não-morais. Ele chamou a atenção para a abordagem da psicologia moderna — que trata a culpa como uma aberração e a autocensura como um erro — que de fato absolve as pessoas de qualquer responsabilidade moral por seus comportamentos. Isso, nota Menninger, destrói as estruturas da alma e da sociedade. Ele acrescenta que, desesperadamente, precisamos recuperar a convicção de que há certos comportamentos *pecaminosos*. Depois de vinte anos, o livro ainda é uma voz clamando no deserto. Mas a mensagem é necessária e mais urgente do que nunca.

É claro que podemos não concordar com alguns pontos de vista de Menninger. Porém, sua tese central vai direto ao ponto. Claramente ele entende que a saúde *mental* é dependente, se não um sinônimo, da saúde *moral*. Portanto, ele entende que o primeiro passo para qualquer remédio realmente efetivo contra o desequilíbrio mental e emocional é uma honesta avaliação do seu próprio pecado, e uma total aceitação das responsabilidades

pelas falhas morais. Mais importante, ele sabe que, em ultima analise, não há ajuda para aqueles que negam a responsabilidade por seu comportamento.

Se essa simples premissa fosse apreciada e aplicada na indústria do aconselhamento em massa, teria um efeito imediato em toda a sociedade.

Mas o que temos visto hoje é que a maioria dos conselhos tem ido exatamente na direção oposta. O que podemos esperar da consciência, se quando há sentimento de culpa, ele é tratado como inútil e improdutivo; se quando há censura ela é considerada prejudicial e se os conselheiros profissionais encorajam as pessoas a se perdoarem sem se arrependerem?

O que é evidente na nossa cultura é que as pessoas tornaram-se especialistas em mudar o agente da culpa — fazendo de bode expiatório os pais, as decepções na infância e outras disfunções que fogem ao controle delas. Não importa qual seja o seu problema — se você é um assassino em série ou apenas alguém lutando contra um desequilíbrio emocional — sempre existe a possibilidade de facilmente encontrar alguém que lhe explique porque sua falha não é culpa sua, e o ensine a silenciar uma consciência conturbada.

Mas de uma perspectiva *prática*, é obvio que essa abordagem não está funcionando. Mais do que nunca, um grande número de pessoas está precisando de conselheiros profissionais. Incapazes de lidar com seus próprios sentimentos, tornaram-se dependentes de terapeutas que continuamente alimentam o seu valor próprio com conselhos do tipo: "Não seja tão duro consigo mesmo"; "Você não deveria se culpar desta maneira"; "Você precisa mimar sua criança interior"; "Pare de punir a si mesmo"; "Libere sua culpa"; "Você não é tão mau assim"; etc...

De uma perspectiva *bíblica*, esse tipo de conselho pode ser espiritualmente destrutivo. Ele falha ao indicar o verdadeiro problema da pecaminosidade humana. Ele alimenta as piores tendências da natureza humana e causa a forma mais catastrófica da negação — a negação da própria culpa. E, para a maioria, que não consegue livrar-se da culpa, na verdade a aumenta ainda mais por culpar outra pessoa que absolutamente nada tem que ver com o caso.

Rejeitar a culpabilidade nunca nos libertará do sentimento de culpa. Pelo contrário, aqueles que se recusam a reconhecer sua pecaminosidade, optam por servir a sua própria culpa. "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia" (Pv 28.13); "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos

pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1Jo 1.8,9).

Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores! Ele disse que "...Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores" (Mc 2.17). Quando não há o reconhecimento de pecado e culpa, e quando a consciência é levada ao silêncio, não há possibilidade de salvação, de santificação, e portanto, não há uma verdadeira emancipação do poder implacável do pecado.

Notas

1. Karl Menninger, *Whatever Became of Sin*? (Nova York: Hawthorn, 1973), 13
2. Charles Krauthammer, "From People Power To Polenta", *Time* (4 de outubro de 1993), 94
3. Wayne W. Dyer, *Your Erroneous Zones* (Nova York: Funk & Wagnalls, 1976) 90-91.
4. *Ibid.*, 105-106
5. *The Ann Landers Encyclopedia*, (Nova York: Doubleday, 1978), 514 - 517.
6. Steve Lopes, "Thief Becomes a Milionaire over a Beating", *LA Daily News,* (2 de dezembro de 1993), 25
7. Barbara Sommer, "PMS in the Courts: Are All Women on Trial?", *Psychology Today* (agosto de 1984), 36
8. "Bitter legacy", *Time* (26 de setembro de 1983),19
9. J. Rangel, "Defendant in the Killing of 10 Is Guilty of Reduced Charge", *New York Times* (27 de julho de 1985), 1,27.
10. Amy Wilentz, " Pondering a High-Proof Defense", *Time* (2 de novembro de 1987), 60.
11. P. Shenon, "Deaver Is Sentencead to Suspended Term and $ 10,000 Fine", *New York Times* (24 de setembro de 1988), 1.
12. Andrew Ferguson, " Take Off the Kids Glove", *National Review* (1 de novembro de 1933), 80
13. Compulsive Gambling May Be a Handicap, and a Shield from Firing", *Wall Street Journal* (21 de junho de 1988), 1
14. Stanton Peele, *Diseasing of America* (Lexington, Mass.: Lexington, 1898), 2-4 (ênfase no original)
15. Bernie Zibergeld, *The Shrinking of America* (Boston: Little, Brown, 1983), 89.
16. *Ibid.*, 167.
17. Charles J. Sykes, *A Nation of Victims; The Decay of the American Character* (Nova York: St. Martin's, 1992), 13
18. *Ibid.*, 16
19. *Ibid.*, 15.

20. Wendy Kaminer, *I'm Dysfuncional, You're Dysfunctional* (Reading, MA.: Addison - Wesley, 1992),121.
21. *Ibid.*, 124
22. *Ibid.*, 124-125.
23. *Ibid.*, 20
24. *Ibid.*, 18
25. Garth Wood, *The Myth of Neurosis* (Nova York: Harper & Row, 1986), 9.
26. Karl Menninger, *Whatever Became of Sin?* (Nova York: Hawthorn,1973).

Capítulo 2

O Sistema de Alarme Automático da Alma

Uma consciência educada e sensível funciona como um monitor de Deus. Ela nos alerta acerca da qualidade moral do que fazemos ou planejamos fazer, proíbe ilegalidades e irresponsabilidades, e nos faz sentir culpa, vergonha e medo das punições futuras que nos diz o que merecemos quando nos autorizamos a desafiar seus limites. A estratégia de Satanás é corromper, cauterizar e, se possível, matar nossa consciência. O relativismo, o materialismo, o narcisismo, o secularismo e o hedonismo do mundo contemporâneo ocidental ajudam-no poderosamente a alcançar esse objetivo. Sua tarefa é ainda mais simplificada pelo modo no qual a fraqueza moral do mundo tem sido levada para dentro da igreja atual.

J. I. Packer[1]

Em 1984 uma aeronave da Avianca Airlines caiu na Espanha. Técnicos que estudaram o acidente chegaram a uma misteriosa descoberta. Alguns minutos antes do impacto, uma voz aguda e sintetizada pelo computador, vinda do sistema de alarme automático do avião, repetia em inglês: "Levante! Levante!"

O piloto, evidentemente, julgando que o equipamento estivesse defeituoso, repreendeu-o: "Cala a boca, gringo", e o desligou. Minutos depois a aeronave se destroçou contra a encosta de uma montanha. Todos que estavam a bordo morreram.

Quando li essa história trágica no jornal, logo após o acidente, fiquei chocado com essa perfeita parábola sobre o modo como o homem moderno trata os avisos sobre perigo que a consciência emite.

Como notamos no capítulo anterior, a sabedoria da nossa época diz que os sentimentos de culpa são quase sempre errôneos e prejudiciais; portanto deveríamos silenciá-los. Mas seria esse um bom conselho? Afinal, o que é a consciência — este senso de culpa que todos parecemos sentir? Quanta atenção deveríamos dar às dores agudas de uma consciência aflita? A consciência é infalível? Então, como saber se a culpa que sentimos é legítima ou se apenas estamos sobrecarregados pelo excesso de angústia? Que papel ocupa a consciência na vida de um cristão que deseja buscar a santificação de acordo com a Bíblia?

O que é a consciência?

A consciência tem sido vista pelo mundo moderno como um defeito que rouba das pessoas sua auto-estima. Porém, longe de ser um defeito ou um desequilíbrio, a habilidade de discernir nossa própria culpa é um enorme dom de Deus. Ele projetou a consciência para a estrutura exata da alma humana. Ela é o sistema de alarme que nos diz: "Levante! Levante!" antes da queda e do fogo.

A consciência, escreveu o puritano Richard Sibbes no século 17, é *a alma se autocensurando.*[2] A consciência é a essência daquilo que distingue a criatura humana. As pessoas, ao contrário do animais, podem observar suas próprias ações e fazer uma auto-avaliação moral. Essa é a verdadeira função da consciência.

A consciência é uma habilidade inata de sentir o certo e o errado. Todos, até o pagão mais materialista, têm uma consciência: "Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, *testemunhando-lhes também a consciência* e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se" (Rm 2. 14,15, ênfase acrescentada).

A consciência pede que façamos o que achamos estar certo e nos impede de praticar o que cremos estar errado. A consciência não deve ser confundida com a voz de Deus ou com a Lei de Deus. É uma faculdade humana que julga nossas ações e nossos pensamentos mediante luz do mais alto padrão que conhecemos. Quando violamos nossa consciência, ela nos condena, desencadeando sentimentos de vergonha, angústia, remorso, consternação, ansiedade, desgraça e até mesmo medo. Quando atendemos nossa consciência ela nos elogia, trazendo alegria, calma, respeito próprio, bem-estar e gozo.

A palavra *consciência* é a combinação das palavras latinas *scire* ("conhecer") e *con* ("juntamente"). A palavra grega para "consciência" é encontrada mais de trinta vezes no Novo Testamento —*suneidesis*, que, literalmente, significa "co-conhecimento". Consciência é um conhecimento compartilhado com a própria pessoa, isto é, a consciência discerne os motivos interiores e os verdadeiros pensamentos. A consciência está acima da razão e além do intelecto. Nós podemos racionalizar, tentando justificar a nós mesmos na nossa mente, mas uma consciência violada não será persuadida facilmente.

A palavra hebraica para consciência é *leb*, normalmente traduzida por "coração" no Antigo Testamento. A consciência está tão intrinsicamente ligada à alma humana que a mente dos hebreus não conseguia delimitar a distinção entre consciência e o restante do homem interior. Quando Moisés registrou que Faraó "endureceu seu coração" (Êx 8.15), ele estava dizendo que Faraó endureceu sua consciência como um aço contra a vontade de Deus. Quando a Escritura fala de um coração enternecido (cf. 2Cr 34.27), ela se refere a uma consciência sensível. Os de "coração reto" (Sl 7.10) são os que têm a consciência pura. E quando Davi orou "Cria em mim, ó Deus, um coração puro" (Sl 51.10), ele estava procurando ter a vida e a consciência purificadas.

Como notamos no capítulo 1, atualmente um grande número de pessoas reage à própria consciência tentando suprimi-la, anulá-la ou silenciá-

la. Elas concluíram que a verdadeira culpa por seu comportamento errado está em algum trauma de infância, no modo como foram criados por seus pais, nas pressões sociais ou em outras causas fora de seu controle. Ou, então, convencem a si mesmas de que seu pecado é um problema clínico, não moral — e assim definem seu alcoolismo, perversão sexual, imoralidade ou outros vícios como "desvios". Responder à consciência com tais argumentos equivale a dizer-lhe: "Cala a boca, gringo!"

Virtualmente é possível anular a consciência por meio de contínuas ofensas. Paulo falou sobre pessoas cuja consciência era tão convoluta que "a glória deles está na sua infâmia" (Fl 3.19. cf. Rm1.32). Tanto a consciência como a mente podem tornar-se tão corrompidas que param de distinguir entre o que é puro e o que é impuro (cf. Tt 1.15). Finalmente, após tamanha violação, a consciência se cala. Moralmente, aqueles com a consciência corrompida, são abandonados num vôo cego. Os importunos sinais de alarme podem ter desaparecido, mas com certeza o perigo não; *na verdade, o perigo está mais presente do que nunca.*

Além disso, até mesmo a consciência mais corrompida não permanecerá em silêncio para sempre. Quando formos submetidos ao julgamento, a consciência de cada pessoa tomará o partido de Deus, o justo juiz. O pior malfeitor, endurecido pelo pecado, descobrirá diante do trono da graça de Deus que tem uma consciência que testemunha contra ele.

Entretanto, a consciência *não* é infalível. Nem mesmo é uma fonte de revelação sobre o certo e errado. Seu papel não é ensinar-nos os ideais éticos e morais, mas manter-nos interessados no mais alto padrão do certo e errado que conhecemos. A consciência é informada pela tradição e também pela verdade, portanto o seu padrão não é necessariamente bíblico (1Co 8.6-9). A consciência pode condenar desnecessariamente em áreas sobre as quais não há orientações bíblicas. Na realidade, ela pode tentar nos prender naquela exata questão da qual o Senhor está tentando nos libertar (Rm 14.14, 20-23). A consciência, para atuar totalmente e de acordo com a santa verdade, deve ser alimentada pela Palavra de Deus. Assim, mesmo que o sentimento de culpa não tenha uma base bíblica, ele é um sinal importante de angústia espiritual. Se ele apenas sinaliza uma consciência fraca, isso deveria estimular a procura de um crescimento espiritual que a conduziria a uma maior harmonia com a Palavra de Deus.

A consciência reage conforme as convicções da mente, e portanto pode ser estimulada e lapidada de acordo com a Palavra de Deus. O cristão sábio quer dominar a fundo as verdades bíblicas, e assim, a consciência será

completamente informada e julgará de uma maneira correta, porque estará respondendo à Palavra de Deus. Uma dieta regular das Escrituras fortificará uma consciência fraca ou limitará uma superativa. Do modo oposto, encher a mente com o erro, com a sabedoria humana e com uma influência moral errônea corromperá ou danificará a consciência.

Em outras palavras, a consciência funciona como uma clarabóia, não como uma lâmpada. Ela permite que a luz entre na alma, mas não produz a luz por si mesma. Sua eficácia é determinada pela quantidade de luz a que a expomos e quão limpa a mantemos. Cubra-a ou coloque-a em total escuridão e ela não funcionará. Por isso, o apóstolo Paulo falou sobre a importância de uma consciência limpa (1Tm 3.9) e nos preveniu contra qualquer coisa que corrompesse ou contaminasse a consciência (1Co 8.7; Tt 1.15).

Usando outra metáfora, nossa consciência é como a extremidade da ponta dos dedos. Sua sensibilidade ao estímulo externo pode ser prejudicada pela formação de calos, ou até mesmo ferida tão gravemente que se torna insensível a qualquer sentimento. Paulo também escreveu sobre os perigos de uma consciência insensível (1Co 8.10), fraca (v. 12) e cauterizada (1Tm 4.2).

Psicopatas, assassinos em série, mentirosos patológicos e outros que parecem não ter qualquer senso moral, são exemplos extremos de pessoas que arruinaram ou tornaram a consciência insensível. É possível que tais pessoas pequem sem sentir remorso ou escrúpulo? Se sim, é somente porque destruíram a própria consciência por meio de imoralidade e ilegalidade implacáveis. Certamente elas não nasceram desprovidas de consciência. A consciência é parte intrínseca da alma humana. Embora ela esteja calejada, cauterizada ou entorpecida numa aparente dormência, continua a armazenar provas que, um dia, serão usadas como testemunhas para condenar a alma culpada.

A consciência controla o tribunal

Richard Sibbes imagina a consciência como um tribunal no conselho do coração humano. Na sua imaginação, a consciência assume o papel de cada integrante do drama no tribunal. É o *arquivo* que grava com detalhes exatos tudo o que foi feito (Jr 17.1). É o *acusador* que apresenta uma denúncia contra o culpado, e o *defensor* que apóia o inocente (Rm 2.15). Ela também atua como uma *testemunha* contra ou a favor (2Co 2.12). É o *juiz*, que condena ou absolve (1Jo 3.20, 21). É o *carrasco* que castiga o

culpado com tristeza quando a culpa é descoberta (1Sm 24.5). Sibbes compara a punição de uma consciência ofendida a um "lampejo do inferno".[3]

A consciência conhece todos os nossos motivos e pensamentos secretos. É o testemunho mais preciso e mais temível no julgamento da alma do que qualquer observador externo. Aqueles que evitam falar sobre uma consciência acusadora, preferindo confiar em um conselheiro, entraram num jogo perigoso. Pensamentos e motivos ruins podem se esconder dos olhos do conselheiro, mas não se esconderão dos olhos da consciência. Muito menos escaparão dos olhos do Deus onisciente. Quando tais pessoas forem convocadas para o julgamento final, a própria consciência delas estará ciente de cada transgressão e se apresentará como uma testemunha eterna de tortura contra eles.

Isso, Sibbes escreveu, deveria nos desencorajar de cometer pecados secretos:

> Não deveríamos pecar na esperança de ocultar os pecados. Se os ocultamos das pessoas, poderemos ocultá-los da nossa própria consciência? Como alguém já disse muito bem: O que vale para ti que ninguém saiba o que foi feito, quando tu és o que te conheces? Que proveito terá isso para quem tem uma consciência que o acusa, que nenhum homem o fará, mas sim ele mesmo? Ele é como milhares de testemunhas contra ele mesmo. *A consciência não é uma testemunha secreta*. Ela é como milhares dela. Portanto, nunca peque esperando ocultar seu pecado. Seria melhor que todos os homens soubessem do seu pecado do que você mesmo. Um dia tudo será estampado na sua testa. *A consciência irá traí-lo*. Se ela não puder falar a verdade agora, embora possa ser subornada nesta vida, terá poder e eficácia na vida por vir... Temos a testemunha dentro de nós; e Isaías disse: "Nossos pecados testemunham contra nós". Tentar manter segredo será em vão. A consciência descobrirá tudo.[4]

Como a consciência é purificada

Um aspecto do milagre da salvação é o efeito purificador e renovador que o novo nascimento provoca na consciência. Na salvação, o coração do crente é "purificado da má consciência" (Hb 10.22). A consciência é purificada por meio do sangue de Cristo (Hb 9.4). É claro que isso não significa que o sangue concreto de Cristo tenha algum poder místico ou mágico como um agente purificador da consciência. O que isso significa?

Os conceitos teológicos aqui envolvidos são simples, mas muito profundos. A Lei do Antigo Testamento requeria sacrifícios com sangue para expiação do pecado. Porém, os sacrifícios do Antigo Testamento não podiam fazer nada pela consciência. Hebreus 9.9, 10 diz: "tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto, os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até o tempo oportuno da reforma". Aqueles sacrifícios não tinham uma eficácia real na expiação do pecado, "porque é impossível que o sangue de touros e bodes remova pecados (Hb 10.4)". Simplesmente demonstravam a fé e a obediência do adorador enquanto prenunciavam a morte de Cristo, que derramaria seu sangue como o sacrifício perfeito pelo pecado de uma vez por todas.

Portanto, o sacrifício de Cristo na cruz consumou o que o sangue de bodes e touros e as cinzas de uma novilha conseguiam apenas simbolizar: "Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados" (1Pe 2.24). Nossos pecados lhe foram imputados, e ele pagou a penalidade por eles. Em contrapartida sua justiça perfeita foi imputada a nós, os que cremos (Rm 4.22-24; Fp 3.9). Uma vez que por meio da sua morte Jesus pagou a culpa dos pecados, e uma vez que sua justiça sem mácula foi creditada em nossa conta, Deus nos declara inocentes e nos recebe na condição de justos. Essa é a doutrina conhecida como *Justificação.*

Quando o veredito do próprio Deus nos declara "inocentes e completamente justos" como alguém mais poderá nos acusar? "Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está a direita de Deus e também intercede por nós" (Rm 8.33, 34). Em outras palavras, quando Satanás, "o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa dia e noite, diante do nosso Deus" (Ap 12.10), alega algo contra nós, o sangue de Cristo fala em nosso favor. Quando o nosso pecado publicamente nos critica, o sangue de Cristo fala em nosso favor. Assim, o sangue de Cristo "fala coisas superiores ao que fala o sangue de Abel" (Hb 12.24).

O mais importante é que em qualquer ocasião que a nossa própria consciência, sem misericórdia, nos condena, o sangue de Cristo clama por perdão. A expiação de Cristo satisfez completamente as exigências da justiça divina, assim o perdão e a misericórdia estão garantidos àqueles que receberam a Cristo com uma fé humilde e contrita. Aceitamos a responsabilidade pelo nosso pecado, cremos em Deus e que também por meio da

morte de Cristo o pecado é perdoado. Quando confessamos nosso pecado, o Senhor pode purificar nossa consciência e dar-nos alegria (1Jo 1.9). Essa é a maneira pela qual o "sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas para servimos ao Deus vivo!" (Hb 9.14). Em outras palavras, a nossa fé comunica à nossa consciência que somos perdoados por meio do sangue precioso de Cristo.

Isso significa que os cristãos podem continuar pecando e ainda desfrutar de uma consciência limpa? De modo nenhum. "Como viveremos ainda no pecado, nós o que para ele morremos?" (Rm 6.2). O novo nascimento restaura completamente a alma humana (2Co 5.17). Uma consciência purificada e restaurada é apenas uma evidência de que tal transformação aconteceu (cf. 1Pe 3.21). O amor, a justiça e o ódio ao pecado são outra evidência (1Jo 3.3,8). Cristãos que têm um comportamento oposto à sua fé corrompem sua consciência (1Co 8.7). E aqueles que professam a Cristo, mas rejeitam a fé e uma boa consciência naufragam espiritualmente (1Tm 1.19) — e assim provam que verdadeiramente nunca creram (1Jo 2.19).

Portanto, uma consciência sã anda de mãos dadas com a certeza da salvação (Hb 10.22). O crente inabalável deve manter o foco adequado na fé a fim de ter uma consciência que sempre está sendo limpa da culpa: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça" (1Jo 1.9).

Que dádiva é ser purificado de uma consciência suja! Do mesmo modo que uma consciência angustiada é um lampejo do inferno, assim a consciência pura é um antegozo da glória.

O cristão tem o dever santo e fundamental de zelar pela pureza da sua consciência regenerada. Paulo tem muito a dizer sobre isso. Note como ele falou da consciência nos seguintes versos (ênfase acrescentada):

- "Fitando Paulo os olhos no Sinédrio, disse: Varões, irmãos, tenho andado diante de Deus com toda *a boa consciência* até o dia ao dia de hoje" (At 23.1).
- "Por isso, também me esforço por ter sempre *consciência pura* diante de Deus e dos homens" (At 24.16).
- "Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de *consciência boa*, e de fé sem hipocrisia (1Tm 1.5).
- "Combate... o bom combate, mantendo fé e *boa consciência*" (1Tm 1.18, 19).

- "Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados sirvo com *consciência pura*" (2Tm 1.3).

Paulo disse a Timóteo que uma das qualificações para os diáconos é conservar o mistério da fé com *consciência limpa* (1Tm 3.9).

Uma consciência pura é essencial não somente pelo que ela faz por si mesma, mas pelo que diz aos outros. Uma consciência sã marca a vida de tal forma que se transforma em um forte testemunho de Cristo. Freqüentemente Paulo mencionou sua consciência como um testemunho: "Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa própria consciência, de que, com santidade e com sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas, na graça divina, temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco" (2Co 1.12). "Rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade" (2 Co 4. 2). Pedro escreveu: "Fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam de vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo" (1Pe 3.16).

Superando uma consciência fraca

Como anteriormente notamos resumidamente, as Escrituras indicam que alguns cristãos têm consciência fraca. Consciência fraca não é o mesmo que consciência insensível. Uma consciência insensível se torna inativa, silenciosa e raramente o acusa de algo; é insensível ao pecado. Mas uma consciência fraca, geralmente, é hipersensível e exageradamente ativa quanto às questões que não são pecado. Ironicamente, talvez uma consciência fraca acuse mais que uma forte. As Escrituras a chamam de consciência fraca porque ela se *ressente muito facilmente*. Uma consciência fraca tende a se afligir por coisas que não trariam culpa para cristãos maduros que conhecem a verdade de Deus.

Uma consciência fraca é o resultado de uma fé imatura ou frágil, que ainda não se afastou das influências do mundo e ainda não está impregnada da Palavra de Deus. Os cristãos fracos devem ser recebidos com amor e não julgados, pois a consciência deles é suscetível demais. Paulo instruiu os romanos a ter a seguinte atitude: "Acolhei ao que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões. Um crê que tudo pode comer, mas o débil come

legumes" (Rm 14.1, 2). Observamos, pelos comentários de Paulo, que um crente fraco provavelmente é mais escrupuloso, legalista e perturbado pela consciência de um modo doentio. Como já notamos, uma consciência fraca é com freqüência acompanhada pelo legalismo.

Repetidas vezes Paulo admoestou a igreja primitiva no sentido de que aqueles com consciência forte não julgassem (Rm 14.3) e, acima de tudo, não encorajassem aqueles que eram fracos a violar a própria consciência. Os crentes fracos não devem aprender a rejeitar a consciência. Se isso tornar-se um hábito — se eles se condicionarem a rejeitar as sugestões da consciência — então ficarão privados de um dos mais importantes meios de santificação.

De fato, Paulo instruiu aqueles que tinham uma consciência forte a serem condescendentes, quando possível, com os escrúpulos dos irmãos de consciência fraca. Encorajar um crente imaturo a ferir sua própria consciência é levá-lo ao pecado: "Mas aquele que tem dúvidas é condenado se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado" (Rm 14.23).

A igreja de Corinto foi dilacerada pela divergência a respeito de se era ou não pecado comer carne sacrificada aos ídolos. Corinto, uma cidade pagã, era cheia de templos nos quais a comida era sacrificada aos deuses e deusas dos gentios. A comida era preparada e colocada no altar por um adorador. Obviamente o ídolo não poderia consumir a comida, então o sacerdote ou a sacerdotisa pegava o quer que tivesse sido oferecido e vendia com desconto. Essa era uma maneira de tais pessoas ganharem a vida. Assim, podia-se conseguir comida oferecida a ídolos em Corinto a preços consideravelmente mais baratos do que nos mercados comuns.

Alguns crentes consideravam essa comida profana e, portanto, seria pecado consumi-la. Outros, sabendo que os ídolos não significavam nada, achavam que podiam comê-la sem nenhum escrúpulo. Os crentes de Corinto começaram a dividir-se em facções por causa dessa questão e foi assim que pediram a Paulo para os instruir a esse respeito.

O conselho de Paulo esclareceu a questão sobre o modo como deveriam responder à própria consciência. Em primeiro lugar, disse-lhes que um ídolo não era nada. "No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus" (1Co 8.4). "Para nós há um só Deus" (v. 6). Os ídolos são deuses imaginários. Eles não existem. Como pode um deus inexistente corromper de algum modo algo comestível? Portanto, comer comida oferecida a ídolos

não é pecado em si mesmo. A questão sobre que comida pode ser comestível é um ponto de total liberdade para um cristão. "Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos" (v. 8).

Mas, notou Paulo, nem todos tinham uma fé forte o suficiente para receber tal verdade. Muitos dos coríntios haviam sido salvos recentemente da idolatria. Tinham passado a vida inteira desenvolvendo um estado de espírito de medo e adoração em relação a esses deuses falsos. As associações e lembranças da antiga vida de trevas era muito forte. Comida oferecida num altar pagão era mais do que a consciência deles podia suportar (1Co. 8.7).

Paulo disse aos coríntios que nenhum cristão tem o direito de violar a sua própria consciência. Mais significativo ainda, nenhum cristão tem o direito de instigar os irmãos a pecar violando a própria consciência – nem mesmo se a consciência deles for fraca e os condenar por alguma coisa que legal e moralmente são livres para fazer. A liberdade em Cristo é acompanhada por responsabilidade inflexível para com a nossa consciência e por uma responsabilidade ainda maior para com todo o corpo de cristãos:

> Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos. Porque se alguém te vir a ti, que és dotado de saber, à mesa, em templo de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzida a participar de comida sacrificadas a ídolos? E assim, por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu (vs. 9-12).

A questão é esta: se você tem uma consciência sã e uma fé forte, pode desfrutar da sua liberdade em Cristo sem fazer qualquer esforço para incitar sua consciência a fazer um exame mais minucioso do seu ato : "Comei de tudo o que se vende no mercado, sem nada perguntardes por motivo de consciência" (1Co 10.25). Mas, se por alguma razão, você achar que alguém que o vir possa ser melindiado em sua consciência pelo seu exercício da liberdade, abstenha-se. Zele pela consciência frágil da outra pessoa. Paulo nos deu um exemplo: "Porém se alguém vos disser: Isto é coisa sacrificada a ídolo, não comais, por causa daquele que vos advertiu e por causa da consciência; *consciência digo, não a tua propriamente, mas a do outro* " (vs. 28, 29, ênfase acrescentada). Não coloque pedra de tropeço no caminho ou provoque a queda de alguém (Rm 14.13).

Uma consciência fraca e que acusa constantemente é um perigo espiritual e não uma força. Muitas pessoas, especialmente aqueles de

consciência fraca, tendem a ostentar o seu escrúpulo excessivo como prova de espiritualidade profunda. E é exatamente o oposto. As pessoas com consciência fraca têm uma tendência para se ofender e se ressentir com facilidade (cf. 1Co 8.13). Com freqüência criticam excessivamente os outros (Rm 14.3,4). São susceptíveis demais à tentação do legalismo (Rm 14.20; Gl 3.2-5). A mente e coração delas rapidamente se corrompem (Tt 1.15).

Do princípio ao fim de toda a discussão sobre os que têm consciência fraca (Rm 14; 1Co 8-10) Paulo trata essa condição como um estado de imaturidade espiritual — uma falta de conhecimento (1Co 8.7) e de fé (Rm 14.1, 23). O apóstolo claramente esperava que aqueles com consciência fraca saíssem desse estado de imaturidade, como as crianças inevitavelmente superam o medo do escuro. Aqueles que optam por viver em tal estado — particularmente os que ostentam sua consciência frágil como algo de que se orgulhar – têm um senso deformado do que significa ser maduro na fé. O verdadeiro crescimento espiritual esclarece a mente e fortalece o coração na fé. É definitivamente o único meio de superar uma consciência fraca.

Mantendo uma consciência pura

Como podemos manter a consciência pura? Qual é a resposta adequada aos sentimentos de culpa? Essas questões serão tratadas em profundidade neste livro, mas por enquanto aqui estão alguns princípios simples para serem lembrados; princípios que envolvem confissão, perdão, restituição, procrastinação e educação.

Confesse e abandone o pecado. Examine o seu sentimento de culpa à luz das Escrituras. Trabalhe com o pecado que a Palavra de Deus revela. Provérbios 28.13 diz: "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia". A primeira carta de João fala da confissão de pecados como uma característica progressiva na vida do cristão: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça" (v. 9). Certamente deveríamos confessar os pecados àqueles a quem ofendemos. "Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orais uns aos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tg 5.16). Mas, acima de tudo, devemos confessá-los àquele a quem nós mais ofendemos. Como Davi escreveu: "Confessei-te o meu pecado e a minha

iniqüidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniqüidade do meu pecado" (Sl 32.5).

Peça perdão e reconcilie-se com aquele a quem você ofendeu. Jesus nos instruiu: "Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta" (Mt 5.23, 24). "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vós perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoarás as suas ofensas" (Mt. 6.14, 15).

Faça a restituição. Deus disse a Moisés: "Quando homem ou mulher cometer alguns dos pecados em que caem os homens, ofendendo ao Senhor, tal pessoa é culpada. Confessará o pecado que cometer; e, pela culpa, fará plena restituição e lhe acrescentará a quinta parte, e dará tudo àquele contra quem se fez culpado" (Nm 5.6, 7). O princípio por trás dessa lei está ligado também aos cristãos da época do Novo testamento (Fm 19; Lc 19.8).

Não adie a limpeza da sua consciência corrompida. Paulo disse que fez o seu melhor: "Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens" (At 24.16). Algumas pessoas adiam o tratamento da culpa pensando que sua consciência se autolimpará a tempo. Isso não acontece. A procrastinação permite que o sentimento de culpa se transforme em feridas. Isso sucessivamente gera depressão, ansiedade e outros problemas emocionais. Após o esquecimento da ofensa, o sentimento de culpa poderá persistir por um longo tempo, freqüentemente respingando em outras áreas da nossa vida. Essa é uma das razões por que as pessoas, com freqüência, se culpam e não sabem o motivo. Essa culpa confusa pode ser um sintoma de que alguma coisa espiritual está terrivelmente errada. Talvez tenha sido isso que Paulo tinha em mente quando escreveu: "Todas as coisas são puras para os puros; todavia para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas" (Tt 1.15).

O tratamento imediato de uma consciência corrompida, por meio da oração que esquadrinha o coração perante Deus, é a única maneira de mantê-la limpa e sensível. Adiar o tratamento da culpa inevitavelmente aumenta os problemas.

Eduque sua consciência. Como vimos anteriormente, uma consciência fraca e que se angustia facilmente é o resultado da falta de conhecimento espiritual (1Co 8.7). Se sua consciência se melindra muito facilmente, não a viole; fazer isso o levará a ignorar convicções, e daí, a ignorar a verdadeira convicção sobre o verdadeiro pecado. Além disso, violar a consciência é um pecado em si mesmo (cf. v. 12 com Rm 14.23). Em vez disso, inunde sua consciência com a Palavra de Deus, e assim ela pode começar a funcionar com dados confiáveis.

Um aspecto importante na educação da consciência é ensiná-la a focalizar o objeto correto — a verdade divinamente revelada. Se a consciência se concentra somente nos sentimentos pessoais, pode nos acusar erroneamente. Com certeza não dirigimos a vida de acordo com os sentimentos. A consciência que focaliza os sentimentos não é digna de confiança. Pessoas sujeitas, especialmente, à depressão e à melancolia não deveriam permitir que a consciência dela fosse informada pelos seus sentimentos. Sentimentos sem esperança provocarão dúvidas e medos desnecessários à alma, quando não mantida sob o controle de uma consciência bem-aconselhada. A consciência deve ser persuadida pela Palavra de Deus, não pelos nossos sentimentos.

Além disso, a consciência erra quando a mente tem o seu foco total na fraqueza do pecado e ignora o triunfo da graça de Deus em nós. Os cristãos verdadeiros experimentam as duas realidades. Devemos permitir que a consciência pondere o fruto do espírito em nossa vida, bem como os vestígios da nossa carne pecaminosa. Ela deve ver nossa fé e também nossas falhas. Do contrário ela se tornará acusadora demais, propensa a dúvidas doentias sobre nossa posição perante Deus.

Devemos sujeitar a consciência à verdade de Deus e aos ensinos da Escritura. Quando assim agimos, ela claramente será mais centrada e terá maior capacidade de nos dar um retorno mais confiável. Uma consciência digna de confiança se torna uma poderosa ajuda ao crescimento espiritual e à estabilidade.

Recuperando a doutrina da consciência

A consciência pode ser o atributo mais depreciado e menos entendido da humanidade. De um modo geral, notamos que a psicologia se preocupa menos em entendê-la do que em silenciá-la. A influência da psicologia popular sobre o evangelismo teve o efeito desastroso de minar a apreciação bíblica do papel da consciência. Já é um grande mal que a consciência coletiva da

sociedade secular tenha desaparecido ao longo dos anos. Mas agora, a filosofia do "não culpe a si mesmo" está provocando um efeito similar na igreja.

Mas, como vimos, as Escrituras nunca sugeriram que deveríamos responder à consciência repudiando a culpa. Pelo contrário, a Bíblia revela que a maioria de nós é mais culpada do que diz o nosso coração. Paulo escreveu: "Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor" (1Co 4.4).

Melhor do que descartar ou silenciar uma consciência culpada, nós que conhecemos a Cristo, devemos educá-la cuidadosamente com a pura Palavra de Deus, ouvi-la e aprender a entendê-la. Acima de tudo, devemos mantê-la imaculada. Isso é crucial para o nosso testemunho perante um mundo sem Deus.

Não devemos permitir que a mensagem que proclamamos seja corrompida por noções seculares que minimizam a culpa e buscam apenas o bem-estar pessoal. O evangelho popular da nossa geração geralmente deixa a impressão de que Jesus nos salva de problemas, tristeza, solidão, desespero, dor e sofrimento. As Escrituras dizem que ele veio salvar as pessoas do *pecado.* Portanto, uma das verdades fundamentais do evangelho é que todos nós somos desprezíveis pecadores (Rm 3.10-23). A única maneira de encontrar o verdadeiro perdão e libertação dos nossos pecados é pelo arrependimento humilde e contrito. Não podemos fugir da culpa dizendo a nós mesmos que não somos tão maus assim. Devemos encarar a nossa excessiva tendência ao pecado. Não é esse o ponto desta parábola que nos é familiar?

> Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus sê propício a mim pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado (Lc 18.10-14).

Dessa maneira o evangelho fala diretamente por meio do Espírito Santo à consciência humana. Antes que ele possa oferecer salvação, ele deve levar o pecador a enfrentar sua pecaminosidade insensata. Aqueles que são condicionados a rejeitar a consciência quanto a pequenas questões, certamente

não responderão à mensagem que os condenam por pecados tão abomináveis que garantem a condenação eterna. Portanto, o ataque à consciência está insensibilizando as pessoas contra a verdade do evangelho.

Alguns cristãos, sentindo esse efeito, concluíram que a mensagem do evangelho precisa modernizar-se. Tiraram completamente a idéia do pecado da mensagem. Oferecem Cristo como um Salvador inexpressivo, como um meio de preenchimento pessoal, como uma solução para os problemas de auto-imagem, ou como uma resposta à necessidades emocionais. O evangelho apresentado aos descrentes não apela à consciência, não menciona o pecado. É, portanto, uma mensagem impotente e falsa.

Outros, em vez de eliminarem completamente o evangelho da mensagem, tratam a questão muito resumidamente ou o mais suavemente possível. Podem enfatizar a universalidade do pecado, mas nunca explicar a seriedade dele: "Claro que pecamos. Todos pecamos!" — como se fosse suficiente admitir a noção da pecaminosidade universal sem realmente sentir qualquer culpa pessoal na própria consciência. Mas como pode alguém genuinamente arrependido não ter o senso da responsabilidade pessoal acerca do pecado? Deste modo, a tendência contemporânea que desvaloriza a consciência, na verdade está minando o próprio evangelho.

A morte da consciência provoca um efeito nocivo à vida dos cristãos. A consciência é um fator importante para a alegria e a vitória na vida cristã. Os benefícios de uma consciência pura compreende algumas das maiores bênçãos da vida cristã. Como observamos, o apóstolo Paulo freqüentemente recorria à sua irrepreensível consciência no meio das perseguições e opressões que sofreu (por exemplo: At 23.1; 24.16; 2Co 1.12). Por meio daquelas provas sabemos que seu coração foi irrepreensível, tendo-o suprido com força e confiança para que pudesse suportá-las. Paulo, cuidadosamente, guardou seu coração e sua consciência a fim de que não perdesse aquela fonte segura. Também apreciava sua consciência pura como uma fonte de gozo em si e por si mesma.

Devemos procurar com maior afinco uma consciência pura do que a aprovação do mundo. O verdadeiro processo da maturidade espiritual é aprender a sujeitar a consciência às Escrituras, e então viver de acordo com ela, apesar da opinião popular.

Charles Wesley escreveu este hino a respeito da consciência:

> Eu quero uma lei no meu íntimo:
> De temor piedoso e atento,

Uma sensibilidade ao pecar,
Uma dor quando ele se aproximar.
Ajuda-me quando sentir sua primeira tentativa
De orgulho ou mal desejo,
Chama a atenção do meu desejo errante
E apaga o graveto em fogo.

De ti eu não posso mais longe vaguear,
Não mais tua bondade molestar.
Concede-me o temor filial, eu oro,
Uma consciência sensível dá-me,
Rápida como o piscar.
Oh! Deus, minha consciência molda,
Acorda minha alma quando o pecado se aproximar
E a mantenha sempre alerta.

Esse hino raramente é cantado hoje em dia. A igreja como um todo parece ter-se esquecido da importância espiritual de uma consciência sã. Estou convencido de que essa é uma das principais razões pelas quais muitos cristãos parecem viver em meio à dor e à derrota. Não foram ensinados a responder corretamente à consciência. Tratam-na de maneira leviana. Não aprenderam a importância de mantê-la limpa e saudável. Em vez disso, contestam o que ela lhes diz. Tratam qualquer sentimento de culpa ou autocensura como uma ameaça ou perigo. Eles gastam energia espiritual demais na tentativa vã de lidar com os sentimentos gerados por uma consciência acusadora — sem a disposição correspondente de tratar o pecado que ofendeu a consciência em primeiro lugar.

Isso é suicídio espiritual. Paulo escreveu sobre os que, por terem rejeitado a consciência, "vieram a naufragar na fé" (1Tm 1.19). Estes são como o piloto que desligou o sistema de alarme.

Devemos *atentar* para nossa consciência. O custo de desligá-la é terrivelmente alto. Inevitavelmente resultará numa catástrofe espiritual devastadora. Dentre todas as pessoas, nós, que estamos compromissados com a verdade das Escrituras, não podemos renunciar à importância de uma consciência sã. Devemos recuperar e aplicar a verdade bíblica à consciência, ou ficaremos sem ter o que dizer para um mundo pecaminoso.

Notas

1. J.I. Packer, *Rediscovering Holiness*, (Ann Arbor: Servant, 1992), 51
2. Richard Sibbes, *Commentary on 2 Corinthians Chapter 1*, *in* Alexander B. Grosart, *Works of Richard Sibbes*, 7 vols (Edimburgo: Banner of Truth, 1981 reedição), 3:208.
3. *Ibid.*, 210-211
4. *Ibid.*, 212 (ênfase acrescentada)

Capítulo 3

Como o Pecado Cala a Consciência

O mito [de que a humanidade é basicamente boa] ilude as pessoas e as leva a pensar que são sempre vítimas e nunca vilãs, que são sempre destituídas e nunca depravadas. Isso isenta as pessoas de responsabilidade, como se isso fosse o ensino de uma época mais obscurecida. Isso pode desculpar qualquer crime, pois sempre é possível encontrar algum culpado — uma doença da nossa sociedade ou da mente.

Um escritor chamou a Era Moderna de: "a época áurea da exoneração". Quando a culpa é considerada como uma ilusão de mentes estreitas — ninguém é responsável, nem mesmo em relação à própria consciência.

A ironia reside no fato de isso ter surgido justamente neste século, dentre todos os outros, com seus Gulags e seus campos de morte e extermínio. Como G. K. Chersterton disse uma vez, a doutrina do pecado original é a única filosofia empiricamente validada por séculos de registros da história humana.

Charles W. Colson[1]

A herança da era da psicologia é desastrosa, difusa e perversa. O pecado quase nunca foi tão atroz quanto na nossa era. Drogas, prostituição, pornografia, perversão sexual e crimes ocorrem sem controle em nossas cidades. As gangues transformaram as ruas em campos de batalha. Nunca os jovens entraram para o crime tão cedo e nem foram tão ousados. O sistema carcerário está superlotado e tem-se mostrado ineficiente.

Pode-se até dizer que esses problemas não são novos; que males semelhantes têm afligido a humanidade desde os tempos mais remotos. E de fato têm. Mas, ao contrário das gerações anteriores, a nossa deixa de ver até mesmo a mais gritante perversidade por aquilo que é na verdade, ou seja, uma transgressão contra a lei moral imutável de um Deus supremo e santo. A sociedade moderna parece ter perdido a noção de que tal comportamento é realmente *pecaminoso.*

Bob Vernon, o ex-assistente-chefe do Departamento de Polícia de Los Angeles, nos adverte sobre o crescente número de jovens que "não têm limites morais" — jovens que escolheram a carreira do crime, cometem os atos mais abomináveis e não demonstram nenhum sinal de remorso. Ele contou de um rapaz, membro de uma gangue e conhecido como "Cool Aid". Cool-Aid disparou uma rajada de tiros num carro alegórico que carregava a corte real num desfile que comemorava o final das aulas numa escola secundária. Muitas garotas ficaram feridas, uma gravemente. O crime foi cometido em plena luz do dia e muitas testemunhas oculares imediatamente apontaram Cool Aid com o responsável. Depois de sua prisão, na sala de interrogatórios, Cool Aid explicou ao chefe Vernon que a razão que o havia levado a cometer tal crime era que ele precisava ficar um tempo preso: sabia que na prisão teria tratamento médico gratuito. Havia contraído uma doença venérea, precisava de tratamento e também tinha algumas obturações para fazer. Também planejava passar um tempo na prisão, "puxando ferro" para ganhar músculos. Mas, antes de sair precisava adquirir uma "reputação". "Serei conhecido como aquele que se impõe", disse orgulhoso aos policiais.[2]

Vernon escreveu:

> O que vemos tão claramente no caso desse jovem (uma das raízes do problema) está destruindo nossa sociedade e as famílias: a perda da consciência. A tendência é não sentir mais vergonha do nosso pior

> lado. Essa tendência chocante está devastando nossa cultura. Está se tornando digno de honra não somente violar as normas sociais, mas até mesmo ostentar tal comportamento... Os comportamentos sempre existiram, mesmo aqueles reconhecidos como nocivos à sociedade. A mudança significativa está na maneira de reagir a esses atos.
>
> Hoje, literalmente, não é raro aplaudir literalmente uma pessoa que revela algo que no passado seria considerado com uma fraqueza [ou um pecado]. O programa *Phil Donahue* é um exemplo óbvio desta tendência. As pessoas na TV, em rede nacional, admitem quebrar os seus votos de casamentos e se mostram orgulhosas de sua determinação de continuarem nessa prática. Outras, contam que propositadamente colocaram uma criança no mundo sem terem uma família para sustentá-la . Outros contam vantagem sobre mentiras e trapaças que lhes trouxeram dinheiro fácil, e muitos gabam-se por ter fraudado o governo na restituição do imposto de renda. Geralmente a platéia aplaude a "coragem" daquele que fala, de se mostrar abertamente contra as normas sociais.[3]

Será que a sociedade está se tornando incapaz até mesmo de pensar em termos de bem e mal? Teria o relativismo de uma cultura humanista como a nossa tornando a sociedade completamente amoral?

Endurecido pelo engano do pecado

O aspecto mais ameaçador do deslize moral da nossa cultura é que o problema tende a autonutrir-se. O pecado que é negado entorpece a consciência. O escritor de Hebreus advertiu acerca do perigo de nos tornarmos "endurecidos pelo engano do pecado" (3.13). O pecado despreza e ilude a consciência humana, endurecendo terrivelmente o coração. Um coração endurecido pelo pecado torna-se muito mais susceptível à tentação, ao orgulho e a todo tipo de mal. Pecados não confessados transformam-se num ciclo que dessensibiliza e corrompe a consciência, arrastando as pessoas à servidão cada vez mais profunda.

No nível cultural, por exemplo, vemos que quando a convicção de pecado é silenciada e a consciência comunitária desaparece, a sociedade torna-se cada vez mais corrupta e mais tolerante diante do pior tipo de devassidão. A rápida erosão dos padrões sociais em relação à obscenidade e à decência moral nos dá uma clara evidência desse fenômeno. O que somente há uma década era chocante e inaceitável, agora é algo corriqueiro

na rede de televisão. Há alguns anos, o humor obsceno que seria julgado como inadequado fora de portas trancadas, agora é a principal atração dos programas infantis. E as coisas estão continuamente piorando. E agora, quando parecia que *Os Simpsons* havia alcançado as profundezas do niilismo nos cartuns, a MTV lançou uma dupla de personagens que faz com que Bart Simpson pareça mais um corista infantil. Beavis e seu amigo, cujo nome é grosseiro demais para ser mencionado, é um exemplo perfeito da degradação da cultura moderna. Tudo o que é vulgar, desrespeitoso e ilegal eles consideram "legal" — e tudo o que é bom ou sagrado, eles ridicularizam.

Beavis e seu companheiro são os heróis da próxima geração. É espantoso. Como a cultura pôde chegar a um nível tão baixo?

As provas desse sério declínio moral estão por toda parte. Dê uma olhada nos tablóides nas gôndolas dos caixas dos supermercados. As manchetes dos jornais põem em evidência as perversões das pessoas — adultério, glutonaria, extravagância, arrogância, orgulho, alcoolismo, imoralidade, ira e todo tipo de vício. O pior de tudo, como observou o Chefe Vernon, é que esses vícios são ostentados quase que como uma medalha de honra ao mérito! Você já percebeu como proliferaram as estampas de camisetas e os adesivos de carros com profanações indizíveis que são mostradas em público desavergonhadamente? A nossa sociedade tem prazer na sua própria perversidade. As pessoas não se envergonham mais do seu pecado, antes, elas se orgulham dele. Vão a programas de entrevistas para se gloriarem das próprias depravações. E o público adora. Como o apóstolo Paulo escreveu "Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem" (Rm 1.32).

Paulo fez esse comentário no final de Romanos 1, fechando um discurso sobre a espiral descendente do pecado. Suas palavras, na segunda metade desse capítulo, são admiravelmente aplicáveis à difícil situação da sociedade contemporânea. Aqui o apóstolo mostra o como e o porquê da consciência humana estar desaparecendo. Ele revela que aqueles que ignoram ou anulam a sua consciência se arriscam a um julgamento terrível: no final Deus abandonará tais pessoas aos efeitos devastadores de seus próprios pecados. Isso é exatamente o que estamos vendo acontecer no nosso país. É também um recorde da história da humanidade — nação após nação está sendo abandonada por Deus, não antes de primeiro o terem abandonado, ficando irremediavelmente à mercê de seus próprios pecados.

Primeiro as notícias ruins ...

Romanos 1.16 começa com um extenso e sistemático tratamento do evangelho que continua ao longo da epístola. Paulo coroa sua introdução e cumprimentos aos crentes de Roma com estas palavras: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé" (Rm 1.16, 17).

E justo agora, quando parecia que Paulo começaria a falar sobre as *boas-novas* e sobre o poder de Deus para a salvação, ele disparou um raio: "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça" (Rm 1.18). Sobre esse verso e o texto que lhe segue, D. Martin Lloyd-Jones escreveu: "É uma passagem terrível (aterrorizante). Melancthon descreveu o verso 18 como "um preâmbulo tão terrível quanto um raio". E não tem somente a qualidade aterradora do raio, mas também seu poder de iluminar.

Ele abandona o assunto das *boas-novas* e começa a falar sobre a má notícia do pecado. Como disse Jesus: "Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores" (Mc 2.17). Paulo sabia que aqueles que subestimam a grandeza e a gravidade da pecaminosidade da humanidade — especialmente aqueles que não vêem sua própria depravação — não podem aplicar remédio eficaz aos seus problemas. Essa é, afinal de contas, a questão sobre a qual tratamos neste livro.

Não há salvação para aqueles que não estão seriamente convencidos dos seus pecados. Não há palavra de reconciliação para pecadores que permanecem desatentos quanto à sua separação de Deus. O genuíno temor de Deus não pode dominar aqueles que estão cegos para a seriedade de seus pecados. Não há misericórdia para aqueles que não tremem perante as ameaças de um Deus santo.

Em outras palavras, a tentativa de erradicar a consciência humana é uma das buscas espirituais mais destrutivas em que qualquer pessoa ou sociedade pode envolver-se. Isso resulta na ira de Deus — não a ira final (inferno) ou a ira escatológica (o Dia do Senhor), mas a ira temporal, isto é, ele remove a graça restringente e deixa uma pessoa ou uma sociedade à mercê de um ciclo pecaminoso sem o suave impedimento da consciência. Este é o verdadeiro julgamento da qual Paulo falou em Listra, quando

disse que Deus "nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos" (At 14.16).

Esse é o ponto principal em Romanos 1.18-32. Aí ele descreve o julgamento de Deus que resulta no declínio da humanidade até o pecado desenfreado. Perceba que a característica mais dramática da sua narrativa não são os horríveis pecados que ele nomeia — embora narre alguns bem indecentes. Mas a característica singular que marca cada passo da queda da humanidade sob a ira divina envolve o endurecimento e a dizimação da consciência.

A visível consciência interior

Paulo diz que a ira de Deus se revela porque os homens "detêm a verdade pela injustiça" (Rm 1.18). Ele está se referindo aos pecadores que conseguiram, com sucesso, calar a consciência. "Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou" (v. 19). Em outras palavras, Deus manifestou-se no sentido mais básico: dentro da consciência de cada ser humano.

O conhecimento interior de Deus aumenta por causa das evidências do seu poder e da sua divindade vistos na ordem natural da criação — "Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas" (v. 20). A verdade assim revelada não é oculta ou ambígua — é "claramente visível". Nem é apenas perceptível às poucas almas com um talento especial. "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras de suas mãos" (Sl 19.1). Eles testificam a um público universal.

Em outras palavras, essas verdades — que Deus existe, que ele é poderoso, que ele é bom, que ele é glorioso — são evidentes aos crentes e descrentes, aos cristãos e pagãos, aos judeus e gentios. Ninguém pode alegar ignorância. Até mesmo o pagão menos esclarecido tem mais conhecimento da verdade do que gostaria de ter. Aqueles que detêm tal verdade — os que anulam a consciência — "são indesculpáveis" (v. 20).

A espiral descendente

Paulo registra a ira de Deus ao longo da queda da humanidade até os pecados mais profundos e mais penetrantes. Ele esboça as etapas dessa

queda de forma tão vívida e real, que é como se tivesse sido tirada das páginas dos jornais. Quanto mais a sociedade moderna alcança a profundidade da descrença e da libertinagem, mais a verdade das Escrituras é cumprida. Perceba como os pontos que Paulo destacou há aproximadamente dois mil anos descrevem precisamente os pecados mais populares dos nossos dias. Eles aparecem nas seguintes áreas: secularismo, falta de bom senso, corrupção religiosa, lascívia descontrolada e perversão sexual.

Especulações Insensatas. "Porquanto, tendo o conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-lhes o coração insensato" (Rm 1.21). Uma vez que uma pessoa começa a deter a verdade pela injustiça, perde o ancoradouro espiritual. Rejeite a luz e você ficará na escuridão. Isso é exatamente o que aconteceu com a raça humana ao longo da História.

A sociedade moderna não é uma exceção à regra. No mínimo, nós temos maior acesso à verdade do que qualquer geração anterior. No entanto, a descrença ainda pode ser mais universal do que nunca antes.

À medida que a ciência avança, aprendemos mais e mais sobre a complexidade e a complicação do universo. A ciência moderna, por exemplo, descobriu que o mundo molecular é muito mais elaborado do que alguém poderia ter imaginado há cem anos. Podemos identificar partículas subatômicas. Sabemos que um único pingo de água tem inumeráveis bilhões de partículas. Um único pingo de água de uma lagoa também contém uma comunidade inteira de diminutos e maravilhosos seres vivos não imagináveis antes do advento do microscópio. Na extremidade oposta do espectro, podemos agora perceber que a fronteira da nossa galáxia é muito mais ampla e o universo mais complexo do que os nossos avós poderiam ter imaginado. Entendemos mais do que nunca como tudo isso junto se encaixa e como a natureza é delicadamente equilibrada.

Deveríamos ter mais certeza do que qualquer um dos nossos antepassados sobre o poder infinito e a sabedoria do Criador. A ciência descobriu mundos totalmente maravilhosos na natureza que a geração anterior jamais pensou que pudessem existir. Quanto mais conhecemos a criação, mais ela revela a ordem, a sabedoria e a bondade daquele que projetou tudo isso e tornou realidade por meio de suas palavras. No entanto, ao mesmo tempo que a ciência está aprendendo tudo isso, a teoria científica está ficando cada vez mais ateísta. Inacreditavelmente, quanto mais o poder, a sofisti-

cação e a harmonia do universo vêm à luz, mais os cientistas modernos tentam invalidar a noção de um criador divino que rege o universo.

Poderia uma criação sistemática e ordenada ser um mero resultado do acaso? Não mais do que sacudir um saco de papel cheio de peças de relógio poderia produzir um relógio preciso. Mas o ateísmo evolucionista nada mais é do que uma "tola especulação", explicações planejadas por pessoas que querem anular a verdade de Deus na própria consciência. E assim, o coração insensato deles é obscurecido (v. 21).

A raça humana está involuindo e não evoluindo. Em vez de ascender para a liberdade e para o esclarecimento, a humanidade, tendo rejeitado a verdade de Deus, está retrocedendo para o cativeiro e para as trevas do seu próprio pecado e incredulidade. Quando homens e mulheres rejeitam a Deus, tornam-se escravos do pecado, envolvidos pelas trevas e caem nas armadilhas da futilidade. Abandonando a Deus, eles abandonam a verdade, a luz, a vida eterna. Rejeitam a base de toda a moralidade e iniciam a espiral descendente que Paulo descreve nos versos acima citados.

As trevas espirituais inevitavelmente são acompanhadas pela corrupção moral. As pessoas que rejeitam a Deus, necessariamente ficam privadas da justiça. O ateísmo fatalmente leva à corrupção moral — e vice-versa. A incredulidade e a imoralidade estão intrinsecamente ligadas.

A morte do bom senso. "Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos" (Rm 1.22). Aqueles que se recusam a honrar a Deus não têm entendimento espiritual. Até as suas faculdades mentais foram corrompidas pela incredulidade. Seu modo de pensar é radicalmente torcido em relação aos assuntos espirituais, porque seu pecado é rebelião espiritual. Eles não têm meios de discernir entre a verdade e a falsidade, entre o certo e o errado. Sua rejeição a Deus os impossibilita de ter qualquer esperança de chegarem à verdade espiritual pela razão. Eles são insensatos no sentido mais profundo da palavra: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem" (Sl 14.1 cf. 53.1).

Esse verso descreve a insensatez que nada mais é que uma enorme cegueira espiritual. É a pior de todas. Ela corrompe a consciência e leva o descrente à incapacidade de raciocínio correto sobre qualquer assunto espiritual.

Nossa sociedade é bombardeada por essa insensatez espiritual. Parece que o julgamento moral foi completamente banido. Não é permitido que as

escolas públicas ensinem a Bíblia e nem mesmo moralidade, mas elas são encorajadas a instruir as crianças na prática sexual fornecendo-lhes preservativos gratuitamente. As enfermeiras não podem receitar aspirina sem autorização dos pais, mas elas podem mandar suas filhas menores para clínicas de aborto sem que alguma autoridade responsável seja informada. Filhotes de baleias e de focas têm mais direitos legais do que bebês abortados. Os tribunais estão mais interessados em proteger os direitos dos criminosos do que os direitos das vítimas.

O bom senso raramente figura no meio da política pública ou no senso de moralidade da sociedade. Declarando sabedoria, nossa cultura tem mantido orgulhosamente sua insensatez como uma grande conquista, para que todos vejam.

Religião Corrupta. A insensatez moral inevitavelmente corrompe a espiritualidade. Na verdade, todas as religiões que a humanidade nos deixou como legado são invariavelmente fruto da cegueira espiritual da insensatez. "E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis" (Rm 1.23).

Contrariando as noções da antropologia moderna, as religiões humanas não seguiram um caminho ascendente de evolução. A religião não começou com o paganismo, tendo-se desenvolvido ao longo do tempo para o monoteísmo. A verdade é exatamente o oposto. Todas as religiões humanas, de acordo com as Escrituras, caminham na direção contrária à verdade, longe do Deus verdadeiro, tendendo sempre para a idolatria ("uma imagem humana na sua forma corruptível"), e depois para o animismo ("imagem de aves, quadrúpedes e répteis").

Depois da queda, dizem as Escrituras, "se começou a invocar o nome de Deus" (Gn 4.26). Da queda ao dilúvio não há registro de qualquer idolatria. Deus destruiu o mundo pelo dilúvio porque "Viu [o Senhor] que a maldade do homem havia se multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração" (Gn 6.5). Mas não há nenhuma evidência nas Escrituras de que o homem planejou adorar falsos deuses.

Algum tempo após o dilúvio, a idolatria começou a predominar. Abraão foi retirado de uma família idólatra (Js 24.2). Na época de Moisés, o Egito era devastado pela idolatria. E quando Moisés voltou à Terra Prometida, descobriu formas de idolatria entre o povo de Canaã que eram até mesmo mais hediondas do que qualquer outra que já tinha visto no Egito. Quando cometeram o erro de não banir todos os cananeus, as falsas religiões

deles transformaram-se em uma armadilha perpétua para as sucessivas gerações de Israel.

A História antiga confirma que a religião involuiu e caiu no politeísmo e no animismo. Heródoto, escrevendo no 5° século a.C., disse que a Pérsia antiga não tinha templos pagãos ou ídolos.[5] Agostinho cita um historiador romano do 1° século, Varro, que disse que "os romanos antigos ficaram cento e setenta anos sem ídolos".[6] Isso significa que não foi senão 170 anos após a fundação de Roma que eles adotaram o politeísmo e a idolatria. Luciano, um escritor grego do 2° século, fez uma observação semelhante sobre a Grécia antiga e o Egito.[7]

Por natureza, o homem é inclinado a mudar a glória de Deus em ídolos; "mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador" (Rm 1.25). A consciência humana busca a Deus, mas a tendência do homem é escolher uma divindade de sua própria criação. Por essa razão, o primeiro mandamento é: "Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto, porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniqüidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem" (Êx 20.3-5). Mas enquanto Moisés recebia os mandamentos do Senhor, Arão e os israelitas estavam fazendo um bezerro de ouro para adorar (32.1-6).

A nossa sociedade é diferente da descrição de Romanos 1? Certamente não. As pessoas na cultura moderna tendem a ter ídolos materialistas: dinheiro, prestígio, sucesso, filosofia, saúde, prazeres, esportes, entretenimento, bens e outras coisas do tipo. Essas coisas se transformam em ídolos quando lhes damos o amor e a dedicação que devemos a Deus. O problema é o mesmo — adorar a criação em lugar do Criador.

Mas não tenha a impressão de que a idolatria na nossa sociedade é de alguma maneira mais sofisticada do que a do paganismo primitivo. Veja o que aconteceu com a religião nos Estados Unidos da América nos últimos cinqüenta anos. O movimento da Nova Era popularizou o Hinduísmo. A astrologia, o espiritismo e outras religiões secretas têm gozado de uma popularidade nunca vista. As religiões dos nativos americanos: o vodu, a santeria, o druidismo, a wicca (feitiçaria) e outras crenças pagãs primitivas foram restauradas. Atualmente, o culto a Satanás, coisa que não era ouvida em nosso país até há duas gerações, é uma das seitas que têm crescido mais rapidamente, especialmente entre os jovens. Recentemente ouvi uma notícia

sobre a cidade de Orange County, na Califórnia. Somente lá foram registrados, na última década, mais de quinhentos casos de rituais de sacrifício que utilizavam animais de estimação roubados.

Atualmente, em nossa cultura, as pessoas estão adorando as forças da natureza, as corujas, os golfinhos e as baleias. A adoração à criatura e à terra parecem ter alcançado o seu ápice nesta sociedade, na qual não há espaço para o Deus Criador. A Mãe Terra está sendo exaltada em lugar do Deus Pai.

Longe de ser o feito mais ilustre da humanidade, a religião é uma das manifestações mais óbvias da devassidão da nossa raça. O mais vil de todos os pecados é blasfemar contra Deus colocando outros deuses diante dele. Assim sendo, os pecadores que rejeitam o verdadeiro Deus são, em geral, extremamente religiosos. A religião feita por homens não é uma evidência da nobreza humana, é uma prova da sua própria depravação. A falsa religião é a humanidade no seu estágio mais baixo. Não é a ascendência da humanidade ao seu máximo, mas sim o extravio e a desorientação humana em meio à sujeira do ateísmo. Todas as tendências da religião e do materialismo moderno sublinham esse fato.

A concupiscência incontrolável. Outro passo no declínio espiral da humanidade aconteceu quando o homem se tornou escravo de suas próprias concupiscências: "Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si" (Rm 1.24).

Nada caracteriza mais a sociedade moderna do que a concupiscência. A força e o tamanho da indústria de entretenimento moderna é a prova eloqüente de que a sociedade está completamente entregue à concupiscência. As ferramentas básicas da propaganda são a avareza, a glutonaria e os desejos sexuais. A concupiscência é o grande negócio na nossa cultura.

Quanto mais a concupiscência do homem é alimentada e encorajada, mais e mais aumenta na sociedade a tolerância em relação à indecência, à obscenidade, à pornografia e à outras formas de podridão. Já observamos como os padrões da indústria de entretenimento baixaram dramaticamente nos últimos anos. Cenas gratuitas de sexo e obscenidade são rotineiramente incluídas, até mesmo nos filmes infantis. *Clips* musicais alcançam sucesso com sexo e sujeira. O que a rede televisiva está transmitindo às nossas salas de estar torna-se mais explícito a cada temporada.

Inúmeras vezes, programas diários de entrevistas na televisão apelam desavergonhadamente aos interesses mais lascivos das pessoas. Toda prática pervertida e lasciva concebida é ostentada perante o público durante o dia. Os únicos valores morais que os espectadores parecem ter mantido são a tolerância e uma mente aberta em relação a qualquer tipo de comportamento.

A concupiscência aparece em diversas formas. A palavra grega para concupiscência é *epithumia*, que simplesmente significa "desejo". Os desejos pecaminosos incluem um apetite insaciável por prazer, lucro, poder, prestígio e sexo. Em suma, a concupiscência é um desejo de algo que Deus proibiu. Esses desejos pecaminosos são chamados nas Escrituras de concupiscência da carne (cf. Rm 13.14, Ef 2.3; 2Pe 2.18; 1Jo 2.16). Claramente somos ordenados a nos "abster das paixões carnais, que fazem guerra contra a alma" (1Pe 2.11).

Aqueles que alimentam suas paixões são julgados assim: "Deus entregou tais homens... à imundícia" (Rm 1.24). A expressão "entregou" (no grego: *paradidomi*) é uma palavra que algumas vezes foi usada para indicar que alguém foi mandado para a prisão (Mc 1.14; At 8.3). Fala de um ato judicial de Deus, pelo qual ele retira sua mão repressora de uma pessoa que está com a consciência calejada. Essa pessoa se torna escrava de sua própria concupiscência. Em outras palavras, Deus permite que as conseqüências do próprio pecado levem essa pessoa a uma rota catastrófica. Esse curso de vida, dirigido por uma paixão descontrolada, inevitavelmente reverte nas piores formas de promiscuidade sexual: "... para desonrarem o seu corpo entre si..." (Rm 1.24).

Perversão sexual. Livre da intimidação de uma consciência sã e sem a mão refreadora de Deus, a concupiscência desenfreada inevitavelmente conduz às mais aviltantes e pervertidas formas de pecados sexuais. Os desejos carnais se deterioram e transformam-se em "paixões infames": "Por causa disso, os entregou Deus à paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro" (Rm 1.26,27).

É exatamente essa rota que nossa sociedade tomou. Práticas sexuais que eram quase que universalmente vistas como terrivelmente pervertidas há algumas décadas, hoje são exibidas e celebradas nas ruas. Os homos-

sexuais tornaram-se audaciosos — até mesmo arrogantes — exigindo a aprovação da sociedade às suas perversidades. O pensamento não-bíblico corrompeu de tal maneira a consciência coletiva da sociedade que rapidamente o consenso de solidariedade ao movimento homossexual está crescendo rapidamente. Como nossa cultura abandonou as Escrituras como um padrão, ela não tem autoridade para declarar o homossexualismo como imoral. Algumas poucas consciências ainda se chocam ao pensamento de tal iniqüidade, porém pressões radicais tentam levá-las a pensar que deveriam ter uma mente aberta, ser mais tolerantes, permissivas e até mesmo apoiar esse tipo de perversão. Aqueles que não são totalmente comprometidos com as Escrituras não têm como se defender contra a maré da opinião pública. E assim a consciência coletiva da sociedade é cada vez mais corroída, o que acelera o processo do declínio espiral.

Quão tolerante a nossa sociedade tornou-se em relação às práticas homossexuais? Muitas cidades grandes, agora, patrocinam as festividades anuais do "Orgulho *Gay*", que tem como característica um desfile com carros alegóricos e marchas que exaltam o estilo de vida homossexual. Os noticiários que vemos sobre os desfiles do "Orgulho *Gay*" não contam toda a história. E nem poderiam. Muito do que acontece nessas paradas é tão explícito e tão debochado que capturar tais imagens e colocá-las no noticiário da televisão constituiria na mais indecente forma de pornografia. Essas paradas transformaram-se em comícios para a comunidade homossexual, que tenta ganhar influência na política e impor o seu sistema de valores diferente e fatal ao resto da sociedade. Nessa busca ela tem alcançado um notável sucesso nos últimos anos.

Nova York, por exemplo, inaugurou a primeira escola secundária da nação para homossexuais — Harvey Milk School — assim chamada para homenagear um supervisor da cidade de San Francisco que foi assassinado e também era um homossexual ativista.[8] A escola se localiza, inconvenientemente, na casa paroquial de uma igreja Metodista. Alguns dos alunos da escola são travestis e outros garotos de programa.

Grupos de defesa do homossexualismo existem em abundância, e cada vez mais militantes têm surgido nos últimos anos. Com todo tipo de nomes: Queer Nation (Nação Homossexual), GLAAD (Aliança *Gay* e Lésbica contra a Difamação), ACT-UP (União dos Aidéticos para a Expansão da Força), SQUISH (Força da União Homossexual para acabar com o Heterosexualismo), Dykes on Bikes (As Lésbicas de Moto), Fighting Fairies (A Luta Homossexual), esses grupos praticam um ativismo bem aberto a

fim de chocar, provocar e intimidar alguém que ouse sugerir que o seu estilo de vida é pecaminoso.

Politicamente, os movimentos homossexuais tiveram ganhos substanciais. No primeiro ano de presidência, Bill Clinton designou, no mínimo, dezessete homossexuais e lésbicas para cargos públicos — e então, convidou a todos para uma recepção comemorativa com um café da manhã. "Pela primeira vez na história da humanidade um presidente procurou quebrar esta barreira e este tabu", disse exultante um dos nomeados. "Por isso Bill Clinton entrará para a História."[9]

Governos e tribunais agora estão se unindo num esforço para reconhecer o homossexualismo como um legítimo estilo de vida. Em Wisconsin, duas estudantes colocaram um anúncio procurando uma terceira estudante para dividir sua residência. Por terem rejeitado o formulário de uma candidata que se dizia lésbica, foram forçadas pela Comissão dos Direitos Humanos do Estado a pagar o valor de 1.500 dólares americanos à estudante por terem causado a ela esse embaraço. A Comissão também exigiu que as duas garotas escrevessem uma carta pública de desculpas e freqüentassem uma "aula de reeducação" ministrada por homossexuais.

Esse tipo de doutrinação moral patrocinada pelo governo está ficando cada vez mais comum. As leis dos direitos homossexuais forçaram grupos como os Big Brothers ["grupo de apoio masculino a órfãos"] a colocarem anúncios em jornais homossexuais procurando homens para se corresponderem com garotos sem pais a fim de servirem de companhia ou de modelo para os meninos. Essa organização excluía participantes homossexuais, mas teve que mudar sua política devido às pressões governamentais. Os escoteiros têm sofrido o mesmo tipo de pressão para aceitar um homossexual como chefe do grupo.

A retórica dos ativistas dos direitos homossexuais descreve a homossexualidade em termos completamente não-morais: "é um estilo de vida alternativo", é uma questão de "orientação sexual" de cada um. No âmago da argumentação está a noção de que o comportamento sexual da pessoa não é uma questão de escolha. As tendências homossexuais são determinadas pela genética, não por influências do meio — ou então o argumento continua — portanto, a homossexualidade não pode ser inerentemente imoral. Mas, em primeiro lugar, os pesquisadores ainda não foram capazes de estabelecer que as tendências homossexuais têm alguma causa genética. Mas mesmo se tais causas pudessem ser estabelecidas, isso poderia

alterar o fato de que a Palavra de Deus declara a homossexualidade como imoral? A psicopatologia humanista têm tentado há anos creditar às causas genéticas qualquer tipo de comportamento pecaminoso: alcoolismo, drogas, criminalidade e perversão sexual. Essa linha de argumentação esquece o ponto óbvio que as Escrituras claramente ensinam: nascemos pecadores, o somos desde o útero materno. Todas as pessoas têm uma tendência inata ao pecado. Isso não nos isenta da culpa das ações pecaminosas.

E qual será o próximo "estilo de vida alternativo" ou "orientação sexual" a ser legalizado? O sadomasoquismo — sexo com brutalidade? A bestialidade — sexo com animais? A necrofilia — sexo com cadáveres? Ou talvez a pedofilia — sexo com crianças?

Você pode ficar chocado ao saber que a pedofilia homossexual já tem um grupo advogando em sua defesa: a NAMBLA [Associação de Amor ao Garoto Americano]. O "lema" dessa associação é "sex by eight, before it is too late" [faça sexo aos 8 anos, antes que seja tarde demais]. A organização, que opera abertamente sob a proteção constitucional, até mesmo publica um boletim aos seus membros por todo o país. O editor desse jornal é um professor!

Outros acreditam que o incesto deveria ser legalizado e encorajado. O SEICUS [Conselho Escolar de Informação Sexual dos Estados Unidos] fez circular um documento que sugere que os "pronunciamentos com respeito a incestos" estão todos errados. A culpa causada pela quebra dos tabus é mais danosa do que a prática em si mesma, diz o documento. Lamentam que o tabu do incesto "tenha impedido a investigação científica", e chamam aqueles que são "corajosos para descobrir o que realmente está acontecendo" para lançarem um programa agressivo de pesquisa sobre o incesto.[10] O SEICUS, a propósito, é o mesmo grupo que foi tão influente no estabelecimento da educação sexual no programa da escola pública em todo o país.

Parece que a sociedade se tornou tão tolerante que nenhum comportamento é tão pervertido para deixar de ser abertamente defendido. Tudo isso é uma evidência terrível de que Deus abandonou a nossa sociedade pecaminosa às suas paixões infames. O humanismo desumanizou a nossa cultura.

O que é mais estarrecedor é que muitas igrejas e denominações agora estão ordenando homossexuais praticantes ao ministério. As comunidades homossexuais têm até mesmo suas próprias denominações, das quais algumas professam ser evangélicas. Mais e mais pessoas dentro da comunidade

evangélica estão dizendo que, afinal de contas, a homossexualidade talvez não seja pecaminosa. Muitos líderes parecem relutantes em aceitar um padrão bíblico intransigente.

Porém a Bíblia é clara. Ela condena a homossexualidade com termos explícitos e inegáveis. A lei do Antigo Testamento agrupou a homossexualidade junto com o incesto, a bestialidade e outras perversões; a penalidade para essa prática era a morte (Lv 20.13; cf. v.11-16). Em Romanos 1 Paulo claramente ensina que as práticas homossexuais são "atos torpes" (v. 27), dirigidos por "paixões infames" (v. 26). O apóstolo listou a homossexualidade como a forma mais baixa da degradação humana: "tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e pecadores, irreverentes, e pecadores, ímpios e profanos, patricidas e madricidas, homicidas, impuros, sodomitas, raptores de homens, mentirosos, perjuros e para tudo que quanto se opõe à sã doutrina" (1Tm 1.9, 10). Ele escreveu, "Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus" (1Co 6.9, 10).

Não há esperança para os homossexuais? Graças a Deus, há. Aqueles que se arrependerem e nascerem de novo em Cristo podem ser libertos dos pecados que de outra forma os destruiriam. Imediatamente após dar essa longa lista dos tipos de pessoas que não herdarão o Reino dos Céus, Paulo escreveu aos crentes de Coríntios: "*tais fostes alguns de vós*; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (v.11, ênfase acrescentada).

Homossexuais não-arrependidos, de acordo com as Escrituras, "recebem, em si mesmos, a merecida punição de seu erro" (Rm 1.27). E a sociedade que tolera tais pecados também é julgada. Qual é a "merecida punição do seu erro"? As conseqüências do seu pecado. A Aids é com certeza um aspecto disso. Mas um julgamento até mesmo pior, o golpe temporal final vindo da mão justa de Deus, é quando ele "os entrega a uma disposição mental reprovável" (v. 28). Eles depreciam tanto a espiritualidade como a moralidade. A consciência parece ter sido banida completamente. Eles estão livres para se permitirem praticar os atos demoníacos que amam tanto — "contrários à natureza" — até se encherem completamente com a injustiça.

A Morte da Consciência

É perturbador notar como o declínio da nossa sociedade corresponde precisamente à descrição de Paulo da espiral descendente do pecado. Maurice Roberts escreveu:

> O movimento da História fechou o círculo. Estamos, como civilização, de volta à mesma situação descrita pelo apóstolo Paulo no primeiro capítulo da Epístola aos Romanos...
>
> Houve uma época quando os comentaristas da Bíblia explicavam o capítulo 1 de Romanos mais ou menos apenas sob o prisma do primeiro século do mundo romano. Mas aqueles dias se foram para sempre. O cristão moderno do Ocidente agora pode ver a si mesmo na arena de uma sociedade reprovável tanto quanto os apóstolos. O estado da religião e dos costumes modernos é exatamente semelhante àquele da era apostólica e pode ser resumido em uma palavra: *decadência*. A Roma pagã teria muito pouco a ensinar ao homem moderno que ele ainda não conheça sobre a maldade sofisticada. A Grécia pagã, o Egito pagão, a Babilônia pagã poderiam até mesmo aprender com esta geração uma ou duas coisas sobre como afastar a luz do evangelho e sobre como aumentar a grande massa das provocações do homem.
>
> O que faz com que o leitor da Bíblia fique mais triste com tudo isso é o reconhecimento de que a sociedade atual não aprendeu nada com o passado ou com os dois mil anos de produção e impressão da Bíblia, mas está repetindo os mesmos vícios que sempre levam Deus a entregar o mundo à sua própria sensualidade e destruição.[11]

Talvez seja mais penoso perceber que já alcançamos o estágio final. A consciência já se calou. Nada foi deixado para instruir o comportamento do homem além da sua própria mente depravada. A mente se transformou em uma ferramenta da paixão incontida:

> E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídios, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais

coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem (Rm 1. 28-32).

Pela terceira vez no espaço de cinco versos, Paulo usou a palavra *paradidomi*, "os entregou". Primeiro ele disse "Deus entregou tais homens à imundícia "(v.24); então, "Deus os entregou à paixões infames"(v.26); "Deus os entregou à uma disposição mental reprovável"(v.28). Perceba a progressão descendente. Novamente, isso faz paralelo com o declínio que se tem verificado na sociedade contemporânea ao longo das últimas três ou quatro décadas. Aquele que lê os versos acima podem negar que eles descrevem nossa sociedade atual com uma precisão fantástica? A mente é moralmente inútil. Ela não consegue discernir entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Poderia-mos assumir que alguém imaginaria que um padrão moral bíblico retificaria muito do que está errado com a nossa sociedade, mas aquela idéia simples e racional escapa à mente reprovável. Pecadores confessos logicamente não podem pensar de modo lógico sobre questões morais. A própria consciência está vitimizada!

Num ato final de julgamento temporal, Deus abandonou completamente as pessoas às perversidades que elas amam tanto: "injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia" (vs. 29-31).

A palavra traduzida como "desamor" é *astorgos*, que literalmente significa "sem afeição natural" — e é assim traduzida na versão King James em inglês . Essa expressão fala daqueles que não têm o amor instintivo pela família — como mães que abandonam seus filhos, maridos que batem na esposa, filhos que desprezam os pais, pais que molestam os filhos, ou irmãos e irmãs que odeiam um ao outro. A nossa sociedade está repleta desse mal; talvez nenhuma outra descrição melhor caracterize a nossa sociedade contemporânea do que dizer que as pessoas não têm afeição natural.

Os outros itens na lista de Paulo — como avareza, inveja, arrogância, orgulho, invenção de males, desobediência aos pais, falta de misericórdia, aborrecimento de Deus — descrevem perfeitamente os traços mais visíveis da sociedade moderna. Não que a geração anterior não tivesse tais maldades. Mas, ao contrário dos nossos antepassados, as pessoas em nossos dias abertamente exibem tais pecados com uma arrogância desavergonhada. "Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que

tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem"(v.32). Algo está séria e desesperadamente errado com a nossa cultura.

O homem que segue a cultura mais do que a Palavra de Deus é totalmente indesculpável. Paulo escreve no versículo 32 "conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam". A sua própria consciência testemunha contra ele. Ele agora pode anular o senso de culpa, mas quando for prestar contas a Deus, sua própria consciência se levantará contra ele.

Aqueles que lidam de maneira falsa com sua consciência se colocam sob a ira de Deus, até mesmo em vida. "Deus os entregou a uma disposição mental reprovável" (v.28). Em outras palavras, isso confirma que o prejuízo que eles trouxeram à sua própria consciência é o castigo imediato de Deus contra eles. Jesus disse "O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más" (Jo 3.19). Aqueles que rejeitaram a luz estão condenados a viver nas trevas. Deus os entregou à suas próprias depravações e a consciência deles não funciona mais corretamente.

É uma situação terrível e lamentável. Nossa sociedade abertamente desculpa e defende as piores formas de maldade. Como bem sabemos, a civilização chegou ao mais profundo nível de corrupção e permanece sob uma sentença de condenação divina. A consciência do homem foi cauterizada, degradada, subjugada, obstruída e derrotada. Sem uma consciência ativa, as pessoas estão destinadas a afundar cada vez mais profundamente em suas perversidades. A humanidade meramente está acumulando contra si ira para o dia da ira (cf Rm 2.5).

Ainda há esperança? Para aqueles dispostos a se arrepender e seguir a Cristo, há. Eles podem "salvar-se dessa geração perversa" (At 2.40). A consciência deles pode ser renovada e purificada (Hb 9.24). Eles podem tornar-se novas criaturas (2Co 5.17).

A própria sociedade pode ser salva? Sem um reavivamento em larga escala, certamente não. A menos que multidões se rendam a Cristo, a espiral descendente com certeza continuará. Com tantas consciências enfraquecidas e tantos corações endurecidos, seria necessário um reavivamento de proporções sem precedentes para mudar a espiral descendente da nossa cultura. Os problemas são espirituais e não podem ser resolvidos pela política e pela educação. Os cristãos que acreditam que o ativismo político pode reverter as tendências da nossa sociedade não entendem a natureza do problema.

Os verdadeiros crentes devem perceber que a condição na qual a nossa sociedade se encontra é o resultado do justo julgamento de Deus. Deus não comissionou o seu povo para reconstruir a sociedade. Não fomos chamados para gastar nossas energias em reformas morais. Somos sal — um conservante para uma geração caída (Mt 5.13). Somos luz designada a brilhar de uma maneira que capacite as pessoas a verem nossas boas obras e glorifiquem nosso Pai Celestial (vs.14-16). Em outras palavras, nossa tarefa básica é pregar a verdade da Palavra de Deus, viver em obediência à aquela verdade e nos manter limpos pela palavra (Tg 1.27). A nossa influência na sociedade deve ser fruto desse tipo de vida, não o produto de uma energia carnal ou de um poder político.

O que podemos fazer, e *devemos* fazer, é conservar a nossa consciência pura. Devemos saturar nossa mente e nosso coração com a verdade das Escrituras, e nos recusar a ceder ao espírito da nossa era. Para fazer isso, devemos entender a nossa própria pecaminosidade e conhecer a maneira de trabalhar com nossos pecados. Esse será o foco do próximo capítulo.

Notas

1. Charles W. Colson, "The Enduring Revolution: 1993 Templeton Address" (panfleto) "Sources, No. 4" (Washington: Wilberforce Forum, 1993), 4-5.
2. Robert L. Vernon, *L. A. Justice* (Colorado Springs; Focus on the Family, 1993), 209-212.
3. *Ibid.*, 213.
4. D. Martym Lloyd-Jones, *The Plight of Man and the Power of God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1945), 14.
5. Heródoto, *The Histories*, 1:31.
6. Agostinho, *The City of God*, 4:31.
7. Luciano, *The Syrian Goddess*, 34.
8. Dennis A. Williams e Susan Agrest, "A School for Homossexuals", *Newsweek* (17 Junho de 1985), 93.
9. "Quotable", *Daily News* (3 de Novembro de 1993), 6.
10. Benjamim DeMott, "The Pro-Incest Lobby", *Psychology Today* (março de 1980), 11.
11. Maurice Roberts, "God Gave Them Up", *The Banner of Truth* (outubro de1993), 3-4.

Parte II

A Natureza do Pecado

Devemos entender a natureza do pecado — especificamente a nossa própria pecaminosidade — antes de poder entender como lidar com ela, no íntimo e no exterior. Se queremos revitalizar a nossa consciência desvanecida, primeiro devemos entender a natureza do pecado. Uma vez conhecido o inimigo, seremos capazes de aplicar as estratégias bíblicas para a obtenção da verdadeira vitória sobre ele (o foco da Parte III). A parte II deste livro nos oferece especificamente esta compreensão, mostrando como e por que a consciência é silenciada pelo pecado.

O capítulo 4: "O Você Quer Dizer Com Totalmente Depravado?", explica a doutrina da depravação exposta por Paulo em Romanos 1 a 3. Ele também introduz o credo da auto-estima da psicologia moderna como o principal obstáculo ao entendimento da profundidade da pecaminosidade humana. Ele mostra que o foco da sociedade está no ego, não em Deus.

O capítulo 5: "O pecado e sua Cura", examina a natureza do pecado e como tentamos justificá-lo. Explora o problema teológico da origem do pecado e do mal e como eles se encaixam na providência divina. Depois ele retoma o tema da libertação do pecado por meio da união com Cristo e do novo nascimento.

O capítulo 6, "A Conquista do Inimigo Interior", examina algumas tentativas religiosas desorientadores de lidar com o pecado. Ele expõe o perigo do perfeccionismo e examina os diversos grupos perfeccionistas na história da igreja. Mostra a importância de manter uma relação equilibrada entre a santificação e a justificação. Ele trata do significado real de ser "liberto do pecado".

Capítulo 4

O Que Você Quer Dizer Com: "Totalmente Depravado"?

Um cego não é capaz de diferenciar entre uma obra-prima de Ticiano ou Rafael e o rosto de uma rainha na tabuleta de uma aldeia. Um surdo não distingue entre o som de uma moeda que cai do som de um órgão na catedral. Certos animais que têm um cheiro extremamente desagradável para nós, não têm idéia de quão desagradável o seu cheiro efetivamente é, uma vez que não é desagradável entre eles. E o homem, o homem caído, eu creio, não tem a menor idéia de quão desprezível é o pecado à vista do Deus cuja obra é absolutamente perfeita.

J. C. Ryle[1]

Nenhum conceito é mais importante para os gurus da psicologia moderna do que a auto-estima. De acordo com o credo da auto-estima, não há pessoas más — há apenas pessoas que pensam mal de si mesmas.

Durante anos, especialistas em educação, psicólogos e um número crescente de líderes cristãos conferiram à auto-estima a panacéia para todo tipo de sofrimento humano. De acordo com a idéia central dessa doutrina, se a pessoa se sentir bem a respeito de si mesma, ela se comportará melhor, terá poucos problemas emocionais e obterá mais conquistas. É nos dito que as pessoas com alta auto-estima têm menos probabilidade de cometer crimes ou imoralidades, fracassar nos estudos ou apresentar problemas de relacionamentos.

A fé cega da auto-estima

Defensores da auto-estima alcançaram um sucesso notável convencendo as pessoas de que ela é a solução para qualquer aflição. Uma pesquisa revelou que a maioria das pessoas vê a auto-estima como a única e a mais importante motivação para um trabalho difícil e para o sucesso. De fato, a auto-estima marca muito mais pontos do que o senso de responsabilidade e o medo do fracasso.[2]

Mas a auto-estima realmente funciona? A auto-estima, por exemplo, promove uma realização superior? Há muitas evidências que sugerem o contrário. Num estudo recente, um teste padronizado de matemática foi aplicado em adolescentes de seis países diferentes. Além das questões de matemática, a prova pedia que os estudantes respondessem sim ou não à questão: “Eu sou bom em matemática?” Os americanos tiveram a pontuação mais baixa, muito longe dos coreanos que conseguiram a pontuação mais alta. Ironicamente, mais de três quartos dos coreanos haviam respondido “não” à pergunta: “Eu sou bom em matemática”? Num contraste agudo, 68 por cento dos americanos achavam que sua capacidade para matemática era ótima.[3] Nossas crianças podem ser reprovadas em matemática, mas é óbvio que se sentem muito bem quanto ao que estão fazendo.

Moralmente, a nossa cultura está exatamente no mesmo barco. Fortes evidências empíricas sugerem, como temos visto, que a sociedade está num tempo de moral completamente baixa. É de se esperar que a auto-estima das pessoas também esteja sofrendo. Mas as estatísticas mostram que os

americanos estão se sentindo melhor a respeito de si mesmos do que nunca. Numa pesquisa realizada em 1940, 11 por cento das mulheres e 20 por cento dos homens concordaram com a afirmação: "Eu sou uma pessoa importante". Na década de 90, esses números subiram para 66 por cento nas mulheres e 62 por cento nos homens.[4] Noventa por cento das pessoas pesquisadas pelo Gallup disseram que seu próprio senso de auto-estima era forte e saudável.[5] Inacreditavelmente, enquanto a estrutura da moral da sociedade continua a se desfazer, a auto-estima prospera. Parece que todo o pensamento positivo do homem não faz nada para elevar a cultura ou motivar as pessoas a viverem melhor.

Será que de fato a baixa auto-estima é o grande problema do homem atual? Será que alguém, de coração, acredita que fazer o homem sentir-se melhor consigo mesmo estará contribuindo para o problema do crime, da decadência moral, do divórcio, do abuso infantil, da delinqüência juvenil, dos vícios e de outros males que levaram a sociedade a um nível tão baixo? Será que haveria tantas coisas erradas em nossa sociedade se as pressuposições da teoria da auto-estima estivessem certas? Imaginamos realmente que uma dose maior de auto-estima finalmente resolveria os problemas da sociedade? Há alguma evidência, ainda que mínima, que apóie tal crença?

É claro que não. Um artigo da revista *Newsweek* sugeriu que a "defesa da auto-estima... é mais uma questão de fé do que de pedagogia científica — fé de que pensamentos positivos podem fazer manifestar a bondade inerente em alguém".[6] Em outras palavras, a idéia de que elevar a auto-estima faz o homem melhor é simplesmente uma questão de fé religiosa cega. Não somente isso, mas é uma religião contrária ao Cristianismo, porque erroneamente está baseada na pressuposição antibíblica de que o homem é basicamente bom e precisa reconhecer a sua própria bondade.

A igreja e o culto à auto-estima

No entanto, entre os mais convincentes proponentes da religião da auto-estima sempre estiveram incluídos clérigos. A doutrina do "pensamento positivo" de Norman Vincent Peale, popular há uma geração, foi simplesmente um exemplo inicial dessa tendência. Peale escreveu *O Poder do Pensamento Positivo* em 1952.[7] O livro começa com estas palavras: "Acredite em você! Também fé em suas habilidades!" Na introdução, Peale chama o livro de um "manual de desenvolvimento pessoal... escrito com o único objetivo de ajudar o leitor a ter uma vida feliz, satisfatória e de valor".[8]

O livro foi comercializado como terapia motivacional e não teologia. Mas, segundo Peale, o sistema inteiro é nada mais que "Cristianismo aplicado; um sistema simples, ainda que científico, de técnicas práticas para o sucesso na vida, que funciona".[9]

A maior parte dos evangélicos foi lenta em aceitar um sistema que convidava as pessoas a terem fé em si mesmas em vez de depositarem a fé em Jesus Cristo. A auto-estima, como esboçada por Norman Vincent Peale, foi o resultado do liberalismo teológico casado com a neo-ortodoxia.

Evidentemente o tempo corroeu a resistência dos evangélicos a tal doutrina. Agora muitos dos livros mais vendidos nas livrarias evangélicas promovem a auto-estima e o pensamento positivo. Até mesmo a *Newsweek* comentou a tendência. Notando que a auto-estima é considerada atualmente nada menos do que "religiosamente correta", a revista comentou:

> O conceito [da auto-estima] pode confundir uma pessoa que seja antiga o bastante para lembrar-se de um tempo quando "cristão" como adjetivo era quase sempre seguido por "humildade". Mas as igrejas norte-americanas, que antes não se esquivavam de chamar seus congregados de perversos, têm mudado em direção a uma visão mais agradável da natureza humana... Punir pecadores é considerado contraproducente: faz com que o homem se sinta pior em relação a ele mesmo.[10]

Com certeza, quem mais influencia a venda de livros sobre a auto-estima aos evangélicos é o discípulo mais conhecido de Norman Vincent Peale, o Dr. Robert Schuller. No seu programa semanal na TV, que é assistido por milhões de pessoas em todo mundo: "Hour of Power" [A Hora do Poder], ele promove de maneira implacável a "teologia" da auto-estima. Mais do que qualquer outra fonte, esse meio de comunicação e exibição defendeu e normatizou a auto-estima para a igreja em nossos dias. Isso alimentou um forte movimento que gerou a fome desse ensino. Na verdade, essa é a intenção do programa.

Diferente de Peale, que até há poucos anos não tinha a pretensão de ser evangélico, Schuller sempre usou em seus ensinos a terminologia da teologia reformada, conservadora e tradicional. Ele fala de conversão, apela aos descrentes para nascerem de novo, e afirma a necessidade de um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Mas o verdadeiro ensino de Schuller deve muito mais à neo-ortodoxia do que ao evangelicalismo. De

fato, sua doutrina de auto-estima reflete o *humanismo secular*, um sistema não-religioso de pensamento, que coloca o ser humano, seus valores e suas necessidades acima da glória de Deus.

Se esse ensino estiver gravemente errado, e estou convencido de que está, ele tem que ser refutado e a igreja precisa ser avisada do perigo (Tt 1.9).

J.C. Ryle censurou a tendência da sua era de tolerar uma teologia gravemente aberrante, sob o título de magnanimidade e caridade:

> A tendência do pensamento moderno é rejeitar dogmas, credos e todo tipo de limite na religião. Pensar de modo nobre e sábio é não condenar qualquer opinião que apareça, e declarar que os professores mais sérios e inteligentes são fidedignos, não importando o quanto suas opiniões possam ser heterogêneas e mutuamente destrutivas. Tudo, ironicamente, é verdadeiro e nada é falso! Todos estão certos e ninguém está errado! Provavelmente todos serão salvos e ninguém será perdido![11]

O amor cristão exige que andemos na verdade (2Jo 2.6) e que não nos tornemos cegos ao erro. Porque eu prego e informo, minha pregação tem que estar apoiada, de uma forma responsável, na Palavra de Deus. E a de todos os pregadores também. Por favor, entendam que minha crítica aos ensinos do Dr. Schuller de maneira nenhuma é um ataque à sua pessoa. Minha preocupação é totalmente doutrinária e não pessoal. Devido à forte influência do seu ensino na igreja contemporânea mundial, é necessário que o deixemos falar por si mesmo, e então mensuremos o que ele diz por meio da pura Palavra de Deus.

A santificação do orgulho humano?

Robert Schuller diz que "o 'desejo do amor-próprio' é o mais profundo de todos os desejos humanos".[12] Longe de ser um pecado, ele diz, a paixão do homem pelo amor-próprio é uma coisa boa e deveria ser encorajada, promovida e alimentada. Ele rotula a histórica aversão eclesiástica ao orgulho como "neurótica" e argumenta que o homem deveria ser ensinado a não temer o orgulho humano.[13] Ele escreveu "*The cross sanctifies the ego trip*" [A cruz santifica a viagem do ego][14] . Ampliando essa afirmação num programa de entrevistas ele declarou: "Jesus tinha um ego. Ele disse: 'Quando eu for levantado, atrairei todos a mim mesmo'. Puxa, que viagem ao ego ele fez!"[15]

De acordo com Schuller, "o pecado é uma ofensa psicológica a si mesmo".[16] Mais especificamente, "o pecado é qualquer ato ou pensamento que rouba a minha auto-estima ou a de qualquer ser humano", e o inferno é simplesmente a perda do orgulho que se segue a tal ato.[17]

Tais afirmações podem se ajustar aos ensinos bíblicos de que o orgulho foi o primeiro pecado, que resultou na queda de Satanás (cf. Is 14.12-14), bem como na de Adão (Gn 3)? As palavras de Jesus sobre o publicano que lamentou o seu desmerecimento concordam com essas afirmações? Jesus apontou aquele homem como um exemplo de verdadeiro arrependimento (Lc 18.13, 14).

Na teologia da auto-estima, entretanto, "um profundo senso de desmerecimento" não é virtude, é incredulidade.[18] Muito mais, conforme essa doutrina, "O pecado mais sério é aquele me leva a dizer: 'Eu não presto. Talvez eu não tenha direito à filiação divina se o meu pior lado for examinado'. Porque uma vez que a pessoa acredite que é um 'desprezível pecador' é questionável se ela pode na verdade, honestamente, aceitar a salvação graciosa que Deus oferece em Jesus Cristo".[19] O Dr. Schuller até mesmo sugere que o "excesso de oração de confissão de pecados e arrependimento destroem a saúde emocional dos cristãos ao alimentar o seu sentimento de desmerecimento".[20]

Aqueles que tomam a Bíblia inteira como verdade, provavelmente conjeturam de uma maneira diferente. Davi orou, "Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51.17). Na primeira das suas bem-aventuranças Jesus disse: "Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5.3). Tiago escreveu, "Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará" (Tg 4.8-10). A Escritura também diz, "Antes da ruína, gaba-se o coração do homem, e diante da honra vai a humildade" (Pv 18.12; cf. Pv 15.33). "Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte" (1Pe 5.5, 6). "Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado" (Mt 23.12).

Em uma recente entrevista de rádio perguntaram ao Dr. Schuller como ele concilia seus ensinos com os versículos acima. Na sua resposta, ele disse que, "só porque isso está na Bíblia não significa que você deva

pregá-lo".[21] Apropriando-se de um erro rudimentar da neo-ortodoxia, ele acaba com a autoridade bíblica, estabelecendo uma falsa dicotomia entre a autoridade de Cristo e a autoridade da sua palavra ("Cristo é o senhor das Escrituras e não as Escrituras o senhor de Cristo"... "A Bíblia não deve disputar a glória com o Senhor").[22] Ele repercute o conceito comum da neo-ortodoxia que diz que as palavras de Jesus são um "terreno mais seguro" para se construir um ministério do que os escritos do apóstolo Paulo".[23] Schuller tem uma aversão particular à expressões como "a ira de Deus": "*Nunca* vou falar desse modo", disse ao anfitrião de um programa de entrevistas. "Estou interessado em atrair as pessoas e não em afastá-las... Se formos sábios, não usaremos certas expressões em alguns momentos."[24] Por quê ? Porque de acordo com o Dr. Schuller, "a mensagem do Evangelho não é apenas imperfeita, mas potencialmente perigosa se ela rebaixar a pessoa na tentativa de erguê-la".[25]

De fato, Schuller afirma que o "defeito básico" do Cristianismo contemporâneo é a nossa "falha em proclamar o Evangelho de uma maneira capaz de satisfazer a necessidade mais profunda de cada pessoa — sua fome espiritual de glória".[26] Ele diz que a igreja deveria glorificar o ser humano e reinterpretar o pecado de uma maneira que não fira a auto-estima da pessoa.[27] "O que precisamos", ele declara, "é de uma teologia de salvação que comece e termine com o reconhecimento da fome de glória de cada um."[28]

E a glória de *Deus*? De acordo com a nova teologia da auto-estima, esse ponto de partida é errado: "A teologia clássica errou ao insistir que a teologia seja "centrada em Deus" e não "centrada no homem".[29] "Isso é parte do motivo pelo qual a igreja está hoje numa situação desagradável", alega o Dr. Schuller.[30] Na sua consideração "A Teologia da Reforma" [também] falhou ao não afirmar que o âmago do pecado é a falta da auto-estima".[31] Assim, ele convoca um novo ponto de partida para a nossa fé — além das Escrituras, além da doutrina de Deus. Esse novo ponto de partida, ele sugere, deve ser uma ênfase na glória da humanidade. "A 'Dignidade da Pessoa'", escreve Schuller, "será então a nova marca desta linha teológica."[32] "E o resultado será a fé que trará glória para a raça humana."[33]

O que é o homem para que dele te lembres?

Mas seria a glória do homem um objetivo válido? Deus disse, "Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura" (Is 42.8). "Por amor do meu

nome, retardarei a minha ira e por causa da minha honra me conterei para contigo, para que te não venha a exterminar. Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata; provei-te na fornalha da aflição. Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto; porque como seria profanado o meu nome? *A minha glória, não a dou a outrem*" (Is 48.9-11; ênfase acrescentada). Em outras palavras, Deus estende sua longanimidade, graça e misericórdia à humanidade não porque somos dignos de merecimento, mas por amor do seu nome — por amor da sua própria glória, não da nossa. "Senhor, *que é o homem* para que dele tomes conhecimento? E o filho do homem, para que o estimes? O homem é como um sopro; os seus dias, como a sombra que passa (Sl 144.3, 4, ênfase acrescentada; cf. Jó 7.17; 15.14; Sl 8.4; Hb 2.6).

Por outro lado, o evangelho de acordo com a teologia da auto-estima diz: "Devemos dizer às pessoas em qualquer lugar, que Deus quer que elas se sintam bem consigo mesmas".[34]

Deus realmente quer que todas as pessoas se sintam bem consigo mesmas? Ou ele primeiro quer que os pecadores reconheçam a total impotência do seu estado? Essa resposta é obvia para aqueles que deixam a Escritura falar por si mesma.

A teologia da auto-estima é forçada a redefinir o pecado de uma maneira que minimiza a ofensa a Deus: "O âmago do pecado é uma auto-estima negativa".[35] Em outras palavras, pecado — de acordo com o evangelho da auto-estima — é uma ofensa contra a glória *humana*. É uma transgressão contra nós mesmos, contra a nossa própria dignidade — não necessariamente uma ofensa contra Deus ou seus mandamentos. De fato, a definição teológica clássica do pecado como rebelião contra Deus é agora considerada "superficial e insultante".[36]

Robert Schuller vai ainda mais longe quando nega que a natureza humana caída é verdadeiramente má: "Por natureza somos medrosos, não maus... Chame isso de "auto-imagem negativa", mas não diga que a essência da alma humana é má. Se assim fosse, aí então verdadeiramente, o ser humano seria completamente depravado".[37]

Entendendo a doutrina da depravação total

A Bíblia, é claro, nos ensina do início ao fim que toda a humanidade está completamente depravada. Paulo diz que as pessoas não-redimidas estão "mortas nos seus delitos e pecados" (Ef 2.1). Sem salvação, todo o homem anda segundo o curso deste mundo e na desobediência (v. 2). Nós,

que conhecemos e amamos o Senhor "Andamos outrora segundo as inclinações da nossa carne, fazendo as vontades da nossa carne e dos pensamentos; e éramos por natureza, filhos da ira, como também os demais" (v. 3). Nós estávamos separados da "comunidade de Israel e [éramos] estranhos à aliança da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo (v. 12)."

Nessas passagens Paulo descreve o estado de separação dos descrentes em relação a Deus. As palavras de Paulo não podem ser mudadas para apoiar as afirmações do Dr. Schuller, que diz que o problema do homem é o medo e não a depravação. De fato Paulo diz, "Não há temor de Deus" no não-regenerado (Rm 3.18). Antes da salvação, éramos inimigos de Deus (Rm 5.8,10). Nós éramos "estranhos e inimigos no entendimento pelas [nossas] obras malignas" (Cl 1.21). As paixões da carne postas em realce pela lei de Deus, operavam em nossos membros (Rm 7.5). Éramos tentados pelo pecado em cada parte do nosso ser. Éramos corruptos, maus e completamente pecaminosos.

Os teólogos referem-se a essa doutrina como "Depravação total". Isso não significa que os pecadores descrentes sejam tão maus quanto poderiam ser (cf. Lc 6.33; Rm 2.14). Isso não significa que a expressão da natureza pecaminosa humana seja sempre evidenciada no seu máximo. Isso não significa que os descrentes não sejam capazes de atos de bondade, benevolência, boa vontade ou altruísmo. Com certeza isso não significa que os não-cristãos não possam apreciar a bondade, a beleza, a honestidade, a decência e a excelência. E isso significa que nenhuma dessas coisas tem qualquer mérito para Deus.

A depravação também significa que o mal contaminou cada aspecto da humanidade — coração, mente, personalidade, emoções, consciência, razões e vontade (cf. Jr 17.9; Jo 8.44). Pecadores não-redimidos, portanto, são incapazes de fazer qualquer coisa para agradar a Deus (Is 64.6). São incapazes de verdadeiramente amar o Deus que se revela nas Escrituras. São incapazes de exercer a obediência de coração, e com os motivos corretos. São incapazes de entender as verdades espirituais. São incapazes de ter fé genuína. E isso quer dizer que são incapazes de agradar a Deus ou de buscá-lo (Hb 11.1).

Depravação total significa que os pecadores não têm capacidade para fazer o bem espiritual ou obras para a própria salvação dos pecados. Não são, de maneira alguma, propensos a amar a justiça, estão completamente mortos em pecados, não podem salvar a si mesmos e nem mesmo conseguem se ajustar à salvação divina. A humanidade descrente não tem capacidade

de desejar, entender, crer ou aplicar a verdade espiritual: "Ora o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1Co 2.14). Apesar de tudo isso, as pessoas se *orgulham* de si mesmas! A falta da auto-estima não é a questão.

Por causa do pecado de Adão, esse estado de morte espiritual, chamado de depravação total, passou para toda a humanidade. Outro termo usado para isso é "pecado original". A Bíblia o explica da seguinte maneira: "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram" (Rm 5.12). Quando Adão, como o cabeça da raça humana, pecou, toda a raça corrompeu-se. "Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores..." (Rm 5.19). Como isso pôde acontecer, tem sido matéria para discussão teológica há séculos. Para nossa finalidade, entretanto, é suficiente afirmar que as Escrituras claramente ensinam que o pecado de Adão trouxe culpa para toda a raça. Estávamos "em Adão" quando ele pecou, e assim a culpa do pecado e a sentença da morte passou a todos nós: "Em Adão, todos morreram" (1Co 15.22).

Podemos ser tentados a pensar: *"Se sou um pecador desde o nascimento e nunca tive uma natureza moralmente neutra*, como *posso ser responsabilizado por ser pecador?* Mas a nossa natureza corrupta é exatamente a razão pela qual nossa culpa é uma questão tão séria. O pecado flui de dentro da nossa alma. É por causa da natureza pecaminosa que cometemos atos pecaminosos: "Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos esses males vêm de dentro e contaminam o homem" (Mc 7.21-23). Nós "éramos, por natureza, filhos da ira de Deus" (Ef 2.3). O pecado original — incluindo todas as tendências corruptas e paixões pecaminosas da alma — é tão merecedor dos castigos quanto todos os nossos atos pecaminosos voluntários. Mas, afinal, o que é o pecado senão *anomia* — transgressão da lei (1Jo 3.4)? Ou como diz o Breve Catecismo de Westminster: "Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus ou transgressão da lei de Deus" (p.14). Longe de ser uma desculpa, o pecado original em si mesmo é a razão central da nossa culpa. E o pecado original em si mesmo é suficientemente consistente para a nossa condenação perante Deus.

Além disso, o pecado original com sua resultante depravação é a razão pela qual cometemos atos voluntários de pecado. Martyn Lloyd-Jones escreveu:

> Por que é que o homem sempre escolhe pecar? A resposta é que o homem abandonou a Deus, e como resultado, toda a sua natureza tornou-se depravada e pecaminosa. Toda a tendência do homem está distante de Deus. Por natureza, ele odeia a Deus e sente que Deus é contrário a ele. Ele é seu próprio deus, sua própria capacidade e poder, seu próprio desejo. Ele contesta toda a idéia de Deus e as exigências que Deus coloca sobre ele... Além disso, o homem gosta das coisas que Deus proibiu e as cobiça, e não gosta das coisas e do tipo de vida que para as quais Deus o chama. Essas não são meras afirmações dogmáticas. São fatos... Eles por si só explicam a desordem moral e a feiúra que caracterizam a vida atual em tamanha extensão.[38]

A salvação do pecado original é somente por meio do sangue de Cristo: "Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos" (Rm 5.19). Somos nascidos em pecado (Sl 51.5), e para nos tornarmos filhos de Deus e entrarmos no Reino de Deus, necessitamos nascer de novo por meio do Espírito de Deus (Jo 3.3-8).

Em outras palavras, contrário ao que pensa a maioria das pessoas — contrário às pressuposições da doutrina da auto-estima: homens e mulheres não são naturalmente bons. O contrário é verdadeiro. Por natureza somos inimigos de Deus, pecadores, amantes de nós mesmos e escravos de nossos próprios pecados. Estamos cegos, surdos e mudos para questões espirituais, incapazes até mesmo de crer não fora a intervenção graciosa de Deus. No entanto, ainda somos implacavelmente orgulhosos. De fato, nada ilustra mais a perversidade humana do que o desejo da auto-estima. E o primeiro passo para uma auto-imagem adequada é o reconhecimento de que esses fatos são verdadeiros.

Por isso Jesus *aprovou* o publicano — em vez de censurá-lo por sua baixa auto-estima — quando o homem bateu no peito e pediu: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18.13). O homem finalmente tinha chegado ao ponto em que viu a si mesmo como realmente era. Ficou tão dominado que essa emoção liberou atos de autocondenação. A verdade é que sua auto-estima nunca tinha sido tão saudável quanto naquele momento. Agora,

livre do orgulho e da pretensão, sabia que não havia nada que ele pudesse fazer para obter o favor divino. Então, ele pediu a misericórdia de Deus. E, portanto, "desceu justificado para casa" – exaltado por Deus porque ele havia se humilhado (v.14). Pela primeira vez, ele estava numa posição em que podia compreender a verdadeira alegria, a paz com Deus e um novo sentimento de valorização própria, que é garantido pela graça de Deus àqueles que ele adota como seus filhos (Rm 8.15).

Todos pecamos e caímos

No fundo do coração, todos sabemos que há algo muito errado conosco. Nossa consciência constantemente nos confronta com nossa própria pecaminosidade. Podemos tentar culpar os outros ou procurar explicações psicológicas para esses sentimentos, mas não podemos fugir da realidade. Em última análise, não podemos negar a nossa própria consciência.Todos sentimos culpa, e todos, no íntimo, conhecemos a terrível verdade sobre quem somos em nosso íntimo.

Sentimos culpa porque *somos* culpados. Somente a cruz de Cristo pode responder ao pecado de uma maneira que nos liberte da dor da nossa vergonha. A psicologia pode disfaçar um pouco do sofrimento causado pela nossa culpa. A auto-estima pode varrê-la para debaixo do tapete por um tempo. Outras coisas — procurar conforto em relacionamentos, culpar outros pelos nossos problemas — talvez possam nos fazer sentir melhor, mas o alívio é apenas superficial. E perigoso. De fato, ele freqüentemente intensifica a culpa, porque adiciona desonestidade e orgulho ao pecado que originalmente feriu a consciência.

A verdadeira culpa tem somente uma causa: o pecado. Até que o pecado seja tratado, a consciência lutará para acusar. E o pecado — não a baixa auto-estima — é o que o Evangelho deve conquistar. É por isso, como vimos no capítulo 3, que o apóstolo Paulo começou sua apresentação do Evangelho aos Romanos com um longo discurso sobre o pecado. A depravação total é a primeira verdade do Evangelho que ele introduziu e gastou aproximadamente três capítulos inteiros nesse assunto. Romanos 1.18-32 demonstra a culpa dos pagãos. Romanos 2.1-16 prova a culpa dos moralistas, que violaram o próprio padrão pelo qual julgam os outros. E Romanos 2.17-3.8 estabelece a culpa dos judeus, que tiveram acesso a todos os benefícios da graça divina, mas não obstante rejeitaram a justiça de Deus.

A partir de Romanos 1 Paulo argumenta eloqüentemente, colocando as evidências da natureza, da História, da razão e da consciência a fim de provar a completa perversidade de toda a humanidade. E nos versos 9-20 do capítulo 3 ele resume tudo. Paulo argumenta como um advogado apresentando seu sumário final. Ele revê seus argumentos como um promotor público que moveu uma ação com provas irrefutáveis contra toda a humanidade. É uma apresentação poderosa e constrangedora, repleta de provas convincentes e explosivas; e com um veredicto do qual não há como fugir.

A acusação. "Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado" (Rm 3.9). A acusação de Paulo então começa com duas perguntas: "Que se conclui?" ou "Há alguma outra evidência"? E, "temos nós qualquer vantagem?" ou "Alguém pode honestamente reivindicar viver acima do nível da natureza humana que acabo de descrever?"

"Não, de forma alguma", ele responde. Todos, desde o pecador mais pervertido e degenerado (Rm 1.28-32) até o judeu legalista mais rígido cai na mesma categoria de perversidade total. Em outras palavras, toda a raça humana, sem exceção, está impugnada na sala do tribunal divino e acusada por estar "debaixo do pecado" — completamente subjugada sob o poder do pecado. Todos os não-redimidos, Paulo está dizendo, são servos do pecado, úteis a ele e cativos à sua autoridade.

Para os leitores judeus de Paulo essas verdades devem ter soado tão chocantes e inacreditáveis quanto o são para aqueles que se alimentam da moderna doutrina da auto-estima. Os leitores judeus acreditavam que por nascimento eram aceitos por Deus e somente os gentios eram pecadores por natureza. Afinal, os judeus eram o povo escolhido de Deus. A idéia de que todos os judeus eram pecadores era contrária à crença dos fariseus. Eles ensinavam que somente os desamparados, os mendigos e os gentios haviam nascido no pecado (cf. Jo 9.34). Mas as Escrituras claramente ensinam outra coisa. Até mesmo Davi disse; "Eu nasci na iniqüidade, e em pecado me concebeu minha mãe" (Sl 51.5). "O mundo inteiro jaz no maligno" (1Jo 5.19). A humanidade moderna, alienada pela psicologia da auto-estima, também acha chocante quando aprende que todos nós, por natureza, somos criaturas pecaminosas e torpes.

A prova. Paulo, dando seguimento ao seu resumo perante o tribunal, continua a provar, a partir do Antigo Testamento, a universalidade da depravação humana:

> Como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem o engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos, há destruição e miséria; desconheceram o caminho de paz (Rm 3.10-17).

Perceba como Paulo salienta a universalidade do pecado. Nesses poucos versos, ele diz seis vezes: "não há" ou "nem mesmo um". Ninguém escapa da acusação. "Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado" (Gl 3.22).

A argumentação de Paulo é construída em três partes: como o pecado perverte a personalidade (Rm 3.10-12); como o pecado corrompe a conversação (vs. 13,14); e como o pecado perverte a conduta (v. 15-17). Primeiro, ele prova *como o pecado perverte a personalidade:* "Não há justo... não há quem faça o bem, não há um sequer" (Rm 3.10-12). Aqui Paulo faz seis acusações. Ele diz que por causa da sua perversidade inata as pessoas são universalmente más ("nenhum justo"), espiritualmente ignorantes ("não há quem entenda"), rebeldes ("não há quem busque a Deus"), desobedientes ("todos se extraviaram"), espiritualmente inúteis ("à uma se fizeram inúteis"), e moralmente corruptas ("não há quem faça o bem").

Esse verso está citando Salmo 14.1: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem". As palavras no final de Romanos 3.12, "nenhum sequer", são um comentário editorial adicional de Paulo para não deixar que a verdade escape a qualquer pessoa, que de algum modo, pense que é uma exceção à regra — como é comum aos pecadores que se autojustificam.

Observe que Paulo não sugere que talvez alguns pecadores sejam propensos a pensarem de si mesmo como sendo piores do que realmente são. O oposto é verdadeiro: "Digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém" (Rm 12.3). O orgulho impróprio é a resposta típica e esperada de pecadores. O moderno ensino da auto-estima, de fato,

é a exata expressão desse orgulho. Tentar a qualquer custo sentir-se bem a respeito de si mesmo somente aumenta a sua condição de morte.

Novamente lembramos que a total perversidade que Paulo está descrevendo com certeza não significa que todas as pessoas expressam a sua perversidade até o último grau. Certamente há algumas pessoas "boas" num sentido relativo. Podem até ter as características da compaixão, da generosidade, da integridade, da decência, da consideração, etc.... Mas, até mesmo essas características se tornam imperfeitas e manchadas pelo pecado e pela fraqueza humana. Nem um — "nem um sequer" — se aproxima da justiça verdadeira. Além disso, o padrão de Deus é absolutamente perfeito: "Sede vós perfeitos como perfeito é vosso Pai Celeste" (Mt 5.48). Em outras palavras, ninguém que não alcance a perfeição absoluta é aceitável diante de Deus! O que isso faz da teologia da auto-estima? Como alguém se sente sobre si mesmo quando o próprio Deus nos declara merecedores da sua ira?

É claro que *há* resposta para o dilema. Deus justifica o ímpio pela fé (Rm 4.5). A justiça perfeita do próprio Deus é imputada na nossa conta, então pela fé podemos permanecer diante dele, vestindo uma... perfeita justiça que não é a nossa (Fp 3.9). Não estamos falando das obras que fazemos. Trata-se de uma justiça superior, a totalidade da justiça do próprio Cristo, creditada na nossa conta. Em nosso favor Cristo já preencheu o requisito de ser tão perfeito como perfeito nosso Pai celeste é. Sua virtude é imputada na nossa conta e, assim, Deus nos considera totalmente justos.

Mas estamos nos colocando à frente das evidências que o apóstolo cuidadosamente organizou. Ele também acrescenta uma paráfrase do Salmo 14: "Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus" (v. 2; cf. 53.3). A ignorância e a perversidade andam de mãos dadas. Mas os homens e as mulheres não são pecadores por causa da sua ignorância espiritual; eles são espiritualmente ignorantes por causa da sua perversidade e sua disposição adversa em relação a Deus. Eles são "obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, *pela dureza do seu coração*" (Ef 4.18; ênfase acrescentada). Em outras palavras, por causa da sua aversão a Deus e do seu amor pelos seus próprios pecados, rejeitaram o testemunho de Deus na criação e o testemunho da sua consciência (Rm 1.19,20). Isso, como notamos no capítulo 3, endurece o coração e obscurece o entendimento.

O coração endurecido e o entendimento obscurecido se recusam a procurar a Deus: "Não há quem busque a Deus". Novamente o autor ecoa

o Salmo 14.2. Deus convida aqueles que o buscam, e promete a estes que o buscam de todo o coração que eles o encontrarão (Jr 29.13). Jesus também prometeu que todo aquele que o buscar vai encontrá-lo (Mt 7.8). Mas o coração pecaminoso está longe de Deus e não o procura. Sem a intervenção graciosa e soberana de Deus, procurando e atraindo para si mesmo pecadores, ninguém buscaria e seria salvo. Disse Jesus sobre si mesmo: "Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer" (Jo 6.44).

Em vez de buscarem a Deus, os pecadores procuram seus próprios caminhos. Ainda usando o Salmo 14, Paulo cita o verso 3: "Todos se extraviaram" (Rm 3.12). Isso lembra Isaías 53.6: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho". Os pecadores são naturalmente inconstantes. Um desvio da verdade e da justiça é inerente à perversidade humana. Os pecadores sempre se extraviam pelo caminho: "Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte" (Pv 14.12).

A mancha do pecado torna o pecador "inútil" (v. 12) — traduzindo uma palavra grega usada para descrever o leite estragado ou a comida contaminada que deve ser jogada fora. Pessoas não-redimidas não se encaixam em nenhuma boa obra espiritual, são inúteis à justiça, e somente servem para serem lançadas ao fogo e queimadas (Jo 15.6). A sua grande necessidade não é a auto-estima ou o pensamento positivo, mas a redenção de seu pecado autivo.

Nos versículos seguintes Paulo apresenta sua segunda prova concernente a *como o pecado corrompe a conversação*: "A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca, eles a têm cheia de maldição e amargura" (Rm 3.13,14). A verdadeira característica da pessoa inevitavelmente vem à tona na conversação. A Bíblia está repleta de afirmações dessa verdade:

- "Porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más" (Mt 12.34,35).
- "Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem" (Mt 15.18).
- "A boca do justo produz sabedoria, mas a língua da perversidade será desarraigada. Os lábios do justo sabem o que agrada, mas a boca dos perversos, somente o mau" (Pv 10.31,32).

- "A língua dos sábios adorna o conhecimento, mas a boca dos insensatos derrama a estultícia. O coração do justo medita o que há de responder, mas a boca dos perversos transborda maldades" (Pv 15.2,28).
- "Mas as vossas iniqüidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça. Porque as vossas mãos estão contaminadas de sangue, e os vossos dedos, de iniqüidade; os vossos lábios falam mentiras, e a vossa língua profere maldade" (Is 59.2,3).
- "Curvam a língua, como se fosse o seu arco, para mentira; fortalecem-se na terra, mas não para verdade, porque avançam de malícia em malícia e não me conhecem, diz o Senhor. Guardai-vos cada um do seu amigo e de seu irmão nenhum vos fieis; porque todo irmão não faz mais do que enganar, e todo amigo anda caluniando. Cada um zomba do seu próximo, e não falam a verdade; ensinam a sua língua a proferir mentiras; cansam-se de praticar a iniqüidade" (Jr 9.3-5).

Paulo escolhe mais passagens dos Salmos para reforçar seu argumento:

- "Aguçam a língua como a serpente; sob os lábios têm veneno de áspide" (Sl 140.3).
- "Pois não tem eles sinceridade nos seus lábios; o seu íntimo é todo crimes; a sua garganta é sepulcro aberto, e com a língua lisonjeiam"(Sl 5.9).
- "A boca, ele a tem cheia de maldição, enganos e opressão; debaixo da língua, insulto e iniqüidade" (Sl 10.7).

Cada um desses versos, escritos para condenar "a iniqüidade", Paulo aplica a todos nós. Ele está evidenciando o ponto da universalidade da perversidade humana. *Todos* somos perversos. *Todos* somos culpados. *Ninguém* pode reivindicar isenção de nenhuma das acusações paulinas.

Além disso, ele está ilustrando como o pecado penetra e permeia, totalmente, cada aspecto da humanidade. Note como o pecado contamina completamente a conversação: ele corrompe "a garganta", corrompe a "língua", envenena os "lábios" e polui a "boca". Um ato de fala maldoso, uma expressão perversa do coração, corrompe cada órgão que é tocado, pois "o que sai da boca" contamina todo o homem (Mt 15.11).

Em terceiro lugar, Paulo conclui sua prova citando diversos versículos para mostrar *como o pecado perverte a conduta*: "São os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos, há destruição e miséria; desconheceram o caminho da paz" (Rm 3.15-17). Aqui Paulo está citando uma passagem de Isaías. Isso é muito significativo, pois nesses versos Paulo está acusando Israel dos seus pecados contra Jeová. Não era uma denúncia contra as perversidades pagãs, mas uma acusação formal contra as pessoas religiosas que criam em Deus: "Os seus pés correm para o mal, são velozes para derramar o sangue inocente; os seus pensamentos são pensamentos de iniqüidade; nos seus caminhos há desolação e abatimento. Desconhecem o caminho da paz, nem há justiça nos seus passos, fizeram para si veredas tortuosas; quem anda por elas não conhece a paz" (Is 59.7,8).

A frase "seus pés são velozes para derramar o sangue inocente" descreve a tendência pecaminosa ao homicídio. Lembre-se de que Jesus ensinou que o ódio é o equivalente moral do homicídio (Mt 5.21,22). A semente do ódio se desenvolve e amadurece, e o fruto que ela dá é o sangue derramado. Os pecadores naturalmente são atraídos ao ódio e aos seus resultados violentos. O homem é veloz na sua marcha em relação a esses atos. Isso pode ser visto claramente na nossa sociedade. Um artigo da *Newsweek*, por exemplo, recentemente relatou que "um menino de 12 anos virou-se, e sem uma palavra matou uma garota de 7 anos porque ela o havia "perturbado" ao pisar em sua sombra".[39]

Em algumas de nossas grandes cidades, ocorrem cerca de duzentos assassinatos numa semana normal. Tudo contribui para esse número: os tiros, as brigas de bêbados, as discussões familiares, as gangues violentas e outros crimes. Se a falta da auto-estima fosse o problema do coração humano, por que, devemos questionar, a taxa de homicídio está aumentando dramaticamente numa sociedade em que a auto-estima está também crescendo? A resposta é que a baixa auto-estima não é o problema. Ao contrário, o próprio orgulho é o exato problema que conduz ao pecado, incluindo o ódio, a hostilidade e o assassinato. O amor pelo sangue derramado inflama a perversidade humana no coração. Remova os limites morais da sociedade, e o resultado inevitável será um aumento gradativo do homicídio e da violência — não importa quão boas as pessoas se considerem.

"Destruição e miséria" caracterizam cada vez mais as tendências da depravação humana. Novamente, alguém que não está familiarizado com as tendências da sociedade moderna pode negar a verdade das Escrituras a respeito dessa questão. A repressão foi retirada e podemos ver claramente

a verdadeira natureza do coração humano. O que mais poderia explicar nossa cultura – na qual pessoas são roubadas, espancadas, estupradas ou assassinadas por nenhuma outra razão além de absoluta diversão? A destruição irresponsável é uma parte tão intrínseca da nossa sociedade que nos tornamos habituados a ela.

Gangsta rap — um tipo de música que cultua o homicídio, o estupro e o uso de drogas — é a responsável por muitos dos álbuns mais vendidos das paradas de sucesso. Suas letras são indescritivelmente baixas. Misturam violência, fantasias sexuais e profanidades inimagináveis de um modo repulsivo e propositadamente ofensivo. Pior ainda, abertamente incitam os jovens a se unirem a gangues, matarem policiais, estuprarem mulheres, fazerem agitações e cometerem outros atos de destruição libertina. O *gangsta rap* é um excelente negócio. Os discos não são vendidos secretamente atrás de um carro de criminosos, mas comercializados abertamente em lojas de varejo em todo lugar — com campanhas publicitárias de alta qualidade planejadas por executivos em empresas como a Capitol Records. E o principal alvo desses produtos são as crianças com menos de 18 anos. Um geração inteira está sendo doutrinada por esses vícios. Destruição e *miséria* estão no seu caminho. E a angústia cruza o caminho dessas pessoas tão desgraçadas! Nos últimos meses, muitos artistas *rap* conhecidos nacionalmente foram acusados de crimes violentos, inclusive de homicídio e de participar de gangues de estupro.

Por que a miséria e o desespero são características tão marcantes desta sociedade moderna, apesar de a humanidade ter feito avanços notáveis na tecnologia, psicologia e medicina? Porque a perversidade está no coração da alma humana.

Todos esses problemas estão tão entranhados no coração humano que nenhuma quantidade de conhecimento e nenhuma medida de auto-estima irão apagá-los. À medida que a ciência avança, as pessoas apenas se tornam mais sofisticadas no uso de meios nocivos. A destruição e o sofrimento engendrados pelo pecado humano não diminuem, eles aumentam. A história deste século, cheia de guerras mundiais, holocaustos, assassinatos em série, aumento progressivos de crimes e revoluções sangrentas, é uma prova viva disso. A depravação humana está encravada no coração humano.

Em outras palavras, a humanidade pecadora desconhece "o caminho da paz" (Rm 3.17). Embora nesses dias ouçamos muito falar de "paz, paz", não existe paz (cf. Jr 6.14).

Paulo resume a tendência humana à perversidade: "Não há temor de Deus diante de seus olhos" (Rm 3.18). Aqui ele retorna aos Salmos para uma citação final. O Salmo 36.1 diz: "Há no coração do ímpio a voz de transgressão; não há temor de Deus diante dos seus olhos". A perversidade humana é a imperfeição do próprio coração humano. O mal dirige o coração do homem. O coração do homem é naturalmente sintonizado com a maldade. Ele não tem medo inato de Deus.

O temor do Senhor, obviamente, é o pré-requisito primário à sabedoria espiritual (Pv 9.10). Moisés ordenou a Israel, "O senhor, teu Deus, temerás, a ele servirás, e pelo seu nome, jurarás" (Dt 6.13). De fato, quando Moisés resumiu as responsabilidades dos israelitas, o que ele disse foi: "Agora, pois, que é que o Senhor requer de ti? Não é que *temas* ao Senhor, teu Deus, e andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, para guardares os mandamentos do Senhor e os seus estatutos que hoje te ordeno para o teu bem?" (Dt 10.12,13; ênfase acrescentada). No Novo Testamento somos, da mesma maneira, ordenados: "Purifiquemo-nos de toda a impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2Co 7.1). Temos que estar prontos a "[tratar] todos com honra, [amar] os irmãos, *temer* a Deus, [honrar] o rei" (1Pe 2.17, ênfase acrescentada; cf. Ap 14.7).

"O temor do Senhor é a instrução da sabedoria" (Pv 15.33). "Pelo temor do Senhor os homens evitam o mal" (Pv 16.6). "O temor do Senhor é fonte de vida para evitar os laços da morte" (Pv 14.27).

Não ouvimos muito sobre o temor a Deus hoje em dia. Até mesmo muitos cristãos parecem achar que a linguagem do temor é severa e negativa demais. É muito mais fácil falar do amor de Deus e de sua infinita misericórdia. Mas longanimidade, bondade e atributos semelhantes não são as verdades que estão faltando ao conceito de Deus da maioria das pessoas. O problema é que elas não pensam em Deus como alguém a ser *temido.* Não percebem que ele odeia o orgulho e pune o malfeitor. Abusam da sua graça. Temem mais o que as pessoas pensam do que se preocupam com o que Deus pensa. Buscam seus próprios prazeres, sem se importarem com o descontentamento de Deus. Sua consciência está corrompida e em perigo de desaparecer. "Não há temor de Deus diante de seus olhos."

O temor de Deus, a propósito, é um conceito exatamente oposto à doutrina da auto-estima. Como podemos promover o temor do Senhor nas pessoas e, ao mesmo tempo, estarmos obcecados para incentivar a auto-estima deles? Qual busca é mais bíblica? As Escrituras falam por si mesmas.

O veredicto. Após apresentar provas convincentes da depravação total, Paulo faz um claro veredicto: "Ora sabemos que tudo que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se *cale toda a boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus*" (Rm 3.19; ênfase acrescentada).

Aqui Paulo acaba com a pretensão daqueles que criam que somente por *possuírem* a lei de Deus, de algum modo, fazia com que os judeus fossem moralmente superiores aos gentios pagãos. A lei carregava a sua própria condenação contra aqueles que não a guardavam perfeitamente: "Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo" (Dt 27.26; cf. Gl 3.10). "Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (Tg 2.10). Somente o fato de terem a lei não fazia, de modo nenhum, com que os judeus fossem melhores que o resto da humanidade.

Os gentios, por outro lado, eram responsáveis pela lei escrita na sua própria consciência (Rm 2.11-15). Foi provado que os dois grupos violaram a lei que possuíam. O advogado dá por encerrada a apresentação de provas. Não há defesa. Toda boca deve se calar. O caso está encerrado. A humanidade não-redimida é culpada de todas as acusações. Não há condições para absolvição. O mundo todo permanece culpado diante de Deus.

A auto-estima não é solução para a perversidade humana. Ela a agrava. Os problemas da nossa cultura — especialmente a angústia que destrói o coração do homem — não serão resolvidos com a fraude que leva o ser humano a pensar o melhor de si mesmo. O homem é realmente totalmente pecador. A culpa e a vergonha que todos sentimos como pecadores é legítima, natural e até mesmo apropriada. Elas têm o propósito benéfico de nos deixar conhecer a profundidade da nossa perversidade. Não ousemos trocá-los pelos falsos ensinos da auto-estima humanista.

A auto-estima não é solução para a depravação humana

Recentemente li um artigo raro e perspicaz que tratava do mito da bondade humana de uma perspectiva não-cristã. O autor, um crítico social judeu, escreve:

> Acreditar que o homem é basicamente bom depois de Auschwitz, de Gulag e de outros horrores do nosso século, é uma afirmação de fé irracional, tão irracional quanto qualquer crença religiosa [fanática].

> Onde quer que seja que eu encontre pessoas — especialmente judeus, vítimas do mal mais concentrado da História — que insistem em acreditar na bondade substancial do homem, sei que encontrei pessoas para as quais as evidências são irrelevantes. Quantos males o ser humano teria que cometer a fim de acabar com a fé judaica na humanidade? Quantos mais inocentes têm que serem assassinados e torturados? Quantas mulheres mais têm que ser estupradas?[40]

Esse artigo descreve cinco conseqüências do mito que admite que as pessoas são basicamente boas. Perceba como todas elas contribuem para a destruição da consciência:

> A primeira conseqüência, bastante lógica, é a atribuição de todo mal a causas externas à pessoa. Uma vez que o homem é basicamente bom, o mal que ele faz deve ser causado por alguma força exterior. Dependendo de quem está fazendo a acusação, aquela força externa pode ser o ambiente social, as circunstâncias econômicas, os pais, a escola, a violência na televisão, as armas, o racismo, o demônio, as situações econômicas ou até mesmo os políticos corruptos (como expresso freqüentemente por essas tolices a que damos ouvidos: "Como podemos esperar que nossas crianças sejam honestas quando o governo não é?").
>
> O homem, portanto, não é responsável pelo mal que comete. Não é minha culpa que eu assalte uma senhora, ou que trapaceie quase o tempo todo — alguma coisa (escolhida da lista acima) me fez fazer isso.
>
> A segunda terrível conseqüência é a negação do mal. Se o bem é natural, então o mal não deve ser natural ou deve ser uma "doença". As categorias morais foram substituídas pelas psicológicas. Não há mais bem e mal, somente "normal" e "doente".
>
> Terceira, nem pais nem escolas vêem a necessidade de ensinar bondade para crianças — Por que ensinar o que flui naturalmente? Somente aqueles que reconhecem que o homem não é basicamente bom, vêem a necessidade de ensinar a bondade.
>
> Quarta, uma vez que a maior parte da sociedade acredita que o mal vem do exterior das pessoas, ela parou de tentar mudar os valores das pessoas, em vez disso concentrou-se em mudar as forças externas. As pessoas cometem crimes? Não precisamos ficar preocupados com o desenvolvimento da personalidade e dos valores; precisamos mudar

> o ambiente socioeconômico que "produz" estupradores e homicidas. Homens irresponsáveis fecundam mulheres irresponsáveis? Melhor do que avaliar suas necessidades seria melhorar a educação sexual e o acesso a preservativos e abortos.
>
> Quinta, e a mais destrutiva de todas, aqueles que acreditam que o homem não é basicamente mal, concluem que as pessoas não precisam sentir responsabilidade pelo seu comportamento perante Deus e uma religião, somente perante si.[41]

O autor, estranhamente, nega tanto a perversidade humana como a bondade. Ele acredita que as pessoas não são *nem* boas *nem* más, porém escolhem seu próprio caminho na vida (No início do seu artigo, no entanto, ele cita Gn 8.21: "Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade").

Apesar da posição inconsistente do autor, o artigo mostra muito claramente o perigo do mito da bondade humana.

A igreja deve proteger a sã doutrina recuperando a doutrina da depravação humana. Como J. C. Ryle escreveu há aproximadamente um século:

> Uma visão bíblica do pecado é um dos melhores antídotos a esse tipo de teologia sombria, obscura e nebulosa que infelizmente é tão corrente em nossa era. É inútil fechar os olhos ao fato de que hoje em dia existe um grande número da assim chamada cristandade, a qual, entretanto, não se encaixa dentro dos padrões estabelecidos. É um Cristianismo que incontestavelmente tem, "alguma coisa sobre Cristo, sobre a graça, sobre fé, sobre arrependimento, sobre santidade", porém não é exatamente como está na Bíblia. As coisas estão fora de lugar e proporção. Como o velho Latimer diria: "nem lá, nem cá", e de nada adianta. Nem exerce influência na conduta diária, não dá conforto na vida, nem paz na morte; e aqueles que o defendem, freqüentemente acordam tarde demais para perceber que não têm nada de sólido sob seus pés. Assim, eu creio que o caminho mais provável para a cura e melhora deste tipo errôneo de religião é trazer à tona, de uma maneira proeminente, a velha verdade das Escrituras sobre a pecaminosidade pecado.[42]

Você pode perguntar, por outro lado, *se Deus quer que permaneçamos na vergonha e na autocondenação eternamente*. De modo nenhum.

Deus oferece libertação do pecado e da vergonha pela fé em Jesus Cristo. Se você estiver pronto para reconhecer sua pecaminosidade e buscar sua graça, ele maravilhosamente o resgatará do pecado e seus efeitos. "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da Lei do pecado e da morte" (Rm 8.1, 2). A libertação do pecado que esses versos descrevem é a única base pela qual podemos realmente nos sentir bem sobre nós mesmos. E é para esse processo que agora voltamos nossa atenção.

Notas

1. J. C. Ryle, *Holiness* (Durham, Inglaterra: Evangelical Press, 1979 reimpressão), 6. (Primeira Edição 1879)
2. Jerry Adler, Pat Wingert, Lynda Wright, Patrick Houston, Howard Manley e Alden Cohen, "Hey, I'm Terrific", *Newsweek* (17 de fevereiro de 1992), 50.
3. Charles Krauthammer, "Education: Doing Bad and Feeling Good", *Time* (5 de fevereiro de 1990), 70.
4. Cheryl Russel, "Predictions for the Baby Boom", *The Boomer Report* (15 de setembro de 1993), 4
5. Adler, 50.
6. *Ibid.*
7. Norman Vincent Peale, *The Power Of Positive Thinking* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1952).
8. *Ibid*, viii.
9. *Ibid*, ix.
10. Adler, 50.
11. Ryle, 16.
12. Robert Schuller, *Self-Esteem: The New Reformation* (Waco Word, 1992), 33.
13. *Ibid*, 57.
14. *Ibid*, 75 (ênfase no original).
15. Robert Schuller, "The Phil Donahue Show", 12 de agosto de 1980.
16. Schuller, *Self Esteem*, 99.
17. *Ibid*, 14.
18. *Ibid*, 15.
19. *Ibid*, 98.
20. *Ibid*, 104.
21. "A Special Interview with Dr. Robert Schuller", "The White Horse Inn" transmissão radifônica, com Michael Horton como anfitrião (1° de novembro de 1992).
22. Schuller, *Self Esteem*, 45.
23. *Ibid*, 39.

24. "A Special Interview".
25. Schuller, *Self Esteem*, 127
26. *Ibid*, 31.
27. *Ibid.*
28. *Ibid*, 26, 27.
29. *Ibid*, 64.
30. *Ibid*, 36.
31. *Ibid*, 98.
32. *Ibid*, 37.
33. *Ibid*, 39.
34. *Ibid*, 58.
35. *Ibid*, 67.
36. *Ibid*, 65.
37. *Ibid.*
38. D. Martyn Lloyd-Jones, *The Plight of Man and the Power of God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1945), 87.
39. George R. Will, "A Trickle-Down Culture", *Newsweek* (13 de dezembro de 1993), 84.
40. Dennis Prager, "The Belief That People Are Basically Good", *Ultimate Issues* (janeiro-março 1990), 15.
41. *Ibid.*
42. Ryle, 9-10.

Capítulo 5

O Pecado e Sua Cura

A própria natureza do homem é caída. O homem é errado no âmago do seu ser, e portanto, tudo está errado. Ele não pode ser melhorado porque nada será o suficiente, a não ser uma mudança radical, uma nova natureza. O homem ama as trevas e odeia a luz. O que pode ser feito por ele? Ele pode mudar a si mesmo? "Pode por acaso o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas?" O homem consegue mudar suas inclinações? Dê a ele novas roupas, uma nova casa numa nova vizinhança, divirta-o com tudo que há de melhor e elevado, eduque-o e treine sua mente, enriqueça sua alma com doses freqüentes da mais fina cultura já conhecida, faça tudo e um pouco mais, porém, ainda assim, a sua essência será a mesma, e os desejos e segredos da sua vida não mudarão.

D. Martyn Lloyd-Jones[1]

O comentado romance de Tom Wolfe de 1987, *The Bonfire of the Vanities* [A Fogueira das Vaidades][2] é uma ficção sobre um jovem magnata de Wall Street, Sherman McCoy. Ele se tornou o elemento central de um escândalo depois de, inadvertidamente, pegar uma saída errada de uma via expressa do Bronx com sua amante. Perdidos na região perigosa da cidade, eles são ameaçados por assassinos que tentam bloquear seu carro. O carro então atropela um dos agressores, deixando-o seriamente ferido, enquanto McCoy e sua amante fogem. O rapaz fica em coma por mais de um ano antes de morrer. Enquanto isso, o caso transforma-se num célebre caso político, ficando McCoy à mercê de uma imprensa implacável e de um sistema judiciário absurdo. O livro conta como seu mundo lenta e dolorosamente desmoronou.

Embora inocente da maioria das acusações contra ele, McCoy de forma nenhuma é isento de culpa. Seus problemas começaram porque ele tentou esconder seu adultério. Ele aumenta sua própria culpa com uma série de mentiras. Por fim, a vida dupla o levou, progressivamente, a problemas mais profundos. No final, perdeu sua carreira, a família, a fortuna e todos os seus amigos, e parece destinado a enfrentar um longo julgamento que provavelmente terminará levando-o à prisão.

O livro de Wolfe antecipou, com notável precisão, uma série de escândalos envolvendo celebridades que caracterizaram a segunda metade dos anos 80. Jim e Tammy Bakker, Gary Hart, Jimmy Swaggart, Michael Milken e uma multidão de outros que tiveram publicamente suas vidas despedaçadas de maneira similar a de Sherman McCoy. Esses casos demonstram de modo vivo os efeitos catastróficos e destrutivos do pecado. O pecado, uma vez iniciado, consumirá como uma gangrena a alma humana. Ele desonra o pecador, o expõe, ofende sua moral e por fim destrói sua vida. "O vosso pecado vos há de achar" (Nm 32.23).

O escândalo do pecado

O pecado domina o coração humano, e se fosse pela sua vontade, condenaria cada alma. Se não compreendermos nossa própria perversidade ou não enxergarmos nosso pecado como Deus o vê, não poderemos entendê-lo ou fazer uso do remédio contra ele. Aqueles que tentam justificá-lo,

negligenciam a justificação de Deus. Até compreendermos quão totalmente repugnante nosso pecado é, nunca poderemos conhecer a Deus.

O pecado é abominável a Deus. Ele o odeia (cf. Dt 12.31). "Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar..." (Hc 1.13). O pecado é contrário à sua própria natureza (Is 6.3; 1Jo 1.5). A pena máxima — a morte — é exigida para cada infração contra a lei de Deus (Ez 18.4, 20; Rm 6.23). Até a menor transgressão é digna da mesma pena severa: "Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um ponto, se torna culpado de todos" (Tg 2.10).

O pecado suja a alma. Ele rebaixa a dignidade da pessoa. Obscurece o entendimento. Torna-nos piores que animais, pois os animais não podem pecar. Polui, corrompe, suja. Todo pecado é vulgar, repulsivo e revoltante aos olhos de Deus. A Bíblia o chama de imundícia (Pv 30.12; Ez 24.13; Tg 1.21). O pecado é comparado ao vômito, e os pecadores são os cães que voltam ao seu próprio vômito (Pv 26.11; 2Pe 2.22). O pecado é chamado de lamaçal, e os pecadores são os porcos que rolam nele (Sl 69.2; 2Pe 2.22). O pecado é semelhante ao cadáver em putrefação, e os pecadores são os túmulos que contêm o malcheiro e a sujeira (Mt 23.27). O pecado transformou a humanidade em uma raça poluída e imunda.

As terríveis conseqüências do pecado incluem o inferno, sobre o qual Jesus disse: "E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo inferno" (Mt 5.30). As Escrituras descrevem o inferno como um lugar terrível e medonho onde pecadores são "atormentados com fogo e enxofre..." e "A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome" (Ap 14.10, 11). Essas verdades se tornam mais alarmantes ainda quando percebemos que são parte da Palavra inspirada de um Deus de infinita misericórdia e graça.

Deus quer que entendamos a excessiva pecaminosidade do pecado (Rm 7.13). Não ousemos encará-lo com leviandade ou rejeitar nossa própria culpa frivolamente. Quando encaramos o pecado como ele é, é nosso dever odiá-lo. As Escrituras vão até mais fundo que isso: "Ali, vos lembrareis dos vossos caminhos e de todos os vossos feitos com que vos contaminastes e *tereis nojo de vós mesmos*, por todas as vossas iniqüidades que tendes cometido" (Ez 20.43, ênfase acrescentada). Em outras palavras, quando verdadeiramente vemos o que o pecado é, longe de obter auto-estima, nós nos desprezaremos.

A natureza da depravação humana

O pecado penetra no mais íntimo do nosso ser. Como vimos no capítulo anterior, o pecado está no âmago da alma humana. "Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas coisas que contaminam o homem" (Mt 15.19, 20). "O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração" (Lc 6.45).

No entanto, o pecado não é uma fraqueza ou um vício pelo qual não somos responsáveis. É um antagonismo ativo e intencional contra Deus. Os pecadores livre e prazerosamente optam pelo pecado. Está na natureza humana amar o pecado e odiar a Deus. "O pendor da carne é inimizade contra Deus" (Rm 8.7).

Em outras palavras, o pecado é rebeldia contra Deus. Os pecadores raciocinam no próprio coração: "Com a língua prevaleceremos, os lábios são nossos; *quem é o Senhor sobre nós?*" (Sl 12.4, ênfase acrescentada). Isaías 57.4 caracteriza os pecadores como crianças rebeldes que abrem sua enorme boca e mostram a língua para Deus. O pecado destronaria Deus, o destruiria e colocaria o ego no seu lugar de direito. Todo pecado é, em último caso, um ato de orgulho, que diz: "Dê o lugar, Deus, eu estou no comando". Por isso é que todo pecado, no seu âmago, é uma blasfêmia.

Para começar, amamos nosso pecado; temos prazer nele, buscamos oportunidades para praticá-lo. No entanto, por sabermos instintivamente que somos culpados diante de Deus, inevitavelmente tentamos camuflar ou negar nossa própria pecaminosidade. Há muitas maneiras de fazer isso, como observamos nos capítulos anteriores. Elas podem ser resumidas, grosso modo, a três categorias: encobri-lo, justificar-nos e ignorá-lo.

Primeiro, *tentamos encobrir o pecado*: Adão e Eva fizeram isso no Jardim, depois de ter pecado: "Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si" (Gn 3.7) — então se esconderam da presença do Senhor (v. 8). O rei Davi tentou em vão encobrir sua culpa quando pecou contra Urias. Ele tinha adulterado com a esposa de Urias, Bate-Seba. Quando ela ficou grávida, primeiro Davi tramou um plano tentando fazer parecer que Urias era o pai da criança (2Sm 11.5-13). Quando o plano não funcionou, ele conspirou para que Urias fosse morto (vs. 14-17). Isso somente agravou o seu pecado. Durante todos os meses da gravidez de Bate-Seba, Davi continuou

encobrindo o seu pecado (2Sm 11.27). Mais tarde, quando Davi foi confrontado com seu pecado, ele se arrependeu e confessou: "Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio" (Sl 32.3, 4).

Segundo, *tentamos nos justificar.* O pecado é sempre culpa de alguém. Adão culpou Eva, e a descreveu como "a mulher que me *deste*" (Gn 3.12; ênfase acrescentada). Isso mostra que ele também culpava a Deus. Ele não sabia o que era uma mulher até acordar casado com uma! Deus, raciocinou ele, era o responsável pela mulher que o vitimizou. Da mesma maneira, nós nos desculpamos pelos nossos erros porque pensamos que a culpa é de outra pessoa. Ou argumentamos ter um bom motivo. Convencemos a nós mesmos que é correto retribuir o mal com o mal. (cf. Pv 24.29; 1Ts 5.15; 1Pe 3.9). Ou então pensamos que se os motivos finais são bons, o mal pode ser justificado — raciocínio errado de que os fins justificam os meios (Rm 3.8). Chamamos o pecado de desequilíbrio, rotulamos a nós mesmos de vítimas ou negamos que os nossos atos sejam pecaminosos. A mente humana é de uma criatividade sem-fim quando se trata de encontrar mecanismos para justificar o mal.

Terceiro, *ignoramos nosso próprio pecado.* Sempre pecamos por ignorância ou presunção. Por isso Davi orou: "Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas. Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então, serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão". (Sl 19.12, 13). Jesus nos advertiu sobre a loucura de tolerar uma trave nos nossos olhos e nos preocuparmos com um argueiro no olho do outro (Mt 7.3). Pelo fato de o pecado ser tão difuso, nós naturalmente tendemos a nos tornar insensíveis ao nosso próprio pecado, do mesmo modo que o gambá não é incomodado pelo seu próprio mau cheiro. Até mesmo uma consciência supersensível pode não saber todas as coisas (cf. 1Co 4.4).

O pecado não se expressa necessariamente por atos. Atitudes pecaminosas, disposições pecaminosas, desejos pecaminosos e um estado pecaminoso de coração são tão repreensíveis quanto as ações que ele produz. Jesus disse que a ira é tão pecaminosa quanto o homicídio, e a concupiscência tanto quanto o adultério (Mt 5.21-28).

O pecado é de tal maneira enganoso que torna o pecador insensível contra sua própria perversidade (Hb 13.3). É natural desejarmos minimizar nosso pecado, como se ele não fosse de fato uma grande coisa. Afinal de

contas, dizemos a nós mesmos, Deus é misericordioso e amoroso, não é? Ele compreende nosso pecado e não pode ser tão duro conosco, não é mesmo? Mas raciocinar dessa maneira é deixar-se ludibriar pela astúcia do pecado.

O pecado, de acordo com as Escrituras, é "a transgressão da lei" (1 Jo 3.4). Em outras palavras, "aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei". Pecado, portanto, é qualquer falta de conformidade com o perfeito padrão moral de Deus. A exigência central da lei de Deus é que o amemos: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento" (Lc 10.27). Sendo assim, a falta de amor a Deus é a epítome de todo pecado.

Mas "o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar" (Rm 8.7). Nossa aversão natural à lei é tal que mesmo sabendo o que a lei requer, ela suscita em nós uma ânsia pela desobediência. Paulo escreveu: "as paixões pecaminosas postas em realce pela lei... eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: Não cobiçarás" (Rm 7.5-7). A inclinação do pecador pelo pecado é tal que este o controla. Ele é escravo do pecado, porém o busca com uma fome insaciável e com toda paixão do seu coração.

O problema teológico suscitado pelo mal

Qual a origem do pecado? Sabemos que Deus criou todas as coisas no universo e viu que era muito bom (Gn 1.31). "Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). Então surge a pergunta óbvia: Deus é responsável pelo mal? E, se ele não for, quem é? Deus não era poderoso para fazer com que o mal não estragasse sua perfeita criação?

Será de grande ajuda ver que o pecado não é uma substância que existe independentemente de representantes morais. O mal não é algo criado. Não é um elemento. O pecado é uma realidade moral e ética, não física. Pecado é uma imperfeição em algo bom. Ninguém *o criou*, é a perda da perfeição em seres que Deus criou perfeitos.

Mas isso não resolve a questão da origem do pecado. Como seres perfeitos puderam se rebelar? Como foi possível que anjos criados perfeitos se voltassem contra Deus? Como pôde o homem, criado à imagem de

Deus, optar pelo pecado? E se Deus podia conter o pecado, por que não o fez? Ele é, de algum modo, culpado pela existência do mal?

As tentativas de resolver a questão da origem do pecado de uma maneira que defende a bondade de Deus são chamadas de "teodicéias". A teodicéia dos Cientistas Cristãos é simples: eles negam categoricamente a realidade do mal. De acordo com o sistema deles, todo pecado, toda maldade, doença e outros efeitos negativos do mal são simplesmente invenção da nossa imaginação ou, como eles diriam, enganos da opinião do homem. Jay Adams responde à teodicéia da Ciência Cristã: "Eles implodiram sua própria crença por meio dessa explicação interiormente inconsistente e autocontraditória. Se não existe tal coisa como o mal, se Deus é tudo, e tudo é Deus (como também ensinam), então, esse Deus onisciente do qual todo ser humano é uma parte, não pode errar, e a mente mortal não existe".[3] A teodicéia da Ciência Cristã não é resposta para o problema do mal.

Outra teodicéia sugere que Deus não foi capaz de controlar a entrada do mal no mundo. Tendo Deus criado criaturas que desfrutavam do livre-arbítrio, não foi possível que ele controlasse o uso dessa liberdade moral e dominasse suas escolhas. Deus, de acordo com esse ponto de vista, não tem autoridade sobre as circunstâncias que acontecem no seu universo. Ele está à mercê das circunstâncias. Deus, como o homem, é uma "vítima" do pecado e do mal. Este é essencialmente o ponto de vista expresso no livro do rabino Harold Kushner, *When Bad Things Happen to Good People* [Quando Coisas Ruins Acontecem a Pessoas Boas].[4]

O problema com esse ponto de vista é que ele nega a soberania de Deus. As Escrituras claramente ensinam que Deus é totalmente soberano sobre todas as coisas. Ou, como a Confissão de Westminster diz: "Deus, da sua eterna santidade fez, pela sua enorme sabedoria e santo conselho de sua própria vontade, livremente e de maneira imutável, a determinação de tudo que viesse a acontecer" (cap. 3, seção 1). "Daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11). "Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas" (Rm 11.36). Seus propósitos são imutáveis (Hb 6.17). Seu plano é eterno (Ef 3.11). E em Deus "não pode existir variação ou sombra de mudança" (Tg 1.17). Todas as suas obras foram determinadas conforme o seu propósito no passado eterno.

De fato, as Escrituras claramente ensinam que Deus é soberano sobre toda circunstância, toda situação ou todo evento:

Ele controla o acaso. "A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda decisão" (Pv 16.33). "Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai" (Mt 10.29).

Ele é soberano sobre os atos liberais de todos os representantes morais. "Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina" (Pv 21.1). "Pois somos feituras dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef 2.10). "Porque é Deus quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13).

Ele determina até os atos mais maldosos dos pecadores. Pedro disse à multidão que exigia a crucificação de Cristo: "Sendo este entregue pelo *determinado desígnio e presciência de Deus*, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos, ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela" (At 2.23, 24; ênfase acrescentada). Os companheiros de Pedro e João oraram: "porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para *fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram*" (At 4.27, 28; ênfase acrescentada). José disse aos seus irmãos: "Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para a conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós" (Gn 45.5). E Isaías 10.5 diz que Deus usou a perversa nação da Assíria como a vara de sua ira.

Ele estabelece os poderes que supervisionam o sistema maligno do mundo. Pôncio Pilatos disse a Jesus: "Então, Pilatos o advertiu: Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar? Respondeu-lhe Jesus: "Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada, por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem" (Jo 19.10, 11). Verdadeiramente "não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas" (Rm 13.1).

Na verdade, o curso de todos os eventos e circunstâncias é determinado pelo decreto divino, desde o marco milionário mais profundo do plano divino até o detalhe mais trivial. Deus até mesmo determina o número dos fios de cabelo na nossa cabeça (Mt 10.30).

Em última análise, devemos reconhecer que o pecado é algo que Deus destinou a acontecer. Ele o planejou, o determinou — ou, nas palavras da Confissão de Westminster: "Ele o declarou". O pecado não é uma coisa que entrou sorrateiramente e o pegou de surpresa, desprevenido ou estragou seus planos. A realidade do pecado figura dentro dos seus propósitos imutáveis desde o passado eterno. Sendo assim, o mal e suas conseqüências estavam incluídos na vontade superior de Deus antes da fundação do mundo.

No entanto, em prova disso, Deus não pode ser considerado o autor, ou o criador do pecado. "Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta" (Tg 1.13). "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma" (1Jo 1.5).

Deus de maneira nenhuma *causa* o pecado, o *incita*, o *tolera*, o *autoriza*, o *aprova*, ou de alguma maneira *consente* com ele. Deus nunca é a causa ou o agente do pecado. Ele somente *permite* que agentes do mal façam suas proezas, então domina o mal pela sua própria sabedoria e santos fins. Os propósitos de Deus em permitir o mal são sempre bons. Por isso, José pôde dizer aos seus irmãos, que o haviam vendido à escravidão: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida" (Gn 50.20).

As Escrituras também nos dizem que Deus permitiu o mal a fim de que ele pudesse "mostrar sua ira e dar a conhecer o seu poder" (Rm 9.22). Em outras palavras, ele permitiu que o pecado entrasse em sua perfeita criação para que pudesse mostrar sua aversão ao mal e destruí-lo para sempre. Por que ele não eliminou o mal imediatamente, no primeiro momento em que apareceu? As Escrituras também sugerem uma resposta para isso. Ele "querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para a glória preparou de antemão" (Rm 9.22, 23). Isso significa que Deus permite que o mal continue até agora com a finalidade de mostrar sua misericórdia e graça por meio da redenção de pecadores. Assim, o pecado permite que Deus revele sua glória em perdão.

Entretanto, em última análise, a Escritura não empreende nenhum argumento filosófico elaborado para defender Deus da existência do mal. Ela simplesmente declara que ele é "santo, santo, santo" (Is 6.3; Ap 4.8). Ela revela que Deus odeia o mal (Sl 11.5; Zc 8.17; Lc 16.15). E isso deixa claro que, de maneira nenhuma a existência do pecado intimida a glória de Deus ou mancha o seu caráter impecável: "Pelo que vós, homens sensatos,

escutai-me: longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo-Poderoso o cometer injustiça" (Jó 34.10). "Porque proclamarei o nome do Senhor. Engrandecei o nosso Deus. Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto" (Dt 32.3, 4). "Para anunciar que o Senhor é reto. Ele é a minha rocha, e nele não há injustiça" (Sl 92.15). "Pois tu não és Deus que se agrade com a iniqüidade, e contigo não subsiste o mal" (Sl 5.4).

A teodicéia mais satisfatória está subtendida na cruz de Cristo. Como R. L. Dabney escreveu: "A doutrina do sacrifício de Cristo, unida à sua divindade, nos capacita a completar nossa teodicéia da permissão do mal... Pois se tivesse existido em Deus uma única imperfeição quanto à [santidade ou benevolência], ele certamente nunca teria pensado em seu coração enviar seu único filho, muito maior e importante do que todos os mundos, para redimir alguém".[5]

O pecado e a cruz de Cristo

De fato, a cruz é prova tanto do imenso amor de Deus como da profunda perversidade do pecado. Você quer ver o amor de Deus no seu auge e a pequenez do pecado no seu ponto mais baixo? Olhe a paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Olhe para ele pendurado na cruz — puro, imaculado, Cordeiro de Deus, carregando os pecados do (cf. Jo 1.29). Ouça o seu choro de agonia: "Eli, Eli, lamá sabactâni?" — isto é — "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). Constate que tão-somente o sangue derramado do filho eterno e amado de Deus em si mesmo poderia ter expiado o pecado. O peso da nossa culpa deve ter sido infinitamente pesado e a crueldade do nosso pecado indescritivelmente atroz para exigir tal sacrifício! E o amor de Deus deve ter sido inexprimivelmente rico para permitir isso.

O pecado é uma malignidade horrível para a qual não há outra cura. "Ai desta nação pecaminosa, povo carregado de iniqüidade, raça de malignos, filhos corruptores; abandonaram o Senhor, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás. Por que haveis de ainda ser feridos, visto que continuais em rebeldia? Toda a cabeça está doente, e todo o coração, enfermo" (Is 1.4-6). Isso retrata o pecado como uma lepra incurável da alma. Estamos doentes com o pecado, dos pés à cabeça, por dentro e por fora.

Os pecadores não podem melhorar sua condição. Jeremias 13.23 diz: "Pode, por acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal". O pecado

é tão intrínseco à nossa natureza, o amamos de uma tal maneira que somos incapazes de bloquear seu domínio sobre nossa vida. Amamos mais as trevas do que a luz (Jo 3.19). A mente não-regenerada naturalmente é inimiga de "Deus, pois não está sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode estar. *Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus*" (Rm 8.7, 8; ênfase acrescentada). Pecadores não-redimidos são escravos do seu pecado (Jo 8.34; Rm 6.20). Como Jó questionou a Deus: "Quem da imundícia poderá tirar cousa pura? Ninguém"(Jó 14.4). "A árvore má produz frutos maus.... nem a árvore má produzir frutos bons" (Mt 7.17, 18).

Nenhuma quantidade de lágrimas pode expiar o pecado. Nenhuma quantidade de boas obras pode remediar o erro que cometemos contra Deus. Muitas orações ou devoção pessoal não podem de maneira nenhuma atenuar nossa culpa ou encobri-la. Até mesmo queimar eternamente no inferno não purificará a alma do pecado. No reino humano não há nada no tempo ou na eternidade que possa nos libertar da culpa do nosso pecado. Aqueles que buscam uma solução própria para o problema do pecado tão-somente se prendem à culpa.

Além do mais, o menor pecado é tão desprezível que Deus — apesar de sua infinita misericórdia, graça e perdão — não vai e nem pode deixar passar nem até mesmo um único pecado sem aplicar a sua penalidade máxima.

Tem que haver uma solução. Tem que existir um caminho para que Deus satisfaça sua perfeita justiça e no entanto capacitá-lo a mostrar sua rica misericórdia em relação aos pecadores. A cruz de Cristo proporcionou o caminho ao capacitar o único sacrifício perfeito a expiar o pecado humano de uma vez por todas.

A oferta pelo pecado tinha que ser perfeita, sem mácula, não manchada pelo pecado. Jesus teve uma vida santa e sem pecado e viveu em perfeita obediência às leis de Deus. "Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hb 4.15). "Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus" (Hb 7.26).

Nosso Senhor, o único sem pecado, foi o Cordeiro de Deus oferecido como sacrifício pelo nosso pecado (Jo 1.29). Ele veio exatamente para esse propósito. "Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado" (1Jo 3.5). Quando ele foi pendurado na cruz, carregou a culpa do *nosso* pecado. "Certamente, ele tomou sobre si as *nossas* enfermidades e as *nossas* dores levou sobre si; e nós o reputávamos

como aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas *nossas* transgressões e moído pelas *nossas* iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Is 53.4, 5; ênfase acrescentada). Ele "a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência" (Hb 9.14). Ele pagou a penalidade máxima em nosso lugar. E da mesma maneira que nossos pecados foram imputados a ele, a sua justiça é computada a nós que cremos: "[Deus] o fez pecado por nós para que nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). Ele ressuscitou da morte para declarar sua vitória sobre o pecado. "[Ele] foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4.25).

"Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para o pecado, vivamos para a justiça; *por suas chagas, fostes sarados*" (1Pe 2.24; ênfase acrescentada). Esta é a única saída possível para o nosso pecado. É a única maneira que Deus pode tanto ser "justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3.26).

A cura divina para o pecado envolve mais que perdão e justificação. Deus transforma a essência da natureza do pecador. Ele nos torna participantes da sua própria natureza (2Pe 1.4). Martyn Lloyd-Jones escreveu:

> O homem precisa de uma nova natureza. De onde ele pode obtê-la? Novamente, não há outra resposta a não ser Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele veio dos céus e tomou para si a perfeita e completa natureza humana. Ele é homem e Deus. Somente nele o divino e o humano estão unidos. Ele nos oferece a sua própria natureza. Deseja fazer de nós novas criaturas. É o "primogênito dentre muitos irmãos". Todo aquele que nele crê e o recebe, obtém essa nova natureza, e como resultado todas as coisas se tornam diferentes. Aqueles que odiavam a Deus, agora o amam e desejam saber mais e mais sobre ele. Agora o seu supremo desejo é agradá-lo, honrá-lo e glorificá-lo. As coisas que antigamente lhes davam prazer, agora ele as odeiam e as detestam; e os caminhos de Deus são os seus desejos.[6]

Essa é a graciosa resposta de Deus para o nosso pecado. Ele redime aqueles que crêem e os transforma em novas criaturas (2Co 5.17). Ele lhes dá uma natureza completamente nova, incluindo o amor pela justiça e a aversão ao pecado. Como veremos nos capítulos subseqüentes, o resíduo do pecado ainda permanece nos crentes até que eles sejam finalmente glorificados, mas eles não são mais escravos do pecado ou incapazes de agradar a Deus.

Deus amou o mundo de tal maneira...

Tanto quanto odeia o pecado, Deus ama os pecadores. Em contraste com o sombrio passo de fundo do nosso pecado, a graça de Deus se torna ainda mais maravilhosa. A passagem mais conhecida da Bíblia é João 3.16. Sem um entendimento da perversidade do nosso pecado, porém, não seremos capazes de assimilar o tremendo significado deste versículo: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

"Deus amou de tal maneira..." Por que Deus me amaria apesar do meu pecado?

"Deus amou ao mundo de tal maneira..." Por que Deus amou o mundo cheio de pecadores?

"Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito..." Por que amaria Deus aos pecadores de modo tão constrangedor que sacrificaria seu amado filho em tanta agonia e humilhação?

" Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça..." Por que Deus tornou a salvação tão simples para os pecadores, exigindo somente a nossa fé, e fazendo ele mesmo toda a necessária obra expiatória?

"Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça..." Por que Deus livraria pecadores do julgamento merecido a ponto de permitir que seu único filho aceitasse o julgamento no lugar daqueles que não merecem a sua misericórdia?

"Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." Por que Deus daria vida eterna na sua presença a pecadores que não fizeram nada, mas opuseram-se a ele e o odiaram?

A resposta está na *graça de Deus*. "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo — pela graça sois salvos" (Ef 2.4, 5). "Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 6.23) "Bem-aventurados aqueles cujas iniqüidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado" (Rm 4.7, 8).

Você tem que nascer de novo

Como um pecador pode obter o perdão e conquistar a perfeita justiça de Cristo? Como alguém que é pecador por natureza, pode ser um participante da divina natureza?

Como Jesus disse ao fariseu chamado Nicodemos: "Você deve nascer de novo" (Jo 3.3). Nicodemos disse que essa seria uma exigência impossível, pois: "Como pode um homem nascer, sendo velho?" (Jo 3.4). Jesus simplesmente reiterou: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido de carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo"(vs. 5-7).

Jesus falava de um renascimento espiritual, de um ato de regeneração divina. Nicodemos estava certo ao dizer que o novo nascimento não é algo que ele pudesse alcançar por si mesmo. É uma obra soberana do Espírito de Deus, que não pode ser controlada por meios humanos: "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (v. 8). A salvação é uma obra completamente divina.

Se estiver lendo este livro como um descrente ou como alguém que está inseguro sobre o seu novo nascimento, você pode ser levado pelo desespero. Se o Espírito trabalha soberanamente quando, onde e em quem ele deseja, nós não estamos diante um dilema impossível? Você poderia perguntar como as pessoas que ouviram a pregação de Pedro no Pentecoste: "Que faremos?" (At 2.37) — ou como o carcereiro em Filipos: "Que devo fazer para que seja salvo?" (At 16.30). Se este é o apelo do seu coração, o Espírito de Deus já está trabalhando no seu íntimo. Deus estabeleceu um tempo, e *agora* é este tempo: "Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação" (2Co 6.2). "Diz o Espírito Santo: se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração" (Hb 3.7, 8).

O Espírito também estava trabalhando no coração de Nicodemos. E Jesus disse o que queria dele: "E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna" (Jo 3.14, 15). Nosso Senhor estava lembrando um acontecimento do Antigo Testamento, quando os israelitas tinham pecado contra Deus e murmuravam a Moisés: reclamavam que a jornada pelo deserto estava muito difícil, protestavam contra a escassez

de água e comida (Nm 21.5). Deus os castigou enviando uma praga de serpentes venenosas. Muitos foram picados e morreram, e Moisés intercedeu em favor deles. O Senhor instruiu a Moisés: "Faze uma serpente abrasadora, põe-na sobre uma haste, e será que todo mordido que a mirar viverá" (Nm 21.8). Moisés fez uma serpente de bronze e a colocou em uma haste como Deus havia ordenado. Os israelitas que haviam pecado tinham que somente olhar para a serpente e eram totalmente curados. Jesus também seria levantado, ele disse a Nicodemos, e quem quer que cresse nele seria salvo.

Nicodemos pode não ter entendido todos os aspectos do que Jesus dizia. Certamente não pensou que o modo que Jesus seria "levantado" seria em uma cruz de crucificação. Mas Nicodemos, como um estudioso do Antigo Testamento, estava totalmente familiarizado com o acontecimento da serpente de bronze. Ele conhecia essa história: aqueles que tinham que olhar para a serpente eram os israelitas rebeldes, que haviam pecado. E aqueles que olhassem para ela seriam curados somente pela graça milagrosa de Deus — não porque tomaram algum remédio, nem porque fizeram alguma coisa digna do favor divino, mas pura e simplesmente porque tiveram fé suficiente para olhar e confiar na cura de Deus.

Como líder espiritual sobre todo Israel, Nicodemos, sem dúvida nenhuma, identificava-se com Moisés sempre que lia o relato da serpente de bronze. Jesus estava sugerindo que o lugar dele era junto com os israelitas pecadores. Em outras palavras, ele estava confrontando Nicodemos com sua pecaminosidade. Ele estava chamando Nicodemos ao arrependimento. Estava apelando a Nicodemos para que cresse nele como o Salvador que seria levantado, e assim, todo aquele que crer nele será salvo.

Em outras palavras: "Arrependei-vos e crede no evangelho" (Mc 1.15) era o apelo de Jesus a Nicodemos. Esta é a mensagem de Deus para todos os pecadores, e ele graciosamente faz um convite grande o suficiente "*a todo aquele* que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16; ênfase acrescentada). Enquanto estiver lendo isso, e não estiver certo da sua condição espiritual, ou ansiar pela libertação do seu pecado, esta também é a mensagem de Deus para você: "Pois não há outro Deus, senão eu, Deus justo e Salvador não há além de mim. *Olhai para mim e sedes salvos, vós, todos os termos da terra*; porque eu sou Deus, e não há outro" (Is 45.21, 22; ênfase acrescentada). Ou como uma tradução contemporânea versa: "Volte-se para mim e serás salvo".

Arrependimento. A volta que o texto acima requer é *arrependimento* na direção de Cristo. Não é meramente uma "decisão positiva em relação a Cristo". Simplesmente não podemos adicionar Cristo a uma vida carregada de pecados, e então continuar amando o pecado, como se cultuar Cristo da boca para fora de alguma maneira santificasse toda nossa perversidade. Arrependimento significa deixar o seu amor ao pecado e voltar-se para Jesus Cristo para salvação: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados" (At 3.19).

Arrependimento, especificamente, significa "Convertei-vos e desviai-vos de todas as vossas transgressões" (Ez 18.30). Isso significa confissão de suas iniqüidades e renúncia a elas (Pv 28.13). Significa aborrecer seu pecado, ficar cheio de indignação contra ele (2Co 7.11).

Arrependimento certamente não significa que você deva fazer penitência ou corrigir seu comportamento *antes* de converter-se a Cristo. Converta-se *agora* ao Salvador, e ao voltar-se para ele, seu coração abandonará tudo o que o desonra (1Ts 1.9). Ele *fará* uma boa obra em você e ele mesmo vai tratar de completá-la (Fp 1.6). "Arrependa-se e volte-se para Deus", e descobrirá que a mudança de comportamento é um fruto inevitável (At 26.20; Lc 3.8; Mt 7.20).

Converta-se a ele hoje, enquanto ainda é tempo (Hb 3.13). "Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar" (Is 55.7). Não despreze nem tenha como certa as riquezas da sua bondade, tolerância e paciência, pois "a bondade do Senhor conduz ao arrependimento" (Rm 2.4). Deus não tem prazer na morte do perverso, "mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva" (Ez 33.11).

Essas verdades se aplicam a *você.* O apelo ao arrependimento é universal: "Agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam" (At 17.30). " Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2Pe 3.9). "Portanto, convertei-vos e vivei" (Ez 18.32).

Arrependimento significa que você se converteu e segue a Jesus. Ele fez esse convite aberto: "Se alguém quer vir após mim, ... siga-me" (Mt 16.24). "Se alguém me serve, siga-me" (Jo 12.26).

Não é possível seguir a Jesus parcialmente. O convite é este: Se alguém quer vir após mim, *a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me*" (Lc 9.23; ênfase acrescentada). "Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus" (Lc 9.62). "Quem

ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim ... e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim" (Mt 10.37, 38). "Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Lc 14.26, 27).

Jesus o adverte a calcular o custo cuidadosamente (Lc 14.28, 33). "Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mc 8.35-37).

Nosso Senhor até mesmo retratou o arrependimento como um tipo de morte: "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só, mas, se morrer, produz muito fruto" (Jo 12. 24).

Creia. O arrependimento e a fé andam de mãos dadas. Se o arrependimento salienta a nossa rejeição ao pecado e ao ego, a fé enfatiza a direção para o qual o nosso coração se voltou. "Crê no Senhor Jesus e será salvo, tu e a tua casa" (At 16.31). "Se, com a tua boca confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10.9). Não adianta arrependimento sem fé, pois a justiça não vem da tristeza pelo pecado. "A justiça que procede de Deus, baseada na fé" (Fp 3.9). A penitência não nos salva; somente Cristo pode fazê-lo. Boas soluções não podem ganhar o favor divino; devemos nos apoiar em Cristo pela fé. "Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12).

Você deve crer no Cristo das Escrituras. Ele é tanto Salvador como Senhor (Lc 2.11). "Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador" (Is 43.11). Você deve receber a Cristo como seu Senhor, não apenas como Salvador (Cl 2.6). Você deve recebê-lo nos termos dele, não há como receber o seu perdão sem também aceitar seu direito de governar.

Não é possível prender-se a ele enquanto ainda estiver agarrado ao pecado. Ele veio para salvar seu povo do pecado (Mt 1.21) — não para oferecer o céu aos pecadores que ainda têm prazer na maldade. A salvação que ele oferece não é apenas um escape das chamas do inferno, antes de tudo é a libertação gloriosa do domínio do pecado.

Tendo visto a terrível realidade do pecado, por que alguém iria querer uma salvação que não consegue libertar o pecador do cativeiro do pecado? Quando você entende a extrema pecaminosidade do pecado, quando percebe

o seu poder sobre você e compreende o terrível perigo que representa para sua alma, você deve procurar Cristo como seu refúgio.

O que é realmente maravilhoso é que ele promete receber todos aqueles que vão a ele (Jo 3.7). Mais do que isso, ele os convida a vir: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma" (Mt 11. 28, 29).

O reconhecimento do pecado é o primeiro passo necessário no único caminho para Cristo e para a salvação que ele oferece.

Notas

1. D. Martyn Lloyd-Jones, *The Plight of Man and the Power of God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1945), 147
2. Tom Wolfe, *The Bonfire of the Vanities* (Nova York: Farrar, Straus, Giroux, 1987).
3. Jay Adams, *The Grand Demonstration* (Santa Barbara: EastGate, 1991), 16.
4. Harold S. Kushner, *When Bad Things Happen to Good People* (Nova York: Schocken, 1981).
5. R. L. Dabney, *Systematic Theology* (Edimburgo: Banner of Truth, 1985; reimpressão do original de 1871), 537-38.
6. Lloyd-Jones, 89.

Capítulo 6

A Conquista do Inimigo Interior

Permita-me colocar isso de um modo muito claro: não adianta nada nós dizermos que Cristo morreu por nós, e que cremos que nossos pecados estão perdoados, a menos que também digamos que as coisas velhas já passaram e que tudo se fez novo; que nossa perspectiva em relação ao mundo e seu estilo de vida mudou completamente. Não é que não temos mais pecado, nem que somos perfeitos, mas sim que demos cabo àquele estilo de vida. Vimos a realidade dele, e somos novas criaturas para quem tudo se fez novo.

Dr. Martyn Lloyd-Jones[1]

Ninguém é perfeito. Esta verdade deveria levar-nos a tremer diante de um Deus que é santo, santo, santo. Em vez disso, é normalmente usada para desculpar um comportamento errado, para nos fazer sentir melhor. Com muita freqüência ouvimos as pessoas deixarem seus erros de lado desculpando-se com palavras vagas: "Afinal, ninguém é perfeito, não é mesmo?" As pessoas alegam não serem perfeitas para elevar sua auto-estima, mas isso é outra evidência de uma consciência amortecida. Há precisão nessa argumentação, porém deveria ser um confissão tímida, não uma forma leviana de justificar o pecado.

A Bíblia reconhece que não somos perfeitos. Até mesmo o apóstolo Paulo escreveu: "*Não que eu o tenha recebido ou tenha já obtido a perfeição*; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, *quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado*; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fp 3.12-14; ênfase acrescentada).

Nenhum de nós alcança a perfeição; nem de longe. Paulo ensina que nossa imperfeição deveria somente incentivar o objetivo de sermos totalmente semelhantes a Cristo. Quando começamos a usar nossa fragilidade como uma desculpa para não sentir culpa, estamos começando a caminhar num terreno perigoso. Devemos continuar a perseguir o objetivo: "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5.48). "Sede santos, porque eu sou santo" (1Pe 1.16). É insensato pensar que o fato de sermos imperfeitos de algum modo legitima uma desculpa que nos isenta do padrão perfeito de Deus.

O perigo do perfeccionismo

Por mais irônico que pareça, é igualmente perigoso — ou com certeza até mais — pensar que a perfeição espiritual é algo que os cristãos possam atingir nesta vida. A história da igreja está manchada com exemplos de divisões e facções que ensinaram várias versões do perfeccionismo cristão. Quase todos esses grupos naufragaram completamente na fé ou foram forçados a modificar seu perfeccionismo para que se acomodasse à imperfeição humana. Todo perfeccionista inevitavelmente encara face a face a clara e empírica evidência de que os vestígios do pecado permanecem na carne e

perturba até os cristãos mais espirituais, por toda a vida. Para que possam persistir na doutrina do perfeccionismo, eles têm que redefinir o pecado ou baixar o padrão de santidade. Muito freqüentemente fazem isso à custa da própria consciência.

Um grupo perfeccionista, a Comunidade Oneida, fundada por John Humphrey Noyes, floresceu em Nova York de 1849 a 1879. Baseada no conceito do perfeccionismo, que tinha muito em comum com os ensinos de Charles Finney (Noyes foi um convertido de Finney), a Comunidade de Oneida era a mais conhecida dentre cinqüenta comunidades que funcionavam no estado de Nova York na segunda metade do século 19. Os membros da Oneida (cerca de trezentos deles) viviam numa comunidade cuja sede era uma enorme mansão de pedra. Deram início a uma empresa de utensílios de mesa, que até hoje é bem-sucedida. Trabalhavam juntos, cultuavam juntos e tinham um estilo de vida comum que foi amplamente aclamado naqueles dias como um modelo de fraternidade e santidade cristã.

O que as pessoas de fora não entendiam completamente até que a comunidade foi dissolvida, em 1879, era que ali era praticado o casamento comunal. Toda mulher era considerada casada com todo homem, e todos tinham a liberdade de fazer sexo com qualquer um que escolhessem na comunidade. Pior, esperava-se que as crianças fossem sexualmente ativas logo que atingissem idade suficiente. O próprio Noyes iniciava as garotas assim que elas chegavam à puberdade.[2]

Noyes, como muitos perfeccionistas, simplesmente adaptou os padrões morais às suas preferências. Em vez de reconhecer que o desejo sexual fora do casamento é pecado e aceitar o resultado de que a sua própria concupiscência havia comprovado que ele não era perfeito, planejou uma doutrina que permitia a ele e aos outros de Oneida fazerem a vontade das paixões carnais e ainda alegarem ter alcançado a pureza.

A Comunidade de Oneida foi, com certeza, um dos exemplos mais horríveis de como o perfeccionismo é mal usado, mas em todos os tipos de perfeccionismo a mesma tendência existe. Em última análise, todos os perfeccionistas são forçados a projetar definições que diminuem o significado do pecado, de santidade e de perfeição que se acomodem à *im*perfeição da carnalidade humana.

O movimento Holiness é uma das variações mais típicas do perfeccionismo do que os extremistas fanáticos de Oneida. A assim chamada "doutrina Holiness" tem suas raízes na teologia Wesleiana e pode ser encontrada no metodismo tradicional (mas não necessariamente na ramificação

liberal da denominação), no Exército da Salvação, na Igreja do Nazareno e em muitas outras igrejas carismáticas. A maioria que apóia este ponto de vista acredita que a "santificação completa" é obtida repentinamente por meio de uma segunda *obra da graça. O cristão é elevado, por ela, a uma posição* de "santidade" perfeita em que não peca mais — pelo menos não consciente ou intencionalmente. As falhas comuns são chamadas de "erros" ou "tentações", mas não pecado. Apenas atos deliberados, premeditados e grotescos são rotulados como pecado. O pecado é assim exteriorizado. Males claramente denominados de *pecado* nas Escrituras são reduzidos a simples delitos. E a consciência deve ser enfraquecida para que se ajuste à doutrina.

H. A. Ironside, ex pastor da igreja Moody em Chicago, escreveu um livro sobre a sua luta com a doutrina do perfeccionismo, quando era um jovem oficial do Exército da Salvação. No final, Ironside deixou a organização e abandonou sua crença no perfeccionismo. Ele descreveu o perfeccionismo como uma doutrina que fragmenta a consciência:

> O ensino da santidade na carne [perfeccionismo] tende a tornar a consciência insensível e induzir aquele que a professa a baixar o padrão à altura da sua pobre experiência. Qualquer pessoa que conviva com aqueles que professam essa doutrina logo começará a perceber como essas condições descritas são predominantes. Os adeptos da Holiness são freqüentemente sarcásticos, cheios de censura, severos e rudes no julgamento de outros. Exageros, que chegam à desonestidade descarada, são inconscientemente encorajados e freqüentemente incentivados em suas reuniões de "testemunho".
>
> Os defensores da Holiness têm todas as pequenas peculiaridades desagradáveis que são tão irritantes para muitos de nós: eles não são mais livres da avareza, da tagarelice, da maledicência, do egoísmo e das fraquezas familiares do que seus vizinhos.
>
> E quanto à perversidade e à sujeira absoluta, lamento ter que registrar que pecados de um caracter absolutamente moral são, eu temo, encontrados com muito mais freqüência nas igrejas Holiness... do que alguém que está fora dela poderia pensar. Sei a respeito do que falo, e foi apenas pelo desejo de salvar outros dessa amarga desilusão que procurei indícios para fazer tal descrição.[3]

Todo perfeccionismo é, em essência, uma má compreensão desastrosa da maneira pela qual Deus trabalha a *santificação*. A santificação é um processo pelo qual Deus — trabalhando nos crentes por meio do Espírito Santo — gradualmente os transforma à semelhança de Cristo (2Co 3.18). O processo

de santificação afia a consciência do crente e impede que ela desapareça. A transformação é gradual, não instantânea — e nunca será completa durante esta vida — isso é confirmado por vários versos das Escrituras.

Como observamos no início deste capítulo, por exemplo, o apóstolo Paulo escreveu, perto do final do seu ministério, que ele ainda não era perfeito (Fp 3.12). Ele disse aos romanos: "Transformai-vos pela renovação da vossa mente" (Rm 12.2). E aos Gálatas escreveu que ele trabalhou com eles "até ser Cristo formado [neles] em vós" (Gl 4.19). A santificação não terminará "até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.13). Ele estimulou os Efésios a não mais serem crianças, susceptíveis a erros e tendências. Como deveriam fazer isso? Buscando uma experiência repentina? Não, ele escreveu: "*Cresçamos* em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (4.14,15; ênfase acrescentada).

Semelhantemente, Pedro instruiu os crentes a crescerem "na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 3.18). Ele escreveu: "como crianças recém-nascidas, desejai o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para a salvação" (1Pe 2.2).

A Bíblia ensina claramente que os cristãos nunca conseguirão a perfeição sem pecado nesta vida. "Quem pode dizer: Purifiquei o meu coração, limpo estou do meu pecado?" (Pv 20.9). "Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo" (Tg 3.2). "Por que a carne militar contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer" (Gl 5.17). "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós" (1Jo 1.8).

Portanto, a santificação nunca será completa nesta vida. Somente no céu estão os espíritos de pessoas justas que foram aperfeiçoadas (Hb 12.23). E na volta de Cristo: "quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (1Jo 3.2). "Igualmente, gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção de nosso corpo" (Rm 8.23). Esses versos descrevem a *glorificação*: a conclusão imediata e instantânea da nossa santificação.

Em seu magistral trabalho contra o perfeccionismo, B.B. Warfield caracterizou os perfeccionistas como "almas impacientes", que mais prontamente "toleram a idéia de uma perfeição imperfeita do que admitem a lenta perfectabilidade. A todo o custo eles têm que ter tudo o que está por

vir de uma vez".[4] Em outras palavras, os perfeccionistas rejeitam a idéia da santificação como um processo para a vida inteira. Insistem que é algo que Deus faz de maneira instantânea. E assim são forçados pela dura realidade a concluir que a obra de Deus na santificação deve cessar antes de chegar à semelhança perfeita de Cristo. Desistem de buscar a autêntica santificação em troca de uma rápida e vil substituta. E para fazer isso, devem inevitavelmente abrandar a consciência.

O erro-chave do perfeccionismo

Warfield explica as raízes teológicas comuns de todo o perfeccionimo moderno:

> Foi John Wesley que infectou o moderno mundo protestante com esse conceito de "santificação instantânea total". Ao dizer isso, não estamos fazendo uma acusação ferrenha contra ele. Não há elementos em seus ensinos que lhe traga maior satisfação que este. Não há elementos dentre os quais seja mais louvado por seus seguidores, ou mais se felicitem por o possuírem... Quando ondas após ondas do "movimento Holiness" despencaram sobre nós no século passado, sem dúvida cada uma trouxe algo particular de si mesmas. Mas uma qualidade comum e fundamental instruiu a todas; e essa qualidade lhes foi comunicada pela doutrina wesleiana. Os elementos essenciais dessa doutrina se repetem em todos esses movimentos e formam seus aspectos característicos. *Em todos eles, a justificação e a santificação são divididas uma da outra, como se fossem dois presentes separados de Deus*. Em todos eles, da mesma maneira, a santificação é representada como sendo obtida, exatamente como a justificação, por um simples ato de fé, mas não pelo mesmo ato de fé pelo qual a justificação é obtida, mas por um novo e separado ato de fé, exercitado para este específico propósito. Em todos eles, a santificação que vem neste [segundo] ato de fé, vem imediatamente pela fé, e de uma vez, e em todos eles como esta santificação, assim recebida, é santificação completa. Em todos eles portanto, é acrescentado, que esta santificação completa não traz libertação de todo pecado, mas somente, digamos, libertação de pecar; ou apenas libertação de pecar conscientemente; ou da comissão de "pecados conhecidos". E em todos eles, essa santificação não é uma condição estável, na qual, pela fé, entramos de uma vez por todas, mas uma obtenção momentânea, que deve ser

mantida momento a momento, e que prontamente pode ser perdida e freqüentemente o é, mas pode também ser repetidamente e recuperada instantaneamente.[5]

O erro que Warfield descreve — essa tendência a fazer uma separação radical entre santificação e justificação — é o erro-chave do perfeccionismo. Virtualmente todos os perfeccionistas tratam a santificação como se ela fosse um segunda experiência de conversão. Sob esse esquema, a santidade deve ser obtida por um ato separado de fé que acontece algum tempo depois da salvação inicial — uma "segunda benção", como é freqüentemente chamada.

Biblicamente, como veremos, a santificação começa imediatamente na justificação e continua sua obra — apesar das nossas falhas freqüentes — até o fim da nossa vida. Em meu livro *Faith Works* [A Fé Funciona], examino essa questão de uma perspectiva completamente diferente.[6] Nesse livro estava respondendo ao erro daqueles que dizem que a santificação é opcional. Aqui, portanto, meu propósito é examinar *como* o processo de santificação se desenvolve na vida dos crentes enquanto eles travam a batalha — que dura a vida toda — contra o pecado em sua própria carne. É interessante notar como as questões são virtualmente idênticas. Isso é porque a chave para examinar uma doutrina na questão da santificação é um correto entendimento da íntima relação entre santificação e justificação.

Contrário aos perfeccionistas, contrário aos professores da assim chamada "vida mais profunda", e contrário aos conceitos predominantes de que significa ser cheio do Espírito, santificação não é algo que começa com uma experiência de crise algum tempo depois da conversão. A santificação começa no exato momento da justificação e continua por toda a vida do cristão na terra. Como o Dr. Warfield sugeriu na citação acima, a santificação é obtida no pelo mesmíssimo ato de fé pelo qual recebemos a justificação. Jesus Cristo se torna para todo aquele que crê "sabedoria, e *justiça*, e *santificação*, e redenção" (1Co 1.30, ênfase acrescentada). Se a santificação não acontece no momento da salvação, não poderia ser dito a todos os que crêem " vós vos lavastes, ... fostes santificados, ... fostes justificados" (1Co 6.11).

Essa doutrina não é somente para cristãos maduros. Nada é mais prático na vida cristã do que uma correta compreensão de como o Espírito Santo trabalha para nos moldar à imagem de Cristo. De modo inverso, é difícil imaginar alguma coisa que debilite mais desastrosamente a vida saudável do cristão do que uma interpretação errada da santificação.

Como funciona a santificação?

A palavra *santificar* nas Escrituras vem de palavras gregas e hebraicas que significam “separar”. Ser santificado é ser separado do pecado. Na conversão, todos os crentes são libertos da escravidão do pecado, libertos do cativeiro do pecado — separados para Deus, ou santificados. No entanto, nesse momento, o processo de separação do pecado apenas teve seu início. Conforme crescemos em Cristo, nos tornamos mais separados do pecado e mais consagrados a Deus. Assim, a santificação que ocorre na conversão apenas inicia um processo, que dura toda a vida, pelo qual somos separados mais e mais do pecado e moldados em conformidade com Cristo — separados do pecado e separados para Deus.

Cristãos no processo de amadurecimento nunca transformam-se em pessoas que se autojustificam, presunçosas ou satisfeitas com seu progresso. Não buscam a auto-estima, mas em vez disso procuram trabalhar com seu pecado. E quanto mais nos tornamos semelhantes a Cristo, mais sensíveis ficamos aos vestígios corruptos da carne. Quando amadurecemos na santidade, nosso pecado se torna mais doloroso e mais óbvio a nós mesmos. Quanto mais rejeitamos nosso pecado, mais percebemos as tendências pecaminosas que ainda precisam ser abandonadas. Este é o paradoxo da santificação: quanto mais santos nos tornamos, mais frustrados ficamos pelos restos resistentes do nosso pecado. O apóstolo Paulo descreve nitidamente sua própria angústia sobre esta realidade em Romanos 7. 21-24:

> Então, ao querer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?

Romanos 7 apresenta muitos desafios difíceis aos intérpretes da Bíblia, mas certamente a questão mais difícil de todas é como é que Paulo pôde dizer essas coisas após ter escrito no capítulo 6: “ Foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado” (Rm 6.6,7).

Essas são verdades vitais para o cristão entender. Elas detêm a fórmula para um andar espiritual saudável e dão um discernimento prático de como deveríamos batalhar contra o pecado em nossa vida.A fim de entendê-las melhor devemos voltar a Romanos 6. De acordo com o Dr. Warfield, Romanos 6 "foi escrito com o único propósito de afirmar e demonstrar que justificação e santificação estão indissoluvelmente ligadas". Ou, na imaginação de Paulo, o morrer com Cristo (justificação) e o viver com Cristo (santificação) são ambos resultados necessários da verdadeira fé. Aqueles que acham que a graça trata a santidade como opcional estão tragicamente enganados. Aqueles que acham que experimentaram toda a santificação que precisavam estão igualmente iludidos. Aqueles que acham que a auto-estima é mais importante que a santidade estão cegos para verdade. Se conhecêssemos os princípios de Deus para trabalhar com o pecado, deveríamos compreender que isso é uma luta de vida e morte, até o final. Contentar-se com bons sentimentos a respeito de si mesmo é contentar-se com o pecado.

Continuaremos no pecado?

A graça de Deus não quer dizer que a santidade seja opcional. Sempre há pessoas que abusam da graça de Deus ao assumir que ela dá espaço para o pecado. Parafraseando essa filosofia, Paulo escreve: "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado para que seja a graça mais abundante?" (Rm 6.1) Se a graça superabundou onde o pecado abundou (Rm 5.20, 21) então nosso pecado somente magnifica a graça de Deus? Deveríamos continuar no pecado a fim de que graça de Deus seja magnificada?

"De modo nenhum!" Paulo respondeu com uma frase tão enfática que a versão King James traduziu da seguinte maneira: "Deus me livre!" A noção de que alguém usaria tal argumento para se desculpar era completamente ofensiva a Paulo. "Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? (Rm 6.3).

Paulo escreveu em outro lugar: "Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2.20).

Mas em que sentido morremos para o pecado? Todos os cristãos honestos vão testemunhar que ainda somos tentados, ainda caímos e ainda sentimos culpa pelo pecado o tempo todo. O que Paulo quer dizer quando disse aos cristãos que "morremos para o pecado"?

Ele está falando sobre nossa união com Cristo. Todos os crentes são unidos a Cristo pela fé:

> Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição (Rm 6. 3-5).

A frase "batizado em Cristo Jesus... batizado na sua morte" não tem nada que ver com o batismo nas águas. Paulo está usando a expressão *baptizo* do mesmo modo que ele a empregou em 1 Coríntios 10.2, quando falou dos israelitas como sendo "batizados em Moisés". Nesse sentido *batizado em* significa *identificado com, ligado a.* Em Gálatas 3.27, Paulo diz: "Porque todos quanto fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes". Novamente ele está falando da *união com Cristo*: "Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele" (1Co 6.17).

Nossa união com Cristo é a premissa da qual a justificação, a santificação e todos os outros aspectos da obra de salvação de Deus dependem. Se primeiro entendêssemos o que significa estar unido com Cristo, compreenderíamos a nossa salvação. Sobre essa doutrina, Martyn Lloyd-Jones escreveu:

> Realmente estamos em união com Cristo e para ele. Você não pode ler o Novo Testamento, até mesmo superficialmente, sem notar esta constante repetição — "em Cristo" — "em Cristo Jesus". O apóstolo continua repetindo esta frase, e ela é uma das afirmações mais significativas e mais gloriosas no campo e no âmbito da verdade. Isso significa que fomos unidos ao Senhor Jesus Cristo; tornamo-nos parte dele. Estamos nele. Pertencemos a ele. Somos membros do seu corpo.
>
> E o ensino é que Deus nos considera assim, e isso, naturalmente, significa que agora, *nessa relação, nós participamos e compartilhamos de tudo o que é verdade a respeito do próprio Senhor Jesus Cristo.*[8]

"Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1Co 15.22). "Em Adão" descreve o estado da pessoa não-regenerada, ainda sob a escravidão do pecado, morta,

incapaz de agradar a Deus de qualquer modo. Mas "em Cristo" descreve exatamente o estado oposto, a posição do verdadeiro crente em Cristo. Somos livres da tirania do pecado, capazes de amar e obedecer a Deus de coração, participantes de todas as bem-aventuranças do próprio Cristo, objeto do amoroso favor divino, destinado a uma eternidade gloriosa. "Agora, pois, já nenhuma condenação há para aqueles que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1).

Nossa união com Cristo resulta em algumas mudanças muito dramáticas. Em primeiro lugar, somos justificados. A justificação tem seu lugar no tribunal de Deus. É um veredito divino de "não culpado". O termo *justificação* não significa a mudança atual no caráter do pecador; ele descreve a mudança na sua posição diante de Deus.

Mas porque estamos unidos com Cristo, mudanças acontecem também na nossa própria natureza. *Regeneração, conversão e santificação* são as palavras que descrevem essa mudança. Nascemos de novo — somos regenerados — foi nos dado um novo espírito, um novo coração e um novo amor a Deus (Ez 36.26; 1Jo 4.19,20). Tornamo-nos participantes da natureza divina (2Pe 1.3, 4). Somos ressuscitados para andar em novidade de vida (Rm 6.4). E o velho homem pecaminoso é executado: "Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morrem está justificado do pecado" (Rm 6.6, 7).

Libertos do pecado

É exatamente aqui que o desafio no entendimento de Romanos 6 e 7 aparece. O que é "velho homem", que é dito estar crucificado? Se o velho homem foi aniquilado, por que ainda temos que lutar tanto contra o pecado? E se "quem morre já está justificado do pecado" (Rm 6.7), por que mais tarde Paulo escreve: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm 7.24).

Isso ajuda a entender os termos que Paulo está usando aqui. O "*velho homem*" refere-se à natureza não-regenerada, que tínhamos quando estávamos em "Adão". Não se trata do lado sinistro de uma tendência do tipo "o médico e o monstro". Não é a metade da dualidade de um temperamento exclusivo do cristão. Não é a "velha natureza" que luta contra a nova natureza a fim de controlar nossa vontade. É simplesmente o que

éramos antes de nascermos de novo. Não existe mais o velho homem. Ele foi crucificado, morto, despejado, abandonado. Todas essas expressões são usadas nas Escrituras.

Por exemplo, Paulo disse aos Efésios: "No sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento" (Ef 4.22, 23). Os tempos verbais no grego estão no infinitivo e não no imperativo. Eles poderiam ser traduzidos "vocês o abandonaram" e "vocês foram renovados" — não como uma ordem, mas como uma constatação de fatos. Isso parece dar um melhor sentido ao que Paulo está dizendo. Com certeza, esta é a única maneira em que podemos possivelmente ler a passagem paralela, Colossenses 3.9, 10: "Não mintais uns aos outros, uma vez *que vos despistes do velho homem* com seus feitos e *vos revestistes do novo homem* que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (ênfase acrescentada). Juntando todos esses versos, torna-se muito claro que o velho homem — o velho "eu" não-regenerado — está crucificado com Cristo "logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20).

A carne (Rm 6.19, 7.18) é como o cadáver do velho homem. Embora morto, continua a influenciar e infectar tudo o que toca com decomposição, impureza, podridão, mau cheiro de morte e uma contaminação que apodrece.

Quando eu era menino e morava na Filadélfia, um amigo da família morreu. Como era o costume, seu corpo permaneceu na sala de estar da casa por vários dias. Isso era um tributo a ele e permitia que a família e os amigos pudessem se acostumar à separação. Eu achei aquilo esquisito — um homem morto na sala de estar de uma pequena casa! Sua presença influenciava tudo. Ele estava morto, mas ainda influenciava todas as atividades.

Quando Paulo fala da "carne", está se referindo aos vestígios de nossa pecaminosidade: nossa fraqueza mortal, nosso egoísmo, nossa tendência ao pecado e ao fracasso. Eles não serão erradicados até que finalmente sejamos glorificados.

Porém, não estamos totalmente à mercê do pecado, como era o caso da nossa antiga servidão. "Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer" (Gl 5.16,17).

"Carne" nesse contexto não se refere ao corpo físico. Nem descreve uma parte específica do nosso ser. Paulo não está estabelecendo um dualismo

entre a parte material e a espiritual da humanidade, ou entre o corpo e a alma. "Espírito", nesses versos refere-se ao Espírito Santo. "Carne" refere-se à pecaminosidade que nos resta enquanto estivermos nessa terra. É uma corrupção que permeia e influencia cada aspecto do nosso ser — corpo, alma, emoções e desejo. Isso é o que nos torna suscetíveis ao pecado até mesmo depois de termos sido feitos participantes da natureza divina (cf. 2 Pedro 1.4). Embora o pecado não *reine* em nós, ele todavia ainda permanace em nós. Ele está *destronado* mas não *destruído*.

A "carne", então, não é o corpo, ou a alma, ou qualquer outra parte do *nosso* ser. É um *princípio* que age em nós. É a fonte e o estímulo do nosso pecado. Embora destituído do seu domínio ele não foi despido da sua potência, suas paixões ou sua capacidade de persuasão. A carne trava uma batalha contra os nossos desejos piedosos com o fervor de um monarca deposto que tenta recuperar o seu trono.

É dito que os descrentes estão "na carne" (cf. Rm 8.8,9). Os cristãos não estão mais *na* carne. Estamos no Espírito. Mas ainda somos "carnais" (1Co 3.1) — por exemplo, ainda temos falhas humanas. Paulo até mesmo disse: "Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado" (Rm 7.14).

Esse verso enfatiza o dilema entre Romanos 6 e 7. Como notamos, Paulo já tinha afirmado explicitamente que os crentes estão "libertos do pecado" (Rm 6.7, segundo a versão usada pelo autor. A versão ARA traz "justificados do pecado"); agora parece que ele está afirmando o contrário. Isso fez com que muitos comentaristas assumissem que Romanos 7 descreve a vida de Paulo antes da sua salvação. Porém, como sempre, o contexto deixa muito claro o seu significado. Romanos 7.23 mostra que tipo de "servidão" ele tinha em mente nesse capítulo: "Mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros". Esse verso não fala da escravidão fatal da alma ao pecado que Paulo se referiu no capítulo 6 versículo 7. Aqui ele está falando de uma fraqueza espiritual persistente nos seus membros — seu corpo, boca, mente, emoções, imaginação, etc. Essa "escravidão" é uma armadilha persistente que o derruba e o faz retroceder aos pecados que odeia. Essa é a experiência de todo cristão.

Em que sentido, então, são os crentes "libertos do pecado" (Rm 6.7 — segundo a versão usada pelo autor)? O que Paulo quer dizer quando diz que nosso velho homem está crucificado, de modo que "o corpo do pecado seja destruído (v.6)"? Seja destruído quase soa como se ele estivesse dizendo

que o pecado é erradicado, apagado, aniquilado. Mas a palavra grega (*katargeo*) significa literalmente "tornar inoperante", "anular" (cf. Rm 3.3, 31; 4.14). A palavra para "libertar" em 6.7 é *dikaioo*, geralmente traduzida como "justificar" [como na versão ARA]. Em outras palavras, os crentes são libertos da terrível penalidade e da condenação do pecado. Porque eles são justificados — declarados não-culpados e cobertos com a justiça perfeita de Cristo — o pecado e a morte não têm direitos sobre eles.

Além do mais, como são justificados da penalidade do pecado, são também santificados — libertos da tirania absoluta do pecado. O velho homem está crucificado e o corpo do pecado anulado. Isso expressa a mudança de caráter que acontece na regeneração. Os crentes são emancipados da corrupção total de sua natureza que os tornava incapazes de fazer outra coisa *que não fosse* pecar. Eles estão livres para amar e obedecer a Deus.

Mas eles ainda *não* estão totalmente livres do alcance do pecado. Ainda são propensos ao poder sedutor do pecado. Eles são incapazes de libertarem da presença do pecado. São ainda vulneráveis ao encantamento do pecado. Ainda carregam em sua carne corrupta a tendência para pecar.

Já não sou eu mais quem peca

Um comentário de Paulo é freqüentemente mal interpretado. Em Romanos 7 ele escreve:

> Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Neste caso, quem faz isto *já não sou eu, mas o pecado que habita em mim*. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, *já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim*" (15-20 - ênfase acrescentada).

É importante entender que Paulo não estava negando a responsabilidade pelo seu pecado. Não estava usando um argumento dualista — imputando todo o seu pecado a uma "velha natureza" ou a um perverso segundo eu. Acima de tudo, ele não estava tentando livrar-se da culpa dos seus pecados.

Ele estava simplesmente dizendo que pecado é contrário aos impulsos de sua nova disposição como crente. Antes da salvação, todos nós éramos

definidos pela nossa pecaminosidade. Éramos inimigos de Deus, sob a servidão do pecado, amantes do pecado, incapazes de fazer qualquer coisa *a não ser* pecar, corrompidos no âmago do nosso ser. Mas, quando nos tornamos crentes, aquele velho homem morre. Nascemos de novo com uma nova natureza que ama a Deus e deseja fazer justiça. "Concordamos com a lei." "O desejo de obedecer está presente" em nós. O pecado não mais define nosso caráter, ele é a coisa que detestamos. O nosso novo "eu" (cf. Gl 2.20) almeja a justiça e odeia o pecado.

Quando pecamos, portanto, contradizemos tudo o que defendemos como crentes, não é mais o "eu" que peca — no sentido de que pecado não é mais uma expressão do nosso verdadeiro caráter.

Por que pecamos? Porque o princípio corrupto da carne permanece em nós. E é isso que nos conduz à desobediência. É claro que somos responsáveis pelos nossos pecados. Porém quando pecamos, não é mais por causa *do que somos*, é por causa das leis carnais inflexíveis que permanecem em nós e exercem uma contínua influência até que sejamos transformados para a glória celestial. Como Paulo diz: "Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim" (Rm 7.21).

Tanto a Bíblia como a experiência provam que todos os cristãos lutam contra a fraqueza pecaminosa e as tendências carnais ao longo da vida. A tirania absoluta do pecado foi quebrada, fomos libertos de suas garras. Mas ainda sucumbimos às tentações do pecado; carregamos nossa própria carne — o princípio do pecado que permanece em nós ("o corpo desta morte" — Rm 7.24) — como grilhões. Nós somos novas criaturas por inteiro, redimidas e capacitadas pelo Espírito Santo, cheias de toda a plenitude de Deus — mas ainda presas a uma carne pecaminosa. "E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23).

O pecado no nosso íntimo, embora seja um "inimigo conquistado" ainda deve ser vigorosamente resistido ao longo de nossa vida. Estamos livres do pecado, porém devemos permanecer em guarda. O perfeccionismo, além do mais, somente anula o processo da santificação. Não somos perfeitos. Somos humanos. Ainda gememos.

Enquanto gememos e esperamos pelo glorioso dia, devemos continuar a travar uma batalha contra o inimigo derrotado dentro de nós. A Bíblia nos dá claras instruções sobre como devemos lutar contra o pecado na carne. Na Parte III trataremos dos meios práticos que nos estão disponíveis para que obtenhamos vitória contra o pecado em nosso caminhar diário.

Notas

1. D. Martyn Lloyd Jones, *Sanctified Through the Truth: The Assurance of our Salvation* (Wheaton: Crossway, 1989),120.
2. Spencer Klaw, *Without Sin: The Life and Death of the Oneida Community* (Nova York: Allen Lane, 1993), 3.
3. H. A. Ironside, *Holiness: The False and the True* (Neptune, NJ: Loizeaux,1912), 36-37.
4. B. B. Warfield, *Perfectionism*, vol 2 (Grand Rapids: Baker,1981 reimpressão do original de 1932), 561.
5. *Ibid.*, 562 (ênfase acrescentada).
6. John MacArthur, *Faith Works: The Gospel According to the Apostles* (Dallas: Word, 1993), 105-121.
7. Warfield, 568
8. Lloyd-Jones, 116-17 (ênfase acrescentada).

Parte III

Tratando o Pecado

A parte III apresenta muitas soluções práticas para se obter vitória contra o pecado em nosso caminhar diário.

O capítulo 7, "Despedaçando Agague", descreve a necessidade e a maneira de continuamente mortificar o pecado em nossa vida, para que não cresça novamente para nos ferir.

O capítulo 8, "Tratando a Tentação", examina a glorificação da sociedade dos sete pecados capitais. Sugere maneiras de superar a tentação pela observação de suas formas, natureza e extensão. Mostra como Deus não nos envia tentação, mas provações por meio das quais podemos aprender e que são suportáveis.

O capítulo 9, "Mantendo a Mente Pura", examina os perigos de uma vida de pensamentos pecaminosos, e dá sugestões sobre como nos guardar contra os pecados do pensamento zelando pelos nosso coração e sabendo como a mente peca.

O capítulo 10, "Tratando o Mistério da Fé com uma Consciência Limpa", enfatiza como o evangelicalismo moderno se esqueceu da extrema perversidade do pecado, e, em vez disso, levou os crentes a preocuparem-se com a busca de "sentir-se bem". Ele examina a postura da Bíblia sobre o valor intrínsico das pessoas e a hostilidade da psicologia moderna para com a doutrina do pecado. Conclui mostrando princípios específicos e práticos que ajudam a nossa consciência a detectar e enfrentar a presença do pecado em nossa vida.

Capítulo 7

Despedaçando Agague

A mortificação enfraquece a força do [pecado], mas não muda sua natureza. A graça muda a natureza do homem, mas nada pode mudar a natureza do pecado... Destruído ele pode ser, e será, mas não pode ser curado... Se não for dominado e destruído, dominará e destruirá a alma.

E, aí reside não pequena parte de seu poder... Nunca se aquieta, [quer seja] vitorioso [ou] conquistado.

. . . .

Mortifique o pecado. Faça disso sua labuta diária; sempre, enquanto viver; não termine nenhum dia sem lutar; continue matando o pecado ou ele o matará.

John Owen[1]

Se o pecado é um inimigo derrotado, como pode nos causar tantos problemas? Se o domínio do pecado foi quebrado, por que, com freqüência, parece nos dominar? Por que as forças do humanismo secular, o novo hedonismo, a Nova Era, o ensino da auto-estima e a má teologia têm causado tanto impacto entre os *crentes*? Por que a consciência parece estar desaparecendo até mesmo no meio evangélico?

Todo cristão honesto confirmará que a tendência para o pecado não é apagada quando nos tornamos cristãos. Ainda temos prazer no pecado. Ainda lutamos contra hábitos pecaminosos. Alguns desses hábitos estão tão profundamente arraigados que ainda batalhamos contra eles após anos de luta espiritual. Ainda caímos em pecados horríveis e vergonhosos. A verdade é que pecamos diariamente. Nossos pensamentos não são aqueles que deveriam ser. Desperdiçamos nosso tempo em buscas frívolas e mundanas. De tempos em tempos nosso coração fica frio quanto às coisas de Deus. Por que tudo isso acontece se o domínio do pecado está quebrado?

Esta parte do livro examina o antídoto bíblico ao pecado na vida do crente. Aqui veremos que a Escritura nos insta a evitar qualquer tipo de apatia em relação ao tratamento do pecado. Devemos mortificar o pecado e sua influência em toda a nossa vida. Aqui é que nosso estudo se torna mais prático.

A ira de Deus contra Amaleque

Uma ilustração no Antigo Testamento pode ajudar a esclarecer nossa relação com o pecado. Em 1 Samuel 15, lemos que Samuel ungiu a Saul e solenemente deu-lhe estas instruções do Senhor: "Vai, pois, agora, e fere a Amaleque, e destrói totalmente a tudo que tiver, e nada lhe poupes; porém matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos" (v. 3).

O mandamento de Deus era claro. Saul tinha que proceder cruelmente em relação aos amalequitas, matando até mesmo as criancinhas de peito e animais. Toda a tribo tinha que ser total e impiedosamente arrasada — nenhum refém poderia ser tomado.

O que faria um Deus de amor infinito impor um julgamento tão severo? Os amalequitas eram uma antiga raça nômade, descendentes de Esaú (Gn 36.12). Habitavam a parte sul de Canaã e eram eternos inimigos dos Israelitas. Pertenciam à mesma tribo que cruelmente atacou Israel em Refidim, logo

após o Êxodo, na famosa batalha em que Arão e Hur tiveram que sustentar os braços de Moisés (Êx 17.8-13). Eles emboscaram Israel pela retaguarda e massacraram os soldados dominados, que estavam extenuados (Dt 25.18). A mais poderosa e selvagem tribo de toda a região atacou Israel covardemente. Naquele dia Deus livrou Israel sobrenaturalmente, e os amalequitas fugiram procurando refúgio. No final dessa batalha Deus jurou a Moisés: "Escreve isso para memória num livro e repete-o a Josué; porque eu hei de riscar totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu" (v. 14). Realmente ele considerava importante que Israel destruísse Amaleque:

> Lembra-te do que te fez Amaleque no caminho, quando saías do Egito, como te veio ao encontro no caminho e te atacou na retaguarda todos os desfalecidos que iam após ti, quando estavas abatido e fatigado; e não temeu a Deus. Quando pois, o Senhor, teu Deus, te houver dado sossego de todos os teus inimigos em redor, na terra que o Senhor, teu Deus, te dá por herança, para a possuíres, apagarás a memória de Amaleque de debaixo do céu; *não te esqueças* (Dt 25.17-19; ênfase acrescentada).

Os amalequitas eram guerreiros temíveis. Sua presença intimidadora foi uma das razões pelas quais os israelitas desobedeceram a Deus e um impecilho para que entrassem na terra prometida em Cades Barnéia (Nm 13.29).

A ira de Deus ardia contra os amalequitas por causa da perversidade deles. Ele constrangeu até o corrupto profeta Balaão a profetizar sua sentença: "Amaleque é o primeiro das nações; porém o seu fim será a destruição" (Nm 24.20). Os amalequitas costumavam atormentar Israel indo às suas terras depois de a plantação ter sido semeada, e movimentando-se na terra cultivada com suas barracas e animais, destruíam tudo pelo seu caminho (Jz 6.3-5). Eles odiavam a Deus, detestavam Israel e pareciam ter prazer em atos perversos e destrutivos.

As instruções de Deus para Saul, portanto, cumpriram o voto que ele havia jurado a Moisés. Saul tinha que eliminar a tribo para sempre. Ele e seus exércitos eram os instrumentos pelos quais a justiça de Deus seria levada a cabo. Seu santo julgamento para um povo mau.

A insensatez da obediência parcial

Mas a obediência de Saul foi somente parcial. Ele ganhou a batalha ferindo de forma esmagadora os amalequitas que fugiram deles "desde

Havilá, até chegar a Sur, que está defronte do Egito" (1Sm 15.7). Como ordenado, ele matou todas as pessoas, mas "tomou vivo a Agague, rei dos amalequitas" (v. 8). "E Saul e o povo pouparam Agague, e o melhor das ovelhas e dos bois, e os animais gordos, e os cordeiros, e o melhor que havia e não os quiseram destruir totalmente; porém toda coisa vil e desprezível destruíram" (v. 9). Em outras palavras, motivados pela cobiça eles pegaram as melhores coisas dos amalequitas, coletando os despojos da vitória, e desobedecendo propositadamente às instruções do Senhor.

Por que Saul poupou Agague? Talvez porque ele quisesse usar o rei humilhado dos amalequitas como um troféu para mostrar seu próprio poder. Aparentemente, naquele momento Saul estava somente motivado pelo orgulho; ele até construiu um monumento para si no monte Carmelo (v. 12). Quaisquer que fossem seus motivos, ele desobedeceu a um claro mandamento de Deus e permitiu que Agague vivesse.

Esse pecado era tão sério que Deus imediatamente depôs do trono Saul e seus descendentes para sempre. Samuel lhe disse: "Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei" (v. 23).

Então Samuel disse: "Traze-me aqui a Agague, rei dos amalequitas" (v. 32).

Evidentemente Agague, pensando que sua vida havia sido poupada e se sentindo muito seguro, "veio a ele confiante". "Certamente já se foi a amargura da morte", disse ele.

Mas Samuel não estava para brincadeira. Disse a Agague: "Assim como a tua espada desfilhou mulheres, assim desfilhada ficará a tua mãe entre as mulheres. E Samuel despedaçou Agague perante o Senhor em Gilgal" (v. 33).

Nossa mente, instintivamente, recua diante do que parece ser um ato impiedoso. Mas foi *Deus* quem mandou que isso fosse feito. Era um ato de julgamento divino para mostrar a ira santa de um Deus indignado contra o pecado devasso. Ao contrário de seu compatriota e rei, Samuel estava determinado a cumprir inteiramente a ordem do Senhor. A batalha que tinha por objetivo exterminar os amalequitas para sempre terminou sem que esse objetivo fosse alcançado. A Bíblia registra que depois de alguns anos, a tribo revigorada atacou repentinamente o território sul e levou cativas as mulheres e crianças — incluindo a família de Davi (1Sm 30.1-5).

Quando Davi encontrou os amalequitas saqueadores, "Eis que estavam espalhados sobre toda região, comendo, bebendo e fazendo festa por todo

aquele grande despojo que tomaram da terra dos filisteus e da terra de Judá" (v. 16). Ele os feriu desde o crepúsculo vespertino até a tarde do dia seguinte, matando a todos, exceto quatrocentos moços que fugiram montados em camelos (v. 17).

Os amalequitas são uma ilustração adequada do pecado que permanece na vida do crente. Aquele pecado — já totalmente derrotado — deve ser tratado com crueldade e despedaçado, ou então ele irá reviver e continuar a saquear e espoliar nosso coração, e tirar o vigor da nossa força espiritual. Não podemos ser misericordiosos com Agague, ou então ele retornará para tentar nos devorar. De fato, o pecado que permanece em nós freqüentemente se torna mais ferozmente resoluto depois de ter sido destronado pelo Evangelho.

A Bíblia nos ordena mortificar o pecado. "Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena; prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é a idolatria; por estas coisas é que vem a ira de Deus [sobre os filhos da desobediência]" (Cl 3.5,6). Não podemos obedecer parcialmente ou ser indiferentes quando procuramos eliminar o pecado da nossa vida. Não é possível parar enquanto a tarefa estiver incompleta. Os pecados, do mesmo modo que os amalequitas, encontram sempre um jeito de escapar da matança, gerando, revivendo, reagrupando-se e lançando novos e inesperados ataques em nossas áreas mais vulneráveis.

A vida no Espírito

Em Romanos 8.13 Paulo também escreveu sobre mortificar "os feitos do corpo". Depois de declarar vitória sobre o pecado em Romanos 6, e então descrever uma luta contínua contra o pecado no capítulo 7, ele descreve a experiência triunfante de viver no Espírito no capítulo 8. No meio do capítulo, o apóstolo declara que o comportamento característico daqueles que são guiados pelo Espírito é que continuamente mortificam seus feitos malignos.

É significativo que o Espírito Santo seja mencionado somente uma vez na introdução da epístola (1.4, "o Espírito de santidade"), e depois não é mencionado novamente até Romanos 8.1. Só em Romanos 8 há no mínimo vinte referências ao Espírito Santo.

Romanos 8 retrata o Espírito Santo como o agente divino que nos liberta do pecado e da morte (vs. 2 e 3), nos capacita a viver em justiça (vs. 4-13), nos dá segurança e conforto em nossa aflição (vs. 14-19), nos preserva

e sustenta em Cristo (vs. 20-28), e garante nossa vitória final na glória eterna (vs. 29-39). Exatamente no contexto desse profundo ensino sobre o papel do Espírito Santo na vida do cristão, Paulo tem coisas importantes a dizer a respeito da mortificação do pecado. Ele começa contrastando a vida no espírito com a vida na carne e sob a lei. É importante entender estas verdades em seu próprio contexto:

> Porquanto o que fora impossível à lei no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz. Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus; nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o Espírito é vida, por causa de justiça. Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita (vs. 3-11).

Em outras palavras, a vida no Espírito é notoriamente diferente da vida do não-crente. Todos os verdadeiros cristãos estão "no Espírito". Eles "não andam de acordo com a carne, mas de acordo com o Espírito". Aqueles que andam de acordo com a carne não são crentes, e Paulo é bem preciso ao tornar isso claro: "E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (v. 9). Mais adiante ele acrescenta: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (v. 14).

Isso significa que há somente dois tipos de pessoas no mundo — aqueles que estão de acordo com a carne e aqueles que estão de acordo com o Espírito. É claro que há pessoas no Espírito em níveis muito diferentes de maturidade espiritual. Também as pessoas na carne variam os níveis de perversidade. Mas todos ou estão "na carne" (v. 8) ou "no Espírito" (v. 9). Não há nenhuma categoria "intermediária".

O que Paulo está sugerindo é que o Espírito Santo muda nossa disposição básica quando nascemos de novo. Ele nos faz andar de acordo com ele. Ele realmente habita em nós (vs. 9,11). Tornamo-nos participantes da natureza divina (2Pe 1.4). Nossa orientação em relação a Deus muda. Onde havia inimizade, há um novo amor (cf. Rm 8.28). Na carne não podíamos agradar a Deus (v. 8), mas agora a exigência justa da lei é cumprida em nós (v. 4). O principal de tudo isso é a realidade de que agora todo o nosso desejo é novo. Visto que o desejo da carne significava morte, o desejo das coisas do Espírito resulta em vida e paz (v. 6).

Se seu desejo — a orientação fundamental da sua compreensão, suas inclinações, suas disposições, seus padrões de pensamento — não mudaram quando você professou a fé em Cristo, alguma coisa está seriamente errada. Isso não quer dizer que os cristãos não possam cair e voltar aos velhos padrões e hábitos. Mas isso realmente significa que nossos pensamentos em relação a Deus, pecado e justiça são radicalmente diferentes agora, que estamos "no Espírito", daqueles de quando estávamos "na carne". Temos afeições santas e novas e um desejo piedoso. Temos um amor a Deus que transcende a nossa ligação com este mundo (Tg 4.4). Não podemos mais alegremente seguir a carne, "andar em imundas paixões" (2Pe 2.10). Não temos mais nada em comum com aqueles "que só se preocupam com as coisas terrenas. Pois a nossa pátria está nos céus" (Fl 3.19,20). E é em direção ao céu que nossos desejos estão inclinados agora. Nossa preocupação tem que ver com as coisas do Espírito (Rm 8.5). Até mesmo quando fracassamos ou caímos em tentações terrenas, nós temos "prazer na lei de Deus" (7.22). Essa é a nossa preocupação e orientação básica.

Em contraste "o pendor da carne dá para a morte" (v. 6). Paulo não diz que o desejo da carne *causa* a morte. Ele declara que dá para a morte. O estado de mente que é dominado pelos desejos carnais é uma condição de morte espiritual. Em outras palavras, aqueles cujos pensamentos e desejos são altamente carnais já estão "mortos em seus delitos e pecados" (Ef 2.1). Essa não pode ser uma descrição do verdadeiro crente em Cristo.

Como observamos no capítulo 6, os cristãos não estão mais "na carne": "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8.9). A palavra grega traduzida para "habita" é *oikeo* que significa "morar". Paulo está dizendo que o verdadeiro Espírito de Deus habita em cada pessoa que confia em Jesus Cristo. O Espírito está em nós e nós estamos "no Espírito". Não estamos "na carne".

A morte do corpo físico

Mas ainda somos "de carne", e portanto nosso corpo físico se deteriora e morre. O micróbio da morte habita em nós. Por causa da maldição do pecado, começamos a morrer logo que nascemos.

Para os cristãos, entretanto, há mais para esta vida terrena do que a morte: "Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça" (Rm 8.10). Em outras palavras, o corpo do homem está sujeito à morte (já está morrendo) por causa do pecado, mas o espírito do crente está vivo em Cristo. A vida eterna é a nossa possessão presente. Embora o corpo esteja morrendo, o espírito já está dotado de incorruptibilidade.

Aqui a palavra "corpo" se refere claramente ao corpo físico (não o princípio da carne), e a expressão "morte" fala da morte física. (Ver a discussão no Apêndice 1 sobre como Paulo freqüentemente usa "carne" e "corpo" para se referir à tendência pecaminosa nos cristãos). Perceba que os versos 10 e 11 usam a palavra "corpo" (*soma*) em vez de "carne" (*sarx*) — palavra que Paulo usou nos nove primeiros versículos. Dessa maneira, ao contrastar "corpo" com "espírito", ele não deixa dúvidas quanto ao seu significado. No versículo 10, o "espírito" é vida, refere-se ao espírito humano, à parte espiritual do nosso ser. O corpo pode estar morrendo por causa do pecado, mas o espírito do crente está totalmente vivo e progredindo por "causa da justiça" — porque somos justificados e portanto já "passamos da morte para a vida" (Jo 5.24). Aqui Paulo está simplesmente dizendo o que também disse aos Coríntios: "Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia" (2Co 4.16).

De fato o Espírito que habita em nós também promete "vida para nosso corpo mortal" numa ressurreição futura com o corpo glorificado (Rm 8.11).

O que Paulo quer dizer é que o corpo, sem o Espírito de Deus, não tem futuro. Está sujeito à morte. Portanto, não temos obrigação em relação ao lado mortal do nosso ser: "Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis" (Rm 8.12, 13). Aqui Paulo usa a palavra *sarx* ("carne") no sentido de "princípio pecaminoso" — e a compara com "os feitos do corpo". Se você vive de acordo com a carne — se vive em resposta aos impulsos pecaminosos — você "deve morrer".

Paulo está mais uma vez traçando os pontos de distinção, tão claramente quanto possível, entre os cristãos e não-cristãos. De forma nenhuma ele está alertando os crentes quanto ao perigo de perda da salvação se viverem segundo a carne. Ele já mostrou que o verdadeiro cristão não vive e *nem pode* viver segundo o princípio do pecado (vs. 4-9). Além disso, Paulo iniciou o capítulo 8 com a afirmação "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (8.1). Ele terminará o capítulo com a promessa de que nada pode nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus (vs. 38,39). Um alerta sobre a possibilidade de queda contradiria o propósito da sua carta.

Paulo simplesmente estava reiterando o que disse por diversas vezes em suas epístolas no Novo Testamento — que aqueles que têm vida e coração totalmente carnais não são verdadeiros cristãos. Eles já estão mortos espiritualmente (v. 6) e, a não ser que se arrependam, estão condenados à morte eterna. Enquanto isso, a vida deles na terra é um tipo de servidão horrorosa ao pecado. São escravos da sua própria carne, constrangidos a suprir seus desejos sensuais.

O que é mortificação?

Por outro lado, os cristãos têm uma obrigação diferente — não para com a carne, mas em relação ao novo princípio de justiça personificado no Espírito Santo. Eles lutam, pelo poder do Espírito Santo, para mortificar o pecado na carne — "para mortificardes os feitos do corpo". Se você estiver fazendo isso, ele diz, "[viverás]" (Rm 8.13).

É claro que Paulo não está sugerindo que alguém pode obter vida, mérito ou favor de Deus pelo processo da mortificação. Mas está dizendo que é uma característica de crentes verdadeiros o fato de mortificarem os feitos do corpo. Nada é mais natural para pessoas que são "guiadas pelo Espírito de Deus" (v.14) do que mortificar seu pecado. Uma das provas da nossa salvação é que fazemos isso. Espera-se isso dos crentes. É a expressão da nova natureza.

Em outras palavras, o crente verdadeiro não é como Saul, que queria mimar e preservar Agague, mas como Samuel que o despedaçou sem mercê e sem demora. Saul pode ter querido fazer de Agague um animal de estimação, mas Samuel sabia que isso era totalmente impossível. Da mesma maneira, nunca domesticaremos nossa carne. Não podemos afagar nosso pecado. Devemos tratá-lo com rapidez e de um modo severo. Foi o que disse Jesus:

> Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno (Mt 5.29,30).

É óbvio que Jesus não estava falando no sentido literal, embora muitos tenham entendido mal essa passagem. Ninguém menos que o próprio grande teólogo Orígenes castrou-se, num esforço mal orientado de cumprir esse mandamento literalmente. Jesus *não* estava proclamando a automutilação, mas sim a mortificação dos feitos do corpo. Mortificação, nas palavras do puritano John Owen significa que a carne, "com [suas] faculdades e propriedades, [sua] sabedoria, astúcia, sutileza, força, deve, segundo o apóstolo, ser morta, afligida, mortificada — isto é, ter seu poder, vida, vigor e força para produzir seus efeitos, afastados pelo Espírito".[2]

Romanos 8.12, 13, versos que Paulo usa para introduzir a idéia de mortificação do pecado, sinalizam para um grande ponto de alteração na linha de pensamento que percorre esse capítulo. Martyn Lloyd-Jones disse:

> É aqui, pela primeira vez, nesse capítulo, que entramos no campo da aplicação prática. Tudo o que vimos até agora foi uma descrição geral do cristão — seu caráter, sua posição. Mas agora o apóstolo realmente explicita a doutrina da santificação. *Aqui nos é dito exatamente como, na prática, o cristão se torna santificado.* Ou, dizendo isso de uma outra maneira, aqui nos é dito em detalhes e na prática como o cristão deve travar a batalha contra o pecado.[3]

Paulo não promete uma libertação imediata do assédio do pecado. Não descreve uma crise momentânea de santificação, quando o crente imediatamente se tornaria perfeito. Ele não diz aos romanos para deixarem as coisas na mão de Deus enquanto eles não fazem nada. Não sugere que uma "decisão em momento crítico" resolverá a questão de uma vez para sempre. Ao contrário, ele fala de uma luta contínua com o pecado, que devemos, de forma persistente e perpétua, "mortificar os feitos do corpo".

Essa linguagem é freqüentemente mal-entendida. Paulo não está chamando as pessoas a uma vida de autoflagelação. Ele não está dizendo que os cristãos deveriam ser subjugados pela fome, literalmente torturarem o corpo, ou privarem-se das necessidades básicas da vida. Não está lhes dizendo para se mutilarem, abraçarem uma vida monástica ou qualquer coisa

do tipo. A mortificação de que Paulo fala não tem nada que ver com uma autopunição exterior. É um processo espiritual realizado pelo "Espírito".

Paulo está descrevendo uma forma de vida para *sufocar o pecado, aniquilá-lo de nossa vida, sugar suas forças, extirpá-lo e impedir sua influência.* Isso é o que significa mortificar o pecado.

Como mortificar o pecado?

O cultivo de novos hábitos de piedade, combinados com o extermínio dos velhos hábitos pecaminosos do nosso comportamento, tem tudo que ver com a mortificação. É uma luta constante que acontece dentro do crente. Embora devêssemos esperar o triunfo sobre o pecado para estarmos sempre crescendo, antes da glorificação esse processo de mortificação nunca poderá ser totalmente completado. Permanecemos perpetuamente comprometidos com essa tarefa. Devemos ver o pecado como um inimigo declarado, e nos comprometermos a bani-lo onde quer que esteja e em qualquer ocasião que levante sua cabeça.

Obviamente, a mortificação é um trabalho somente para os crentes. Descrentes são chamados ao arrependimento e ao refúgio em Cristo. Aqueles que ainda são escravos do pecado não têm como mortificar o pecado. O Espírito Santo — o agente da mortificação — não habita neles. A única esperança para eles é a salvação oferecida àqueles que confiarem em Cristo e se entregarem a ele. Ninguém que não esteja "em Cristo" e "no Espírito" consegue mortificar o pecado.

A Bíblia oferece diversas formas práticas para os crentes mortificarem seus pecados. Nosso crescimento na graça depende da obediência a esses deveres. Não se trata de fórmulas mecânicas ou carnais. John Owen observou que muito do sistema religioso Católico Romano consiste em "caminhos errados e formas de mortificação... Seus votos, mandamentos, abstinência, penitências, são todos construídos nesse terreno; todos com o fim de mortificar o pecado. Suas pregações, sermões e livros devocionais, todos, visam a esse caminho".[4]

Porém o pecado não pode ser aniquilado por meio do legalismo, do monaquismo, da beatice, do ascetismo, do farisaísmo, do celibato, da autofagelação, do confessionário, de rosários, de Ave-Marias, ou qualquer outra coisa externa. O instrumento de mortificação é o Espírito Santo, e seu poder é a energia que trabalha em nós para conduzir o processo. Todas

as formas de mortificação são simples ordens da Bíblia a que devemos obedecer. Algumas dessas ordens-chave estão destacadas abaixo:

Abstenção das paixões carnais. Pedro escreveu "Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnais, que fazem guerra contra a alma" (1Pe 2.11). Em outras palavras: deixe as paixões carnais. Abstenha-se delas. Fique longe disso. " [Fuja] da impureza" (1Co 6.18). O que poderia ser mais direto?

Você quer mortificar as paixões carnais no seu coração? Então pare de levá-las em consideração. Pedro não prescreve um programa terapêutico. Não sugere que tal pecado deva ser tratado como um vício. Simplesmente diz: abstenha-se. Pare de fazer isso. Você não tem o direito de tolerar tais pensamentos. Afaste-os de uma vez para sempre. *Você mesmo* deve fazê-lo; isso não pode ser feito para você. Não tem cabimento esperar por uma força muito poderosa que apague esse pecado automaticamente da sua vida. Detenha-o, e faça isso imediatamente. Martyn Lloyd-Jones disse:

> Eu não conheço nada na Bíblia — e digo isso intencionalmente — que me diga para levar o pecado — aquela coisa específica que acaba comigo — a Deus em oração e lhe peça que me liberte, e, então, ter fé que ele assim o fará.
>
> Esse ensino também é colocado desta forma: você não deve dizer a um homem que constantemente é derrotado por um pecado específico: "Acho que sua única esperança é levar isso a Cristo e ele vai tirar tal pecado da sua vida". Mas o que as Escrituras dizem em Efésios 4.28 ao homem que constantemente se sente culpado por causa do seu furto, ao homem que vê alguma coisa de que gosta e a toma? O que devo dizer a esse homem? Devo falar: "Leve esse pecado a Cristo e peça que ele o liberte"? Não, o que o apóstolo Paulo lhe diz é: "Aquele que furtava não furte mais". Só isso. Pare de furtar. E se for fornicação, ou adultério ou paixões carnais, de novo: pare de fazê-lo, diz Paulo. Ele não diz: "Vá e ore para que Cristo o liberte". Não. Você pára de fazer isso, ele diz, quando se torna filho de Deus.[5]

Talvez essa seja a forma mais direta e óbvia de mortificar o pecado: *parar de praticá-lo*. Muitas pessoas pensam que devem esperar por uma experiência extraordinária, um milagre dos céus, um sinal do Senhor ou qualquer coisa que seja. Pensam que é necessário uma intervenção divina para libertá-los de uma prática pecaminosa ou de um modelo de pensamento.

Não, é exatamente esse erro que Romanos 6 refuta. Estamos *livres* do pecado; então pare agora de praticá-lo. Você está morto para o pecado que lhe resta. Como? "Abstenha-se." Considere-se morto para o pecado, e não o pratique mais. "Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.7).

Não alimente a carne. Em Rm 13.14 Paulo escreve: "Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências". Em outras palavras, simplesmente recuse-se a acomodar-se às paixões carnais. Se você luta contra a glutonaria, não compre comidas calóricas quando for ao mercado. Se é tentado por desejos sexuais, não encha a sua mente com imagens que alimentam as paixões carnais. Se você não quer cair, não ande em terrenos escorregadios. Recuse-se a encher sua mente com maneiras de entreter pensamentos maus. Não esteja pronto para as possibilidades de pecado. E, então, poderá matá-lo antes que apareça.

Coloque seu coração em Cristo. O apóstolo João escreveu: "Amados, agora, somos filhos de Deus, a ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1Jo 3.2, 3). Tornar-se como o objeto de sua adoração é uma lei espiritual implacável. O Salmo 135 diz:

> Os ídolos das nações são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca e não falam; têm olhos e não vêem; têm ouvidos e não ouvem; pois não há alento de vida em sua boca. *Como eles se tornam os que os fazem*, e todos os que neles confiam (vs. 15-18, ênfase acrescentada).

Se o pagão se torna semelhante aos deuses sem vida que adoram, não seremos nós muito mais semelhantes a Cristo, que temos no íntimo o Espírito Santo trabalhando para que alcancemos exatamente esse objetivo? Quando temos o coração em Cristo, descobrimos que a adoração produz o efeito de nos moldar à sua imagem: "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.18).

Medite na Palavra de Deus. O salmista escreveu: "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti" (Sl 119.11). O Senhor disse a

Josué: "Não cesses de falar deste livro da lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido" (Js 1.8). Quer ser bem-sucedido na batalha contra o pecado? Familiarize-se com a Palavra de Deus. Medite nela "dia e noite" (cf. Sl 1.2). Deixe que ela seja a lâmpada para os seus pés e luz para os seus caminhos (Sl 119.105). Quando a verdade começar a penetrar no seu coração e na sua mente, vai confrontar e atacar o pecado.

Jesus orou: "Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17). A verdade da Palavra de Deus é o instrumento que o Espírito Santo usa em nossa santificação. Preencha a sua mente com ela. Encha o seu coração com ela. Reflita nela cuidadosamente e deixe-a dirigir o seu andar. "Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (Fp 4.8). "Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração" (Cl 3.16). Você descobrirá que "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Ef 6.17) é a arma mais eficiente para despedaçar a carne.

Ore sem cessar. Na noite em que Jesus foi traído, levou seus discípulos consigo ao Getsêmani e lhes disse: "Orai, para que não entreis em tentação" (Lc 22.40). Mais tarde os encontrou dormindo e os repreendeu por sua falta de devoção. E lhes disse: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41).

"Não nos deixes cair em tentação" foi parte da oração modelo que ele deu aos discípulos (Lc 11.4). A oração é uma forma necessária e eficiente de interceptar as tentações *antes* que elas possam nos atingir. Veja a oração como um golpe de conquista antecipada contra a carnalidade. Levando-nos para perto do Senhor e focando o nosso pensamento nele, a oração tanto nos fortifica contra as tentações carnais quanto as enfraquece quando chegam.

Vigiai e orai. Identifique as circunstâncias que o levam a pecar, e ore especificamente por força para enfrentar tais situações. Ore por um ódio santo ao pecado. Ore para que Deus lhe mostre a condição real do seu coração pecaminoso. O salmista fez esta oração por santificação:

> Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas. Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então, serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão. As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu. (Sl 19.12-14).

A oração tem que incluir confissão e arrependimento para que seja eficaz na mortificação do nosso pecado. João escreveu "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1Jo 1.9). E o autor de hebreus escreveu: "Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4.16).

Exercite o autodomínio. O autodomínio é um fruto do espírito (Gl 5.23) — e é também uma das formas pela qual o Espírito nos capacita a mortificar os feitos do corpo. Paulo escreveu:

> Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto; não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado (1Co 9.25-27).

A palavra "esmurro" nessa passagem é a tradução da palavra grega *hupopiazo*, que significa "chamar a atenção". Os atletas disciplinam o corpo para ganhar prêmios terrenos. Se eles desejam fazer isso, não deveríamos nós desejar exercitar um tipo semelhante de domínio próprio a fim de merecer um prêmio celestial?

Paulo não está falando aqui de uma punição ao corpo por meio de um autoflagelo ou negligência. Com certeza ele não está defendendo nada que enfraqueceria ou feriria o corpo. Nenhum atleta faria tais coisas.

Uma vez, encontrei um homem que usava um cinto cravejado com pregos que constantemente feriam sua carne. Ele sentia que estava punindo seu corpo e expiando seus próprios pecados. Durante séculos, muitas pessoas mal-orientadas tentaram formas semelhantes de tratar o corpo. Martinho Lutero quase destruiu seu corpo com o excesso de jejum quando era um jovem monge, antes de descobrir o que a Palavra de Deus diz: "O justo

viverá por fé" (Rm 1.17). Nas Filipinas, todos os anos durante a Páscoa, há homens que se crucificam num ritual sangrento por crerem que isso os torna santos.

Esse não é absolutamente o espírito do que a Bíblia fala. O autodomínio é uma disciplina cuidadosa que recusa a satisfação dos apetites do corpo à custa da carne. Jesus diz: "Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço" (Lc 21.34).

Encha-se do Espírito. "Não vos embriagueis com o vinho, no qual há dissolução", escreveu Paulo, "mas enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18). Ser cheio do Espírito é ser controlado pelo Espírito, tanto quanto o bêbado está sob o domínio do álcool. Os crentes têm que estar totalmente sujeitos ao controle do Espírito.

Isso completa o círculo que começamos em Romanos 6. Mortificamos o pecado "por meio do Espírito". É o poder do Espírito Santo em nós que realmente faz o trabalho da mortificação naqueles que se rendem a ele. Tenho que enfatizar novamente que isso não quer dizer que somos passivos no processo. Como John Owen escreveu:

> Ele não faz sozinho o trabalho da nossa mortificação, nem ainda força nossa *obediência*. O Espírito Santo trabalha em nós e sobre nós, da mesma maneira que estamos aptos para receber o trabalho em nós e sobre nós, isso é, desta forma preserva nossa liberdade e obediência espontânea. Ele trabalha sobre o nosso entendimento, nossa vontade, nossa consciência e nossas emoções, de acordo com a nossa própria natureza: ele trabalha *em nós* e *conosco*, não *contra nós* ou *sem a nossa participação*; assim sua ajuda é um encorajamento tanto para facilitar o trabalho e não dar ocasião à negligência, como para o trabalho em si.[6]

Em outras palavras, como observamos repetidas vezes, não podemos abandonar a responsabilidade e esperar passivamente que Deus mortifique o pecado em nosso favor. A vida cheia do espírito é um esforço ativo, vigoroso e útil, em que se trabalha a salvação com temor e tremor (Fp 2.12). Quando obedecermos a Deus, então descobriremos que ele é quem realmente efetua em "nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (v.13). Em outras palavras, Deus tanto molda em nós o desejo

de obedecê-lo quanto nos dá energia para trabalhar segundo o que o agrade. Esta é a vida cheia do Espírito Santo.

Existem muitos deveres relatados na Palavra para mortificar o pecado — como cingir-se com toda a humildade (1Pe 5.5); ter a mente de Cristo (Fp 2.5); afastar-se de sentimentos maliciosos em relação aos outros (Ef 4.31,32); revestir-se da armadura de Deus (Ef 6.11-17); despojar-se de atitudes pecaminosas (Cl 3.8, 9); crescer na graça do conhecimento espiritual (2Pe 1.5-7); seguir os modelos de Romanos 6 de *conhecimento, consideração, submissão, obediência e serviço* (ver apêndice 1) — e muitas outras responsabilidades semelhantes que o Novo Testamento atribui aos crentes. *Todas* podem ser incluídas na categoria básica de ser cheio do Espírito.

É realmente tão simples quanto diz Gálatas 5.16: "Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne". O fruto do Espírito crescerá muito e sufocará as obras da carne.

"Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temos de Deus" (2Co 7.1).

Acerte o pecado em cheio

John Owen escreveu: "Aquele, que foi designado para matar um inimigo, se deixar um sobrevivente, o trabalho ficará incompleto".[7] É necessário que sempre cumpramos a tarefa de mortificar o pecado. Podemos matar uma tribo inteira de amalequitas, mas se deliberadamente permitimos que um Agague escape, Deus não se agradará do nosso esforço.

A carne é muito sutil e enganosa, como bem sabemos. Um pecado específico nos deixa em paz por um tempo para fazer-nos pensar que nos livramos dele. Mas ele pode voltar com uma fúria infernal se não estivermos vigiando. O pecado está perpetuamente à espreita para nos atacar; continuamente devemos mortificá-lo. Esse é um dever do qual não descansaremos até descansarmos na glória.

Dê-lhe a mão, e ele vai querer o braço. Se ele ganhar espaço em nossa vida, suas raízes irão adiante e crescerão como uma árvore frondosa. Ele nos usará, abusará de nós e nos punirá com tantas desgraças quanto possível. Owen escreveu:

> Cada pensamento ou olhar impuro seria um adultério, se pudesse. Todo desejo cobiçoso seria uma opressão. Todo pensamento de

> descrença, ateísmo. Eles se encaminham para seu ápice por etapas, aplainando o terreno onde se instalaram pelo entorpecimento... A esta altura nada poderia impedir isso, a não ser a mortificação, que seca a raiz e acerta a cabeça do pecado em qualquer momento, de modo que, qualquer que seja o alvo proposto, é aniquilado. *Se o homem mais santo que há no mundo parasse de cuidar de seus deveres, cairia em tantos pecados amaldiçoados como sempre caiu qualquer um da sua espécie.*[8]

Adiante, ele acrescentou: "O próprio pecado se coloca contra qualquer ato de santidade e contra qualquer etapa que alcancemos. Que esse homem não pense que progride em santidade enquanto não esmagar sua concupiscência". [9]

Não somos ignorantes quanto aos desígnios de Satanás, declara o apóstolo (2Co 2.11). Nem deveríamos ser ingênuos quanto às sutilezas da nossa carne. Quando Agague aparece alegremente dizendo: "Certamente, já se foi a amargura da morte" (1Sm 15.32); quando quer ser amigo e declarar fim às hostilidades — é nessa hora é que devemos ser mais imperativos ainda, e atacá-lo, e despedaçá-lo cruelmente diante do Senhor. O pecado não é mortificado quando é simplesmente encoberto, interior, trocado por outro ou reprimido. Ele não é mortificado até que a consciência se tranqüilize.

O pecado não é mortificado quando é meramente encoberto. Você pode ocultar o pecado da vista dos outros, mas isso não é o mesmo que mortificação. Se o pecado foi simplesmente embrulhado com hipocrisia, que vantagem há nisso? Se a consciência somente encobriu erros, estamos num estado muito mais perigoso que antes. "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia" (Pv 28.13). Em relação ao pecado, você não fará a tarefa completa enquanto não o confessar e o deixar.

O pecado não é mortificado quando é somente interior. Se você deixa a prática aparente de algum pecado e ainda continua a ruminar seus prazeres, cuidado. Você pode ter removido seu pecado para a privacidade da sua imaginação, onde ele se torna conhecido apenas de Deus e você. Porém o pecado não foi mortificado. Jesus censurou os fariseus exatamente por isso. Eles odiavam o assassinato mas toleravam o ódio. Abstinham-se da fornicação, mas perdiam-se em pensamentos sensuais. Jesus declarou que eram merecedores do inferno (Mt 5.22-28).

O pecado não é mortificado quando é trocado por outro. Qual é a vantagem em trocar a concupiscência da carne pela concupiscência dos olhos? A concupiscência não foi mortificada, apenas mudou de forma. O puritano Thomas Fuller disse: "Alguns pensam que se tornaram mais piedosos porque trocaram a abundância e o prazer pela avareza".[10] Se você ceder a essa tática, seu coração corre o perigo de ser endurecido pelo engano do pecado (Hb 3.13).

O pecado não é mortificado até que a consciência seja tranqüilizada. O alvo é: "o amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia" (1Tm 1.5). Enquanto a consciência permanecer suja, ela afetará nosso testemunho. "Santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, *com boa consciência*, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo" (1Pe 3.15, 16; ênfase acrescentada).

Parte do processo da mortificação atua na questão da nossa culpa. Aqueles que tentam fugir da culpa não confessam adequadamente o seu pecado; portanto, não podem ser limpos e totalmente perdoados.

Para quem quer mortificar o pecado, John Owen escreveu: "*Encha a consciência da culpa do pecado*".[11] Ao contrário da sabedoria popular de nossos dias, ele acreditava que a angústia da culpa era uma conseqüência natural e saudável do mau procedimento. "Envergonhe-se", ele escreveu,[12] porque ele via a vergonha como uma vantagem na mortificação do pecado. Ele corretamente entendeu o que Paulo queria dizer em 2 Coríntios 7.10: "A tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar".

Aqueles que dão liberdade à culpa, reivindicam a promessa de perdão, rapidamente se tranqüilizam, e então, não pensam mais que seus maus procedimentos estão sujeitos aos enganos do pecado que endurecem o coração — especialmente quando o pecado ameaça se tornar um hábito. Deixe a tristeza fazer o trabalho completo em seu coração para produzir um arrependimento profundo e honesto, e aqueles pecados serão completamente enfraquecidos.

O pecado não é mortificado quando é meramente reprimido. Algumas pessoas usam as diversões para evitar de tratar o seu pecado.

Tentam mergulhar sua consciência no álcool ou abafar sua culpa com entretenimento e outras distrações. Quando a tentação surge, eles não dão uma resposta bíblica, como fez Jesus (Mt 4.4,7,10). Em vez disso, buscam uma saída carnal. Martyn Lloyd disse o seguinte sobre essa tendência:

> Se tão-somente você reprime uma tentação ou o primeiro impulso de pecado no seu interior, provavelmente ele irá surgir com mais força ainda. Nesse aspecto eu concordo com a psicologia moderna. A repressão é sempre ruim. "Bem, o que você faz?", alguém pergunta. Eu respondo: "Quando sentir o primeiro impulso do pecado, repreenda-se e diga: "É claro que eu não tenho absolutamente nada que ver com isso". Desmascare a coisa e diga: "Isso é demoníaco e mesquinho, foi o que tirou o primeiro homem do paraíso". Expulse-o, olhe para ele, denuncie-o, odeie-o pelo que ele é; então na verdade você tratou dele. Você não deve, simplesmente empurrá-lo para baixo com espírito de medo, de uma maneira tímida. Coloque-o em cena, exponha-o, analise-o; e então o denuncie pelo que ele é até odiá-lo.[13]

Esse é um bom conselho. Deveríamos trabalhar com nosso pecado corajosamente, acertando-o em cheio. Subjugá-lo um pouquinho não é suficiente. Precisamos exterminá-lo, despedaçá-lo — busque os meios da graça e do poder do Espírito para extirpar a vida venenosa dele.

Essa é uma tarefa para toda a vida, na qual nosso progresso será sempre apenas gradual. Isso faz com que a luta pareça desanimadora num primeiro momento. Mas, logo que nos dispusermos a trabalhar, descobriremos que aquele pecado não será senhor sobre nós, pois estamos debaixo da graça (Rm 6.14). Isso significa que é Deus quem realiza em nós tanto o querer quanto o realizar segundo a sua boa vontade (Fp 2.13). E tendo começado sua boa obra em nós, "há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus" (1.6).

Notas

1. John Owen, *The Works of John Owen*, 16 volumes (Edimburgo: Banner of Truth, 1967, reimpressão da edição de 1853), 6:177, 6:9.
2. *Ibid.*, 6:8 (ênfase acrescentada).
3. D. Martyn Lloyd-Jones, Romans: *Exposition of Chapter 8:5-17: The Sons of God* (Grand Rapids: Zondervan, 1974), 92 (ênfase acrescentada).

4. Owen, 6:16-17.
5. Martyn Lloyd-Jones, *Sanctified Through the Truth: The Assurance of Our Salvation* (Wheaton: Crossway, 1989), 54.
6. Owen, 6:20
7. *Ibid.*, 6:11.
8. *Ibid.*,6:12 (ênfase acrescentada).
9. *Ibid.*, 6:14.
10. Citado *in* I.D.E. Thomas, *A Puritan Golden Treasury* (Edimburgo: Banner of Truth, 1977), 264.
11. *Ibid.*, 6:56.
12. *Ibid.*, 55
13. Lloyd-Jones, *Romans 8:5-17,* 143.

Capítulo 8

Lidando com a Tentação

O cristão... sabe que não pode abraçar aquela cruz, ou, mais importante, abraçar a Cristo que nela morreu e agora vive para sempre no serviço de Deus, sem renunciar a todos os pecados conhecidos. Não podemos servir a dois senhores — um Cristo crucificado que morreu pelo nosso pecado e o pecado pelo qual ele morreu. Quanto mais nos alegramos no caminho da salvação, mais mortificaremos o pecado. Isso não vai nos tornar perfeitos, porque não há mortificação completa nesta vida. Mas isso nos dará alegria ao caminharmos no poder de Cristo e pelo fato de estarmos libertos do poder do pecado. Essa é, em parte, a resposta para nossa perplexidade: Como podemos manter puro o nosso caminho?

Sinclair Ferguson[1]

No início deste livro, mencionei que a nossa cultura parecia ter abandonado a noção de pecado. A propósito, recentemente a MTV apresentou um programa especial entitulado "Os Sete Pecados Capitais". Assisti ao videoteipe, e ele mais que confirmou meus temores em relação ao estado da cultura contemporânea, especialmente quanto ao modo como ela compreende as fontes tradicionais da tentação.

Os sete pecados capitais são o orgulho, a avareza, a lascívia, a ira, a inveja, a glutonaria e a preguiça. Essa lista não é bíblica, mas uma classificação da teologia medieval. Alguns teólogos monásticos provavelmente a princípio estabeleceram esse grupo de pecados, ao tentar sistematizar e identificar todos os pecados essenciais, não necessariamente os mais sérios. Os sete pecados capitais, juntamente com as sete virtudes (fé, esperança, amor, justiça, prudência, temperança e perseverança) recebem muita ênfase na teologia católico-romana.

Na MTV, no entanto, os pecados foram retratados como qualquer outra coisa, menos como pecados capitais. Declarações de celebridades, personagens de cartuns, de roqueiros, *punks* e *rappers,* textos selecionados de filmes conhecidos e entrevistas com pessoas em *shoppings* foram editados em conjunto a fim de montar um painel atual da cultura popular em relação ao pecado. A maioria deles descreve o pecado como uma realidade positiva.

"O orgulho é pecado?", exclamou o cantor de *rap* Queen Latifah. "Eu não sabia disso."

A atriz Kirstie Alley concordou: "Eu não acho que orgulho seja pecado; acho que algum idiota inventou isso. Quem inventou tudo isso?

Um roqueiro do grupo Aerosmith afirmou: "Eu vivo para as paixões. É para isso que eu entrei na banda — garotinhas na primeira fila".

O *rapper* Ice-T disse sobre a ira: "Ela é necessária. Você precisa liberar essa tensão que a vida traz. Liberamos nossa raiva quando gravamos. Quando fizemos *Cop Killer*, estávamos irados — e os policiais ficaram irados conosco".

"É bom ter ganância", disse Michael Douglas, ator do filme *Wall Street.*

E, é claro, houve um apelo inevitável à psicologia popular para defender esses pecados como essenciais à auto-estima das pessoas. Ice-T disse: "O orgulho é obrigatório. Este é um dos problemas do centro decadente — as crianças não têm orgulho suficiente. Entrei numa gangue por causa de orgulho".

Um artigo no *U.S. News & World Report* teve muito discernimento ao resumir o tom do programa:

> Em vez da linguagem da moderação e do autocontrole, todos parecem falar a linguagem terapêutica da emoção e da auto-estima. "O orgulho não é um pecado — você tem que sentir-se bem a respeito de si mesmo." "A inveja faz com que nos sintamos mal." "Quando temos relação sexual com uma mulher", disse um roqueiro, "ela faz com que você se sinta bem consigo mesmo, mas não sei se no final isso o salva." Até mesmo um compungido espancador de homossexuais está totalmente envolvido com esse tipo de prática: "Perdoar a mim mesmo foi o desafio da minha vida".
>
> Há um vago senso de que o pecado, se ele existe, é certamente um problema psicológico. Kurt Loder, o narrador, contou no início do programa que estávamos tratando com compulsão: "Os sete pecados capitais não são atos maléficos, mas impulsos universais do ser humano que podem ser perturbadores e altamente agradáveis". Discussões sobre glutonaria rapidamente se transformam em papos sobre vícios. Esta é a forma com que todos os hábitos e conexões são discutidos na terapia popular na qual a geração MTV cresceu. "Sou viciado na minha namorada", disse um homem sobre a glutonaria. Outro disse que o programa de auto-ajuda dos "doze passos" é um presente de Deus ao século 21.[2]

O "compungido espancador de homossexuais" mencionado no artigo do *U.S. News* — um jovem que realmente matou um homossexual — descreve seus sentimentos de remorso. Ele se pergunta se algum dia poderá ser perdoado. Um capelão disse-lhe que o perdão é possível, mas a única maneira de ele saber se Deus o perdoou é "se um dia ele puder sentir isso". E, então, ele vive a cada dia esperando por um sentimento!

Ao que parece, o pecado não é definido como uma questão de moralidade estabelecida, mas pelo contrário, é completamente subjetivo. As próprias preferências da pessoa determinam a linha entre o bem e o mal. O programa da MTV termina com um apelo à tolerância universal. O real perigo do pecado, de acordo com a MTV, é o prejuízo que traz ao ego do homem. Têm-se a clara impressão de que nenhum pecado é tão mal quanto atitude de desmancha-prazer daqueles que pensam que o pecado ofende a um Deus santo.

Toda essa produção lembrou-me que vivemos numa cultura entregue por Deus às sua próprias paixões do mal. As pessoas amam seu pecado. Não medem forças para racionalizá-lo e defendê-lo.

Para os cristãos, contudo, a vida não pode simplesmente refletir nossos valores culturais. Não podemos tentar desculpar ou tolerar o pecado. Foi o pecado que colocou nosso abençoado salvador na cruz para derramar seu sangue e morrer. Foi o pecado que estabeleceu nossa inimizade contra Deus. Agora que o inimigo foi vencido, não queremos nada que tenha que ver com a velha vida. Agora que somos livres do pecado, não queremos voltar à escravidão. E não temos que voltar! Escolher isso seria uma rejeição ao nosso Senhor. Como o apóstolo amado escreveu:

> Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus. Nisso são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça, não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão (1Jo 3. 6-10)

É claro que João está falando sobre o pecado contínuo como uma prática. Está descrevendo um estilo de vida pecaminoso, devasso e indestrutível — que o verdadeiro cristão não é capaz de ter.

Podemos realmente vencer a tentação?

Embora sejamos cristãos, somos afligidos por tentações constantes. Às vezes isso parece esmagador. Podemos propor a pergunta — é realmente possível vencer a tentação de um modo significativo? Como podemos ser triunfantes? Com Satanás, o mundo e a carne contra nós, resta-nos alguma esperança de vencermos os golpes do pecado? Nosso inimigo é tão sutil e sua estratégia tão sofisticada — como podemos lutar contra isso? Não somos, algumas vezes, confrontados com tentações tão eficazes que, francamente, não temos nenhuma esperança de derrotá-las? Não seria Satanás tão astuto que possivelmente não podemos superar alguns dos seus esquemas? E o nosso coração não é tão enganoso e desesperadamente corrupto que nos deixa sem a defesa adequada? Não seria realmente insensato sonhar com a vitória contra o pecado?

Dê um passo mais adiante. Por causa do grande número de pastores e líderes de igreja que caíram em pecados desqualificados, escandalosos e vulgares, muitos cristãos estão questionando se a igreja em si, e seus líderes em particular, estão se sujeitos a algum tipo de ataque para o qual não estão preparados. Na verdade, muitos dos televangelistas caídos responsabilizaram forças demoníacas pelo seu colapso moral. Literaturas cristãs populares retratam a igreja engajada numa batalha satânica terrível, orquestrada por uma conspiração formidável de forças do mal visíveis e invisíveis que querem nos exterminar. Sabemos pelas Escrituras que *estamos* engajados numa batalha espiritual com demônios que não podemos ver (Ef 6.12). Se todas as forças do inferno estão ordenadas contra nós, estamos preparados para enfrentá-las? Ou realmente somos vítimas de uma tentação irresistível, e não temos meios de lidar com ela?

A Bíblia claramente responde a essa questão. Na verdade, ela responde a todas essas questões em um versículo: "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1Co 10.13).

Esse verso, com certeza, é uma das mais bem-vindas e confortantes promessas de toda a Escritura. Nenhuma tentação pode ser tão poderosa que seja capaz de nos deixar sem esperança para resisti-la. Satanás não é tão poderoso assim; os demônios não são tão eficientes; a conspiração maligna não é tão inteligentemente maquinada; a carne não é tão fraca; o coração humano não é tão enganoso — a ponto de sermos deixados indefesos para sermos vitimizados pela tentação.

Esse verso contém princípios que nos ajudarão a entender como podemos triunfar sobre tentações específicas pelo entendimento mais profundo dos meios pelos quais elas atuam, a natureza e a extensão delas.

As formas de tentação

Primeiro, é-nos dito de que maneiras a tentação trabalha. Ela quer nos surpreender, nos pegar de surpresa quando não estamos preparados, e, então nos dominar. Ela procura nos controlar.

A palavra para "tentação" no texto grego é *peirasmos.* Pode ser traduzida por "teste" ou "tentação". Testes e tentações são dois lados da mesma coisa. A vida é cheia de provas e cada uma delas é uma tentação em potencial.

Um ilustração pode nos ajudar a mostrar como isso funciona: uma vez, um amigo me contou uma história sobre seu trabalho em uma importante empresa. Após pouco tempo de trabalho, uma noite, depois que todos tinham ido embora, ele percebeu que alguém havia deixado uma grande soma de dinheiro em sua mesa. Imediatamente pegou o dinheiro, colocou-o na sua pasta e pensou: *Vou devolver isso*. Embrulhou o dinheiro, e na manhã seguinte foi até a sala do seu chefe, colocou o dinheiro na mesa dele e disse: "Alguém deixou esse dinheiro na minha mesa e não sei quem foi, ou quem o perdeu, mas gostaria de devolvê-lo o mais rápido possível, assim ninguém ficará aflito pela falta do dinheiro".

Seu chefe olhou bem no seu rosto e disse: "Eu coloquei o dinheiro lá. Era um teste. E você passou".

A vida nos oferece provas semelhantes. Dependendo de como reagimos, elas podem se transformar em tentações.

Se meu amigo tivesse levado o dinheiro para casa, contado com ele, o tivesse desejado, pensado sobre suas opções, ele podia ter dito a si mesmo: *Hum, ninguém saberá,* e começado a debater-se em seu íntimo se devolveria ou ficaria com o dinheiro. Então, o teste se transformaria em tentação. Quando o coração é instigado para o mal, trata-se de tentação.

A vida está cheia de provas com potencial de se transformarem em tentações. Por exemplo: quando estiver no meio de problemas financeiros, você dirá: "Confiarei em Deus para suprir minhas necessidades. Vou economizar, viver de uma maneira simples, fazer um orçamento meticuloso, ser fiel às minhas obrigações. Viverei com pouco e confiarei no Senhor para satisfazer minhas necessidades" — você passou no teste. Mas se você disser: "Eu posso pegar dinheiro do caixa e ninguém vai saber. Poderia economizar fraudando meu imposto de renda. Poderia cortar as despesas não pagando a quem devo" — você transforma uma prova em tentação porque seu coração foi instigado a fazer o mal.

Ou a prova pode ser algum desapontamento pessoal. Talvez você tenha tido expectativas de alguém que frustrou suas esperanças. Ou talvez você aceite as circunstâncias com um coração confiante, e ame aquela pessoa apesar de seu desapontamento — ou pode começar a sentir ódio e amargura em seu coração. No momento em que pensamentos maus começarem a agitar seu coração, sua prova se transformara em tentação.

Ou talvez você enfrente a provação de uma doença, da injustiça ou de uma desgraça inesperada. Talvez alguém que você ame morra. Ou seus planos são frustrados. Ou você fracasse na realização de um sonho que

acalentou por longo tempo. Talvez encare um problema que não tenha uma solução tão fácil. Ou talvez um amigo o estimule a fazer algo que você sabe que é errado. Esses são os tipos de provações que compõem a vida. E quando elas começam a nos pedir para respondermos com o mal, transformam-se em tentações. Jó enfrentou todas essas provas ao mesmo tempo.

Tiago nos dá uma explicação clara de como as provas se transformam em tentações. Ele escreve: "Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes" (Tg 1.2-4). Mais adiante ele acrescenta: "Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam" (v. 12).

Em outras palavras, Deus tem um propósito benéfico quando permite que passemos por provações. Elas nos aperfeiçoam, nos levam ao ponto de ter uma integralidade espiritual. Pedro disse algo semelhante: "O Deus de toda graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar" (1Pe 5.10).

Deus nos envia provas, mas não tentações. Tiago também diz: "Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta" (Tg 1.13). Deus nunca é responsável pelo apelo à prática do mal.

Então como ela acontece? Tiago 1 nos diz: "Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (vs. 14,15). É a *sua própria cobiça* que produz o apelo a fazer o mal. Deus nos dá apenas bons dons: "Não vos enganeis, meus amados irmãos. Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança" (vs. 16,17). Deus é perfeito, imutável, invariável. Não é responsável por nossas tentações, embora envie provações para nos testar.

A vitória então começa com a compreensão de como a tentação vem. Ela vem quando respondemos às provas de maneira errada. Vem quando somos influenciados por nossa própria cobiça. Isso planta a semente para o pecado, e quando ela frutifica, o fruto é a morte. Então, precisamos aprender a responder corretamente às provações.

A natureza da tentação

Voltemos à maravilhosa promessa de 1 Coríntios 10.13 para ver a verdadeira natureza da tentação: "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deu é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar". Em uma palavra, a tentação é *humana*. Ela não é sobrenatural. Não tem uma força tão poderosa, tão extraordinária que nos deixa perdidos no que diz respeito a lidar com ela. A tentação é comum à humanidade. As tentações que você enfrenta são exatamente as mesmas que todos enfrentam. São as mesmas para todos nós. As tentações que você tem são as mesmas que eu tenho. Podemos ter os mesmos pecados peculiares constantes — áreas em que nossos hábitos ou fraquezas freqüentemente nos levam aos mesmos pecados, repetidas vezes. Podemos ser especialmente susceptíveis ou vulneráveis a diferentes tentações. Mas todos somos golpeados com as mesmas tentações básicas.

Mais animador ainda, é que essas tentações são as mesmas pelas quais Jesus passou. Hebreus 4.15 diz: "Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado". Hebreus 2.17 diz que ele "se [tornou] semelhante aos irmãos em todas as cousas". Ele sofreu exatamente as mesmas provações (que são) comuns a todos nós. Por isso ele é o sumo sacerdote fiel e misericordioso. Por isso ele é tocado pelo mesmo sentimento de nossas fraquezas.

A extensão da tentação

Além disso, há limites para o tamanho ou extensão da tentação que Deus permite que enfrentemos. "Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças". Deus conhece as nossas limitações pessoais. Se você é um cristão, Deus planejou sua vida a fim de dar-lhe segurança em Cristo para sempre. Ele não permitirá que você enfrente qualquer prova maior do que sua vida espiritual possa suportar.

Podemos ver uma ilustração desse princípio no modo como Jesus tratava com seus discípulos. Na noite da sua traição Jesus disse a Pedro: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça" (Lc 22. 31, 32). Quando Pedro disse a Jesus que estava pronto para segui-lo até a

morte, Jesus respondeu: "Afirmo-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante" (v. 34) . Aconteceu exatamente como ele havia profetizado. Mas Pedro apostatou da fé? Não, a oração de Jesus por ele foi respondida, e afinal Pedro foi restaurado à completa comunhão e até mesmo à liderança na igreja primitiva.

Na mesma noite da traição de Jesus, enquanto nosso Senhor orava no jardim, orou por seus discípulos: "Quando eu estava com eles, guardava-os em teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura" (Jo 17.12). Em outras palavras os onze foram guardados e sustentados perpetuamente pelo poder soberano e gracioso de Jesus. Apenas Judas, que nunca fora um crente verdadeiro, foi deixado para que levasse a cabo seus propósitos malignos.

Enquanto Jesus orava, os discípulos dormiam (Mc 13.37-43). Quando os soldados chegaram com Judas: "Sabendo, pois, Jesus todas as cousas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno. Então, Jesus lhes disse: Sou eu". (Jo 18.4, 5). Suas palavras causaram um efeito profundo nos soldados: "Recuaram e caíram por terra" (v. 6).

Eles perguntaram novamente: "A quem buscais?" E disseram : "A Jesus, o Nazareno" (v. 7).

A Bíblia diz: "Então, lhes disse Jesus: Já vos declarei que sou eu, se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes" (v. 8). Ele estava protegendo os discípulos. Por duas vezes fez com que os soldados dissessem a quem procuravam. Então, Jesus disse espontaneamente que ele era quem estavam procurando, e os incitou a deixarem os outros irem. Ele queria se certificar de que nenhum dos onze fosse preso, "para cumprir a palavra que dissera: Não perdi nenhum dos que me deste" (v. 9).

Isso significa que se algum dos discípulos fosse preso, ele estaria fraco demais espiritualmente para sobreviver a tal teste e teria apostatado de sua fé. Portanto, Jesus assegurou-se que eles nunca teriam que enfrentar uma prova assim. Pedro quase atrapalhou tudo quando tirou uma arma e cortou a orelha do servo do sumo sacerdote (vs. 10,11). Mas miraculosamente Jesus curou a orelha e repreendeu a Pedro, e os discípulos puderam fugir (Mc 14.50).

Do começo ao final de tudo, Jesus organizou todos os acontecimentos a fim de assegurar que os discípulos não fossem provados além de sua resistência. Pedro, especialmente, foi confrontado com uma dura prova nessa noite. E, embora tenha pecado muito ao negar o Senhor por três vezes e até

mesmo selado sua rejeição com uma maldição, a fé de Pedro não fracassou. Ele foi forçado a olhar para dentro de sua alma, e aprendeu lições de valor naquela noite. Mas ao longo de todos esses acontecimentos o Senhor o sustentou e certificou-se de que ele não cairia.

Qualquer que seja o nível espiritual em que você se encontre, nosso Senhor Jesus nunca permitirá que seja tentado além da sua capacidade. Se somos cristãos verdadeiros não podemos apostatar. Nosso próprio Senhor zela por isso.

Além disso, Cristo ora por todos os cristãos verdadeiros, assim como orou pelos onze no jardim. Hebreus 7.25 diz: "Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, *vivendo sempre para interceder por eles*" (ênfase acrescentada). Ele também coloca limites ao tamanho da tentação que nos sobrevêm. Ele é fiel. Não permitirá que sejamos tentados além da nossa capacidade.

A fuga da tentação

Melhor de tudo, quando Deus permite que sejamos tentados, ele sempre prevê um "livramento". Há sempre um caminho para a vitória. *Ekbasis* é a palavra grega para "livramento" em 1 Coríntios 10.13. Literalmente, significa "uma saída".

Esse verso contém uma verdade que talvez você nunca tenha percebido — Paulo nos diz exatamente qual é o caminho do escape: "juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar". *O livramento é passar por ela*. O escape da tentação é suportá-la como uma prova e nunca permitir que ela se transforme em uma brecha para o pecado. Você foi prejudicado. Você foi acusado falsamente. Você foi difamado, ou tratado de modo cruel, ou teve que lidar com a injustiça. O que fazer então? Aceitar isso. Suportar com alegria (Tg 1.2); esse é o caminho do escape. Geralmente procuramos uma rota de escape rápida e fácil. O plano de Deus para nós é diferente. Ele quer que tenhamos alegria ao passar pelas provações, pois "a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes" (v. 4). Deus usa as provações para nos levar à maturidade.

Como podemos suportar essas situações? Há muitas respostas práticas. Vou mencionar somente algumas.

Primeira, *medite na Palavra de Deus*: "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti" (Sl 119.11). Segunda, *ore*: "E não nos

deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal" (Mt 6.13). Em outras palavras, peça a Deus que não permita que a provação se transforme em tentação. Terceira, *resista a Satanás e submeta-se a Deus*: "Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.7).

Há muitas outras que eu poderia mencionar, mas estas não lhe soam familiares? São exatamente as mesmas maneiras de mortificar os feitos da carne listadas no capítulo 8. O caminho para suportar a tentação *é* mortificar os feitos da carne.

Gostaria de focalizar mais uma maneira de perseverar: a fé. Hebreus 11 fala sobre os grandes heróis da fé, e que a característica comum a eles foi a perseverança fiel até o fim. Sobre Moisés, o escritor de Hebreus diz: "Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, *permaneceu* firme como quem vê aquele que é invisível" (Hb 11.27; ênfase acrescentada). Abel, Enoque, Noé, Abraão, Sara, Isaque, Jacó, José e Raabe correram com perseverança a carreira que lhes estava proposta (12.1). O escritor de Hebreus resume:

> E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas, os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros. Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição, outros, por sua vez, *passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.* (11.32-38; ênfase acrescentada).

A maioria dos heróis da fé suportou provas inacreditáveis. Se a *nossa* fé for genuína, ela nos capacitará a resistir a qualquer que seja a prova que o Senhor permitir que encaremos. Se você acha que suas tentações são particularmente duras, o escritor de Hebreus nos lembra: "Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até o sangue" (Hb 12.4).

Agora sabemos essas verdades. Quando as provas vierem, devemos aplicá-las. Que consolo para a nossa fé é saber que nenhuma prova que nos sobrevier será maior do que possamos suportar!

Enquanto isso, devemos fiel e continuamente mortificar o nosso pecado. Devemos orar e pedir a Deus que nos livre das tentações malignas. Devemos nos recusar a atender aos ardentes desejos da nossa carne. Devemos buscar o completo propósito de Deus em permitir que sejamos tentados — o aperfeiçoamento da nossa fé que leva à perseverança e à maturidade espiritual.

Em meio a tudo isso, devemos olhar para Cristo e nele confiar, nosso Sumo Sacerdote misericordioso e fiel, que foi tocado pelas nossas enfermidades, que se compadece da nossa fraqueza porque foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado (Hb 4.15).

Como podemos correr "com perseverança, a carreira que nos está proposta"? (Hb 12.1). "Olhando firmemente para o Autor e Consumador da nossa fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas" (Hb 12.2, 3).

Vivemos numa cultura cheia de tentações. Nossa sociedade glorifica o pecado e despreza a Deus. Com certeza não é uma época fácil para se viver. Nem o foi o primeiro século. Lembre-se, não resistimos ao ponto de sangue.

Um dia ele pode nos provar de uma maneira que exigirá que suportemos dano físico ou morte na nossa luta contra o pecado. Se esse dia chegar, com certeza ele nos sustentará. Enquanto isso, as provações nos fortificarão, levando-nos mais perto dele, desenvolvendo nossa perseverança, moldando-nos à sua imagem. Que alento saber que ele pessoalmente garante que nossas tentações não serão grandes demais para nós! Ele nos susterá de maneira que não desmaiaremos. E "Ele tem dito: De maneira alguma, te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" (Hb 13. 5,6)

Notas

1. Sinclair Ferguson, *Taking the Christian Life Seriously: A Study on Christian Maturity* (Grand Rapids: Zondervan, 1981), 84-85.
2. John Leo, "The Seven Video Sins", *U.S. News & World Report* (23 de agosto de 1993), 19.

Capítulo 9

Mantendo a Mente Pura

Ao ver o quanto o pecado é pecaminoso, é perversidade até mesmo pecar apenas em pensamento. É extremamente comum ouvir-se dizer que os pensamentos são livres. Na verdade, eles são livres no tocante ao homem, que não pode nos julgar por eles, mas Deus pode e o fará. Muitas pessoas que parecem recatadas e comedidas quanto a palavras e ações perversas, mostrar-se-ão atrevidas em pensamento e, como diz o ditado, elas pagarão por isso. Essas pessoas são pecadoras contemplativas e teóricas.

Ralph Venning[1]

Nenhum pecado é mais destrutivo à consciência do que aquele que se estabelece no campo da mente. Os pecados da mente assaltam a consciência como nenhum outro, porque a consciência é seu único impedimento. Afinal de contas, quem, além de Deus e o pecador, os conhece? "Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está?" (1Co 2.11). Muitas pessoas que não farão obras maléficas são todavia audaciosamente más em seus pensamentos. Um homem que se abstém do adultério por medo de ser pego pode se convencer de que é correto tolerar fantasias obscenas porque acha que ninguém mais descobrirá seu pecado particular. Os pecados que deliberadamente distraem sua mente podem ser mil vezes mais maléficos do que qualquer coisa que já tenha pensado em fazer perante as pessoas. A Bíblia diz que ele é tão culpado como se tivesse realizado suas fantasias.

Ceder aos pecados do pensamento, portanto, é molestar diretamente a consciência. Aqueles cujos pensamentos são impuros *não podem* ter consciência pura; a culpa é inerente ao pensamento mau. Quando os pensamentos são impuros, a consciência imediatamente também é. Por isso nada é mais característico ao não-crente do que uma mente impura associada a uma consciência corrompida: "Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque *tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas*" (Tt 1.15; ênfase acrescentada). De fato, nada causa maior dano à consciência do que o hábito de contaminar-se com pensamentos maus. Infelizmente, uma vez iniciado, chegar à prática é muito mais fácil. Este é um pecado que não precisa esperar por uma oportunidade; a mente pode pecar a qualquer momento, em qualquer lugar e sob qualquer circunstância. Então o hábito é fácil e rapidamente estabelecido.

O perigo de uma vida de pensamento pecaminoso

Por comprometer as faculdades interiores — a mente, a emoção, o desejo, as lembranças e a imaginação — os pecados do pensamento atuam diretamente na alma a fim de influenciá-la para o mal. Plante um pensamento e colha um ato. Plante um ato e colha um hábito. Plante um hábito e colha uma conduta. Plante uma conduta e colha um destino. Pensamentos maus formam e assentam o fundamento para qualquer outro pecado.

Ninguém nunca "cai" em adultério. O coração do adúltero é sempre ajustado e adaptado aos pensamentos sensuais antes que ocorram os fatos. Da mesma maneira, o coração do ladrão está inclinado à cobiça. E o assassínio é produto da ira e do ódio. Todo pecado é primeiramente incubado na mente.

Jesus ensinou essa verdade aos seus discípulos: "Mas o que sai da boca *vem do coração*, e é isso que contamina o homem. Porque *do coração procedem* maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. *São estas as coisas que contaminam o homem*, mas o comer sem lavar as mãos não o contamina" (Mt 15.18-20; ênfase acrescentada).

Jesus estava ensinando que a verdade central da Lei de Moisés era a verdade moral personificada nas exigências do cerimonial exterior. Ele depreciava os aspectos simbólicos de lavagem e abstenção em relação ao que é legalmente declarado sujo. Em vez disso, enfatizava a exigência moral da lei. Profanação, ele sugere, não é primariamente um cerimonial ou um problema exterior; o que verdadeiramente corrompe no âmbito espiritual é a fraqueza que emana do coração. No Novo Testamento, "o coração" é o centro da pessoa como um todo — mente, imaginação, emoção, consciência e vontade. O "coração" é freqüentemente usado como sinônimo de "mente". Nesses versos, portanto, nosso Senhor estava condenando a fraqueza de uma vida de pensamentos impuros.

Repetidas vezes, Cristo censurou os fariseus pelas observâncias meticulosas das leis cerimoniais e exteriores e a negligência irresponsável às exigências da lei moral. Estavam totalmente preocupados com a aparência de justiça. No entanto, estavam dispostos a tolerar os pecados maiores do coração. Pensavam que ninguém descobriria o que realmente acontecia dentro deles. Porém nosso Senhor sabia o que se passava no coração (Mt 9.4; 12.25). Ele os comparou a luxuosos sepulcros, bonitos por fora, mas cheios de corrupção e morte por dentro:

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de rapina e intemperança! Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo! Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia! Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e iniqüidade (Mt 23.25-28).

Os ensinos dos fariseus haviam inculcado na mente das pessoas essa noção que era comumente acreditada — a de que pensamentos maus não eram realmente pecado, contanto que não se transformassem em atos. Foi exatamente por isso que nosso Senhor priorizou os pecados do coração no Sermão do Monte :

> Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo... Ouvistes o que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela (Mt 5.21, 22, 27, 28).

O que *deveria* acontecer em nossa mente e em nosso coração? Qual *deveria* ser o segredo mais profundo da nossa alma? A adoração a Deus:

> Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, quando orares, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará (Mt 6.3-6).

Pecar na mente, portanto, é profanar o santuário onde a melhor e mais sublime adoração deveria acontecer.

Guarde o seu coração

É relativamente fácil confessar e deixar as obras do pecado, pecados de omissão e não-intencionais. Mas os pecados dos nossos pensamentos são os que enganam a alma e ferem a personalidade. Como eles agem diretamente contra a consciência e a vontade, tratá-los de uma forma honesta e completa é um dos aspectos mais difíceis da mortificação do nosso pecado. Se quisermos ver um progresso real na santificação, no entanto, esta é uma área que devemos atacar e destruir os nossos hábitos pecaminosos com

veemência. Se permitirmos que nossos pensamentos sejam influenciados pelos valores do mundo, com certeza nossa consciência será entorpecida. Se ouvirmos e considerarmos as reivindicações das más teologias ou do credo da auto-estima da psicologia moderna certamente enfraqueceremos a consciência. Não apenas os pensamentos sobre lascívia, inveja e outros pecados tradicionais, mas também aqueles pensamentos sobre uma enorme quantidade de valores falsos e ídolos de um mundo incrédulo, podem ser obstáculos devastadores a uma mente pura.

A sabedoria do Antigo Testamento prudentemente registra: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Pv 4.23).

Deus conhece o nosso coração (At 15.8). "Se o nosso coração nos acusar, certamente, Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas" (1Jo 3.20). Davi escreveu: "Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, Senhor já a conheces toda" (Sl 139.2-4). Então, por que nos sentiríamos livres para tolerar pecados sérios na nossa imaginação — pecados que nunca cometeríamos em frente dos outros — quando sabemos que Deus é o público dos nossos pensamentos? "Porventura, não o teria atinado Deus, ele, que conhece os segredos dos corações?" (Sl 44. 21)

Jesus disse aos fariseus: "Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre os homens é abominação diante de Deus" (Lc 16.15). Não é o que fazemos à vista de Deus infinitamente mais importante do que o que fazemos à vista dos outros?

Além disso, os pensamentos do nosso coração são um verdadeiro teste de tornassol do nosso caráter: "Porque, como imagina em sua alma, assim ele é" (Pv 23.7). " O homem de Belial, o homem vil, é o que anda com a perversidade na boca, acena com os olhos, arranha com os pés e faz sinais com os dedos. No seu coração há perversidade; todo o tempo maquina o mal; anda semeando contendas" (Pv 6.12-14). Você quer realmente saber quem você é? Avalie seriamente os seus pensamentos. "Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim, o coração do homem, ao homem" (27.19). O comportamento exterior não é o espelho preciso do nosso caráter; os pensamentos do nosso coração é que revelam a verdade. Apenas a sua consciência e Deus podem avaliar a real verdade sobre você.

Os consoladores de Jó falsamente o acusaram de possuir uma vida de pensamentos impuros. Zofar tinha certeza de que tinha entendido o real problema de Jó: "Ainda que o mal lhe seja doce na boca, e ele o esconda debaixo da língua, e o saboreie, e o não deixe; antes o retenha no seu paladar" (Jó 20.12, 13). O quadro que ele pinta de um pensador maldoso é distintamente verdadeiro na vida. Maus pensamentos são como doces para eles. Têm muita satisfação nos seus pecados imaginários. Saboreiam suas fantasias maldosas. Gostam delas como um pouco de açúcar sob a língua. Revolvem-nas na imaginação. Voltam aos mesmos pensamentos maldosos dos quais podem obter alguns prazeres repetidamente. Meditam nele como um animal ruminante, que devolve à mente os pensamentos maus diversas e repetidas vezes.

Porém Zofar julgou mal a Jó. Jó cuidadosamente se cuidou contra os pensamentos lascivos e pecaminosos: "Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?" (Jó 31.1). Ele sabia que Deus conhecia seus pensamentos: "Ou não vê Deus os meus caminhos e não conta todos os meus passos? Se andei com falsidade, e se o meu pé se apressou para o engano, (pese-me Deus em balanças fiéis e conhecerá a minha integridade)"; (vs. 4-6). Jó negou que seu coração tivesse seguido os seus olhos (v. 7). Negou que seu coração estivesse seduzido por outra mulher (v. 9). "Pois seria isso um crime hediondo, delito à punição de juízes", ele reconheceu (v. 11). Encobrir a iniqüidade no pensamento, ele disse, seria cobrir uma transgressão como fez Adão (v. 33). O próprio pensamento assustava sua mente justa.

Certamente Jó estava bem consciente do perigo dos pensamentos pecaminosos. Ele, consciente e deliberadamente, colocou um guarda em seu coração para evitar qualquer pecado desse tipo. Até ofereceu sacrifícios a Deus no caso de seus filhos terem pecado no coração: "Decorrido o turno de dias de seus banquetes, chamava Jó a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles, pois dizia: Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração. *Assim o fazia Jó continuamente*" (1.5; ênfase acrescentada). O cuidado de Jó em proteger seus pensamentos parece ter sido a própria razão de Deus tê-lo escolhido para essa bênção única. "Porque ninguém há na terra semelhante a ele", o Senhor disse a Satanás. "[Ele é] homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal" (1.8).

Como a mente peca

Jó entendeu o que os fariseus estupidamente se recusavam a ver: apenas porque você não age maldosamente, isso não desculpa o desejo secreto. A lascívia em si mesmo é pecaminosa. A ganância por si só é ruim. A avareza, a ira, o orgulho, a concupiscência, a inveja, o descontentamento, o ódio e todo mal pensamento são tão maus quanto o comportamento que produzem. Encobrir tais pensamentos no coração e agradar-se deles é, em particular, um pecado repugnante contra Deus, porque a hipocrisia é acrescentada ao pecado original. No mínimo, há três maneiras de a mente se comprometer com o pecado: lembrando, planejando e imaginando.

Pecados de lembranças. Uma maneira é sentir prazer com lembranças dos pecados do passado. Trazer à tona uma lembrança sombria de um pecado antigo é repeti-lo novamente. Alguém que está totalmente arrependido de um pecado pode ainda sentir prazer com uma lembrança daquele ato? A resposta é: sim, por causa da falsidade do nosso próprio coração e da pecaminosidade da nossa carne.

Não faz muito tempo batizei um homem, um ex-homossexual transformado por Cristo. Sua vida mudou. Seu círculo de amigos era diferente. Ele havia se retirado tanto quanto possível de um estilo de vida que ainda apresentasse qualquer tentação que o fizesse retornar aos pecados antigos. Mas admitiu para mim que o problema mais difícil que enfrentava era sua própria mente, que estava cheia de lembranças que se transformavam em tentações todas as vezes que pensava nelas. Ele havia se divertido com muitos tipos vãos de relacionamentos e atividades sexuais, e aquelas lembranças estavam tão incrustadas na sua mente que nunca as esqueceria. Embora tivesse se tornado um cristão, Satanás trazia de volta as lembranças da sua vida passada. Se ele se permitisse dar lugar a tais pensamentos, descobria que sua carne estava tentando levá-lo de volta ao pecado. Todos os seus sentidos eram estimulados facilmente pelas lembranças, e elas podiam ser evocadas inesperadamente pelos sentidos. Algum som, um aroma ou uma visão despertavam uma lembrança na sua mente, e logo se encontrava lutando contra a tentação.

A verdade é que todos nós sabemos como isso funciona. O pecado tem um jeito de infiltrar-se na nossa memória com sensações tão nítidas que não podemos nos livrar. Como adultos ainda podemos nos lembrar dos pecados da nossa juventude como se tivessem acontecido ontem. Talvez

tenham sido tais pensamentos que levaram Davi a orar: "não te lembres dos meus pecados da mocidade, nem das minhas transgressões" (Sl 25.7). Davi lembrava-se muito vividamente deles todos.

Não pense que esse problema é exclusivo aos pecados sexuais. Algumas pessoas gostam de reviver lembranças dos tempos em que ficavam iradas e despejavam vingança contra alguém. Outras apreciam os pensamentos que tinham quando mentiam e obtinham sucesso com isso. Todo tipo de lembranças tentadoras se fixam em nós e transformam-se em novos pecados todas as vezes que nos lembramos delas com prazer.

Trazer à memória lembranças de um pecado do passado é uma forma particularmente abominável de pecado. Em Ezequiel 23, o Senhor condenou Israel, a nação, comparando-a com uma prostituta chamada Oolibá. Esta foi a acusação contra ela: "Ela, todavia, multiplicou as suas impudicícias, lembrando-se dos dias de sua mocidade, em que se prostituía na terra do Egito" (v.19).

E a ruína espiritual que esta prática deixa em sua esteira é tremenda. Caleja a consciência, corrompe o caráter. Até mesmo destrói relacionamentos. Falei com diversos casais que tiveram uma vida de adultério antes de virem a Cristo. Converteram-se a Cristo e casaram-se, mas tiveram muitas dificuldades em serem fiéis um ao outro porque lutavam com constantes pensamentos sobre os relacionamentos adúlteros e pecaminosos que haviam tido antes de conhecerem o Senhor.

Satanás trará todo o lixo do seu passado e tentará arrastá-lo à força de volta à sua mente para que você o reviva. Essa é exatamente a razão por que a pornografia é espiritualmente tão destrutiva. Uma vez implantada uma imagem sombria nos seus pensamentos, você não é capaz de afastá-la. Mas não é somente a pornografia explícita que tem esse efeito. Muito dos filmes e programas de TV produzidos para o mercado em massa inclui rotineiramente imagens, temas e histórias que tentam as pessoas a terem modelos de pensamentos pecaminosos. Uma vez que imagens e pensamentos sugestivos são plantados na mente, eles se fixam ali como tentações em potencial em qualquer hora que pensarmos nelas. Faríamos bem se imitássemos o exemplo de Jó e recusássemos expor nossos olhos a qualquer coisa que pudesse provocar tais pensamentos.

Pecados Planejados. A segunda maneira na qual a mente pode pecar é planejando pecados futuros. A Bíblia está cheia de fortes condenações àqueles cuja mente está engajada nesse tipo de atividade:

- "Há no coração do ímpio a voz da transgressão; não há temor de Deus diante de seus olhos. Porque a transgressão o lisonjeia a seus olhos e lhe diz que a sua iniqüidade não há de ser descoberta, nem detestada. As palavras de sua boca são malícia e dolo; abjurou o discernimento e a prática do bem. No seu leito, maquina a perversidade, detém-se em caminho que não é bom, não se despega do mal" (Sl 36.1-4).
- "Esconde-me da conspiração dos malfeitores e do tumulto dos que praticam a iniqüidade, os quais afiam a língua como espada e apontam, quais flechas, palavras amargas para, às ocultas, atingirem o íntegro; contra ele disparam repentinamente e não temem. Teimam no mau propósito; falam em secretamente armar ciladas; dizem: Quem nos verá? Projetam iniqüidade, inquirem tudo o que se pode excogitar; é um abismo o pensamento e o coração de cada um deles. Mas Deus desfere contra eles uma seta; de súbito, se acharão feridos" (Sl 64.2-7).
- "O homem de bem alcança o favor do Senhor, mas ao homem de perversos desígnios, ele o condena" (Pv 12.2).
- "Há fraude no coração dos que maquinam o mal" (Pv 12.20a).
- "Acaso, não erram os que maquinam o mal? Mas amor e fidelidade haverá para os que planejam o bem" (Pv 14.22).
- "Abomináveis são para o Senhor os desígnios do mau, mas as palavras bondosas lhe são aprazíveis" (Pv 15.26).
- "... O Senhor aborrece... coração que trama projetos iníquos" (Pv 6.16-18).
- "Não tenhas inveja dos homens malignos, nem queiras estar com eles, porque o seu coração maquina violência, e os seus lábios falam para o mal" (Pv 24.1, 2).
- "Ao que cuida em fazer o mal, mestre de intrigas lhe chamarão. Os desígnios do insensato são pecado e o escarnecedor é abominável aos homens" (Pv 24.8, 9).
- "Porque o louco fala loucamente, e o seu coração obra o que é iníquo, para usar de impiedade e para proferir mentiras contra o Senhor, para deixar o faminto na ânsia da sua fome e fazer que o sedento venha a ter falta de bebida. Também as armas do fraudulento são más, ele maquina intrigas para arruinar os desvalidos, com palavras falsas, ainda quando a causa do pobre é justa. Mas o nobre projeta coisas nobres e na sua nobreza perseverará" (Is 32.6-8).

Algumas pessoas amam sonhar com pecado que vão cometer, com o mal que anseiam fazer e com planos danosos que desejam criar. Seus pensamentos dão asas à sua ira, ao ódio, à concupiscência, à avareza, à inveja, ao orgulho e a todo desejo maligno. A mente e o coração estão cheios de maldade e Deus os condena por isso.

Mas até os cristãos podem criar esse hábito se não forem cuidadosos. Era contra isso que Paulo estava prevenindo quando escreveu: "Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às sua concupiscências" (Rm 13.14). Não devemos fazer planos que irão alimentar os desejos carnais. Não devemos tramar planos malignos na nossa mente.

Pecados da imaginação. Um terceiro tipo de pecado que acontece na mente é puramente o pecado imaginário. É a isso que Jesus se referia quando disse: "Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela" (Mt 5.28). Talvez você nem tenha a intenção de algum dia fazer tal coisa, mas Jesus disse que se você alguma vez a imaginasse, você seria culpado.

Isso estabelece um padrão extremamente alto — mas é o nível de pureza que devemos manter se queremos ter uma consciência limpa. Todo pecado da imaginação ofende a consciência saudável. Aqueles que toleram esse tipo de pecado no coração, como um hábito, dão evidências irrefutáveis de uma consciência pervertida e calejada. Mas é aí que se deve treinar a consciência a ser mais sensível.

As pessoas fantasiam os pecados que desejam cometer. Imaginam como seria perderem-se em suas paixões preferidas, vingarem-se de um inimigo ou ferir alguém que detestam. Imaginam um roubo, fantasiam um relacionamento ilícito ou visualizam matar alguém.

Porém, muitos pecados imaginários não são tão abomináveis assim. As pessoas sonham cobiçando ganhar na loteria. Imaginam-se com grande poder, saúde ou prestígio. Fazem castelos no ar imaginando como seria ser casada com outra pessoa, sonham com férias luxuosas ou deliciam sua gula com uma farra imaginária. A sociedade moderna está cheia de tentações para esses tipos de pecado. A indústria da propaganda tem sucesso ao apelar para tais paixões. E a maioria da indústria de entretenimento explora esses tipos de imagens. O resultado é que literalmente milhões de pessoas vivem num mundo de fantasias pecaminosas.

Esses pecados são realmente desastrosos? Sim, eles nos corrompem (Mt 15.18-20). São abomináveis a Deus: "Os desígnios do insensato são

pecado, e o escarnecedor é abominável aos homens" (Pv 24.9). Todo pensamento que não honre a Deus, não exalte a Cristo e não represente uma total obediência a Deus é pecado. A cobiça, a base da maioria das nossas fantasias malignas, é expressamente proibida pelos dez mandamentos.

Não ousemos pensar que esses pecados do pensamento são meramente pecadinhos. Ele abre a porta para as verdadeiras obras do pecado. Tiago 1.5 diz: "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida". O puritano Ralph Venning escreveu, em 1669:

> As obras malignas são descendentes e filhas dos maus pensamentos, os ramos e os frutos que brotam dessa raiz . Os pensamentos são filhos da alma; as palavras e atos são apenas os irmãos mais novos. São o óleo que alimenta e mantém o pavio, que, de outra maneira, se extinguiria; os pecados desta vida recebem a sua seiva e nutrição dos pecados do pensamento. Tiago fala como se nosso pensamento fosse o ventre e o útero onde o pecado é concebido (Tg 1.15)... Como Jó amaldiçoou o dia do seu nascimento, o útero que o gerou, nós então deveríamos amaldiçoar o pecado ainda no útero que o gerou, deitando o machado na raiz dessa árvore.
>
> A perversidade humana é imputada aos pensamentos, que originam e causam os assassinatos, adultérios etc., e tudo que brota do coração, como se brotasse da barriga de um cavalo de Tróia (Gn 6.5; Mt 12.35; 15.19). Alguém pode ter a curiosidade de saber (do mesmo modo que queremos saber onde certos pássaros passam o inverno), de onde vem tão grande massa de perversidade. Alguém pode se perguntar de que lugar do mundo a perversidade vem. Ora, toda perversidade surge do coração, o local de encontro da maldade, a hospedaria onde residem todos os ladrões e concupiscências ambulantes que estão no mundo e que causam tanto dano. Todas as tendências obscenas brotam dessa fonte impura, esse oceano e mar de pecado.[2]

Por isso Davi clamou para Deus ajudá-lo na própria linha de defesa da batalha: "Cria em mim ó Deus um coração puro" (Sl 51.10). Foi um apelo por uma consciência sã brotando de uma mente pura.

Discernindo os pensamentos e as intenções do coração

Você percebe que a diferença entre um cristão sincero, controlado pelo Espírito, devotado, piedoso e obediente e um outro derrotado, fraco e esforçado, é o que ocupa a mente deles? Eles podem freqüentar a mesma igreja, atuar nos mesmos ministérios e fazerem as mesmas coisas, porém um é derrotado e o outro, espiritualmente, vive uma vida frutífera. A diferença está na esfera do pensamento.

Um dia a diferença será manifesta. Paulo disse aos Coríntios que quando o Senhor vier, "trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, [e] manifestará os desígnios dos corações" (1Co 4.5). Jesus disse algo semelhante: "Nada há oculto, que não haja de manifestar-se, nem escondido, que não venha a ser conhecido e revelado" (Lc 8.17). E, "... Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido" (Lc 12.1, 2).

Insto para que você olhe profundamente no espelho da Palavra de Deus (Tg 1.23, 24), que é poderosa "para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12). Como Jeremias confortou a Israel: "Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva. Até quando hospedarás contigo os teus maus pensamentos? (Jr 4.14). E "... Purifiquemos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2Co 7.1).

Leve cativo à obediência cada pensamento

Como podemos tratar do problema dos maus pensamentos? O processo é como a mortificação do pecado; envolve os seguintes passos:

Primeiro confesse e abandone o pecado: "Deixe o perverso o seu caminho, *o iníquo, os seus pensamentos*; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar" (Is 55.7; ênfase acrescentada). Se você nutre pecados de imoralidade, de ódio a alguém, de vingança, de amargura, de cobiça ou qualquer outro que seja — confesse a Deus. Arrependa-se, peça perdão. "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1Jo 1.9).

Recuse-se a acolher esses pensamentos. Proponha-se a abandonar esses padrões de pensamentos errados imediatamente e adquira hábitos novos e íntegros. Se você se pegar escorregando na antiga maneira de pensar, confesse seu pecado e mais uma vez recuse-se a dar lugar aos maus pensamentos. Conscientemente dirija sua mente e fixe-a em coisas puras: "... Tudo que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (Fp 4.8). Em outras palavras, reprograme sua mente com a verdade e a justiça.

Alimente-se da Palavra de Deus. "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti" (Sl 119.11). A palavra protege a mente. Fortifica o coração. Ocupa a alma e a fortalece contra os maus pensamentos. Somente quando usamos a Palavra do Espírito com habilidade é que podemos mortificar nossa imaginação carnal (Ef 6.17).

Evite o encanto do mal. Não se exponha às atividades, imagens ou conversas que provocam maus pensamentos. À semelhança de Jó, faça um pacto com seus olhos (Jó 31.1), com seus ouvidos, ou com qualquer um dos sentidos que o leve a ter maus pensamentos. Recuse-se a alimentar qualquer tendência que leve sua imaginação para a perversidade. Isso é o que Jesus quis dizer com uma linguagem figurada quando disse: "Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti, pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno" (Mt 5.29, 30).

Cultive o amor de Deus. Davi disse no Salmo 119.97: "Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia!" E, depois, quatro versos adiante, ele disse: "De todo mau caminho desvio os pés, para observar a tua palavra". Se mantivermos nossa mente fixa nas coisas do alto, as da terra não nos causarão a mesma fascinação (Cl 3.2). "... Onde está o teu tesouro, aí estarão também o teu coração" (Mt 6.21) — e onde estiver o seu coração, também estarão ali os seus pensamentos.

Davi finalizou o Salmo 19, seu grande hino à suficiência da Escritura, com estas palavras:

> Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas. Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão. As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu! (vs. 12-14).

Esse é o estado de mente de toda pessoa verdadeiramente piedosa. É este também o objetivo da instrução bíblica: "... O amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia" (1Tm 1.5).

Como está a *sua* vida de pensamentos?

Notas

1. Ralph Venning, *The Sinfulness of Sin* (Edimburgo: Banner of Truth, 1965; reimpressão do original de 1669), 224.
2. *Ibid.*, 227.

Capítulo 10

Mantendo-se Fiel ao Mistério da Fé com uma Consciência Limpa

É uma decisão muito má para qualquer alma debaixo dos céus a opção pelo menor pecado e não pela maior das aflições. É melhor estar sob a maior aflição do que sob a culpa ou poder de qualquer pecado... Há mais mal no pecado do que em qualquer problema visível no mundo; mais mal no pecado do que em todo o sofrimento e tormento do próprio inferno.

Jeremiah Burroughs[1]

Uma das maiores tragédias da cultura contemporânea é que perdemos qualquer noção da extrema pecaminosidade do pecado. O puritano Jeremiah Burroughs escreveu um livro inteiro sobre essa questão, *The Evil of Evils* [O mal dos males]. A tese de Burroughs era que é melhor escolher o sofrimento da aflição do que o pecado. O menor pecado, salientou ele, é mais maléfico do que a maior aflição. Descrevendo os horrores do inferno, ele sugere que um ato de pecado contém mais mal do que todos os sofrimentos da perdição eterna:

> Suponha que Deus levasse qualquer um de vocês à beira de um abismo sem fundo e o abrisse; lá você veria aquelas criaturas infernais sofrendo sob a ira do Deus infinito, ouviria o pranto e os gritos terríveis e medonhos daqueles que estão sob tormentos, com a alma perplexa e caída por causa da ira do Todo-poderoso. No entanto, eu digo que há mais maldade num único pensamento pecaminoso do que em todo aquele fogo eterno.... A verdade é, que se tivéssemos que escolher entre suportar todos os tormentos que existem no inferno por toda a eternidade em vez de cometermos um único pecado, digo, se nosso espírito fosse como deveria ser, ansiaríamos por todos esses tormentos e não cometeríamos um pecado, por menor que fosse.[2]

O pecado, salienta Burroughs, é contrário ao caráter puro de Deus. O pecado é o mal de todos os males — de onde emana toda aflição, toda dor, todo sofrimento, toda doença e toda miséria humana. Ao contrário do sofrimento, o pecado traz uma maldição divina. Ninguém é condenado pela aflição, mas todos são condenados pelo pecado. O pecado torna o pecador mau, a aflição não. Burroughs argumenta de modo eloqüente e convincente, em 67 capítulos, examinando a mesquinhez do pecado e mostrando-o como ele realmente é. Seu livro é uma obra-prima da literatura puritana que evidencia a profundidade e a riqueza da autoridade bíblica dos reformadores ingleses.

Em agudo contraste, a igreja atual parece ter perdido completamente qualquer noção do intenso mal do pecado. Sofremos diante das calamidades. Somos afligidos pelos sofrimentos. As provações da vida nos angustiam. Mas somos todos igualmente incomodados pelo nosso pecado? Acreditamos do que o menor pecado contém mais mal que a menor aflição? Poucos cristãos contemporâneos, o que parece, sequer cogitaram que o pecado é um mal tão terrível.

Pecado e vergonha

Na realidade, parece que o evangelicalismo moderno freqüentemente ensina exatamente o oposto. Hoje estamos mais preocupados com que as pessoas se *sintam* bem do que com o que *fazem* de bom. A aflição, cremos, deve ser evitada a qualquer preço. Por outro lado, o pecado é compreendido como algo fácil de ser perdoado. Portanto, ofender a Deus é visto como o menor dos males quando a outra opção é tolerar qualquer tipo de dor ou aflição. Vemos a *vergonha* como um mal pior do que o pecado que lhe dá origem. Esta é exatamente a mentalidade por trás do poderoso movimento da auto-estima.

Na face oposta a do espectro da obra de Burroughs está outro livro que li recentemente. Foi escrito por um moderno professor de seminário, que é muito conhecido pelos seus livros populares sobre relacionamento humano, psicologia, religião e assuntos relacionados. Seu último livro trata da vergonha humana. Ele começa narrando a morte de sua santa mãe. Ao morrer, ela lhe disse: "Sou feliz porque o Senhor me perdoou de todos os meus pecados; você sabe, eu fui uma grande pecadora".

"Grande pecadora?", escreveu ele incrédulo. "De tudo o que posso me lembrar do passado, é dela, na maior parte do tempo, de joelhos, esfregando o chão da cozinha dos outros; ocupada até o pescoço todas as noites com as lamúrias de cinco crianças barulhentas e, depois, quando já era bem tarde, lá estava ela de joelhos novamente.... pedindo forças ao Senhor para fazer tudo de novo no dia seguinte."[3]

Na avaliação dele, sua mãe sofria de "uma clássica vergonha doentia". Ele escreve: "Entristece-me ainda saber que uma mulher com tanta vitória devesse falecer sentindo-se como uma coitada. Sua vergonha não tinha nada que ver com sua realidade. Ela não merecia estar presa a tanta vergonha".[4]

No entanto, o professor reconhece, que tanto na vida como na morte, sua mãe era "extraordinariamente serena. A ela havia sido dada a graça de transformar a vergonha em paz, mesmo tendo uma vida mais dura do que merecia".[5]

Evidentemente, a declaração dela de que era uma "grande pecadora" refletia apenas a resposta piedosa de um coração simples e transformado. Seu lamento era só um eco do que todos deveríamos sentir quando percebemos a natureza e a grande profundidade da nossa pecaminosidade (Rm 7.24). O motivo pelo qual esse homem concluiu que a vergonha de sua mãe era "doentia" e indigna é que não está totalmente claro.

Afinal de contas, até mesmo o apóstolo Paulo não descreveu a si mesmo como o maior de todos os pecadores (1Tm 1.15)? Pedro prostrou-se diante de Cristo e disse: "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (Lc 5.8). Isaías, o homem mais piedoso em Israel disse: "Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios" (Is 6.5). Os maiores santos de toda a História sentiram a mesma vergonha profunda .

Porém esse professor sugere que, afinal de contas, na verdade, não somos tão desprezíveis assim. De fato, ele crê que somos *merecedores* da graça divina: "Se a graça cura nossa vergonha, deve ser uma graça que nos diz que somos merecedores dela. Precisamos, eu creio, reconhecer que somos aceitos não apenas a despeito do nosso desmerecimento, mas por causa do nosso valor".[6] Ele distingue entre "digno" e merecedor: "Se mereço alguma coisa boa que me acontece, é porque *fiz* algo para merecê-la. Se sou merecedor, é porque *sou* alguém de grande valor".[7]

Mas a Bíblia retrata a humanidade pecadora como merecedora "inata" do favor de Deus? De forma nenhuma. A Bíblia não nos diz em nenhum lugar que somos "aceitos.... por causa do nosso merecimento". A graça é exatamente *graça* porque é destinada à pessoas que são totalmente indignas de qualquer favor de Deus: "Porque Cristo, quando nós ainda éramos *fracos*, morreu a seu tempo pelos ímpios... Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda *pecadores*... Porque, se nós, quando *inimigos*, somos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho" (Rm 5.6,8,10; ênfase acrescentada). A verdadeira intenção de Paulo nesses versos é declarar a suprema maravilha da graça de Deus — que ela fosse estendida aos adversários desamparados, pecadores, indignos e, até mesmo, repugnantes.

Veja, por exemplo, a oração de arrependimento de Daniel: "A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, *o corar de vergonha*, como hoje se vê; aos homens de Judá, os moradores de Jerusalém, todo o Israel, quer os de perto, quer os de longe, em todas as terras por onde os tens lançado, por causa das suas transgressões que cometeram contra ti. Ó Senhor, *a nós pertence o corar de vergonha, aos nossos reis, aos nossos príncipes e aos nossos pais, porque temos pecado contra ti*" (Dn 9.7, 8; ênfase acrescentada). Dificilmente Daniel foi teria sido um advogado da teologia da auto-estima!

A Bíblia simplesmente não fala de pecadores como merecedores inerentes da graça de Deus. O filho pródigo, na ilustração de Jesus de um pecador arrependido, admitiu sua indignidade (Lc 15.21). Até João, o Batista

— que pelo próprio testemunho de Jesus era o maior profeta que já viveu (Mt 11.11) — disse que não era digno de levar as sandálias do Salvador (3.11). "Que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites?" (Sl 8.4). As razões da graça de Deus aos pecadores são um mistério. Com certeza nunca nos foi dito que Deus nos ama porque somos merecedores dela. Esse conceito é somente um eco da doutrina mundana da auto-estima.

O foco da Bíblia está totalmente no mérito de *Deus*, na *sua* majestade, na *sua* glória, na *sua* santidade, na *sua* graça e misericórdia. Nosso mérito como cristãos é um *produto* da graça de Deus, e certamente não a *razão* dela. Se as pessoas fossem merecedoras inatas da salvação, Deus seria injusto em não salvar a todos.

Como notamos no capítulo 4, o pecado de Adão afundou nele toda a raça humana, assim todos nascemos culpados. A vergonha não é uma emoção indigna, mas uma reflexão honesta do que somos. Os seres humanos sentem vergonha desde o primeiro pecado (cf. Gn 2.25; 3.10). Às vezes, nossa vergonha é deslocada, é irracional ou até emocionalmente desequilibrada — mas a vergonha, em si mesma, certamente não é indigna. Ninguém é "bom demais" para sentir que é um pecador miserável. Isso é, afinal de contas, exatamente o que somos.

Essa doutrina está em sério declínio estes dias, causando prejuízo à igreja. Mudamos a letra dos grandes hinos, portanto eles não mais se referem a nós como "miseráveis" ou "vermes". Compramos a mentira da auto-estima. Queremos minimizar nosso pecado, eliminar nossa vergonha, encorajar nosso ego e nos sentir bem. Queremos, em outras palavras, todas aquelas coisas que enfraquecem a consciência. Detestamos a vergonha, mesmo que justificada. Odiamos o arrependimento porque é difícil demais. Evitamos a culpa. Queremos a vida boa.

O pecado e a psicologia

A pressa em adotar a psicologia contribuiu em muito para essa tendência. A psicologia em si é hostil à doutrina bíblica do pecado, e o movimento de casar a Bíblia com a psicoterapia certamente não mudou isso. Um manual de psicologia amplamente conhecido, usado pelos conselheiros pastorais, inclui o seguinte texto sob o título de "pecado original". Embora seja muito longo, incluirei toda a parte do "Pecado Original", porque ela mostra como a psicologia pode corromper a doutrina bíblica do pecado:

> Nenhum psicólogo de boa reputação defenderia a teoria clássica da teologia e da antropologia de que o pecado é passado de geração em geração. O termo "pecado" agora está reservado para atos deliberados e conscientes de uma pessoa contra as normas aceitas, ou contra as tradições da sociedade e dos ideais associados com um Deus moral. O pecado é, portanto, um delito *responsável*. O pecado original tem, entretanto, um elemento de validade psicológica, a saber, o fato de as fraquezas dos componentes da personalidade terem uma história além do território da responsabilidade consciente.
>
> Nossos impulsos hereditários, por exemplo, são nosso preparo mental. E como tal, são amorais. Atuam de acordo com os propósitos biológicos. Quando em conflito com padrões de conduta produzem problemas e se tornam predisposições fáceis para o pecado (deliberado). Acrescente a isso as desordens provocadas pelo ambiente primitivo — além da vontade do indivíduo — e há a figura de uma deficiência no tipo de ajustamento social chamado de "moral".
>
> Se for verdade que todos geneticamente viemos de uma floresta primitiva, com um antigo preparo mental para ser usado na difícil luta pela sobrevivência, num mundo não muito fácil (mudanças de temperatura, animais selvagens, inundações, doenças, germes, etc.), e, que no curso do desenvolvimento social, atingimos um tipo de conjunto de relacionamentos sociais interpessoais que exige uma conduta mais gentil com os outros, então é fácil visualizar a dificuldade de ajustar os impulsos naturais úteis num tipo de mundo autoritário, em um outro que exige controle. Biologicamente, os impulsos naturais têm uma maneira de subsistir, apesar de o ambiente os conduzir ao seu enfraquecimento. "O pecado original" é um termo infeliz para os fracassos naturais do homem, em viver como deveria numa ordem social onde virtudes de altruísmo deveriam supostamente eliminar o egoísmo. Porém, há uma verdade no "pecado original", a saber, aquela velha história do homem não foi apagada, apesar dos ideais enfatizados na sociedade em desenvolvimento. Enquanto houver essa disparidade (pela qual a pessoa individualmente não é responsável), há mais do que um mito na doutrina de que não somos facilmente transformados em santos.[8]

Perceba como essa passagem absolve as pessoas da responsabilidade por todos os impulsos herdados, por todos os desejos malignos, por toda a tendência pecaminosa, por "todos os fracassos naturais do homem" — e até nos desculpa pelo próprio pecado original. As únicas coisas consideradas pecado são "os atos conscientes e deliberados de uma pessoa contra as

normas aceitas ou tradições da sua sociedade, e os ideais associados com um Deus moral". Quão longe isso está da definição bíblica! Mas alguém percebe? Alguém ainda sabe?

O pecado e a igreja

Martyn Lloyd-Jones sugeriu há anos que a doutrina do pecado estava desaparecendo rapidamente do ensino e da pregação evangélica. Ele disse:

> Quando tratamos com o não-convertido, temos a tendência de dizer: "Ah, você não precisa se preocupar com o pecado agora, deixe isso para depois. Tudo o que você precisa fazer é ir a Cristo, entregar-se a Cristo. Não se preocupe com o pecado — é claro que você não pode entender isso agora. Não se preocupe se você tem ou não uma sensibilidade ao pecado, ou uma convicção profunda, ou se você entende todas essas coisas. Tudo o que você precisa fazer é ir a Cristo, entregar-se a Cristo, e então será feliz".
>
> Então, quando estivermos tratando com aqueles que fizeram isso, nossa tendência, novamente, é dizer-lhes: "É claro que, você não deve olhar para si mesmo, deve olhar para Cristo. Não deve analisar-se para sempre. Isso está errado, isso é o que você fez antes de se converter. Você pensava em termos de si mesmo e do que tinha que fazer. A única coisa a fazer é continuar olhando para Cristo e afastar o olhar de si mesmo". Imaginamos, portanto, que tudo o que o cristão necessita é de um pouco de conforto e encorajamento, de pregação sobre o amor de Deus, sobre a sua providência e talvez um pouco de exortação moral e ética. E então, verá, que a doutrina do pecado está, por assim dizer, do lado de fora. Falhamos em enfatizá-la tanto antes como depois da conversão, e o resultado é que ouvimos muito pouco sobre isso.[9]

Uma geração inteira de crentes é, agora, virtualmente ignorante quanto ao pecado. Quando ouvem *qualquer* menção ao pecado, pensam que é rispidez, falta de amor, falta de cortesia. A tendência a igrejas que existem apenas para compartilhar amizades e destinadas àqueles que procuram ministros sensíveis somente aumentaram este problema.[10]

O pecado e o cristão

Desesperadamente precisamos recuperar um santo ódio pelo pecado. Precisamos fazer isso corporativamente, como igreja, mas também precisamos fazê-lo individualmente, como crentes. Certamente o pecado não é um assunto agradável de se estudar ou de se pregar, porém é necessário. Aqui, em meio a uma igreja com um mundanismo crescente, isso é *crucial.* Devemos ter uma visão crítica do nosso pecado pelo que ele é. Uma visão inadequada da própria pecaminosidade é espiritualmente debilitante. Aqueles que não se vêem como desprezíveis pecadores nunca darão os passos necessários para se livrarem do pecado.

Deus claramente nos culpou pelo nosso pecado e imputou total responsabilidade a cada pecador. A prova disso é a doutrina bíblica do inferno — a terrível realidade de que cada maldito e irreconciliável pecador pagará para sempre no inferno o terrível preço pelos seus próprios pecados. De maneira nenhuma esse culpado poderá escapar acusando a outros. Claramente, Deus não nos vê como uma raça de vítimas! Se nos visse como vítimas puniria outra pessoa. Mas cada pecador condenado pagará todo o preço no tormento eterno pelas suas obras — porque cada um é totalmente responsável.

Então, nenhuma consciência ficará em silêncio. Ela se voltará contra o pecador com fúria, lembrando-lhe que ele é o único responsável pelas agonias que sofrerá eternamente. John Blanchard escreve:

> As coisas serão diferentes no inferno [para aqueles que entorpeceram a própria consciência aqui na terra]... A consciência será seu pior atormentador. Não haverá nenhum meio de satisfazê-la ou silenciá-la. Como John Flavel escreveu no século 17: "A consciência, que deveria ser o freio aqui na terra, transforma-se no chicote que açoita a sua alma no inferno. Não há nenhuma faculdade, ou poder, que pertença à alma humana que seja tão apto e capaz de fazer isso como sua consciência. Esse, que era o lugar e o centro de toda a culpa, agora se torna o lugar e o centro de todos os tormentos".
>
> A consciência fará o pecador completamente ciente de que ele escolheu livre, prazerosa e deliberadamente o estilo de vida que o levou ao inferno, e que ele está lá por causa da sua teimosia e obstinação.
>
> Além disso, ela o forçará a admitir a verdade de cada responsabilidade que isso acarreta, e a justiça de cada dor que sofre, e assim, nas palavras de Flavel: "Em todo esse sofrimento, não há nenhum pingo

> de injustiça ou erro". Como se isso não fosse terrivelmente suficiente, o castigo será ininterrupto; o pecador não terá "descanso algum, nem de dia nem de noite" (Ap 14.11). Como nunca, ele descobrirá a verdade das palavras de Deus que diz "Não há paz...." (Is 48.22).[11]

Se você acha que sua consciência está definhando, deve perceber a seriedade da sua condição e arrepender-se; suplique a Deus por uma consciência limpa e atuante, e imponha-se a tarefa de livrar-se do pecado em sua vida.

Quero deixar para você uma lista muito prática de princípios que o ajudarão nesta tarefa. Muitos deles simplesmente revêem e reafirmam questões que vimos ao longo deste livro, embora sejam essenciais. E talvez esta lista final lhe dê um ponto de partida, enquanto procura recuperar uma consciência saudável:

Não subestime a seriedade do pecado. Certamente esta é a razão primária por que a maioria das pessoas tolera o pecado em suas vidas. Se vissem o pecado como Deus o vê, não poderiam continuar indiferentes nos caminhos do pecado conhecido. O pecado viola a santidade de Deus, traz sua disciplina, destrói nossa alegria e causa a morte. Se realmente entendêssemos, como disse Jeremiah Burrroughs, que o menor pecado contém mais mal do que todos os tormentos do inferno, não poderíamos permanecer despreocupados com a mortificação dos nossos pecados. Deus nos deu a lei exatamente para que a extrema pecaminosidade do pecado seja evidente (Rm 7.13).

Proponha-se, no seu coração, não pecar. Faça um voto solene de se opor a todo pecado em sua vida. O salmista disse que: "Jurei e confirmei o juramento de guardar os teus retos juízos" (Sl 119.106). A menos que você tenha esse tipo de determinação em sua vida, você facilmente se achará embaraçado pelo pecado. De fato, esse é aquele tipo de afirmação audaz e de coração zeloso que é a raiz de toda uma vida santa. Até que você faça esse tipo de compromisso com o Senhor, você batalhará pelas mesmas coisas, repetidas vezes — e será derrotado.

O mesmo Salmo contém este maravilhoso verso: "Percorrerei o caminho dos teus mandamentos, quando me alegrares o coração" (v. 32). O coração dos corredores de longa distância é geralmente maior do que a média. As muitas milhas correndo em treinamento realmente condicionam o coração para capacitá-lo a bombear sangue mais eficientemente durante

os longos períodos de exercício. Davi dizia que Deus o equiparia espiritualmente com um coração que o habilitaria a correr a corrida a que havia se comprometido. Em outras palavras, Deus honrará seu compromisso de se livrar do pecado.

Desconfie da sua própria espiritualidade. Paulo disse: "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1Co 10.12). "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" (Jr 17.9). A sutileza sedutora do nosso próprio coração algumas vezes nos enganará nos momentos das nossas maiores vitórias espirituais. Todos nós podemos ser enganados facilmente; se não fosse pela graça de Deus, cairíamos em todo e qualquer pecado. Aprenda a procurar a graça e nunca confie na sua própria carne (Fp 3.3).

Resista ao primeiro sinal de desejo maligno. "A cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tg 1.5). O tempo de parar de pecar é quando da concepção do pecado e não depois de ele já ter nascido e conquistado vida própria. Na primeira sugestão de concupiscência, extermine o pensamento antes que ele incube e comece a produzir seu próprio fruto diabólico.

Medite na Palavra. "A boca do justo profere sabedoria, e a sua língua fala o que é justo. *No coração, tem ele a lei do Seu Deus; os seus passos não vacilarão*" (Sl 37.30, 31; ênfase acrescentada). Quando o coração é controlado pela Palavra de Deus, os passos são certos e firmes. A Palavra de Deus enche a mente e controla o pensamento, e isso fortalece a alma contra a tentação. A Bíblia age como um poderoso freio no coração entregue à sua própria verdade.

Arrependa-se imediatamente dos seus erros. Quando Pedro cometeu seu grande pecado, negando a Cristo por três vezes as Escrituras dizem: "... E saindo dali, chorou amargamente" (Mt 26.75). Nós nos arrepiamos diante desse pecado dele, mas devemos admirá-lo por seu remorso imediato. O pecado não confessado contamina e caleja a consciência. "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1Jo 1.9). E quando confessar o seu pecado, chame-o pelo nome. Deixe o seu ouvido ouvir o nome específico do pecado do qual você está arrependido. Essa é uma maneira de desenvolver um alto

grau de responsabilidade final diante de Deus, e de abster-se de cair nos mesmos pecados repetidas vezes. Se você negar-se a nomear seu pecado, pode ser que secretamente queira cometê-lo de novo.

Vigie e ore continuamente. Depois de relacionar toda a armadura de Deus em Efésios 6, Paulo escreve: "Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos" (Ef 6.18). Ele disse aos crentes em Colossos: "Perseverai na oração, vigiando com ações de graças" (Cl 4.2). O próprio Jesus disse: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41).

Faça parte de uma igreja que tenha outros cristãos responsáveis. Todos lutamos contra as mesmas tentações (1Co 10.13). Por isso Paulo disse aos gálatas: "Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo" (Gl 6.2). Precisamos uns dos outros. Podemos proteger um ao outro do pecado? Nem sempre. Mas podemos encorajar um ao outro (Hb 3.13; 1Ts 5.11). Podemos estimular um ao outro ao amor e às boas obras (Hb 10.24, 25). E "se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura, e guarda-te para que não sejas também tentado" (Gl 6.1).

Essa é uma importante razão pela qual a igreja foi instituída. Devemos nos manter responsáveis uns pelos outros, e carinhosamente buscar aqueles que pecam (Mt 18.15-17), amar e servir um ao outro. Todas essas obras nos ajudam, como indivíduos, a mortificar nosso pecado.

O pecado e Deus

Lembre-se de que Deus odeia o pecado. Lembre-se de que foi o pecado que colocou seu Filho amado na cruz. Lembre-se de que seus olhos são puros demais para aprovar o mal (Hc 1.13). E lembre-se de que sua própria perfeição é o padrão de santidade que requer de nós.

Atingiremos esse objetivo? Não nesta vida, mas ele garante que chegaremos lá. "Aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho" (Rm 8.29). Já "somos transformados, de glória em glória, na própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.18). E "sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (1Jo 3.2). "E aos

que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8.30).

Enquanto isso, não percamos a coragem e nem desistamos da luta. Não devemos ceder uma migalha ao pecado e à tentação. E, acima de tudo, devemos manter nossa consciência pura e imaculada.

> *"O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre"* (Is 32.17).

Notas

1. Jeremiah Burroughs, *The Evil of Evils* (Ligonier, PA: Soli Deo Gloria, 1992 reimpressão do original de 1654), 2-3.
2. *Ibid.*, 3.
3. Lewis B. Smedes, *Shame and Grace: Healing the Shame We Don't Deserve* (San Francisco: HarperCollins, 1993), 3-4.
4. *Ibid.*, 4.
5. *Ibid.*
6. *Ibid.*, 119.
7. *Ibid.*, 120.
8. Vergilius Ferm, *A Dictionary of Pastoral Psychology* (Nova York: Philosophical Library, 1955), 173-74.
9. D. Martyn Lloyd-Jones, *Sanctified Through the Truth: The Assurance of Our Salvation* (Wheaton: Crossway, 1989), 96-97.
10. Minha análise desse movimento encontra-se *in* John MacArthur, *Ashamed of the Gospel: When the Church Becomes Like de World* (Wheaton: Crossway, 1993).
11. John Blanchard, *Whatever Happened to Hell?* (Durham, Inglaterra: Evangelical Press, 1993), 145.

Apêndice 1

Obtendo Vitória sobre o Pecado - Um Exame Minucioso de Romanos 6

Nunca devemos pensar que a graça, maravilhosa como ela é, nos permite pecar ou nos encoraje a continuar pecando... "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum. Como viveremos ainda no pecado, nós os que para que ele morremos?" (Rm 6.1-2).

Esta é a razão por que o final da história de Jesus e da mulher adúltera é tão importante, embora isso seja freqüentemente esquecido. [Tendo-a perdoado, Jesus] acrescentou: "Vá e não peques mais". Isso sempre se segue ao perdão... Se somos salvos, devemos parar de pecar.

Ao mesmo tempo, podemos ser gratos a Jesus por ter falado como falou. Pois percebemos que ele não disse: "Não peques mais, e eu não a condenarei". Se ele tivesse dito isso, que esperança poderia haver? O nosso problema é exatamente que pecamos. O perdão poderia não existir, se ele fosse baseado em pararmos de pecar. Em vez disso, Jesus realmente falou na ordem inversa. Primeiro, ele deu livremente o perdão, sem nenhuma ligação concebível com o nosso desempenho. O perdão é dado somente pelo mérito da sua morte expiatória. Mas, então, tendo nos perdoado livremente, Jesus nos diz com igual força para pararmos de pecar.

James M. Boice[1]

Lázaro já estava morto há quatro dias quando o Senhor chegou ao seu túmulo. Embora Jesus amasse Lázaro e sua família intensamente, demorou para chegar propositadamente; assim, pôde mostrar a glória de Deus por meio de um milagre sem precedentes, que demonstraria seu poder sobre a morte. Marta e Maria, irmãs de Lázaro, sabiam que se ele tivesse vindo a tempo, poderia ter curado Lázaro e o guardado da morte (Jo 11.21,32). Jesus esperou, no entanto, porque queria que entendessem toda a extensão do seu poder e cressem nele.

Foi até a tumba de Lázaro, uma caverna com uma pedra na entrada, e pediu que os enlutados removessem a pedra. Marta, presumindo o pior, preveniu: "Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias" (Jo 11.39).

Jesus, entretanto, gritou em alta voz: "Lázaro, vem para fora" (v. 43).

A estranha visão que os enlutados confundidos tiveram poderia ter sido cômica, se não fosse tão comovente. Lázaro, "tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto em um lenço", cambaleou até a entrada da tumba. Lá ele permaneceu em pé, embrulhado como uma múmia, mas vivo!

"Desatai-o e deixai-o ir" (v. 44), Jesus ordenou, visto que as roupas da sepultura que o envolviam e a áurea de morte que o prendia lhe obstruíam a expressão de sua nova vida.

A história de Lázaro oferece uma ilustração particularmente vívida da nossa difícil situação como cristãos. Fomos criados para andar em novidade de vida (Rm 6.4). "Porque, no tocante ao homem interior tenho prazer na lei de Deus" (Rm 7.22). No entanto, ainda não podemos fazer o que desejamos (Gl 5.17). "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não; porém, o efetuá-lo" (Rm 7.18). Permanecemos prisioneiros dos remanescentes da mesma queda da qual fomos redimidos (7.22). É como se ainda estivéssemos com as nossas vestes da sepultura. Este apêndice compara nossa situação com aquela de Lázaro, que lançou fora as ataduras que restavam do pecado. Ele oferece as instruções do apóstolo Paulo (em Romanos 6) para a libertação, que envolve conhecimento, avaliação, rendição, obediência e serviço.

Fomos ressuscitados, mas ainda cheiramos mal

Entretanto, há uma diferença importante entre a nossa situação e a ressurreição de Lázaro. Sua roupa de múmia caiu imediatamente. Tratava-se meramente de um lençol de linho. Felizmente, a corrupção da morte — tal como o cheiro horrível que Marta temia — não seguiu Lázaro após ele ter saído da sepultura.

Nossa situação, portanto, não pode ser resolvida tão rapidamente. Não se trata apenas de um lençol de linho ligado a nós, mas de uma carcassa cheia de penas — Paulo chama isso de "o corpo desta morte" (Rm 7.24). É o princípio do pecado carnal que lança sua coberta sobre nossa nova vida gloriosa enquanto cumprimos nossa peregrinação terrestre. Ele suja nossa atmosfera espiritual, cercando-nos com o fétido cheiro do pecado. Ele não pode mais nos dominar como um tirano cruel, mas vai nos contaminar com tentação, tormento e aflição até sermos finalmente glorificados.

Essa é exatamente a razão de "[gemermos] em nosso íntimo aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23).

Enquanto esperamos por este final glorioso de libertação da presença do pecado, não devemos viver como antes, quando o pecado era o senhor sobre nós. O poder do pecado está quebrado. O nosso velho eu está crucificado, assim "não sirvamos o pecado como escravos" (Rm 6.6).

Não se deixe confundir pelo estilo de linguagem do versículo. Ele não indica que a emancipação do controle absoluto do pecado é uma *possibilidade* futura. Paulo está declarando que, porque o nosso velho homem está morto, a libertação do pecado já é uma *realidade* concluída. Poucos versos adiante, ele esclarece que este é o estado atual de todo verdadeiro crente: "Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, *uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça*" (Rm 6.17,18; ênfase acrescentada). Ele reitera o ponto mais uma vez no verso 22: "*Agora, porém, libertados do pecado*, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna" (ênfase acrescentada); "porquanto, quem morreu está justificado do pecado" (v. 7). A libertação que ele está descrevendo é uma *fé aperfeiçoada*.

Porém, como repetidas vezes vimos, ele não está sugerindo que os cristãos não são pecadores — ou mesmo que possam deixar de ser. Nem

está sugerindo que o pecado não é mais um problema na vida dos cristãos. Paulo está simplesmente ensinando que todos os cristãos estão libertos do domínio absoluto do pecado.

Na prática, podemos experimentar a libertação. Podemos ter uma vida que reflita a nossa nova natureza. Podemos destruir as tendências carnais mortificando as obras da carne. Vamos olhar um pouco mais de perto Romanos 6 como um modo de resumir e revisar as maneiras práticas que podem nos ajudar a atacar e mortificar os vestígios do pecado em nossa vida.

Conhecimento

Um conhecimento saudável é fundamental para qualquer coisa. "Que diremos...?", Paulo pergunta no início de toda a sua discussão. O crescimento na justiça e uma vida piedosa estão baseados em princípios espirituais que devem ser conhecidos antes que possam nos fazer algum bem.

Perceba quantas vezes nesses versos Paulo usa a palavra *saber* e seus cognatos: "Ou, porventura, ignorais [não *sabeis*] que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte?" (v. 3). "*Sabendo* isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos" (v. 6). "*Sabedores* de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele" (v. 9). "Não *sabeis* que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça" (v. 16). "Porventura, ignorais, irmãos (pois falo aos que conhecem a lei), que a lei, tem domínio sobre o homem toda a sua vida?" (7.1, conferir também 7.14,18).

Em alguns círculos é costume denegrir o conhecimento e elevar a paixão, o misticismo, o amor fraternal, a fé cega, ou o que quer que seja. A doutrina cristã do pecado é freqüentemente estabelecida contra o Cristianismo prático, como se os dois fossem contrários. A verdade é ignorada e a harmonia exaltada. O conhecimento é desprezado enquanto o sentimento é elevado. A razão é rejeitada e o sentimento colocado em seu lugar. A compreensão é menosprezada e a credulidade encorajada. Isso destrói a genuína maturidade espiritual, que é sempre baseada na sã doutrina (cf. Tt 1.6-9).

Naturalmente, o conhecimento sozinho não é virtude. Se alguém "sabe que deve fazer o bem e não faz nisso está pecando" (Tg 4.17). O conhecimento sem amor corrompe o caráter: "No que se refere às coisas

sacrificadas a ídolos, reconhecemos que todos somos senhores do saber" (1Co 8.1). O conhecimento que não se mistura com a obediência endurece o coração: "Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados" (Hb 10.26). O conhecimento pode ser destrutivo quando não é temperado com outras virtudes: "Porque, se alguém te vir a ti, que és dotado de saber, à mesa, em templo de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzida a participar de comida sacrificada a ídolos? E assim, por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu" (1Co 8.10,11).

Porém, a *falta* de conhecimento é até ainda mais mortal. Israel rejeitou a Cristo porque tinha zelo sem conhecimento (Rm 10.2). Oséias registrou a reclamação do Senhor contra os líderes espirituais de Israel: "O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não seja sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos" (Os 4.6). Isaías registrou uma acusação semelhante: "O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende" (Is 1.3).

Todo crescimento espiritual está baseado no *conhecimento da verdade*. A sã doutrina é crucial para um caminhar espiritual bem-sucedido: "Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina" (Tt 2.1). Paulo disse aos colossenses que o novo homem é renovado pelo verdadeiro conhecimento (Cl 3.10). O conhecimento é o fundamento para a nossa nova posição em Cristo. Toda a vida do cristão está estabelecida no conhecimento dos princípios divinos, a sã doutrina e a verdade bíblica. Aqueles que repudiam o conhecimento, na verdade abandonam as formas mais básicas do crescimento e saúde espiritual, enquanto se tornam vulneráveis a uma multidão de inimigos espirituais.

E, como Paulo sugere em Romanos 6, se temos que experimentar a vitória contra o pecado, ela deve começar com o conhecimento. O que, especificamente, devemos conhecer? Nossa posição em Cristo: "Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado". (Rm 6.6,7). Devemos entender as verdades que focalizamos neste livro: que estamos unidos com Cristo em sua morte e ressurreição e, portanto, livres da antiga escravidão do pecado.

Avaliação

Talvez você esteja pensando consigo mesmo: *"Eu conheço essas verdades. Mas como o próprio Paulo, ainda me sinto incapaz de desvencilhar-me da influência do pecado. O que devo fazer agora?"* Paulo nos diz: "Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus" (Rm 6.11). A palavra *reckon* ("considerai" na tradução da ARA) é *logizomai*, que literalmente significa "calcular ou contar alguma coisa". É a mesma palavra que Jesus usou quando ele citou Isaías 53.12: "Ele foi contado com os malfeitores" (Lc 22.37).

"Considerai-vos", nesse sentido, está além do conhecimento. Tira a nossa fé do reino puramente intelectual e a torna supremamente prática. Paulo está sugerindo que nossa união com Cristo deve ser mais do que uma verdade teórica. Devemos contar com ela. Considerá-la uma realidade, tê-la como concluída — e agir de acordo. "Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às paixões" (Rm 6.11,12).

Considerar nosso velho homem morto certamente não é uma coisa fácil. Muito em nossa experiência parece argumentar contra a verdade que sabemos em nosso coração. Podemos ser libertos do domínio do pecado, mas em nossa batalha diária contra o pecado freqüentemente ela se parece muito com a velha escravidão. Apesar disso devemos nos considerar mortos para o pecado e vivos para Deus. Não podemos viver como se o velho homem ainda estivesse no controle.

Neste ponto pode parecer que o conselho de Paulo tem algo em comum com a ideologia do moderno "pensamento positivo" e dos cultos à auto-estima. Mas Paulo não estava propondo um mero jogo mental. Não estava dizendo que deveríamos buscar nos convencer de algo que não é verdadeiro. Não estava sugerindo que deveríamos nos considerar num nível espiritual que ainda não alcançamos. Não estava sugerindo para suspendermos o funcionamento nossa mente e sonharmos com algo que na realidade não aconteceu.

Pelo contrário, estava afirmando a verdade absoluta da união do cristão com Cristo, e nos garantindo que é possível viver na luz da verdade. Nosso velho homem *está* morto. A Palavra de Deus declara isso. Devemos considerar isso como verdade.

Muitos cristãos fracassam nesse ponto. Acham que estão irremediavelmente escravizados ao pecado. Foram ensinados que a velha natureza ainda está viva com toda a sua fúria. Não compreendem que Cristo quebrou o poder do pecado. E, portanto, não podem viver vitoriosamente. Não se consideram genuinamente mortos para o pecado.

Esta é exatamente a razão por que me oponho ao dualismo que foi popularizado pela *Bíblia Scofield.* Já que provavelmente esta é a visão predominante no evangelicalismo americano hoje, é proveitoso examinar o que está sendo ensinado.

Scofield cria que todo cristão tem duas naturezas ativas — "a natureza velha ou adâmica, e a natureza divina recebida quando do novo nascimento".[2] Estas, ele ensina, são realidades iguais mas opostas que agem em todo crente. A velha natureza adâmica — com seu amor ao pecado, com sua depravação radical, com toda sua propensão para o mal, e com sua insensibilidade para amar a Deus ou fazer o que é bom — está ainda viva e poderosa. A nova natureza divina é dada somente aos cristãos, mas uma vez implantada no nosso íntimo, compete com a velha pelo controle da vontade. Portanto, de acordo com essa visão, cada cristão tem ainda a velha natureza pecaminosa com a qual ele luta — mas agora tem também uma nova e piedosa natureza. Isso é um tipo de esquizofrenia espiritual. Ela vê a conversão não tanto como uma *transformação* da pessoa, mas sim como a *adição* de uma nova natureza.

Um outro autor, que compartilha do mesmo ponto de vista de Scofield sobre as duas naturezas, escreveu:

> Quando o "Novo Homem" nasce no coração do crente, o "Velho Homem" não morre. Ele ainda está lá, e muito vivo. As duas naturezas, exatamente opostas, lutam pela possessão do mesmo corpo, como dois inquilinos pela possessão do mesma casa... Devemos nos lembrar que não podemos nos livrar da "Velha Natureza" até a morte do nosso corpo de "carne".[3]

O dualismo desse ponto de vista inevitavelmente frustra o crescimento do cristão. Afinal de contas, se a nossa velha natureza está tão viva e poderosa como sempre, como podemos verdadeiramente nos considerar mortos para o pecado e vivos para Deus? De fato, poderia parecer um tanto perigoso julgar o velho homem morto se ele realmente ainda estivesse "muito vivo".

Na verdade, aqueles que defendem a visão das duas naturezas têm um grande problema com os ensinos de Paulo em Romanos 6.11. Por

acreditarem que o velho homem pecaminoso ainda vive, por definição *não podem* se considerar mortos para o pecado. Eles *não podem* considerar a velha natureza crucificada com Cristo ou crer que o corpo do pecado foi anulado. Isso é óbvio nos escritos deles. O mesmo autor que citei acima escreveu: "Devemos nos lembrar que nós podemos deixar de alimentar o Velho Homem e ele pode se tornar tão fraco que nos causará pouquíssimos problemas, e daí poderemos considerá-lo morto; mas ele não está *morto*, pois se começarmos a alimentá-lo novamente, ele reviverá e recuperará sua forças e nos causará problemas".[4] Essa citação ilustra perfeitamente por que aqueles que defendem a visão das duas naturezas não ousam considerar o velho homem como estando morto. Seu sistema lhes diz que o velho homem *não está realmente* morto, e portanto aqueles que o consideram morto, sentem que podem estar colocando a si mesmos numa perigosa posição de presunção.

Algumas pessoas até mesmo usam o ponto de vista das duas naturezas como uma desculpa para o seu pecado. "É apenas a velha natureza que peca", alegam elas — como se não fossem pessoalmente responsáveis. Tal conceito dá espaço para a destruição da consciência e impede seriamente o crescimento espiritual. Ele nega a responsabilidade pessoal e assim entorpece a consciência.

R. L. Dabney argumentou contra uma antiga forma dessa visão de duas naturezas há mais de um século. Ele notou as "tendências antinomianas" dessa doutrina:

> Se alguém crê que tem dois "verdadeiros homens", ou " duas naturezas" nele, será tentado a argumentar que o novo homem não é, de maneira alguma, responsável pela perversidade do velho. Essa é uma dedução perigosa... [e se] a velha natureza nunca perder um pouco de sua força até a morte, então a presença, e até o escândalo da presença do pecado precisam, sem dúvida alguma, sugerir ao crente se sua fé não é legítima. Como é possível negar que aqui existe o terrível perigo da segurança carnal do pecado? Quão diferente é isso do que a Bíblia diz em Tg 2.18, "Mas alguém dirá: tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras te mostrarei a minha fé". Se, então, qualquer crente professo descobrir o "velho homem" em sua força total, essa é uma prova de que ele nunca "revestiu-se do novo homem".[5]

As Escrituras não apóiam a visão dualista. Romanos 6.6 claramente diz que nosso velho homem foi crucificado com Cristo. A pessoa que existia

antes de confiarmos em Cristo já não existe mais. A tirania do pecado foi anulada. Nossa natureza *mudou*, transformou-se. Agora somos uma nova criatura, não meramente a mesma velha criatura com um novo lado acrescentado à nossa personalidade. Temos um novo coração — não um a mais que foi acrescentado, mas um completamente diferente. Isso, afinal de contas, é a promessa do Novo Pacto: "Dar-vos-ei coração novo e porei dentro em vós espírito novo; *tirarei de vós o coração de pedra* e vos darei coração de carne" (Ez 36.26; ênfase acrescentada). Esse novo coração tem uma *consciência*. Ele é responsável.

Você pode contar com ele. Considere-o. Considere-o consumado.

Rendição

"Rendição" é a próxima palavra-chave na nossa busca pela libertação do pecado: "Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniqüidade; mas *oferecei-vos a Deus*, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça" (Rm 6.12-13; ênfase acrescentada).

Como notamos repetidas vezes, os cristãos não são mais dominados pelo pecado. Finalmente somos capazes dizer não às ordens do pecado. Somos livres do seu controle absoluto. Antes de nascermos de novo, não tínhamos essa capacidade, mas agora o pecado não tem autoridade para nos comandar.

Ele pode, entretanto, enganar, provocar, ameaçar, destruir, e usar toda manobra que conhece para nos tentar. Embora destronado e derrotado ainda não está eliminado. Ele apresenta perigo. Não desiste facilmente. Ele escarnece de nós e nos atormenta. Ele nos assola e nos ataca violentamente. *Mas não reina mais sobre nós.* E não temos que nos submeter a ele.

Antes, devemos nos submeter a um novo Senhor: "... Mas oferecei-vos a Deus, como ressurreto dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça" (v. 13). Essa rendição nos chama a uma submissão ativa e consciente de todos os nossos membros para Deus como instrumentos de justiça. Em outras palavras, podemos usar a glória de Deus para as mesmas faculdades que um dia foram dominadas pelo pecado.

Perceba que Paulo fala do nosso "corpo mortal" (v. 12) e "dos membros do nosso corpo" (v. 13). Mas ele não tem meramente em mente o corpo físico e seus membros. Ele, na verdade, está falando mais particularmente das faculdades da alma como: a mente, as emoções, a imaginação,

os desejos e a vontade. Colossenses 3.5 explica precisamente o que ele quer dizer: "Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão, lascívia, desejo maligno e a avareza, que é idolatria". "Membros" claramente nesse verso não se refere às nossas extremidades físicas. Em vez disso, ele fala das faculdades e das atividades "do homem interior do coração" (cf. 1Pe 3.4).

Em nosso pensamento, termos como *carne, membros e corpo* tendem a representar somente os componentes físicos do nosso ser. Contrastamos esses termos com *coração, alma e mente*, que se associam com a parte imaterial ou espiritual do nosso ser. Porém, a Bíblia freqüentemente se refere ao "corpo" quando quer falar da pessoa inteira — tanto material como imaterial — não fazendo distinção entre corpo e alma. Tiago escreveu: "A língua ... contamina o corpo inteiro" (Tg 3.6), isto é, ela degrada a pessoa inteira. Jesus disse: "São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os seus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão! (Mt 6.22,23). "Se, portanto, todo o teu corpo for luminoso, sem ter qualquer parte em trevas, será todo resplandecente como a candeia quando te ilumina em plena luz" (Lc 11.36). Nesses versos a expressão "todo o seu corpo" se refere a toda alma mortal — a pessoa como um todo — não a literal, carne e sangue palpável.

Do mesmo modo, em Romanos 6 e 7 Paulo usa os termos *corpo e membros* para descrever a pessoa inteira que ainda não é glorificada — corpo, mente, emoções e vontade — não somente o lado físico.

Determinados trechos são difíceis de serem entendidos. Paulo escreve, por exemplo "Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus, mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros" (Rm 7. 22,23). Aí parece que está ele contrastando "o homem interior" com o corpo físico, como se ele estivesse sugerindo que sua carne e seu sangue travavam uma luta contra a sua mente. Alguns leitores erroneamente assumem, então, que a mente é boa, mas o corpo físico é mau. Esse é, exatamente, o tipo de dualismo que os heréticos gnósticos pregaram. Mas este não era, absolutamente, o ponto de vista de Paulo. Ele simplesmente estava dizendo que seus membros mortais — incluindo seu corpo, suas paixões, seus desejos, suas emoções e certamente, de algum modo, até mesmo sua mente — estavam em conflito com seu "homem interior" — o novo imortal, vibrante princípio completo do espírito de justiça

que o fez amar e afirmar a lei de Deus. Ele estava usando as expressões "membro do meu corpo" e "homem interior" como um modo simplificado e conveniente para contrastar os princípios carnais com a nova pessoa.

Nossa mortalidade — "o corpo mortal", como Paulo usa o termo — é o único campo pelo qual Satanás pode nos atacar. O pecado não pode reivindicar nossa alma eterna. Um dia o nosso caráter mortal — corpo e mente — serão "absorvidos pela vida" (2Co 5.4). O "corruptível se revestirá da incorruptibilidade" (1Co 15.53,54). Isso é o que devemos ansiosamente esperar: "a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23). "Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas" (Fp 3.20,21). Então, e somente então, estaremos para sempre fora do alcance do pecado. Mas enquanto ainda somos mortais, estamos sujeitos à corrupção.

Este "corpo de humilhação" e todas as suas faculdades ainda são suscetíveis ao engodo do pecado. Travamos uma batalha contínua contra o pecado em nossa mente e em nosso corpo mortais. Não devemos "[oferecer] cada um os membros do [nosso] corpo ao pecado, como instrumentos de iniqüidade" (Rm 6.13). Em vez disso, devemos "[apresentar] o [nosso] corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o [nosso] culto racional" (Rm 12.1). Devemos "[oferecermo-nos] a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os [nossos] membros, a Deus, como instrumentos de justiça" (Rm 6.13).

Paulo introduz uma gloriosa promessa neste ponto: " Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, e sim da graça" (Rm 6.14). Estamos livres da condenação do pecado por causa da nossa justificação. Mas a graça também nos liberta do domínio do pecado diário. Assim podemos nos tornar "servos da justiça" (v. 18) — de modo que possamos obedecer ao novo Senhor.

Obediência

O propósito exato da graça é nos libertar do pecado — "assim também andemos nós em novidade de vida" (v. 4). Graça é muito mais do que um mero perdão dos nossos pecados, ou uma viagem gratuita aos céus. A graça certamente não nos deixa sob o domínio do pecado. Salvos pela graça "somos feitura [de Deus], criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus

de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef 2.10). A graça "[nos educa] para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente" (Tt 2.12). Esta é a verdadeira razão de Cristo ter-se dado por nós: "o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniqüidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras" (v. 14).

Parece que sempre existiu aqueles que corromperam a graça de Deus transformando-a em lascívia (cf. Jd 4). Eles caracterizam a graça como uma libertação total, mas eles mesmos são escravizados pela corrupção (2 Pe 2.19). Assim anulam a graça de Deus (cf. Gl 2.21).

"A genuína graça de Deus" (cf. 1Pe 5.12) não oferece liberdade da repressão moral. A graça não é uma autorização para pecar. Pelo contrário, ela dá ao crente a libertação *do* pecado. Ela nos liberta da lei e da penalidade do pecado, mas também nos liberta do controle absoluto do pecado. Ela nos liberta para obedecer a Deus.

Antecipando os pensamentos daqueles que entendem mal a graça de Deus, Paulo repete a pergunta de Romanos 6.1: "E daí? Haveremos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça?" (v. 15). E responde mais uma vez enfaticamente: "De modo nenhum!"

Seu argumento contra a objeção é um apelo ao senso comum: "Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?" (v. 16). Em outras palavras, se você se apresentar como um escravo com tendências ao pecado, você apenas demonstra que ainda está sob o seu domínio. A implicação clara é que aqueles que foram verdadeiramente salvos pela graça não desejariam escolher o retorno à velha escravidão.

Na verdade, a frase "vos apresenteis" sugere uma *escolha* consciente, ativa e voluntária da obediência. Ela retrata um soldado que se apresenta com todas as suas armas ao seu comandante preparado para fazer o que o seu senhor ordenar. É uma entrega voluntária e deliberada de si mesmo e de seus membros a uma vida de serviço — ou para o pecado que resulta na morte, ou para a obediência que resulta na justiça. Aqui Paulo está chamando para uma escolha deliberada, intencional e consciente da obediência. Para os não-cristãos, não há escolha. Eles estão escravizados ao pecado e não podem escolher de outra maneira. Aqui Paulo está sugerindo que o genuíno cristão também tem apenas uma escolha.

Em outras palavras, aqueles que escolheram servir ao pecado como seus escravos ainda de fato estão escravizados ao pecado — eles nunca experimentaram a graça de Deus. "Daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos." Isso, a princípio, pode parecer uma tautologia, mas uma paráfrase pode ajudar a explicar o que o apóstolo quis dizer: "Quando voluntariamente você se rende ao pecado e serve a ele, está evidenciando que nunca se libertou do domínio do pecado. Seu padrão de vida mostra quem é o seu verdadeiro senhor — o pecado para a morte, ou a obediência que resulta em justiça". Ou como Pedro escreveu "pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor" (2Pe 2.18,19).

Em Romanos 5, Paulo diz a mesma coisa, somente argumentando ao contrário. Sugere que o pecado e a morte reinam sobre todos aqueles que estão em Adão (5.12), mas a graça, a justiça e a vida eterna reinam sobre todo aquele que está em Cristo (vs. 17-20).

Em Romanos 6, Paulo sugere que todos são escravos que têm um senhor. O homem caído gosta de declarar que ele é o senhor do seu destino e o capitão de sua alma. Mas ninguém realmente o é. Todas as pessoas ou estão sob o domínio de Satanás e sob a servidão do pecado, ou estão sob o domínio de Cristo, sendo servos da justiça. Não existe campo neutro, e ninguém pode servir a dois senhores (Mt 6.24). "Se quisermos saber a qual dessas duas famílias pertencemos, devemos inquirir a qual desses dois senhores submetemos nossa obediência."[6]

Novamente, Paulo não está dizendo aos Romanos que os cristãos *deveriam ser* escravos da justiça. O que ele está dizendo é que os verdadeiros cristãos *não podem ser outra coisa que não* escravos da justiça. Eles foram retirados da servidão do pecado exatamente para esse propósito: "Mas as graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça" (Rm 6.17,18). Isso corresponde exatamente ao que o apóstolo João escreveu: "Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo; todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão (1Jo 3.9,10).

Para o cristão, a vida de servidão ao pecado é *passado*. O pecado não pode mais continuar a ser a característica principal de nossa vida. A desobediência da carne interrompe freqüentemente a nova vida e pecamos. As

vezes, pode *parecer* que o pecado domina completamente a vida de um cristão (como foi o caso quando Davi pecou), mas todos os verdadeiros crentes ainda têm uma nova e santa natureza. Odeiam seu pecado e amam a justiça. Não podem conviver com um pecado indestrutível ou numa rebelião viciada contra Deus e gostar disso. Isso seria uma contradição em relação àquilo que eles são (cf. 1Jo 3.9).

Servidão

Paulo esclarece que a obediência a que ele está chamando é uma vida inteira de servidão a Deus:

> Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim oferecei, agora, os vossos membros para servirem à justiça, para a santificação. Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça. Naquele tempo, que resultado colhestes? Somente as coisas de que agora, vos envergonhais; porque o fim delas é a morte. Agora, porém, libertado do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna (Rm 6.19-22).

Em outras palavras, deveriam servir à justiça exatamente da mesma maneira que serviam no passado ao pecado — como escravos.

Paulo mudou do tópico da nossa posição ("considerai-vos mortos para o pecado" v. 11), para a questão da nossa prática ("oferecei, agora, os vossos membros para servirem à justiça" v. 19). Obviamente, nossa posição deveria determinar a nossa prática.

Exatamente como uma vez o pecado nos conduziu à impureza e à maldade, "resultando em maldade para maldade" (v. 19), agora a justiça resulta em nosso progresso cada vez mais crescente em direção à santificação. Martin Lloyd-Jones escreveu:

> À medida que você vai vivendo essa vida de justiça, e praticando-a com toda a sua força e energia, e em todo o seu tempo... você descobrirá que o processo que acontecia antes, no qual você ia de mal a pior e se tornava cada vez mais desprezível, foi totalmente revertido. Você vai se tornar cada vez mais limpo, mais puro, mais santo e mais e mais semelhante à imagem do Filho de Deus.[7]

Tanto moral quanto espiritualmente, é impossível permanecer estático. Todos estão em movimento, seja para um lado ou para o outro — ou se afundando cada vez mais no pecado e na degradação, ou progredindo gloriosamente em direção à semelhança de Cristo.

Afinal de contas, a vida em Cristo *deveria* ser dramaticamente diferente da nossa vida antes da conversão: "Quando fomos salvos do pecado fomos libertos para a justiça". Se o que você realmente deseja agora é a liberdade da repressão moral, você não é um cristão. Você ainda é um servo do pecado.

A verdadeira justiça não pode comandar, nem instruir, aqueles que ainda são cativos do pecado. Eles servem a um senhor diferente. Embora muitos deles usem uma máscara de autojustiça — como Paulo antes de sua conversão — as obras da carne não têm absolutamente nada que ver com a verdadeira justiça. A Bíblia usa algumas de suas expressões mais fortes para condenar tais esforços carnais. Isaías escreveu: "E todas as nossas justiças, como trapo da imundícia" — literalmente "como absorvente higiênico para menstruação" (Is 64.6). Paulo chamou sua justiça, antes de se tornar cristão de "refugo" (Fp 3.8).

O verdadeiro fruto do domínio do pecado inclui: "prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas. E o resultado final é eterna condenação: "... Das quais eu vos declaro, como já outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais cousas praticam" (Gl 5.19-21). "Naquele tempo, que resultado colhestes? Somente as coisas de que agora, vos envergonhais; porque o fim delas é a morte" (Rm 6.21).

A fé verdadeira produz exatamente o fruto oposto. "Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim, a vida eterna" (v. 22).

"Libertados do pecado e transformados em servos de Deus" é uma boa descrição da vida cristã de alguns crentes que eu conheço. É claro que isso não significa que os crentes são incapazes de pecar. Porém, isso realmente significa que eles não são mais escravos do pecado, não são mais impotentes para responder aos seus ataques, não amam mais as trevas do que luz.

O que Paulo nos ofereceu nesse breve capítulo foi um apelo encorajador para permanecermos firmes diante dos ataques furiosos do pecado. Os crentes precisam *saber* que estão unidos com Cristo em sua morte e ressurreição, e portanto, libertos do domínio do pecado. Precisam *reconhecer* que sua união, com Cristo quer dizer que seu velho homem está morto,

anulado, sem nenhuma capacidade para ordenar obediência às suas paixões pecaminosas. Precisam render-se a Deus e entregar todos os seus membros — corpo, mente, emoções, a pessoa inteira — para Deus como instrumentos de justiça. Precisam obedecer a ele como seu novo Senhor. Precisam servir a ele com a mesma obediência inquestionável com que antes serviam ao pecado.

Essa é a fórmula de Paulo para a vitória. Ela exige ousadia, determinação e uma fé inteligente e informada. Ela assume que amamos a Deus e que desejamos ver sua justiça trabalhando em nossa vida. Ela oferece libertação da autoridade absoluta do pecado e as maneiras de derrotá-lo em nosso viver diário.

Mas isso não quer dizer que o processo seja fácil ou que essa vitória gloriosa será sempre a nossa experiência cotidiana. Paulo certamente não estava sugerindo que o andar cristão nunca será marcado pela derrota ou pelo fracasso. Como observamos, tudo o que precisamos fazer é ler Romanos 7, e concluir que a experiência de Paulo com seu próprio pecado foi profundamente frustrante para ele: "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto" (v. 15). "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir... porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo" (vs. 15-18). "Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero esse faço" (v. 19). "Então, ao querer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim" (v. 21). "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (v. 24).

A verdade é que quando olhamos para dentro do nosso próprio coração, cada um de nós deve repetir essas palavras de frustração. Embora o pecado seja um inimigo derrotado, embora batalhemos contra ele numa posição de vitória, trata-se ainda uma luta de vida ou morte. E é uma batalha que devemos continuar a travar contra o inimigo enquanto mortificamos o pecado e atacamos os vestígios da sua influência em nossa vida.

Notas

1. James M. Boice, *Amazing Grace* (Wheaton: Tyndale, 1993), 41-42.
2. C. I. Scofield, *The Scofield Reference Bible* (Nova York: Oxford, 1917) 1200
3. Clarence Larkin, *Rightly Dividing the Truth* (Filadélfia: Larkin Estate, s.d.), 210-211.

4. *Ibid.* (ênfase no original)
5. R. L. Dabney, *Systematic Theology* (Edimburgo: Banner of Truth, 1985 reimpressão da edição de 1878), 677.
6. Mathew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, 6 vols. (Old Tappan, NJ: Revell, s.d.), 6:405.
7. D. Martyn Lloyd-Jones, *Romans: An Exposition of Chapter Six: The New Man* (Grand Rapids: Zondervan, 1972), 268-69.

Apêndice 2

Um Apelo À Boa Consciência

Richard Sibbes[1]

A qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo (1Pe 3.21).

O contexto dessas palavras de 1 Pedro é este: o abençoado apóstolo tinha acabado de falar daqueles que pereceram no dilúvio, e do salvamento de Noé na arca ("poucos, isto é, oito pessoas foram salvas da água"). Então, ele menciona o batismo ("figurando o batismo agora também vos salva").

Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hb 13.8). Ele sempre teve o cuidado de salvar seus Noés da destruição. A salvação é um trabalho que ele efetuou desde o início do mundo. Havia duas cidades prefiguradas em Caim e Abel. E Deus sempre comunicou-se com seus cidadãos de maneiras diferentes nas duas cidades. "Porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos" (2Pe 2.9). Todos os que já foram salvos, foram salvos por Cristo, e todos fizeram sacrifícios diferentes que prenunciavam Cristo.

Em relação àqueles que não são seus, aqueles da posteridade de Caim, Deus se comunica de uma maneira inversa: ele os destrói.

Mas, atente para as palavras; "a qual, figurando o batismo, agora também vos salva". A salvação de Noé na arca foi uma ilustração do batismo; pois como o batismo retrata Cristo, assim também a salvação de Noé na arca. Eles se correspondem reciprocamente em muitas coisas.

Primeira, como todos os que não estavam na arca pereceram, assim todos os que não estão em Cristo perecem (aqueles que não foram enxertados nele pela fé). O batismo é um emblema desse enxerto.

Segunda, como a mesma água *preservou* Noé do dilúvio na arca e *destruiu* todo o velho mundo, da mesma maneira o mesmo sangue e morte de Cristo mata todos os nossos inimigos espirituais. Eles são afogados no Mar Vermelho do Sangue de Cristo, mas no entanto preserva seus filhos. Há três dilúvios principais no Antigo Testamento, que prefiguram Cristo: o dilúvio que afogou o velho mundo, a passagem pelo Mar Vermelho e a passagem pelas águas do Jordão. Em todos esses momentos o povo de Deus foi salvo e os inimigos do povo de Deus destruídos. É a isso que o profeta Miquéias faz alusão quando diz: "Lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar" (Mq 7.19). Ele alude a Faraó e seu bando que afundou no mar. Afundaram como chumbo, assim como todos os nossos pecados, que são nossos inimigos, se estivermos em Cristo, afundarão como chumbo.

Terceira, da mesma maneira que o mundo vil zombou de Noé enquanto ele construía a arca, todos os que buscam refúgio em Cristo para salvação são ridicularizados.

No entanto, Noé foi considerado um homem sábio quando aconteceu o dilúvio. Semelhantemente, quando a tentação sobrevier, serão considerados sábios quem antes assegurou sua posição em Cristo. Há muitas semelhanças entre a arca e o batismo. Vou nomear algumas e ir adiante.

Um ritual exterior não é suficiente

"A qual, figurando o batismo, agora vos salva." Aqui temos, em primeiro lugar, em uma palavra, uma descrição dos meios de salvação: Como somos salvos? "Agora, o batismo também salva."

Então ele antecipa uma objeção: — "não sendo a remoção da imundícia da carne", a parte exterior do batismo.

Então ele estabelece *como* o batismo nos salva: "mas uma indagação de uma boa consciência para com Deus".

E então o seu fundamento: "por meio da ressurreição de Cristo".

Passei por tudo isso para chegar onde especificamente pretendo. Toquei, portanto, na objeção antecipada, da qual não vou falar muito, mas direi algumas coisas, pois se trata de um ponto muito proveitoso.

O ritual do batismo não salva. Quando ele disse que o batismo nos salva, disse que esse batismo *não* é o que retira a imundícia da carne — insinuando que o batismo tem duas partes. O que existe é um batismo duplo: o exterior, que é a lavagem do corpo; o interior, que é a lavagem da alma. O exterior não salva sem o interior. Portanto, ele dobra o conceito, com receio de que pensassem que todos os que são batizados exteriormente são salvos por Cristo.

O perigo de olhar demais para o exterior. O apóstolo sabia que as pessoas têm uma propensão natural para dar muito valor às coisas exteriores. O demônio é um extremista. Ele trabalha para levar as pessoas ao extremo, à pratica de idolatria com rituais exteriores ou inúteis, isto é, ele quer que nos focalizemos atentamente nos aspectos externos da fé (tal como o batismo e a Ceia do Senhor), que façamos das próprias cerimônias objetos da nossa idolatria – ou então nos leva a dar tão pouco valor a essas cerimônias, que elas acabam não tendo nenhum significado. O demônio consegue o que ele quer de um modo ou de outro.

O apóstolo discernia a enfermidade das eras, especialmente em sua época. As pessoas atribuem peso demais às coisas exteriores. O apóstolo

Paulo, escrevendo aos Gálatas, repetiu por duas vezes: "Nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura" (Gl 6.15; cf. 5.6). Você dá muito valor ao exterior, ele estava dizendo. O que conta para Deus é a "nova criação".

Da mesma maneira, no Antigo Testamento, quando Deus prescreveu tanto a adoração exterior como a interior, eles acabaram atribuindo mais valor à exterior, e não cuidaram da interior. No Salmo 50.16,17, Deus lamenta a maneira na qual eles o servem: "De que te serves repetires os meus preceitos e teres nos lábios a minha aliança, uma vez que aborreces a disciplina e rejeitas as minhas palavras?" Também em Isaías 1.13,14; 66.3, vemos um Deus resoluto tratando com eles: "Não continueis a trazer ofertas vãs, o incenso é para mim abominação, ... as vossas festas da lua nova e as vossas solenidades a minha alma as aborrece". E "o que imola um boi é como o que comete homicídio; o que sacrifica o cordeiro, como o que quebra o pescoço a um cão; o que oferece uma oblação, como o que oferece sangue de porco; o que queima incenso, como o que bendiz a um ídolo" — No entanto esses eram sacrifícios consagrados pelo próprio Deus. Qual foi a razão disso? Brincaram com Deus por meio da hipocrisia, e lhe deram somente a aparência. Apresentaram-lhe uma atuação externa. Valorizaram demais essa forma, e abandonaram a parte que Deus mais estima — a espiritual.

Perceba também como nosso Cristo Salvador censura os fariseus: "e não comeceis a dizer entre vós mesmos: temos por pai a Abraão" (Mt 3.9). Eles se orgulhavam demais dos seus privilégios exteriores. Veja na Bíblia que as pessoas que não pertencem a Deus são especialmente aptas em atribuir valor demais ao que é exterior. Elas deveriam combinar isso com o interior, o que negligenciam.

Por que as pessoas dão tanta ênfase à religião exterior. Há sempre duas partes no culto a Deus, a interior e a exterior. O aspecto interior é um aspecto difícil para a carne e o sangue suportarem. Como no batismo há duas partes, a lavagem interior e a exterior, e o ouvir da Palavra envolve tanto a alma interior como o homem exterior submetendo-se a ouvir o que Deus diz, assim na Ceia do Senhor, há uma recepção exterior do pão e do vinho, e um ato interior de um pacto com Deus. Agora as pessoas valorizam demais o exterior, e pensam que Deus lhes deve alguma coisa por causa disso. Porém eles negligenciam o interior porque estão protegendo a sua própria concupiscência.

Mas, mais particularmente, o motivo está na natureza corrupta.

Primeiro, porque a parte exterior está à mostra e é fascinante aos olhos do mundo. Todos podem ver o sacramento sendo administrado, todos podem ver quando alguém vem e ouve a Palavra de Deus.

Segundo, as pessoas descansam no ritual exterior porque ele faz alguma coisa que anestesia a consciência, que reclamaria se não fizessem nada de religioso, ou se fossem ateus assumidos. Portanto, elas dizem: *Ouviremos a palavra e desempenharemos coisas exteriores.* Porém, são relutantes em investigar a essência da própria consciência, ficando apenas no nível das coisas exteriores. Essas e outras razões do mesmo tipo explicam o porquê de muitas pessoas freqüentarem apenas religiões de aparência.

Aplicação. Focalizemos essa tendência de enfatizar o exterior; sabemos que Deus não atenta ao exterior sem o interior. Mais do que isso, ele odeia isso. Se Deus pode desprezar a adoração que ele mesmo estabeleceu, quanto mais detestar os artifícios e cerimoniais vazios da própria trama do homem, construídos pelo homem para o próprio homem. A liturgia da religião papal, por exemplo, é apenas uma aparência sem proveito algum. Trabalham para distrair a atenção de Deus com suas obras. A doutrina deles é feita sob medida para a natureza corrupta do homem. Ensinam que o ministério do sacramento confere graça, não obstante o estado do coração da pessoa. Em seu sistema, os elementos em si conferem graça, como se a graça pudesse ser transmitida mediante uma substância sem vida. Todo o processo faz com que as pessoas dêem muita importância às coisas exteriores. Porém, nosso texto mostra que a parte exterior do batismo sem a interior é nada: "Não sendo a remoção da imundícia da carne, mas indagação de uma boa consciência para com Deus", diz Pedro.

Trabalhemos, portanto, em todo o serviço de Deus para concentrar nosso coração especialmente na parte espiritual. Como disse Samuel a Saul: "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura dos carneiros" (1Sm 15.22). E Deus disse pelo profeta Oséias: "Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais que holocaustos" (Os 6.6). Muitos cristãos estão felizes por fazerem o exterior, que é apenas a parte fácil da religião.

Mas o que não é feito de coração, não é verdadeiro, porque "Deus é espírito; e importa que seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (Jo 4.24). Há um tipo de poder divino necessário em toda a adoração verdadeira que vai além de qualquer coisa que o homem exterior faça —

ouvir a verdade divina; um poder divino é requerido para fazer com que a pessoas ouçam como deveriam (1Co 2.9-15). Da mesma maneira, na *adoração*, muito mais é exigido do que o homem exterior é capaz de dar. Há tanto forma como poder em todas as partes da religião. Não descansemos na forma, mas labutemos pelo poder.

Vejamos que tipo de pessoas eram aquelas de 2 Timóteo 3.5: "tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder". Paulo faz uma lista de pecados: eles eram "mais amigos dos prazeres que amigos de Deus". Apesar disso, essas pessoas queriam uma religião de aparência, embora negassem o seu poder. Mas, vamos rapidamente ao assunto sobre o qual quero discorrer longamente.

Apelando a Deus por uma boa consciência

Depois de remover a falsa confiança das pessoas na religião exterior, Pedro positivamente estabelece o que realmente salva: "a indagação de uma boa consciência para com Deus". O santo apóstolo poderia ter dito: "Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um só corpo" (1Co 12.13). Ele poderia ter dito: "não removendo a imundícia da carne, mas removendo a imundícia da alma". Em vez disso nomeia as obras da alma que asseguram a salvação graciosa de Deus — "uma indagação de uma boa consciência para com Deus". Naturalmente ele está falando de *fé*.

Deus deve ser satisfeito antes da consciência. Deus está satisfeito com a morte do mediador; então quando somos aspergidos pelo sangue de Cristo — quando a morte de Cristo é aplicada a nós — nossa consciência é também satisfeita. Assim é como "muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!" (Hb 9.14).

A "indagação de uma boa consciência para com Deus", então, é a mesma coisa que a fé. Pedro está descrevendo a atitude daqueles que se entregam para crer e viver como cristãos.

Quando cremos, nossa consciência se torna boa. Se Satanás coloca alguma coisa para nos acusar, podemos responder com uma consciência boa. "Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós" (Rm 8.33,34). Podemos, com um coração aspergido com o sangue de Cristo, responder a todas as objeções, e triunfar sobre os inimigos.

Podemos "[nos achegar], confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4.16).

"Uma consciência boa" no sentido em que Pedro emprega o termo, é uma consciência limpa da corrupção do pecado, livre para servir a Deus. Apenas os cristãos verdadeiros têm tal consciência. É uma consciência que olha para Deus e sabe que no final das contas vai responder a ele. Como podemos saber se estamos "em Cristo", se somos receptores da graça e do favor salvadores de Deus? A consciência nos foi dada para esse propósito, para nos dizer o que estamos fazendo, e por quais motivos estamos fazendo isso, e qual é a nossa posição diante de Deus. Se você quer testar sua saúde espiritual, simplesmente pergunte se sua consciência está fundamentada em Deus.

Se você é justo, honrado e bom porque sua consciência responde às ordens de Deus, é uma consciência boa. Mas se você faz boas obras ou rituais religiosos somente porque os outros verão, isso não vem de uma consciência boa (Mt 6.5,6,16-18). Uma consciência boa nos mantêm justos simplesmente porque Deus ordena. A consciência é a representante de Deus no coração de um cristão.

Portanto, o que nós fazemos que vem de uma consciência boa, fazemos de coração. Quando fazemos alguma coisa com má vontade, não por amor e não de coração, isso não vem de uma consciência boa. Uma consciência saudável não olha meramente *o que* fazemos, mas ela examina *a razão pela qual* fazemos — se é por amor a Deus e por um desejo de obediência, ou por um sentimento de obrigação melindroso.

Uma consciência boa renuncia a todos os pecados e os nega. Aqueles, portanto que lutam para alimentar a sua corrupção enquanto pensam que são cristãos, contradizem a sua profissão de fé. Aqueles que alimentam seus olhos com vaidade, e seus ouvidos com um discurso obsceno; aqueles que permitem que seus pés caminhem por lugares que infectam a alma, aqueles que, em vez de renunciar ao pecado, os mantêm — o que devemos pensar deles? Eles podem se considerar salvos por Cristo quando vivem com uma consciência suja?

Davi orou: "Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário" (Sl 51.12). Ele havia perdido aquela alegria e espontaneidade por causa do pecado. Pois, quando deliberadamente pecamos contra a consciência, calamos a boca das nossas orações, e dessa maneira não podemos ir a Deus. Calamos a boca da consciência e, então, não podemos

ir *corajosamente* a Deus. Trabalhemos para ser dóceis ao Espírito. Submetamo-nos a Deus em tudo o que somos exortados a fazer. Rendamo-nos à obediência de fé em todas as suas promessas. Isso é o que significa ter uma consciência boa. Assim, decidamos tomar este curso se queremos alcançar uma consciência boa.

Examinemo-nos cuidadosamente a nós mesmos e assim nossa consciência pode nos convencer do pecado que há em nós. Pergunte a si mesmo: *Eu creio? Ou meramente apaziguei meu coração sem satisfazer a Deus? Eu obedeço? Eu quero moldar-me na forma da Palavra de Deus e obedecer a tudo que ouço ou estou apenas me enganando?* Coloque essas questões no seu coração. "Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as cousas" (1Jo 3.20). Se respondermos a Deus com reservas *(Vou obedecer a Deus nisto, mas não naquilo; eu vou andar com Cristo desde que eu não tenha que desistir do meu pecado predileto)*, isso não é resposta de uma consciência boa. O que é feito para Deus deve ser feito por inteiro e sem reservas. Se o nosso coração se recusa a fazer, não temos uma consciência boa. Obediência parcial não é absolutamente obediência. Escolher coisas fáceis que não se opõem à nossa concupiscência ou não intimidam nosso orgulho não é a obediência para a qual Deus nos chama. Nossa obediência deve ser total em relação a todos os seus mandamentos. Assim, examinemos-nos e perguntemo-nos se cremos ou não, se obedecemos ou não, e quais são os motivos que nos levam a agir assim.

A vida de muitos nada mais é do que uma quebra de sua profissão de fé. O que eles terão de procurar na hora da morte, e no dia do julgamento? Será que poderão esperar que Deus mantenha suas promessas para dar-lhes a vida eterna, quando eles nunca tiveram a graça de manter qualquer compromisso com ele? Como poderão eles procurar a graça de Deus então, quando rejeitaram aqui sua graça, e toda a sua vida foi uma satisfação de suas paixões naturais? Se sua profissão de fé não tem sentido agora, não terá também no dia do julgamento. Utilize esse argumento contra o pecado, quando for tentado.

Por outro lado, quando você cair, não permita que Satanás o tente ao desencorajamento, mas levante-se e lance-se sobre Cristo. A fé e o arrependimento não são atos que fazemos apenas uma vez; você deve viver crendo e arrependendo-se.

A vantagem de uma consciência pura

Que conforto é ter uma consciência boa! Ela nos sustentará na doença, na morte e no dia do julgamento. Deixe que o mal objete o que ele puder, deixe que os seus pensamentos descrentes contestem o que quiserem — se você tiver uma consciência santificada e renovada, ela poderá responder a tudo isso. Embora sejamos contrariados neste mundo, nunca somos verdadeiramente dominados até que nossa consciência seja quebrada. Se a nossa consciência permanece firme, vencemos e somos mais do que vencedores.

A consciência é o maior amigo ou o maior inimigo neste mundo. Quando ela sabe que obedecemos a Deus em todas as coisas, a consciência é um amigo que fala a Deus em nosso favor. E então, novamente, na hora da morte, que conforto será ter uma boa consciência! E especialmente, no dia do julgamento — um coração sincero, uma consciência que trabalhou para obedecer ao Evangelho — podemos olhar na face de Deus.

Um cristão que tem a resposta de uma consciência boa, tem Cristo como sua arca em todo os dilúvios. Cristo nos salva não somente do inferno e da condenação, mas de todas as misérias desta vida.

Mas para aquele que vive em rebelião e corrompe sua consciência, que horror! Que conforto ele pode ter? Sua consciência lhe diz que sua vida não testemunha de Deus, mas se rebela contra ele. Seu coração lhe diz que não pode olhar para o céu por conforto. Ele carrega o inferno em seu peito, uma consciência culpada. Aqueles que têm sua consciência suja, especialmente aqueles que vivem deliberadamente no pecado — não podem esperar por nada além da vingança divina.

Em tempos de aflição, e na hora da morte, as pessoas mais sábias são aquelas que mantiveram a consciência pura e o pacto com Deus. Sua fé não é um cerimonial externo — ela emana de um coração puro e de uma consciência limpa. Obriguemos nossa consciência a uma obediência mais rigorosa.

Notas

1. Adaptado para o inglês moderno e resumido de um sermão originalmente intitulado "The Demand of a Good Conscience", publicado pela primeira vez em *Evangelical Sacrifices*, de Sibbes, publicado em Londres em 1640.

Apêndice 3

Sondando sua Consciência

Jonathan Edwards[1]

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos, vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno (Sl 139.23,24).

O Salmo 139 é uma meditação sobre a onisciência de Deus. Deus vê e sabe perfeitamente *todas as coisas.* O salmista apresenta esse perfeito conhecimento afirmando que Deus conhece todas as nossas ações ("Sabes quando me assento e quando me levanto" v. 2a); todos os nossos *pensamentos* ("de longe penetras os meus pensamentos" v. 2b); todas as nossas *palavras* ("Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, Senhor, já a conheces toda" v. 4).

Depois ele ilustra a impossibilidade de fugir da presença divina:

> Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá. Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma coisa (vs. 7-12).

Em seguida, fala do conhecimento que Deus tinha dele até mesmo antes do seu nascimento:

> Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe... Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda (vs. 13,15,16).

Depois disso, o salmista observa o que deve ser inferido como uma conseqüência necessária da onisciência de Deus: "Tomara, ó Deus, desses cabo do perverso" (v.19).

Finalmente, o salmista faz uma aplicação prática da sua meditação sobre a onisciência de Deus: ele implora para que Deus o sonde e o examine e veja se há nele algum caminho mau, e que o guie pelo caminho eterno.

Obviamente, o salmista não está implorando que Deus o sonde para que *Deus* possa obter qualquer informação. O objetivo de todo o Salmo é a declaração de que Deus sabe todas as coisas. Por essa razão, o salmista está orando para que Deus o sonde a fim de que o *próprio salmista* possa ver e ser informado do pecado do seu próprio coração.

Davi obviamente examinou seu próprio coração e seus caminhos, mas não confiou nisso. Ele ainda temia que pudesse ter algum pecado desconhecido que tivesse escapado de sua própria sondagem; então pediu para que Deus o examinasse.

Em outro lugar, Davi escreveu: "Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas" (Sl 19.12). Quando disse "faltas ocultas" ele quis dizer que elas lhes eram secretas — aqueles pecados que tinha, mas não era consciente deles.

Todos nós deveríamos nos preocupar em saber se vivemos com algum tipo de pecado que até nós mesmos desconhecemos. Se alimentamos algum desejo secreto ou negligenciamos algum dever espiritual, nossos pecados escondidos são tão ofensivos a Deus e o desonram tanto quanto os conhecidos, evidentes e os notórios. Desde que somos tendentes ao pecado, e o nosso coração está cheio deles, devemos tomar um cuidado especial para evitar aqueles que são insolentes, involuntários e cometidos na ignorância.

Por que as pessoas vivem no pecado sem saber

Nosso problema em reconhecer se há em nós algum caminho mau não é por falta da luz externa. Certamente Deus não falhou em nos dizer clara e abundantemente quais são os maus caminhos. Ele nos deu mandamentos mais do que suficientes que mostram o que deveríamos e o que não deveríamos fazer; e eles estão claramente colocados diante de nós na sua Palavra. Então, nossa dificuldade em conhecer nosso próprio coração *não* é pelo fato de nos faltarem normas adequadas.

Como é *possível* as pessoas viverem de maneira que desagradam a Deus – e no entanto parecerem completamente insensíveis a isso e seguirem em frente totalmente esquecidas de seus pecados? Diversos fatores contribuem para essa tendência maligna da humanidade:

A natureza cega e enganosa do pecado. O coração humano é cheio de pecado e corrupção; e a corrupção tem um efeito espiritual de cegueira. O pecado sempre carrega um grau de obscuridade. Quanto mais ele prevalece, mais ele obscurece e ilude a mente. Ele nos cega para a realidade que está no nosso próprio coração. Assim, o problema não é, em absoluto, a falta da luz da verdade de Deus. A luz brilha suficientemente ao nosso redor, mas a falha está nos nossos olhos; estão obscurecidos e cegos pela incapacidade mortal que resulta do pecado.

O pecado engana facilmente porque controla a vontade humana, e isso altera o julgamento. Quando a concupiscência prevalece, predispõe a mente para aprová-la. Quando o pecado influencia nossas preferências, ele parece agradável e bom. A mente é naturalmente predisposta a pensar que tudo o que é agradável é correto. Portanto, quando um desejo pecaminoso vence a vontade, também lesa o entendimento. Quanto mais a pessoa anda no pecado, provavelmente, mais a sua mente será obscurecida e cega. Assim é que o pecado assume o controle das pessoas.

Portanto, quando elas não estão conscientes do seu pecado, fica extremamente difícil fazê-las enxergar o erro. Afinal de contas, o mesmo desejo maligno que as levou ao pecado, as cegará. Quanto mais uma pessoa raivosa consente com a malícia ou com a inveja, mais esses pecados cegarão seu entendimento para que ela os aprove. Quanto mais um homem odeia o seu vizinho, mais ele tende a pensar que tem uma boa causa para odiar, e que aquele vizinho é digno de ódio, que merece ser odiado, e que não é seu dever amá-lo. Quanto mais prevalece os desejos de um homem impuro, mais doce e agradável o pecado lhe parecerá, e mais ele tenderá a pensar que não há mal nisso.

Semelhantemente, quanto mais uma pessoa deseja coisas materiais, provavelmente mais pensa que é desculpável por agir assim. Dirá a si mesmo que *precisa* de certas coisas, e que não pode viver sem elas. Se são necessárias, raciocina ele, não é pecado desejá-las. E as concupiscências do coração podem assim ser justificadas. Quanto mais prevalecem, mais cegam a mente e influenciam o julgamento que as aprova. Por isso, a Bíblia denomina os apetites mundanos de "as concupiscências do engano" (Ef 4.22). Até pessoas piedosas podem por um tempo permanecer cegas e iludidas pela concupiscência, e assim viverem de uma maneira que desagrada a Deus.

A concupiscência também incita a mente carnal a inventar desculpas para as práticas do pecado. A natureza humana é muito sutil quanto se trata de racionalizar o pecado. Alguns são tão devotados às suas maldades que quando a consciência os importuna, torturam a mente a fim de encontrar argumentos que façam com que ela se cale e que os convençam de que procederam licitamente quando pecaram.

O amor a si mesmo também predispõe as pessoas a desculparem o seu pecado. Elas não gostam de se condenar. São naturalmente preconceituosas em seu próprio favor. Procuram bons nomes para denominar suas tendências pecaminosas. Elas as transformam em virtudes — ou no mínimo em tendências inocentes. Rotulam a avareza de "prudência", ou então chamam

a ganância de "negócio inteligente". Quando se alegram com as calamidades do próximo, fingem que é porque esperam que isso trará algum bem à pessoa. Se bebem muito, é porque sua constituição física o exige. Se caluniam, ou falam do vizinho, afirmam ser zelosos quanto ao pecado. Se entram numa discussão, dizem ter uma consciência obstinada e consideram sua discórdia mesquinha uma questão de princípios. E assim, encontram bons nomes para todas as formas de mal.

As pessoas têm a tendência de adaptar os seus princípios à sua prática, e não o contrário. Além de permitir que seu comportamento se conforme com a consciência, despenderão uma energia tremenda tentando fazer com que sua consciência se adapte ao seu comportamento.

Como o pecado é tão enganoso, e como temos muito pecado no coração, é difícil julgar nossos próprios caminhos com justiça. Por causa disso, deveríamos fazer um auto-exame diligente e nos preocupar em descobrir se há em nós algum caminho mau. "Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado" (Hb 3.12,13).

As pessoas vêem mais facilmente os erros dos outros do que os seus. Quando vêem os outros errarem, imediatamente os condenam — até mesmo enquanto se desculpam pelos mesmos pecados! (cf. Rm 2.1). Todos vemos um argueiro nos olhos dos outros e não a trave nos nossos olhos. "Todo caminho do homem é reto aos próprios olhos" (Pv 21.2). "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" (Jr 17. 9). Não podemos confiar em nosso coração nesta questão. Em vez disso, devemos nos vigiar, interrogar nosso coração cuidadosamente, e pedir a Deus que nos sonde completamente. "O que confia no seu próprio coração é insensato" (Pv 28.26).

A Sutileza de Satanás. O demônio trabalha corpo a corpo com as nossas paixões enganosas. Ele labuta para tornar-nos cegos às nossas faltas. Continuamente se esforça para nos levar ao pecado, e então, trabalha com a nossa mente carnal nos bajulando com a idéia de que somos melhores do que realmente somos. Assim, ele cega a consciência. É o príncipe das trevas. Cegar e enganar têm sido seu trabalho desde os nossos primeiros pais.

A força do hábito. Algumas pessoas se esquecem dos pecados que lhe são habituais. Freqüentemente os pecados habituais entorpecem a mente, e dessa maneira, tais pecados, que uma vez afligiram a consciência, começam a parecer inofensivos.

O exemplo dos outros. Alguns se tornam insensíveis ao próprio pecado porque deixam a opinião popular ditar o seu padrão. Observam o comportamento dos outros a fim de discernir o que está certo ou errado. Porém, a sociedade é tão tolerante com o pecado que muitos deles perderam seu estigma. As coisas que não agradam a Deus e são consideradas abomináveis à sua vista parecem inocentes quando visualizadas através dos olhos da opinião popular. Talvez as vejamos sendo praticadas por pessoas que estimamos, ou nossos superiores, ou por aqueles que são considerados sábios. Isso tende a favorecer essas coisas e a diminuir o sentido de sua pecaminosidade. É especialmente perigoso quando homens piedosos, líderes cristãos respeitados são vistos comprometidos com práticas pecaminosas. Isso especificamente tende a calejar o coração do observador e a cegar a mente a respeito de qualquer hábito maligno.

Obediência incompleta. Aqueles que obedecem a Deus indiferentemente ou pela metade correm o risco de viverem em pecado encoberto. Alguns cristãos professos negligenciam parte de seus deveres espirituais enquanto se concentram em outra parte. Seus pensamentos talvez estejam completamente voltados à oração secreta, à leitura bíblica, à adoração pública, à meditação e a outros deveres religiosos — enquanto ignoram os deveres morais: suas responsabilidades em relação à esposa, aos filhos ou aos vizinhos.

Sabem que não devem defraudar o seu vizinho, mentir ou fornicar. Mas parecem não considerar quanto mal há em falar dos outros de modo leviano, censurar o vizinho, contender e brigar com as pessoas, viver hipocritamente diante da família ou negligenciar a instrução espiritual de seus filhos.

Esse tipo de pessoa parece ser muito consciente em algumas coisas — aquelas áreas de sua obrigação sobre as quais se mantém vigilante — mas negligencia completamente outras áreas importantes.

Como descobrir o pecado desconhecido no íntimo

Como observamos, naturalmente é, muito difícil avaliar honestamente o nosso próprio pecado. Mas, se estivermos realmente preocupados com isso, se formos rígidos e sondarmos totalmente o nosso coração, podemos, na maioria das vezes, descobrir o pecado no íntimo. As pessoas que querem agradar e obedecer a Deus, com toda luz que desfrutamos, certamente, não precisam continuar nos caminhos pecaminosos por causa da ignorância.

É verdade que o nosso coração é muito enganoso. Mas Deus, em sua santa palavra, nos deu luz suficiente para o estado de trevas em que nos encontramos. Por meio do cuidado e da averiguação, podemos conhecer nossas responsabilidades espirituais e saber se estamos vivendo em algum caminho mau. Todo aquele que tem algum amor a Deus ficará grato pela ajuda bíblica nesta questão. Tais pessoas estão preocupadas em andar em todas as coisas que Deus queria que andassem, como agradá-lo e honrá-lo. Se a vida delas, de alguma maneira, ofende a Deus, terão prazer em saber disso e de maneira nenhuma optam por ocultar de si mesmas o próprio pecado.

Também, aquele que pergunta com sinceridade, *O que eu devo fazer para ser salvo?* irá querer identificar o pecado em sua vida, já que é o pecado o que separa de Cristo.

Há duas maneiras pelas quais chegamos ao conhecimento do nosso pecado:

Conhecimento da Lei de Deus. Se você deseja saber se vive em pecado desconhecido, deve familiarizar-se totalmente com o que Deus quer de você. Na Bíblia, Deus nos deu normas perfeitas e verdadeiras pelas quais devemos andar. Ele expressou seus preceitos clara e fartamente, assim, somos capazes de saber — a despeito das nossas trevas e desvantagens espirituais — exatamente o que ele requer de nós. Que revelação da mente divina completa e abundante temos nas Escrituras! Quão clara é em nos instruir sobre como nos comportar! Quão freqüentemente seus preceitos são repetidos! E quão explicitamente são revelados, de várias maneiras, a fim de que pudéssemos entendê-los completamente!

Mas que proveito há em tudo isso se negligenciamos a revelação de Deus e não nos esforçamos em nos inteirar dela? Que proveito há em se ter princípios piedosos se ainda não os conhecemos? Por que Deus revelaria a sua mente, se não nos importamos em saber o que é ela?

No entanto, a única maneira pela qual podemos saber se estamos pecando é conhecendo sua lei moral: "Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (Rm 3.20). Entretanto, se não queremos continuar desagradando a Deus, devemos estudar diligentemente os princípios do certo e do errado que ele revelou. Devemos ler e pesquisar muito mais as santas Escrituras. E devemos fazer isso com a intenção de conhecer *todo* o nosso dever, assim a Palavra de Deus pode ser "lâmpada para os [nossos] pés e luz para os [nossos] caminhos" (Sl 119.105).

E, assim sendo, está claro que a maior parte das pessoas é muito mais culpada simplesmente por causa da sua negligência aos deveres espirituais. Antes de tudo, são culpáveis porque desprezam a Palavra de Deus e outras fontes que poderiam informá-las. Agem como se o estudo fosse somente um trabalho dos pastores. Tal ignorância é freqüentemente uma negligência proposital e deliberada. Se não são conscientes do que Deus quer delas, é sua própria falta. Elas têm oportunidade suficiente para saber, e *poderiam* saber se o quisessem. Além disso, se esforçam para ter outros tipos de conhecimento. São bem treinadas em qualquer interesse mundano que lhes agradam. Aprendem qualquer coisa que seja necessário para ganhar a vida no mundo. Porém, não gastam nenhuma energia para buscar o que conta para a eternidade.

O autoconhecimento. Segundo, se você deseja saber se está odiando o seu pecado secreto deve examinar a *si mesmo.* Compare a sua vida com a lei de Deus, e veja se você se conforma com o padrão divino. Este é o caminho primário que devemos tomar para descobrir nosso próprio caráter. Esta é uma diferença importante entre o ser humano e os animais irracionais: o homem é capaz da auto-reflexão, capaz de contemplar seus próprios atos e avaliar a natureza e a qualidade deles. Sem dúvida nenhuma isso foi parte do motivo pelo qual Deus nos deu o seu poder — a fim de que pudéssemos conhecer e avaliar nossos próprios caminhos.

Devemos nos examinar até descobrirmos se concordamos ou não com os princípios da Bíblia. Isso requer a máxima atenção, a fim de não omitir os nossos próprios erros, ou de não permitir que nenhum caminho mau se esconda de maneira dissimulada.

Como examinar a si mesmo

Você poderia pensar que já temos mais informação sobre nós mesmos do que sobre qualquer outra coisa. Afinal de contas, estamos sempre junto

de nós. Somos totalmente conscientes dos nossos atos. Instantaneamente sabemos tudo o que acontece conosco, e tudo o que fazemos.

Mas, em alguns aspectos, é mais difícil obter um conhecimento verdadeiro sobre nós mesmos do que sobre quase qualquer outra coisa. Portanto, devemos investigar diligentemente no segredo do nosso coração e examinar cuidadosamente todos os nossos caminhos e condutas. Aqui estão algumas diretrizes para ajudar neste processo:

Sempre una a auto-reflexão com a leitura e o ouvir da Palavra de Deus. Quando você ler a Bíblia ou ouvir sermões, reflita e compare os seus caminhos com o que você leu ou ouviu. Pondere que harmonia ou desarmonia existe entre a Palavra e os seus caminhos. A Bíblia testifica contra todo tipo de pecado e tem direções para qualquer responsabilidade espiritual, como escreveu Paulo: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem seja perfeito e perfeitamente habilitado *para toda boa obra*" (2Tm 3.16,17; ênfase acrescentada). Portanto, quando ler os mandamentos dados por Cristo e seus apóstolos, pergunte-se: *Vivo de acordo com essas regras? Ou vivo de maneira contrária a elas?*

Quando ler histórias da Bíblia sobre os pecados e sobre os culpados, faça uma auto-reflexão enquanto avança na leitura. Pergunte a si mesmo se é culpado de pecados semelhantes. Quando ler como Deus reprovou o pecado de outros e executou julgamentos por seus pecados, questione se você merece punição semelhante. Quando ler os exemplos de Cristo e dos santos, questione se você vive de maneira contrária aos seus exemplos. Quando ler sobre como Deus louvou e recompensou seu povo pelas suas virtudes e boas obras, pergunte se você merece a mesma bênção. Faça uso da Palavra como um espelho pelo qual você examina cuidadosamente a si mesmo — e seja um praticante da palavra (Tg 1.23-25).

Poucos são aqueles que fazem como deveriam! Enquanto o ministro testifica contra o pecado, a maioria está ocupada pensando em como os outros falham em estar à altura. Podem ouvir centenas de coisas em sermões que se aplicam adequadamente a eles; mas nunca pensam que o que pregador está falando lhes diz respeito. A mente deles está fixa em outras pessoas para quem a mensagem parece se encaixar, mas eles nunca julgam necessitar dessa pregação.

Se você faz coisa que geralmente são evitadas por pessoas perspicazes e maduras, tenha um cuidado especial em questionar-se se tais atos poderiam ser pecaminosos. Talvez você tenha argumentado consigo mesmo que tal ou tal prática é lícita; você não vê mal algum nela. Porém, se a coisa é geralmente condenada por pessoas piedosas, com certeza isso parece suspeito. Será prudente de sua parte considerar conscientemente se isso desagrada a Deus. Se uma prática não é aprovada por aqueles que em tais casos, em geral, provavelmente são mais corretos, você deveria considerar, com o maior cuidado, se a coisa em questão é lícita ou ilícita.

Pergunte a si mesmo se no seu leito de morte terá lembranças agradáveis em relação à maneira que viveu. Pessoas saudáveis freqüentemente aceitam o que não se aventurariam a fazer se pensassem que logo estariam perante o Senhor. Pensam na morte como algo distante, e assim acham muito mais fácil tranqüilizar a consciência sobre o que estão fazendo no presente. Porém, se pensassem que poderiam morrer logo, não achariam tão confortável contemplar o Senhor com tais atos. A consciência não é facilmente cegada e silenciada quando o fim da vida parece iminente.

Solenemente pergunte a si mesmo e veja se está fazendo algo agora que pode trazer problemas quando você estiver no leito de morte. Pense nos seus caminhos e examine-se a si mesmo com a expectativa sensata de logo partir deste mundo para a eternidade. Empenhe-se com sinceridade para julgar imparcialmente as coisas com as quais você terá prazer no seu leito de morte — bem como as que você vai desaprovar e desejar deixar.

Considere o que outros podem dizer sobre você. Embora as pessoas estejam cegas quando às suas próprias faltas, facilmente descobrem os erros dos outros — e consideram-se aptas o suficientes para falar deles. Algumas vezes, as pessoas vivem de maneiras que absolutamente não são adequadas, porém estão cegas para si mesmas. Não vêem seus próprios fracassos, embora os erros dos outros lhes sejam perfeitamente claros e evidentes. Elas mesmos não vêem suas falhas; quanto às dos outros, não podem fechar os olhos ou evitar ver em que falharam.

Alguns, por exemplo, são inconscientemente muito orgulhosos. Mas o problema aparece notório aos outros. Alguns são muito mundanos ainda que não sejam conscientes disso. Alguns são maliciosos e invejosos. Os outros vêem isso, e para eles lhes parecem verdadeiramente dignos de ódio. Porém, aqueles que têm esses problemas não refletem sobre eles. Não há

verdade no seu coração e nem nos seus olhos em tais casos. Assim devemos ouvir o que os outros dizem de nós, observar sobre o que eles nos acusam, atentar para que erro encontram em nós, e com diligência verificar se há algum fundamento nisso.

Se outros nos acusam de orgulhosos, mundanos, maus ou maliciosos — ou nos acusam de qualquer outra condição ou prática maldosa — deveríamos honestamente nos questionar se isso é verdade. A acusação pode nos parecer completamente infundada, e podemos pensar que os motivos ou o espírito do acusador está errado. Porém, a pessoa perspicaz verá isso como uma ocasião para um auto-exame.

Deveríamos especialmente ouvir o que os nossos *amigos* dizem para nós e sobre nós. É imprudente, bem como não-cristão, tomar isso como ofensa e se ressentir quando os outros apontam nossas falhas. "Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos" (Pv 27.6). Deveríamos nos alegrar que nossas máculas foram identificadas.

Mas, também deveríamos atentar para as coisas sobre as quais os nossos *inimigos* nos acusam. Se eles nos difamam e nos insultam descaradamente — até mesmo com uma atitude incorreta — deveríamos considerar isso como um motivo para uma reflexão no íntimo, e nos perguntar se há alguma verdade no que está sendo dito. Mesmo se o que for dito é revelado de modo reprovável e injurioso, ainda pode ser que haja alguma verdade nisso. Quando as pessoas criticam outras, mesmo se seus motivos forem errados, provavelmente têm como alvo verdadeiros erros. Na verdade, nossos inimigos provavelmente nos atacam onde somos mais fracos e mais defeituosos; e onde demos mais abertura para a crítica. Tendem a nos atacar onde menos podemos nos defender. Aqueles que nos insultam — embora o façam com um espírito e modos não-cristãos — geralmente identificarão as genuínas áreas onde mais podemos ser achados culpados.

Assim, quando ouvirmos outros falando de nós nas nossas costas, não importa o espírito de crítica, a resposta certa é a auto-reflexão e uma avaliação quanto à verdade da culpa em relação aos erros de que nos acusam. Com certeza essa resposta é mais piedosa do que ficar furioso, revidar ou desprezá-los por terem falado maldosamente. Desse modo talvez tiremos o bem do mal, e esta é a maneira mais certa de derrotar o plano dos nossos inimigos, que nos injuriam e caluniam. Eles fazem isso com motivação errada, querendo nos injuriar. Mas, dessa maneira converteremos isso em nosso próprio favor.

Quando vir os erros dos outros, verifique se você tem essas mesmas deficiências. Muitos estão prontos para falar dos erros dos outros, apesar de terem as mesmas falhas. Nada é mais comum para orgulhosos do que acusar o orgulho de alguém. Semelhantemente, é comum para o desonesto reclamar de ter sido enganado por outra pessoa. As características ruins e os maus hábitos dos outros parecem muito mais odiosos nos outros do que em nós mesmos. Facilmente podemos ver quão desprezível é este ou aquele pecado em outra pessoa. Vemos muito prontamente nos outros como o orgulho é detestável, ou quão má a malícia pode ser, ou quão pernicioso é o erro dos outros. Mas, embora vejamos facilmente muitas imperfeições nos outros, quando olhamos para nós mesmos essas coisas ficam obscurecidas por um espelho de ilusão.

Entretanto, quando você vê o erro dos outros, quando percebe quão impróprios são os atos de alguém, que atitudes rudes eles mostram, ou quão inadequado seu comportamento é, quando ouve outros falarem sobre isso, ou quando vê erros no tratamento deles em relação a você — reflita. Avalie se não há algum erro semelhante na sua conduta ou atitude. Perceba que essas coisas são tão inconvenientes e ofensivas em você como são nos outros. O orgulho, o espírito arrogante, e os maneirismos são tão odiosos em você como são no seu vizinho. Seu espírito malicioso e vingativo em relação ao seu vizinho é tão desprezível quanto o dele em relação a você. É exatamente tão pecaminoso o seu erro ou o dolo do seu vizinho quanto isso é para ele em relação a você. É tão indelicado e destrutivo você falar dos outros pelas costas quanto os outros fazerem o mesmo em relação a você.

Avalie como os outros são cegos em relação aos próprios pecados, e pergunte a si mesmo se você sofre do mesmo tipo de cegueira. Você sabe que as pessoas são cegas pelas próprias paixões. Os mesmos apetites e paixões carnais da mente já o cegaram? Veja como os outros estão cegos pelo mundanismo. Questione se sua ligação com este mundo pode estar lhe cegando de tal forma que o leve a justificar coisas na sua vida que não estão certas. Você é tão propenso à cegueira por causa dos desejos pecaminosos quanto os outros. Você tem o mesmo coração enganoso e desesperadamente corrupto. "Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim, o coração do homem ao homem" (Pv 27.19).

Sonde sua consciência buscando os pecados secretos

Examine os segredos do seu coração. Você negligencia algum dever que somente você e Deus conhecem? Você aceita alguma prática secreta que ofende os olhos de Deus que tudo vêem? Examine-se a si mesmo em relação às responsabilidades básicas: leitura da Bíblia, meditação, oração secreta. Você cumpre totalmente todos esses deveres? Se sim, você os cumpre de uma maneira irregular e desatenta? Como é o seu comportamento quando está escondido dos olhos do mundo — quando você não tem limites além da sua consciência? O que ela lhe diz?

Mencionarei duas questões em particular:

Pergunte a si mesmo se negligencia a leitura bíblica. Certamente a Bíblia foi escrita para ser lida — não somente por ministros, mas também pelas pessoas. Não é suficiente ler a Bíblia uma vez, ou somente em ocasiões especiais. As Escrituras nos foram dadas para estarem conosco continuamente, para atuarem como regra da vida. Assim como o artesão precisa da medida padrão e o cego do seu guia, assim como aquele que caminha na escuridão carrega uma luz, assim a Bíblia deve ser a lâmpada para os nossos pés e luz para os nossos caminho (Sl 119.105).

Josué 1.8 diz: "Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito, então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido". Deuteronômio 6.6-9 ordenou aos israelitas:

> Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

Da mesma maneira Cristo nos ordenou a buscar as Escrituras (Jo 5.39). São estas as minas que temos que cavar a fim de alcançarmos os tesouros escondidos. Você negligencia este dever?

Pergunte a si mesmo se secretamente você está entretendo alguma paixão sensual. Há muitas maneiras e muitos graus de agradar a nossa

concupiscência carnal, mas cada um deles está provocando a um Deus que é santo. Você até mesmo se reprime de um prazer indecente, mas, de vez em quando, de algum modo você gratifica suas paixões e se permite testar a doçura de um prazer ilícito?

Você percebe que ofende a Deus, até mesmo quando faz isso apenas em pensamento e imaginação? Você é culpado desse pecado?

O perigo do pecado não-abandonado

As instruções para você auto-examinar-se quanto a algum pecado do qual talvez você não esteja crente já foram dadas. Como estão as coisas na sua vida? Você acha que está vivendo em algum caminho mau? Não estou perguntando se você está livre de pecado. Isso não é o esperado, pois não há quem não peque (1Rs 8.46). Mas há algum tipo de pecado incorporado ao seu *estilo de vida e prática?* Sem dúvida alguns estão limpos nessa questão, alguns "irrepreensíveis no seu caminho, que andam na lei do Senhor... que guardam as suas prescrições, e o buscam de todo coração; não praticam a iniqüidade e andam nos seus caminhos" (Sl 119.1-3).

Permita que sua consciência responda sobre como você vê sua própria vida. Você pratica algum pecado pela força do hábito? Você se deu permissão para isso? Se esse for o caso, considere o seguinte:

Se você tem procurado a salvação e ainda não a encontrou, a razão disso pode ser algum tipo de pecado em sua vida. Talvez tenha se perguntando qual é o problema que o deixa tão preocupado em relação à sua salvação — quando diligentemente você a tem buscado — e ainda não teve retorno. Muitas vezes já implorou a Deus, e ele ainda não atentou para você. Outros recebem conforto, mas você ainda permanece em trevas. Mas isso não deve surpreender, se você se agarrou a algum pecado por muito tempo. Não é isso uma razão suficiente para que todas as sua orações e todas as suas pretensões deixem de ser atendidas?

Se você tem tentado reter seu pecado enquanto busca o Salvador, você não está buscando a salvação da maneira correta. O caminho certo é abandonar sua perversidade. Se você tem algum membro corrupto e não o corta fora, corre o risco de ele o levar para o inferno (Mt 5.29,30).

Se a graça parece que estar definhando ao invés de florescer na sua alma, talvez a causa disso seja algum tipo de pecado. A maneira de

crescer na graça é andar em obediência, e ser muito determinado nisso. A graça vai florescer no coração de todo aquele que vive dessa maneira. Se você vive em algum caminho mau, ele será como uma doença incubada sugando sua vitalidade. O pecado então o manterá pobre, fraco e desfalecido.

Basta que um pecado seja praticado habitualmente para anular sua prosperidade espiritual e frear o crescimento e a força da graça em seu coração. Ele entristecerá o Espírito Santo (Ef 4.30). Ele impedirá a boa influência da Palavra de Deus. O tempo que ele permanecer será como uma úlcera, que o mantém fraco e deficiente, embora você se alimente da melhor e mais proveitosa comida espiritual.

Se você caiu em grande pecado, talvez algum tipo de pecado na sua vida tenha sido a raiz fundamental do seu grande fracasso. Uma pessoa que não evita o pecado e não é meticulosamente obediente, não pode ser guardada dos grandes pecados. O pecado em que vive será sempre uma abertura, uma porta aberta, pela qual Satanás encontrará a entrada. É como uma brecha na fortaleza, por onde o inimigo pode entrar e encontrar seu caminho. Se você caiu num pecado terrível, talvez seja essa a razão.

Ou se você permite algum tipo de pecado como um escape para sua corrupção, ele será como uma brecha numa represa que, se abandonada, se abrirá sempre mais até que não seja mais possível contê-la.

Se você vive em trevas espirituais, sem sentir a presença de Deus, a razão disso pode ser algum tipo de pecado. Se você lamenta não ter um pouco da doce comunhão com Senhor; se sente que Deus o desertou; se Deus parece ter lhe escondido sua face e raramente lhe mostra evidências da sua glória e graça; ou se parece que você foi deixado tateando e vagueando no deserto — essa pode ser a razão. Talvez você clame a Deus freqüentemente. Talvez você passe noites em claro e dias tristes. Se está vivendo desta maneira, é muito provável que *essa* seja a causa, a raiz dos seus desenganos, o seu Acã, o causador de problemas que ofende a Deus e traz tantas nuvens de trevas sobre sua alma. Você está entristecendo o Espírito Santo, e por isso você não recebe o seu conforto.

Cristo prometeu que se revelaria aos seus discípulos, mas com a condição de que eles guardassem os seus mandamentos: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele" (Jo 14.21). Mas se você rotineiramente vive em desobediência aos

seus mandamentos, não é de se admirar que ele não se manifeste a você. A maneira de receber o favor divino é andar perto dele.

Se você duvida da sua salvação, talvez algum tipo de pecado na sua vida tenha levantado essas dúvidas. O melhor jeito de se ter a clara evidência da sua salvação é por meio de um andar junto a Deus. Isso, como já notamos, é também a maneira de se ter a graça florescendo na alma. E quanto mais graça vigorosa de Deus em nós, mais provável é que seja vista. E quando Cristo se revela a nós, temos a certeza do seu amor e favor.

Mas se você vive com algum tipo de pecado, não é de surpreender que isso diminua grandemente a sua certeza. Afinal de contas, isso subjuga o exercício da graça e esconde a luz da face de Deus. E pode acontecer de você nunca saber se é um verdadeiro cristão até que tenha abandonado totalmente o pecado no qual vive.

Se Deus o reprovou, talvez algum tipo de pecado em sua vida explique o motivo. Provavelmente a prática de um hábito pecaminoso ou o fato de tolerar um ato maldoso tenha sido a razão de ter recebido uma reprovação e um castigo dolorosos. Às vezes, Deus é excessivamente severo no trato com seu povo pelos seus pecados neste mundo. Deus não permitiu que Moisés e Arão entrassem na Terra Prometida porque o haviam desobedecido e pecado com seus lábios nas águas de Meribá. E como Deus foi terrível quando tratou com Davi! Que aflição levou para sua família! Um dos seus filhos violentou sua irmã; outro matou o irmão e depois de expulsar seu pai do trono na vista de todo Israel, deflorou a concubina de seu pai perante todos. O seu fim foi terrível; machucou completamente o coração de seu pai (2Sm 18.33). Imediatamente depois, aconteceu a rebelião de Seba (2Sm 20). No fim da vida , Davi viu seu outro filho usurpar o trono.

Quão severamente Deus tratou Eli por ele ter vivido no pecado, não refreando seus filhos da maldade! Os dois filhos foram mortos no mesmo dia, e o próprio Eli morreu violentamente. A arca foi levada cativa (1Sm 4). A casa de Eli foi amaldiçoada para sempre; o próprio Deus jurou que a iniqüidade da casa de Eli nunca seria expiada por meio de sacrifícios e ofertas (1Sm 3.13,14). O sacerdócio foi tirado de Eli e transferido para outra linhagem. Nunca mais houve um sacerdote na família de Eli (2Sm 12.31).

O motivo das repreensões divinas que recebeu é algum tipo de pecado na sua vida? Na verdade, no tocante aos acontecimentos da Providência,

você não pode ser julgado pelo seus vizinhos, porém com certeza você deveria se perguntar se Deus esta contendendo com você (Jó 10.2).

Se a morte lhe causa medo, talvez seja porque você está vivendo em algum tipo de pecado. Quando pensa na morte, você se encolhe a esse pensamento? Quando tem uma doença, ou quando alguma coisa ameaça sua vida, você sente medo? Os pensamentos de morte e a eternidade alarmam você, embora seja um cristão?

Se você vive num caminho mau, provavelmente essa seja razão de seus medos. O pecado deixa a sua cabeça sensual e mundana e, portanto o impede de desfrutar de uma alegria celestial. O pecado diminui a graça e impede o desfrute das antecipações do conforto celestial que, de outra maneira, você desfrutaria. O pecado impede o sentimento da presença e do favor divinos. Sem isso, não é de espantar que você não veja a morte diante de si sem temor.

Não permaneça em qualquer tipo de pecado. Se, ao ler este livro, você percebeu que vive em um tipo de pecado, considere que de agora em diante, se viver da mesma maneira, estará vivendo com um pecado *conhecido.* Se era ou não era conhecido no passado, você talvez tenha vivido assim inadvertidamente. Mas, agora, que é consciente dele, se continuar nele, seu pecado não será um pecado da ignorância, mas você se mostrará como um dos que vivem intencionalmente em caminhos de pecados conhecidos.

Notas

1. Adaptado e parafraseado para o inglês moderno a partir do ensaio de Edwards, “Christian Cautions: The Necessity of Self-Examination” (impresso pela primeira vez em 1788).

Índice de Referências Bíblicas

Índice dos Assuntos

Sociedade sem pecado

A igreja aceita o popular evangelho da auto-estima ou reconhece a terrível realidade do pecado segundo a Bíblia?

Afaste a realidade do pecado e você eliminará a possibilidade de arrependimento. Anule a doutrina da corrupção humana e você invalidará o plano da salvação. Apague a noção da culpa pessoal e você eliminará a necessidade de um Salvador. Destrua a consciência humana, e você levantará uma geração imoral e irredimível.

A igreja não pode dar as mãos ao mundo nesse empreendimento satânico. Agir assim é destruir o verdadeiro evangelho que fomos chamados a proclamar.

John MacArthur, Jr. Autor de *Abaixo a Ansiedade*, *Como Educar os seus Filhos segundo a Bíblia*, *Como Obter o Máximo da Palavra de Deus*, *O Caminho da Felicidade*, *O Poder da Integridade* (Cultura Cristã) e outros, é pastor na Califórnia e tornou-se conhecido por aplicar com sucesso a Palavra de Deus às questões de nossa época.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br
Vida cristã/Teologia